

GRANDE IRMÃ

LIONEL SHRIVER

DA AUTORA DE *PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN*

Lionel Shriver

Grande irmão

Tradução de
Vera Ribeiro



Copyright © 2013 Lionel Shriver

TÍTULO ORIGINAL
Big Brother

REVISÃO
Taís Monteiro
Carolina Rodrigues

REVISÃO DE EPUB
Camila Dias da Cruz

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-444-9

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



»



»


You
Tube

»


intrínseca

»

Para Greg que, de maneira infalível e improvável, sempre se alegrava com qualquer coisa boa que me acontecesse, e diante de cuja vida drástica, fantástica e espantosa toda ficção empalidece.

A indústria da dieta é o único negócio lucrativo do mundo com um índice de insucesso de 98%.

eatingdisorderfoundation.org

I: Mais

Capítulo Um

Preciso me perguntar se algum dos verdadeiros pontos altos dos meus quarenta e poucos anos teve a ver com alimentação. Não me refiro a jantares comemorativos em boa companhia. Estou falando de salivação, mastigação e peristaltismo. Curiosamente, para uma coisa que faço todos os dias, não consigo me lembrar com detalhes de muitas refeições, ao passo que me é muito mais fácil recordar filmes favoritos, amizades fiéis, formaturas. E assim se deduz que o cinema, as afinidades e a educação são mais importantes para mim do que me entupir de comida. Parabéns para mim, dirá você. Mas, se eu somasse honestamente o total do tempo que gastei planejando cardápios, comprando mantimentos, preparando e cozinhando os ingredientes, pondo a mesa e arrumando a cozinha, refeição após refeição, veria que a comida, de um jeito ou de outro, reduziu meu prazer de assistir a *Um lugar no coração* a uma nota de rodapé pouco relevante; idem quanto a minha apreciação por qualquer ser humano, inclusive aqueles que julgo amar. Gastei menos tempo pensando em meu marido que no almoço. Junte-se a isso o tempo que também gastei me arrependendo de ter me entregado a tortas de limão com merengue, jurando dispensar o café da manhã do dia seguinte e abrindo a geladeira/impedindo-me de acabar com a sobra do creme de abóbora/fechando-a de novo com firmeza, e ficará provado que tenho me preocupado com poucas outras coisas na vida além de comida.

Então, se, por inferência, comer tem sido algo tão vergonhosamente central para mim, por que não consigo ter uma memória fotográfica fiel de refeições excelentes?

Como a maioria das pessoas, tenho vívida lembrança dos meus pratos favoritos da infância e, como grande parte das crianças, eu gostava de coisas simples: torradas, pãezinhos caseiros, bolachas de água e sal. Meu paladar

ficou mais amplo na idade adulta, mas não o meu caráter. Sou como arroz branco. Sempre existi para dar destaque a pratos mais empolgantes. Fui um complemento quando menina. Sou um complemento agora.

Duvido que isso diminua muito o meu constrangimento, mas tenho uma pequena desculpa para haver exagerado a ênfase na questão mecânica da alimentação. Durante onze anos, tive um serviço de bufê. Assim, você imaginaria que eu pudesse ao menos recordar algumas vitórias individuais da Breadbasket, Inc. Bem, não exatamente. Afora os acadêmicos da universidade, que têm um espírito mais aventureiro, o pessoal de Iowa é conservador na hora de comer, e com certeza eu poderia invocar uma monótona linha de montagem composta de bolo de cenoura, lasanha e pão de milho. Mas os únicos pratos de que me lembro sem grande esforço são os fracassos, como o pudim indiano de água de rosas, engrossado com farinha de arroz, que virou uma mistura fibrosa e visguenta, boa para colar papel de parede. Todo o restante — os filés de salmão enrolados em volta disso ou daquilo, os salteados de não sei o quê com um toque de qualquer coisa — é só um borrão.

Paciência; estou denunciando algo. Eis minha proposta: a comida é esquiva por natureza. Mais conceito que substância, ela é a *ideia* de satisfação, muito mais poderosa que a satisfação em si, razão pela qual a dieta pode exercer a influência da religião ou do fanatismo político. Não é o sabor irresistível, mas a própria incapacidade de os alimentos trazerem prazer, que nos leva a comer mais. A mais suntuosa experiência de ingestão fica no meio do caminho, entre a lembrança da última dentada e a expectativa da próxima. O comer propriamente dito quase não acontece. É essa impossibilidade quase total de cumprirem o que prometem que torna os prazeres da mesa tão tentadores, e também tão perigosos.

Banal? Não tenho tanta certeza. Somos animais; muito mais do que a questão complementar do sexo, o impulso de comer motiva quase todos os esforços humanos. Obviamente triunfantes na competição pelos recursos, os mais rechonchudos entre nós são, portanto, histórias majestosas de sucesso biológico. Mas pergunte a qualquer rebanho de cervos com uma superpopulação: a natureza castiga o sucesso. A economia instintiva que fazemos para tempos difíceis, esse jeito de enterrar sementes nos esconderijos

mais seguros e privados para o longo inverno, por mais prudente que seja, à sua maneira, por mais que expresse uma astúcia darwiniana, está acabando com meu país. Por isso que duvido que a despensa, como tema, seja uma banalidade. É verdade que às vezes me pergunto até que ponto me importo com meu país. Mas eu me importo com meu irmão.

* * *

Qualquer história sobre irmãos tem origens muito antigas, é fato, mas, para nossos fins, o capítulo da vida do meu irmão que mais merece um olhar profundo começou, apropriadamente, no almoço. Deve ter sido num fim de semana, pois eu ainda não tinha ido para a sede da empresa.

Como era praxe naqueles tempos, Fletcher, meu marido, tinha subido um pouco cedo. Vinha acordando às cinco da manhã e, por isso, ao meio-dia já estava faminto. Marceneiro autônomo, criador de encantadores móveis exclusivos, mas de custo inviável, seu trânsito entre a casa e o trabalho estendia-se até nosso porão, e ele podia acordar à hora que quisesse. Aquele disparate do romper da aurora era puro exibicionismo. Fletcher gostava da implicação de rigor, da fachada de ainda mais severidade, bravura, disciplina e abnegação.

Eu achava enlouquecedora aquela história de pular da cama. Naquela época, não tinha sabedoria para acolher de bom grado uma discordância em escala tão pequena, pois em pouco tempo o horário do despertador de Fletcher seria o menor dos nossos problemas. Mas isso se aplica a todas as imagens do *antes*, que só parecem tranquilas em retrospectiva. Na ocasião, minha irritação com a santimônia com que ele saltava da cama era muito real. O sujeito ia para a cama às nove da noite. Dormia oito horas, como uma pessoa normal. Onde é que estava a abnegação?

Como acontecia com muitas das excentricidades intimidantes do meu marido, eu me recusava a seguir as regras e tinha começado a dormir até tarde. Eu também trabalhava por conta própria e detestava o início da manhã. Aquelas primeiras luzes enjoativas lembravam café fraco, escaldado num recipiente quente. Deitar às nove me faria sentir como uma criança, despachada para meu quarto enquanto os adultos se divertiam. Só que quem

se divertiria, e demais até, seriam Tanner e Cody, adolescentes que não se dispunham a adotar os horários de falso lavrador do pai.

Assim, tendo acabado de lavar a louça do meu café com torradas, eu não sentia fome para almoçar — se bem que, depois do telefonema recebido uma hora antes, estava sem apetite por outras razões. Não me lembro do que comíamos, mas é provável que fosse arroz integral com brócolis. Com poucas variações desinteressantes, naqueles tempos era quase sempre arroz integral com brócolis.

No começo, não conversávamos. Quando nos conhecemos, sete anos antes, nosso bem-estar com o silêncio recíproco tinha sido cativante. Uma das coisas que haviam me deixado desanimada com o casamento, em certa época, tinha sido a perspectiva de uma conversa incessante. Fletcher também se sentia assim, embora seu silêncio tivesse uma textura diferente do meu: era mais denso, mais concentrado — agitado e opaco. Isso dava ao seu silêncio uma riqueza que combinava bem com minha serenidade mais fria, mais suave. Já o meu produzia o som de um cantarolar estranho, embora eu não chegasse de fato a cantarolar; em termos culinários, assemelhava-se a uma sopa fria e leve. Mais sombrio e taciturno, o de Fletcher parecia mais um molho de vinho tinto. Ele *lutava* contra os problemas enquanto eu simplesmente os resolvia. Criaturas solitárias, nunca conversávamos só por conversar. Combinávamos bem um com o outro.

Mas naquele meio-dia o silêncio era de pavor e postergação. Tinha a textura de lodo, como o meu desastroso pudim de água de rosas. Ensaiei várias vezes minha frase introdutória, antes de anunciar em voz alta:

— Slack Muncie telefonou hoje de manhã.

— Quem é Mack Muncie? — perguntou Fletcher, distraído.

— Slack. Um saxofonista. De Nova York. Estive com ele várias vezes. É bem conceituado, acho... mas, como a maior parte daquela turma, tem dificuldade para pagar todas as contas no fim do mês. É obrigado a aceitar bicos em casamentos e restaurantes, onde todo mundo conversa enquanto a música toca.

Tudo aquilo se classificava justamente como o tal "puxar conversa" que afirmei evitar.

Fletcher ergueu os olhos, com ar cauteloso:

— De onde você o conhece?

— É um dos amigos mais antigos do Edison. Um parceiro leal.

— Nesse caso, ele deve ser muito paciente — comentou Fletcher.

— Edison estava hospedado na casa dele.

— Pensei que seu irmão tivesse um apartamento. Em cima do clube de jazz dele.

Fletcher imbuiu de ceticismo o "clube de jazz dele". Nunca acreditou que Edison gerenciasse o próprio clube de jazz.

— Não tem mais. Slack não quis entrar em detalhes, mas houve uma... complicação.

— Ah, com certeza vai haver uma *complicação*. Que não será verdade.

— Às vezes Edison exagera. Não é a mesma coisa que ser um mentiroso.

— Certo. E a cor "pérola" não é igual a "marfim".

— Com Edison, a gente tem que aprender a *traduzir*.

— Quer dizer que ele anda vivendo às custas dos amigos. Que tal isto como *tradução*? O seu irmão está sem teto.

Fletcher em geral chamava Edison de "seu irmão". Aos meus ouvidos, sua fala soou como "o problema é seu".

— Mais ou menos — respondi.

— E duro.

— Edison já passou por outros momentos de aperto. Entre turnês.

— Então, por causa de algum problema misterioso e complicado, algo como não pagar o aluguel, seu irmão perdeu o apartamento e agora anda pulando de sofá em sofá.

— É — respondi, constrangida. — Mas parece que está ficando sem sofás.

— Por que esse tal de *Slack* telefonou, e não o seu próprio irmão?

— Bem, acho que Slack tem sido de uma generosidade incrível, embora o apartamento dele seja pequeno. Um quarto e sala, e ele também precisa praticar saxofone lá.

— Meu bem. Desembuche. Diga logo o que não está querendo me dizer.

Persegui fixamente uma flor de brócolis, malcozida demais para ser espetada com o garfo.

— Ele disse que não há espaço suficiente. Para os dois. A maioria dos outros colegas já está dividindo apartamento, ou é casada e tem filhos, e...

Edison não tem outro lugar para ir.

— Outro lugar a não ser *qual*?

— Agora nós temos um quarto de hóspedes — argumentei. — Ninguém nunca o usa, a não ser Solstice, de dois em dois anos. E, você sabe... ele é meu *irmão*.

Por ser um homem contido, Fletcher raras vezes parecia visivelmente irritado.

— Você diz isso como se fosse um trunfo.

— Significa alguma coisa.

— Alguma coisa, sim, mas não tudo. Por que ele não pode ficar com Travis? Ou com Solstice?

— Meu pai é impossível e já passou dos setenta. Quando a minha irmã nasceu, Edison estava quase saindo de casa. Ele e Solstice mal se conhecem.

— Você tem outras responsabilidades. Com Tanner, com Cody, comigo. Até — pausa carregada — com a Baby Maluco. Não pode tomar uma decisão dessas de forma arbitrária.

— Slack parecia estar esgotado mentalmente. Eu tinha que dizer alguma coisa.

— O que você tinha que dizer — rebateu Fletcher, sem alterar a voz — era: "Desculpe, mas tenho que perguntar ao meu marido."

— Talvez eu já soubesse o que você ia responder.

— E o que seria?

Dei um sorrisinho.

— Algo como "só por cima do meu cadáver".

Ele deu um sorrisinho.

— Acertou.

— Sei que não correu muito bem. Aquela última visita.

— Não. Não correu.

— Vocês parecem não ter se entendido.

— Não houve nada de "parece". Nós não nos entendemos.

— Se fosse uma pessoa qualquer, eu não pediria. Mas não é. Significaria muito para mim se você tentasse se esforçar um pouco mais.

— Não tem nada a ver com tentar. Ou a gente gosta de alguém ou não gosta. Se a pessoa está "tentando", então não gosta.

— Você pode tentar quando se trata da família. Você faz isso com outras pessoas.

Demorei um momento para refletir que, no caso de Fletcher, isso nem sempre era verdade. Ele sabia ser ríspido.

— Você está me dizendo que, durante toda essa negociação, nunca teve uma conversa direta com o seu irmão? Ou seja: o amigo dele está tentando se livrar do cara pelas costas.

— Talvez Edison esteja com vergonha. Não ia querer pedir favores à irmã caçula.

— Irmã caçula! Você tem quarenta anos.

Como filho único, Fletcher não entendia nada sobre irmãos, sobre como esse diferencial é permanente.

— Meu bem, vou continuar sendo a *irmãzinha caçula* do Edison aos noventa e cinco anos.

Fletcher mergulhou a panela de arroz na pia.

— Você ganhou algum dinheiro agora, não é? Embora eu nunca saiba muito bem quanto. — Não, ele não poderia saber ao certo. Eu era discreta. — Pois então, mande um cheque para ele. O suficiente para fazer o depósito numa espelunca e pagar uns dois meses de aluguel. Problema resolvido.

— Comprá-lo. Suborná-lo para que fique longe de nós.

— Bem, a vida dele não seria grande coisa por aqui. Não se pode dizer que Iowa tenha um círculo de jazz.

— Existem alguns lugares na cidade de Iowa.

— Apresentações de passar o chapéu, feitas para um punhado de estudantes miseráveis, não vão servir para o Sr. Importante Pianista Internacional de Jazz.

— Mas, segundo Slack, Edison não está... "na sua melhor forma". Ele disse que Edison está precisando... "de alguém que cuide dele". Slack acha que a confiança do meu irmão sofreu um golpe.

— É a melhor notícia que ouvi hoje.

— Minha empresa está indo bem — falei em voz baixa. — Isto devia servir para alguma coisa. Para ser generosa.

Como fui com você, quase acrescentei, *e com crianças que agora também são meus filhos*, mas não quis esfregar isso na cara dele.

— Mas você também está oferecendo a generosidade do resto da família.

— Sei disso.

Fletcher inclinou-se sobre a pia, apoiando os braços dos dois lados.

— Lamento se pareço insensível. Dando nos meus nervos ou não, o sujeito é seu irmão e você deve ficar chateada por ele estar numa maré de azar.

— É, muito — respondi, agradecida. — Ele sempre foi o tal. Ficar na pior, abusando da hospitalidade dos amigos... isso parece errado. Como se o universo tivesse virado de cabeça para baixo.

Eu não ia contar ao Fletcher, mas Edison e Slack deviam ter se desentendido, porque a urgência do saxofonista tinha um toque do que eu só poderia chamar... bem... de nojo.

— Mas, mesmo que decidíssemos hospedá-lo — disse Fletcher —, *o que ainda não está decidido*, essa estadia não poderia ser por tempo indeterminado.

— Também não pode ser condicional — retruquei. Se eu fosse pensar dessa maneira, e preferia não pensar, eu é que havia acumulado quase todo o poder na nossa família, nos dois últimos anos. Não gostava de ter poder, e, em circunstâncias normais, tinha muita esperança de que, se eu nunca representasse essa influência desconcertante, ela acabaria indo embora. Mas, para quebrar a monotonia, o tal novo poder foi útil. — Não vou dizer "só por três dias", ou "só por uma semana". Isso não soa gentil, é como se só pudéssemos aguentar a companhia dele por um período de tempo limitado.

— E não é verdade? — rebateu Fletcher, em tom seco, deixando a louça para mim. — Vou dar uma volta.

* * *

É claro que ele ia dar uma volta. Passava horas andando de bicicleta quase todos os dias — em *uma* das suas bicicletas, já que tinha quatro, que competiam com as mesas de centro que não haviam sido vendidas pelo espaço restrito de um porão que parecera cavernoso quando nos mudamos para aquela casa. Nenhum de nós jamais mencionava o fato, mas eu é que havia comprado aquelas bicicletas. Tecnicamente, dividíamos as despesas. Mas, quando uma parte contribui com o conteúdo de um conta-gotas e a outra entra com o lago Michigan, "dividir" não parece ser a palavra certa.

Desde que meu marido havia começado a andar de bicicleta de forma obsessiva, eu não chegara perto da minha própria lata-velha que andava a dez quilômetros por hora e a essa altura ficava acumulando poeira, com os pneus vazios. O descaso era uma opção minha, mas não dava essa sensação. Era como se Fletcher tivesse roubado a minha bicicleta. Se um dia eu arrastasse aquele treco escada acima, lubrificasse a corrente e saísse pela rua, pedalando devagar e por uma distância não muito longa, ele zombaria de mim. Então eu preferia deixar para lá.

Toda vez que Fletcher saía para dar uma volta, eu ficava irritada. Como ele conseguia aguentar o tédio? Havia tardes em que chegava em casa todo satisfeito por ter melhorado seu tempo, geralmente em alguns segundos. Pedalar o mesmo trajeto pelos milharais até o rio, a uma velocidade um tiquinho maior, não tinha a menor importância terrena para ninguém. Fletcher tinha quarenta e seis anos e, em pouco tempo, o computador no guidão só registraria a decepção dele consigo mesmo. Eu não gostava de pensar que me ressentia de uma coisa que era só dele, mas meu marido já tinha a marcenaria, que era algo bastante pessoal. Usava as voltas de bicicleta para me deixar isolada.

Eu sentia tanta culpa por me aborrecer com isso que fazia de tudo para disfarçar a chateação, me obrigando a *sugerir* que ele saísse para dar uma volta a fim de, digamos, tirar da cabeça alguma frustração com Tanner, "já que isso faz você se sentir tão bem". Mas o falsete saltitante demais deixava transparecer minha falsidade. Muito intrigante: ele *gostava* de ver que os passeios de bicicleta me aborreciam.

É claro que eu era uma má esposa. As excursões aeróbicas prolongariam a vida dele. Depois que a Cleo, sua ex, havia pirado de maneira tão bizarra, Fletcher ficara cada vez mais obcecado por controle e, em matéria de obsessão, andar de bicicleta era inofensivo. Entre o exercício e a dieta rigorosa, meu marido havia perdido o pneuzinho que surgiu por culpa do meu purê de batatas e dos meus muffins. No entanto, eu gostava daquele pneuzinho, que o abrandava num sentido mais amplo. Ao pedir perdão, aquele excesso delicado também parecia concedê-lo.

Eu precisava de uma boa dose desse perdão. Durante os últimos três anos, devia ter engordado uns 9 kg (tinha medo de subir numa balança e enfrentar

o número exato). Na época em que dirigia a Breadbasket, eu era bem magra. No ramo dos bufês, a comida tende a se tornar algo repulsivo: um potão de cream cheese torna-se indistinguível de um galão de argamassa. Mas, na minha nova empresa, os mexicanos que fazem parte da equipe vivem levando bandejas de *tamales* e *enchiladas* para o trabalho. Antes eu cozinhava em pé; agora, ficava sentada no escritório. E assim, passara a gastar uma proporção assustadora do meu tempo mental com promessas vazias de reduzir as refeições a uma por dia, ou com autocensuras inúteis por ter comido um segundo pimentão recheado no almoço. Com certeza, em algum nível inconsciente de alta frequência, outras pessoas deviam ouvir o ranger dessa humilhante roda de hamster na minha cabeça, um silvo cortante que era emitido por quase todas as mulheres com quem eu cruzava nos corredores dos supermercados Hy-Vee.

Não era justo, mas eu culpava Fletcher por esses 9 kg. Eu podia ser uma pessoa calada, dessas que não ficam no centro da ação, mas isso não significava que fosse uma fracota. Eu era aquele tipo de pessoa para quem podiam apontar o dedo e mandar calar a boca, alguém que não dava respostas tortas, que se curvava diante de todo tipo de cara feia, parecendo aceitar tudo feito um amorzinho de menina; e aí a outra pessoa ia embora, pensando *Pronto, agora ela aprendeu a lição*, e eu me livrava dela e, com a maior displicência, fazia exatamente o que ela acabara de me dizer para não fazer.

Esse pendor para o desafio me saiu pela culatra quando comecei a beliscar de propósito, entre as refeições, qualquer grupo inteiro de alimentos que Fletcher houvesse desaprovado recentemente. (O repúdio ao queijo foi mortal. No dia seguinte a esse anúncio, voltei do supermercado com metade de uma bola de brie.) O desprezo dele justamente pelos pratos que o haviam extasiado durante nosso namoro e no início do casamento — torta cremosa de banana, pizza de panela feita em casa — me magoava. Eu não devia ter misturado amor com comida, mas esse é um erro que as mulheres cometem há séculos, então por que comigo seria diferente? Eu também sentia falta de cozinhar, uma prática que considerava terapêutica. Assim, de vez em quando, ainda assava um bolo de coco em camadas, que Fletcher boicotava e até as crianças evitavam enquanto o pai ficava de cara amarrada por perto. Bem, de

qualquer forma alguém tinha de comer aquele bolo. E fatalmente eu me arrependeria disso.

Tínhamos pelo menos desenvolvido uma solução conciliadora. De cada doce contrabandeado, eu cortava uma provinha do tamanho de uma garfada e a arrumava com uma pitada de chantilly, uma folhinha de hortelã para enfeitar e umas duas framboesas fresquinhas, no centro de um grande prato de sobremesa de porcelana, com um reluzente garfo de prata. Deixava-o no meio da bancada central da cozinha, como as crianças deixavam biscoitos para o Papai Noel, e sumia de lá.

Fletcher nunca morderia a isca enquanto eu estivesse olhando; mas, para mim, era mais significativo do que sou capaz de expressar que aquelas amostras ilícitas, que ele passara a considerar "tóxicas", desaparecessem em menos de uma hora.

A rigor, como nazista da nutrição, meu marido tinha ficado mais atraente, só que eu já sentia atração por ele antes disso. E depois, certa angulosidade ficara mais pronunciada. Fletcher tinha uma testa grande e o rosto oval e comprido; raspada quase à máquina zero, como um tojo espinhento, para minimizar a calvície, sua cabeça tinha o formato de um projétil. De perfil, o nariz longo e forte parecia um sinal de ticar, e os óculos de aro de arame acrescentavam uma perspicácia professoral. Um toque severo de censura havia penetrado na geometria triangular de seus ombros largos e na cintura agora fina, de modo que o simples fato de estar na sua presença física fazia com que me sentisse repreendida.

Enquanto eu recolhia nossa louça, fiquei incomodada por Fletcher não haver esperado para arrumar a cozinha, o que não era do seu feitio. Era comum darmos conta da limpeza com a fluidez entrelaçada do nado sincronizado. Obtínhamos o melhor de nós trabalhando lado a lado — nenhum dos dois entendia ou apreciava o "lazer" — e minhas melhores lembranças eram justamente desse tipo de faxina em larga escala. Quando começamos a namorar, nas noites em que eu servia algum grande bufê, Fletcher instalava Tanner e Cody em sacos de dormir no chão da minha sala, para poder me ajudar na cozinha. (Quando o vi balançar as mãos pela primeira vez dentro da pia — agitando os dedos para baixo, *plaft, plaft*, num pequeno gesto instintivo que garante que não pinguemos água pelo chão

todo, no caminho para enxugar as mãos no pano de prato —, eu soube que aquele era o homem com quem me casaria.)

Limpando bancadas, fechando embalagens de sobras e lavando tigelas enormes, ele nunca reclamava, nem era preciso dizer-lhe o que fazer. Só fazia intervalos para se colocar atrás de mim, enquanto eu tirava outro conjunto de copos mornos da lavadora de louça, e me beijar no pescoço. Acredite se quiser, mas aquelas arrumações com os aventais respingados eram românticas, melhores do que champanhe e luz de velas.

Com essas lembranças em mente, era difícil eu me ressentir de ensaboar a panela de cozimento a vapor do brócolis, depois do almoço para dois. Repensei nossa conversa. Poderia ter sido pior. O próprio Fletcher poderia ter anunciado "só por cima do meu cadáver"; eu o dissera por ele, em tom malicioso. Em momento algum eu lhe perguntara "tudo bem se o meu irmão passar um tempo aqui na nossa casa?". Ele não tinha dito sim nem não.

Nossa casa. É claro, a casa era nossa.

Tendo morado de aluguel durante quase toda a minha vida, eu ainda não me livrara da impressão de que aquele endereço na Alameda Solomon pertencia a outra pessoa; mantinha a casa fanaticamente arrumada, como se os verdadeiros proprietários pudessem entrar a qualquer momento, sem aviso prévio. A casa era maior do que precisávamos; a abundância de armários na cozinha era um convite à compra de máquinas para macarrão caseiro e de fazer pão, que usaríamos uma única vez. Digna do rótulo desdenhoso de mansão, nossa nova moradia tinha sido uma reação exagerada ao aperto da casa que Fletcher alugava num loteamento, um daqueles locais "provisórios" que os homens procuram depois de se divorciar e de onde nunca mais saem, a não ser que uma nova mulher bata o pé. Eu tinha ficado assombrada por poder de repente comprar uma casa, à vista, ainda por cima, e a comprara, de certo modo, simplesmente porque podia.

Além disso, quis encontrar um local de trabalho para Fletcher. Os móveis eram sua paixão e, assim, eu lhe comprara essa paixão. Ingênua em questões de dinheiro, não tinha como saber de antemão quanto ele se ressentiria de mim por isso.

No começo do nosso casamento, Fletcher trabalhava numa empresa agrícola que produzia sementes transgênicas. Eu tinha feito questão de possibilitar que ele saísse daquele emprego, porque ele não tinha um talento natural para vendas — não porque eu tivesse alguma aversão ambientalista a brincar com a natureza, nem por uma indignação política com o fato de as empresas norte-americanas quererem patentear o que antes era literalmente de quem pegasse. Eu não tinha muitas opiniões. Não via por quê. Se me opusesse à produção do milho não germinativo e resistente a doenças, ele continuaria a ser vendido.

Eu considerava a maioria das convicções uma diversão, e seu cultivo, uma vaidade, razão por que quase nunca lia jornais. Meu conhecimento de um assassinato no Líbano não traria a vítima de volta à vida, e, dado que primordialmente as notícias agravavam o sentimento de desamparo, eu achava surpreendente que tanta gente lhes desse atenção. A recusa em fabricar opiniões para consumo social me tornava uma chata, mas eu adorava ser chata. Não ter o menor interesse terreno para ninguém tinha sido um objetivo a cumprir durante toda minha vida.

Para combinar, esta casa neocolonial de tijolos também não tinha personalidade. Era recém-construída, sem arranhões nos pisos de tábuas de bordo. Eu adorava sua inexpressividade sem história. As tomadas tinham fiação de primeira e tudo funcionava. Nunca dei muita bola à personalidade, a não ser no sentido de não ter inclinação para furtar lojas nem trair meu marido; Edison é que buscava a designação de "uma figura singular", e podia ficar com ela. Eu exultava o anonimato e, nessa época, já me ressentia violentamente do fato de o brilho não solicitado dos refletores da mídia ter me transformado em alguém específico para outras pessoas. (Pelo amor de Deus, seria de se supor que, depois de me enfurnar de propósito bem no meio do país, o mínimo que eu podia esperar fosse conseguir passar despercebida.) Eu tinha história suficiente e, com a única exceção do próprio Edison, meu instinto em relação ao passado era fechar a cortina.

A ampla casa lobotomizada formava o cenário perfeito e neutro onde os móveis do Fletcher poderiam se destacar. Àquela altura, o trabalho artesanal de meu marido havia substituído a maioria das peças de lojas de departamentos da combinação original de nossas casas. (Essa união de forças

domésticas tinha sido a primeira vez na minha vida que alguém me ajudara a me mudar. Com uma eficiência feroz, Fletcher era capaz de embalar um cômodo numa tarde, e isso era ainda mais romântico do que catar aquelas lasquinhas chatas do processador de alimentos.) As criações dele eram tão flexíveis que, toda vez que eu entrava na sala, era como se a mobília tivesse pastado nos tapetes minutos antes. Os cantos posteriores dos móveis enroscavam-se feito chifres de cervo, as pernas curvas empinavam-se sobre pés aparados, e o sofá era lastreado pelas almofadas, sem as quais aquela criatura assustadiça talvez saísse a meio galope porta afora.

Embora Fletcher gostasse de pensar que estava melhorando, minha peça favorita era uma das primeiras que ele tinha feito. Nós a chamávamos de Bumerangue. Sua almofada de couro vermelho era oval. A grade que formava os braços e costas contíguos inclinava-se para o alto, à direita, e descia em arco, à esquerda, até a extremidade do braço esquerdo quase encostar no chão. A cadeira dava a impressão de ter sido arremessada. As ripas que sustentavam o grande espaldar ascendente também eram curvas — lâminas de ébano-de-macassar, pau-rosa e bordo que ele havia deixado de molho por uma semana, para poder curvá-las.

A Bumerangue era uma espécie de talismã. A maioria das pessoas que aprimora uma habilidade se apega a uma dessas pedras de toque: uma prova precoce de que elas entendiam do riscado. O objeto a que sempre podem referir-se quando um esforço atual fracassa: *Viu? Se você conseguiu fazer aquilo, é capaz de fazer qualquer coisa*. De minha parte, eu não tinha nenhum equivalente, porque não me importava com produtos. Gostava do processo. Fosse um bolo de laranja, fosse a mercadoria absurda que estava vendendo no momento, o produto virava lixo para mim no instante em que ficava pronto. Eu achava perfeitamente horroroso concluir projetos.

Depois de raspar a película bege da panela de arroz, dei uma espiada pela janela da frente. Havia começado a chover, mas isso nunca mandara meu intrépido marido para casa. Segura da minha solidão, subi de fininho para o escritório que tinha em casa e reservei uma passagem de avião entre o LaGuardia e o Cedar Rapids, escolhendo uma data de regresso arbitrária, que sempre poderíamos mudar. Fiz um cheque de quinhentos dólares e rabisquei "gastos extras" no canto inferior esquerdo. Coloquei o cheque e a

folha impressa do bilhete em um envelope do FedEx para Edison Appaloosa, usando o endereço que Slack havia ditado de manhã, e marquei na minha conta o pedido de coleta.

Talvez o fato de ter comprado aquela casa com a receita da minha empresa pouco convencional, dois anos antes, significasse que eu tinha o "direito" de instalar meu irmão no quarto de hóspedes, sem pedir permissão para isso. Mas cantar de galo por causa de dinheiro me parecia vulgar e antidemocrático. Havia três Feuerbach naquela casa e apenas uma Halfdanarson.

O que me incitava a soltar os cachorros em oposição a Fletcher era outra coisa. Em geral, eu não era refém da família. Em algum momento, acabaria fazendo a desagradável descoberta de como era profunda a ligação que eu mantinha com meu pai, mas só depois de ele morrer; até lá, eu era livre para considerá-lo insuportável. Minha irmã Solstice era tão mais jovem que eu quase poderia ser sua tia, e só por insistência sua é que ela me visitava em Iowa, verão sim, outro não. (Ela cresceu nos cacos remanescentes de uma família maluca e falida, à qual tentou durante muito tempo impor uma fachada mais atraente. Por isso, era a única que comprava presentes, mandava cartões e fazia visitas cuja perfeita regularidade sugeria disciplina.) Minha encantadora mãe, Magnolia, havia morrido quando eu tinha treze anos. Os dois casais de avós já tinham falecido. Solitária até conhecer Fletcher, eu não tinha gerado nenhum dos meus filhos.

Edison era a minha família, o único parente consanguíneo que eu amava de verdade. Essa afeição única concentrava toda a lealdade que a maioria das pessoas dilui num clã maior, o que a transformava numa devoção intensa. Fora com Edison que eu havia aprendido a ser leal; era de Edison, portanto, que decorriam todas as outras lealdades, e os beneficiários dessa minha própria capacidade de me apegar com ferocidade eram Fletcher e nossos filhos. Podia ser que eu fosse ambivalente quanto ao passado que compartilhávamos, mas só Edison e eu o compartilhávamos. Na verdade, eu não hesitara nem por um segundo quando Slack Muncie tinha telefonado, naquela manhã. Fletcher tinha razão: era um trunfo. Edison era meu irmão, e podíamos mesmo ter encerrado a discussão exatamente nesse ponto.

Capítulo Dois

— Vou buscar o seu tio no aeroporto às cinco. — O cheiro das nozes da minha torta dizia que elas estavam bem tostadinhas, e tirei-a do forno. — Não deixe de vir jantar conosco hoje aqui em casa.

— Tio emprestado — corrigiu Tanner, parado junto à bancada, deixando caírem migalhas de torrada no chão. — No meu dicionário, bem do lado de um perfeito estranho. Desculpe. Tenho outros planos.

— Mude-os — retruquei. — Eu não estava pedindo. Você e Cody vão jantar aqui, ponto final. Às sete horas se o avião chegar no horário.

Eu sempre ficava nervosa quando tinha de exercer autoridade com meus enteados, ainda mais agora que Tanner estava com dezessete anos; e, quando alguém não confia na sua autoridade, na verdade não a tem. Se ele fizesse o que eu tinha dito, estaria obedecendo por pena.

— Quando temos um hóspede em casa — acrescentei, carregando ainda mais na encenação parental —, podemos não estar presentes em todas as outras refeições, mas na primeira noite, temos que estar.

— É mesmo?

Eu não sabia ao certo se era verdade o que dissera.

— Quer dizer, eu ficaria muito grata se você estivesse aqui.

— Então, você *está* pedindo.

— Suplicando.

— Aí é diferente. — Tanner limpou a boca suja de manteiga na manga. — O cara já veio aqui uma vez, não foi?

— Há pouco mais de quatro anos. Você se lembra dele?

— Tenho uma vaga lembrança de um cara muito metido a besta. Ficava tagarelando sobre umas bandas de que ninguém nunca ouviu falar. Não conseguia se lembrar da merda do meu nome.

A caracterização doeu.

— Edison tem um filho em algum lugar, mas a ex dele ficou com a guarda quando o menino era bebê. Por isso, o seu tio não tem muita experiência de conversar com crianças...

— Tive a impressão de que o problema era como ele conversava com os *adultos*. Estava enchendo o saco de todo o mundo.

— Ele é um homem muito talentoso, que tem levado uma vida bastante interessante... muito mais interessante que a minha. Esta é uma rara oportunidade de conhecê-lo — insisti.

Foi como se falasse com uma parede.

Eu não havia decifrado meu enteado muito bem. Tanner tinha um senso inconsiderado de direitos adquiridos, uma certeza de estar destinado a um tipo indefinido de grandeza. Apesar de já fazer um mês que cursava o último ano do ensino médio, ainda não tinha evidenciado o menor interesse pela universidade, para a qual eu vinha guardando uma grande parte do lucro da minha empresa. Ele queria escrever, mas não gostava de ler. Naquele verão, havia anunciado que decidira ser roteirista, como se fizesse um favor pessoal a Ridley Scott. Eu tivera vontade de chacoalhar o garoto; será que ele fazia alguma *ideia* de como era pequena a probabilidade de entrar em Hollywood, até como mensageiro? Sem saber direito se o meu impulso era bondoso ou cruel, eu havia mordido a língua. Havia assinalado que a gramática, a pontuação e a ortografia dele eram atrozes, mas Tanner imaginava que a edição de texto cuidava de toda essa bobajada do estilo de prosa. E, de qualquer modo, ele dissera, para escrever roteiros, era preciso saber como as pessoas *realmente falavam*, e, para isso, o domínio da gramática apropriada só servia como um empecilho. Tudo bem, eu havia pensado, ressentida: ponto para Tanner. Durante toda sua adolescência, Fletcher e eu havíamos elogiado todos os poemas do garoto, enaltecido a criatividade de seus contos de meia página. É o que se espera dos pais. Mas, para meu horror, Tanner havia acreditado em nós.

Alto, pálido e sem músculos, o garoto tinha aquele aspecto subnutrido pelo qual é comum as meninas ficarem caídas. O cabelo preto era cuidadosamente desalinhado. As camadas descombinadas da roupa estampavam-se feito camadas descascadas de papel de parede velho: moletom xadrez por cima da

camisa listrada, cujas laterais se separavam e revelavam o elástico das cuecas quadriculadas, suspensas acima da calça jeans arriada e sem cinto. A maioria dos seus amigos aparecia por lá no mesmo estado de seminudez arlequinesca. A postura de Tanner projetava os quadris para a frente e, nos últimos tempos, ele desenvolvera o hábito desconcertante de se apalpar enquanto falava, alisando os quadris com as mãos espalmadas, ou fazendo-as subir pelo tronco até o peito achatado. Talvez ele fosse cronicamente indiferente, mas esse ceticismo não se estendia a si próprio, e eu me admirava ao ver a rapidez com que seus pares e professores aceitavam sem questionamento sua segurança superficial.

Eu tinha que ficar atenta com Tanner. Quando observei que as "garotas" se apaixonavam por sua aparência, devia ter esclarecido: na idade dele, eu teria sido uma dessas garotas. Não é que me sentisse tentada a flertar com ele; afinal, ainda discernia nele os traços do menino arisco e fechado de dez anos que eu havia herdado e que era preciso persuadir a dar as caras como um gato puxado de baixo da cama. Ainda assim, eu reconhecia em meu enteado adolescente aquele tipo exato do jovem equilibrado, avançado e autoconfiante pelo qual eu ficava gamada no ensino médio, quando circulava pelos corredores apinhados, rezando, acima de tudo, para me deixarem em paz. (Meus colegas de turma na Verdugo Hills ficavam mais do que satisfeitos em me atender. Ao contrário de Edison, eu continuava a usar "Halfdanarson", o sobrenome com que havia nascido; nunca deixei escapar que era filha de Travis Appaloosa.) Por isso, o que eu tinha de vigiar na relação com Tanner era minha resistência. Era tentador ostentar para mim mesma que, como adulta, eu já não morria de amores por um marqueteiro daqueles, e não queria me entregar à determinação ultraferoz e ligeiramente perversa de desmascará-lo.

Visto pelo prisma da impunidade do casamento, este pendor para a paixão não correspondida que havia persistido até os meus trinta e poucos anos tivera suas recompensas. Gente como Tanner podia nem saber que eu estava viva, mas, se você nunca falasse com o rapaz, ele jamais revelaria seu entusiasmo decepcionante com os Bee Gees. Por ter alimentado os meus amores em sigilo, eu os mantivera invioláveis e hoje era poupada de olhar para trás e ver, com mortificada incredulidade, uma fileira de arrebatamentos

amalucados. Uma dedicação de maratonista havia desenvolvido minha capacidade de resistência afetiva, ao contrário dos *sprints* de Tanner, com três ou quatro namoradas por ano. Eu temia que meu enteado não estivesse aprendendo a amar as mulheres, mas a desprezar as mulheres que o amavam.

— Pôr esse monte de geleia na torrada — resmungou Fletcher, a caminho de um copo d'água — é a mesma coisa que comer bolo.

— É trigo integral! — disse Tanner. — Nem assim o cara dá uma folga.

Desculpe, mas eu não como laticíííííínios! Nossa filha de treze anos, Cody, havia largado o estudo de piano para puxar a cordinha do boneco equilibrado na prateleira do meio da copa, para o caso de seu pai estar precisando dar uma risada. O boneco tinha sido um esforço inicial de quatro anos antes e, naquela ocasião, uma simples extravagância sob a forma de presente de Natal. Eu o tinha feito todo à mão, inspirada na súbita onda natureba de Fletcher. O projeto artesanal tinha feito as vezes de terapia, encarnando minha luta para manter o senso de humor diante do fato de que ele não queria mais chegar perto dos meus célebres *manicotti*.

O malandro empalhado usava uma versão em miniatura do tradicional agasalho preto de poliéster de Fletcher, no qual eu havia colado a caspa de serragem que era sua marca registrada. O boneco usava calça jeans preta justa e, afora alguns fios de cabelo arrepiados, só para chatear, era careca. As botas de couro de cano alto tinham sido feitas das linguetas de um par velho de outras de tamanho natural, com solas de uma tira de pneu recauchutado que caíra de um caminhão na Autoestrada E36. Eu tinha moldado os óculos de aro de arame com clipes de alumínio e costurado um permanente franzido de desaprovação na testa. Uma das mãos segurava um formão (na verdade, uma pequena chave de fenda de joalheiro), a outra, um quadrado de espuma de borracha que precisei explicar que era um pedaço de tofu. O tecido estava começando a puir, mas o fato de o mecanismo interno ainda funcionar perfeitamente tornara-se uma questão de orgulho profissional.

Tire os sapatos da grade, Tanner! Levei três meses para fazer a Bumerangue!

Eu envolvera meu grande amigo Oliver Allbless na brincadeira — era dele a voz que eu tinha gravado —, e ele se revelara um mestre em produzir tons indignados e moralistas. O dispositivo eletrônico escondido no tronco incluía

vinte ordens e exclamações. Mal sabia eu que minha pecinha moleca de artesanato logo se tornaria um monstro.

O boneco de Fletcher foi um sucesso instantâneo com nossos filhos, e as gravações divertidas dos decretos opressivos do pai contribuíram para que eles se afeiçoassem à madrasta. Aceitando a implicância com bom humor, Fletcher tinha se comovido com a escala do meu esforço, que chegara a ponto de eu contratar Oliver para projetar uma atualização da tecnologia digital. (Não muito melhores do que elásticos comuns, as esteiras que moviam os discos de plástico e os pratos de toca-discos dentro das antigas bonecas Chatty Cathy, da década de 1960, tendiam a arrebentar, razão por que poucas dessas peças de colecionador ainda funcionavam.) Nossos convidados para jantar nunca se cansavam de puxar a cordinha. No ano seguinte, Solstice tinha me *implorado* para criar uma caricatura semelhante do seu novo namorado, cuja repetição incessante de expressões da moda, como "Beleza!" e "Foi mal!", a vinha levando à loucura. Eu havia relutado. Ainda estava dirigindo a Breadbasket. Para obter o mesmo efeito mágico, o boneco teria de captar a constituição física e o estilo de vestuário do namorado. Percebendo minha hesitação, Solstice ofereceu-se para pagar. Cotei um preço alto o bastante para fazê-la desistir, mas, no mesmo dia, minha irmã anexou fotografias e uma lista de frases favoritas a um e-mail.

O boca a boca já não depende de bate-papos junto à cerca das casas e, com a ajuda da internet, o negócio dos bonecos de corda feitos sob encomenda virara uma febre. No fim do ano, eu tinha fechado a Breadbasket, e a Baby Monotonous — embora, graças ao nome impróprio dado por Fletcher, alguns moradores das redondezas achassem que o nome verdadeiro da minha empresa era *Baby Maluco* — tinha sede nos arredores de New Holland e uma equipe de empregados trabalhando em horário integral. Era uma fórmula irresistível: ridicularização combinada com afeição. E, se o custo de confecção era alto, o preço de venda dos bonecos era muito maior. Além disso, eles não seriam tão populares se fossem baratos. Custando a soma do valor de uma batedeira KitchenAid e um aspirador Dyson de primeira linha, o boneco Baby Monotonous tinha-se tornado um símbolo de status, mais gratificante, diziam, do que um aspirador de pó comum.

Apropriadamente, considerando este último diálogo entre pai e filho, na terceira vez que Cody puxou a cordinha do boneco, ele declarou, com exaltada afetação: *Quero torrada SECA! Quero torrada SECA!*

As duas crianças caíram na gargalhada.

— Eu queria saber por que esse treco nunca deixa de ser engraçado — disse Fletcher.

— Não importa por quê — retrucou Tanner, com dificuldade de se manter ereto. — Eles são sempre engraçados, ficam cada vez mais engraçados, e é por isso que Pandora é rica.

— Não somos ricos — retruquei. Deixando de lado a avaliação exagerada da nossa situação familiar, *rico* era uma palavra para os outros, e, em geral, para as pessoas de quem a gente não gosta. — Só estamos *indo bem*. E trate de não dizer nada desse tipo perto do seu tio. — Corrigi-me, revirando os olhos: — Tio emprestado.

— Por quê? — indagou Tanner.

— É indelicado falar de dinheiro. E o seu tio Edison parece estar enfrentando uns apertos. Não vamos querer esfregar isso na cara dele.

Tanner deu uma olhada de esguelha para a madrasta:

— Você não quer que ele lhe dê uma facada.

— Eu não disse isso.

— Nem precisava.

Talvez Tanner superestimasse seu talento literário, mas era bem esperto.

* * *

Enquanto dirigia até o Aeroporto de Cedar Rapids, pensava em como era possível que houvessem se passado quatro anos, o período mais longo que Edison e eu ficamos sem nos ver. Tínhamos conversado por telefone — embora, em mais de uma ocasião, o número dele parasse subitamente de funcionar. Era comum ele mudar de endereço e fazer turnês pela Europa, América do Sul ou Japão. Cabia a mim localizá-lo, ligando para outros músicos, como Slack. Exasperar-me com o fato de meu irmão mais velho não fazer a sua parte no nosso relacionamento era inútil. Ele sempre parecia contente por ouvir minha voz e, para mim, era só isso que importava.

No alvoroço de encomendar rolos de tecido e fardos de enchimento de algodão, talvez não fosse de admirar eu não tê-lo visto mais. Enquanto eu montava a sede da empresa, contratava atores para as gravações e empregava pessoas para cuidar dos pedidos, a fim de garantir que o boneco corpulento de chapéu duro que perguntava "Cadê meu rango?" fosse para Lansing, em Michigan, e não para Idaho, tinha sido complicado dar atenção a Fletcher, Tanner e Cody, ou até arranjar tempo para telefonar para familiares mais distantes. Ainda que um telefonema, três anos antes, houvesse soado ligeiramente fora de contexto. Meu produto acabara de começar a atrair a imaginação do público e eu ainda estava empolgada; ora, meus bonecos de corda pareciam estar causando furor nas altas rodas da cidade do meu irmão e tinham acabado de servir de tema para a matéria de capa da revista *New York*, "Manhattan Monotonous", com descrições dos bonecos de Donald Trump e do prefeito Bloomberg. Mas o tom com que Edison me deu os parabéns por minha aparição naquela capa me tirou a vontade de tão cedo voltar a lhe telefonar. Todas as palavras estavam no lugar certo, e talvez o ligeiro desdém ou irritação tivesse sido coisa produzida por minha cabeça; nunca se pode confiar muito no telefone.

Desde então, para mim, a Monotonous tinha feito sucesso demais — quer dizer, só lhe faltava vir a ser menos bem-sucedida. Bastava esperar o ponto de virada depois do qual os pedidos diminuiriam. Havia um "problema" sobre o qual eu não esperava que os outros se solidarizassem comigo: era que, nos últimos tempos, eu vinha sofrendo de uma prostração insidiosa, que derivava de possuir tudo o que já havia desejado — até mais, na verdade. Na esfera pessoal, eu havia encontrado Fletcher Feuerbach, que para os outros era muito tenso, mas que, entre quatro paredes, era mais caloroso e divertido do que muitos suspeitavam. (Sem roupa, era um homem surpreendentemente bonito, e tinha dito o mesmo sobre mim, certa vez: éramos "atraentes na surdina".) Eu não tivera meus próprios filhos, mas meus filhos adotivos ainda falavam comigo, o que era mais do que se podia dizer do adolescente médio com sua mãe natural; eu havia pulado aquela etapa dos bebês chorões e entrado na melhor parte. Em termos profissionais, eu nunca fora ambiciosa e, de repente, dirigia um negócio próspero, do tipo mais improvável: uma

empresa com senso de humor. Tinha ganhado dinheiro suficiente para que a perspectiva de ganhar um pouco mais me deixasse indiferente.

Os muito bem-sucedidos, quando espertos, guardam discretamente consigo essa batalha com a intrigante insipidez do êxito. Imagine o azedume com que hordas de frustrados, decepcionados e despossuídos receberiam qualquer queixa de alguém sobre estar satisfeito demais e ser rico demais. Seja como for, não é mesmo muito agradável a sensação de não querer nada. As esperanças frustradas não são nenhum mar de rosas, mas o desejo em si é revigorante. Eu sempre havia trabalhado muito, e essa droga de opulência era enervante. Sem dúvida, só havia uma solução para minha crescente apatia, para meu estupor de jantar de Ação de Graças em ponto maior:

Eu precisava de um novo projeto.

Tons de marrom, com elegíacos toques de amarelo, e milharais secando para a colheita de outubro passavam céleres pela janela do carro. Cabos terrestres de eletricidade ondeavam ritmicamente por postes tratados com creosoto enquanto tanques globulares de água sobre eixos estreitos reluziam ao sol outonal, como gigantescas lâmpadas incandescentes.

O efeito bucólico era maculado por grandes hipermercados e shoppings — Kum & Go, Dollar General, Home Depot — e pela recente explosão de restaurantes mexicanos, enquanto, como sempre, o Hotel Super 8 estampava numa faixa espalhafatosa de plástico preto e dourado: VAMOS LÁ, HAWKEYES! APOIEM NOSSO TIME! No entanto, em trechos antigos, o interior expressava a firmeza e a solidez que haviam me cativado quando criança nas visitas a meus avós paternos: revestimentos de ripas brancas, plantações de batata, um ou outro cavalo. Fosse qual fosse o tumulto que sacudia o país, ele sempre parecia muito distante.

Desde aquela época, Iowa havia mudado. Chegara uma onda de imigrantes ilegais para trabalhar nas fábricas de processamento de carne suína. A política estadual desenvolvera uma ala direitista febril. Quase todas as fazendas familiares, como a que meus avós comandavam, tinham sido vendidas ou alugadas para o agronegócio fazia muito tempo, e as numerosas casas, celeiros e construções anexas ao longo da estrada haviam ruído. Com a lavoura já subsidiada ao máximo, mais de metade daquele milho seria transformada em etanol — gerando subsídios federais ainda mais lucrativos, e com isso

espalhando toda uma segunda camada de corrupção sobre um cereal que um dia fora exemplo de salubridade e de um senso de humor meio cafona.

O isolamento despretensioso que era calmante para mim era soporífico para os jovens modernos, para quem o anonimato em que eu me refestelava era opressivo. Igualzinho a meu pai quando jovem, meu enteado estava aflito para dar o fora.

Fletcher, por sua vez, tinha nascido em Muscatine, e o fato de nunca ter saído de seu estado natal não era sinal de falta de imaginação, mas de uma aceitação satisfeita, e até de certa profundidade. "Iowa fica em algum lugar", dissera ele, um dia, "e isso é tudo o que qualquer lugar pode exigir." O recato do Meio-Oeste, seu autoconhecimento seguro e despretensioso, seu útil cultivo de produtos comestíveis, em vez da oferta de "serviços" esquivos, tudo isso atraía a Fletcher e a mim.

Já quase no aeroporto, eu não via a hora de ter Edison por perto de novo — até que enfim, uma companhia com *apetite*. Meu irmão era imbuído de toda a verve, elegância e *savoir-faire* que me faltavam. Alto, atlético e vistoso, tinha herdado a beleza *à la* Jeff Bridges de papai, sem assumir também a melifluidade que sempre havia contaminado o Travis. Os traços de Edison quando mais novo eram finos, quase delicados, e, da última vez que eu o vira, as linhas um pouco mais grossas de seu rosto, aos quarenta anos, ainda não haviam encoberto as maçãs altas. Ele mantinha o cabelo louro-escuro apenas no comprimento exato para se abrir numa coroa desalinhada em volta da cabeça. O sorriso maníaco reluzia com um toque de malícia, com a voracidade predadora de um grande felino. No começo da minha adolescência, minhas amigas desajustadas viviam apaixonadas por meu irmão. Ele tinha tamanha energia, entusiasmo e voracidade que, mesmo na idade adulta, nunca me abraçava sem me levantar do chão. Sempre levava um sopro de vida para aquela casa vasta e inexpressiva da Alameda Solomon, uma residência que, desde o advento do ciclismo enlouquecido de Fletcher e de sua dieta sem graça, tinha vagado pelo lado sombrio.

É que eu era caseira. Detestava viajar e ficava contente em deixar meu irmão funcionar como meu *alter ego*, pegando voos noturnos enquanto eu dormia. Eu evitava as atenções; para Edison, desde pequeno, elas nunca eram suficientes. A não ser pela competição óbvia com nosso pai, eu não

conseguia imaginar por que meu irmão queria tanto que os outros soubessem quem ele era. Eu entendia que cobiçasse o reconhecimento do seu talento, mas não era isso que o movia. Desde que eu me entendia por gente, ele queria ser famoso.

Por que alguém haveria de querer vender a milhões de pessoas a ilusão de conhecê-lo quando não conheciam? Eu adorava a fortaleza dos estranhos propriamente ditos, cujo vivo desinteresse constituía uma forma de proteção, uma gelatina macia e desatenta de apatia em que eu podia me esconder, como um quadradinho de fruta numa mousse de morango. Ao contrário, que coisa bruta e desprotegida era ficar cercada por estranhos que queriam algo de mim, que achavam que não apenas me conheciam, mas eram meus donos. Eu não conseguia imaginar por que alguém haveria de querer enxames de críticos comentando a sua troca de penteado e considerando tudo, desde os seus móveis peculiares até a celulite nas suas coxas, como assunto deles. Para mim, nada era mais precioso do que a possibilidade de andar pela rua sem ser reconhecida, ou de me sentar num restaurante e ser deixada sossegada.

Mas, por outro lado, as alegrias da obscuridade tinham sido uma descoberta minha. Como todas as outras pessoas em Los Angeles, eu fora criada para achar que não ser ninguém era a própria morte. Talvez tivesse sido mais fácil rejeitar essa proposição, porque, desde meus oito anos, eu tinha crescido com a celebridade bem à mão — ou a celebridade por associação, que é o pior tipo: não conquistada, sem valor.

Eu achava desagradável ser admirada e preferia mil vezes admirar outras pessoas. Apesar de haver olhado com respeito para numerosos professores quando pequena, aquela hierarquia confortável, na qual a parte mais fraca não é humilhada pela submissão, mostra-se cada vez mais ausente na idade adulta. Os adultos tendem mais a desprezar que a adular seus superiores e, no meu trabalho autônomo, eu só podia desprezar ou adular a mim mesma. Já iam longe os tempos em que o eleitorado norte-americano admirava um presidente como JFK; agora tendíamos mais a ver os políticos com desconfiança. As celebridades das revistas despertavam menos adoração que inveja; numa era de fama pela fama, corria a suposição de que, com o relações-públicas certo, aquele inútil sem talento, beneficiado por todas as

facilidades, podia ser você. Eu havia admirado meu pai, e o fato de já não olhá-lo com respeito me causava mais dor do que eu admitia. Eu gostava dos móveis graciosos e sinuosos de Fletcher, mas não o via como *superior*. Na verdade, quando a gente se curva diante do cônjuge, talvez haja algo errado.

Eu admirava Edison. Entendia pouco de jazz, mas qualquer um que viajasse naquela quantidade de notas complicadas sem criar pura cacofonia era talentoso. Nunca tive certeza do nível de reconhecimento que meu irmão havia conquistado em seus círculos rarefeitos, mas ele tinha tocado com músicos que os entendidos no assunto pareciam reconhecer, e eu tinha decorado seus nomes para desfiar uma lista impressionante para céticos como Fletcher: Stan Getz, Joe Henderson, Jeff Ballard, Kurt Rosenwinkel, Paul Motian, Evan Parker e até, uma vez, Harry Connick Jr. O nome Edison Appaloosa aparecia relacionado em dezenas de CDs, um conjunto completo dos quais ocupava o lugar de honra ao lado do nosso estéreo — apesar de não os tocarmos muito, já que nenhum de nós era muito chegado a jazz. Eu me assombrava com as viagens dele, com seus colegas espalhados por toda parte, suas destemidas apresentações públicas e sua ex-mulher sensual — a imensa tela em que ele havia pintado sua vida. Talvez ele houvesse feito com que me sentisse tímida, muda, sem ser eu mesma. Não fazia mal, desde que alguém da nossa família fosse elegante e atraente, acelerando uma colheitadeira pelo feno da rotina cotidiana. Tudo bem, ele fumava demais e tinha uns horários absurdos. Mas Fletcher e eu estávamos afundados até o pescoço na sensatez, e já estava mais do que na hora de um toque de anarquia.

Mesmo assim, entrei no estacionamento rotativo com uma pontada de apreensão. O próprio Edison já não era o varapau que tinha sido nos tempos de astro das pistas de corrida do ensino médio, e, apesar de não ter continuado a correr, sempre fora um desses homens (simplesmente não se fazem mulheres assim) cuja estrutura atlética por natureza aguentava toda sorte de bebedeiras e de preguiça.

Com certeza, meu irmão zombaria de mim, de forma implacável, por eu estar com tanta cara de cliente de shopping na meia-idade.

O Aeroporto de Cedar Rapids era pequeno e receptivo aos usuários, com uma decoração bege que era uma moldura para qualquer passageiro mais

pitoresco que ali descesse de um avião. Por estarmos no final de setembro, o setor de retirada de bagagem encontrava-se deserto, e foi um alívio eu chegar antes de o voo de Edison pousar. Se as pessoas se dividem entre as que temem ter que esperar e as que temem fazer os outros esperarem, eu me enquadrava firmemente no segundo grupo.

Logo em seguida, os dados da conexão proveniente de Detroit foram anunciados na Esteira 3, e passei uma mensagem de texto ao Fletcher para avisar que o voo estava no horário. Enquanto os passageiros saíam em fila do portão de desembarque e se acumulavam em volta da esteira, fiquei por ali, um passo atrás.

À minha frente, um homem alto e magricela, de calças cáqui alinhadas — raquete de tênis pendurada num ombro e os remanescentes de um bronzeado de verão —, conversava com uma morena esguia. A moça devia ter guardado a maçã do lanche do voo, pois polia a fruta no suéter de caxemira como se ela fosse conceder-lhe três desejos.

— Nem acredito que deram o assento do meio a ele — disse o tenista.

— Fiquei agradecida quando você se ofereceu para trocar — retrucou a moça. — Eu estava completamente imprensada na janela. Mas deixá-lo no banco da ponta não adiantou grande coisa.

— Deviam mesmo era cobrar o dobro e deixar vazio o assento do lado.

— Mas você já imaginou a confusão se, além de ter que pôr o creme para hemorroidas num saco plástico transparente, a pessoa ainda tivesse que subir numa balança? Haveria uma insurreição.

— É, não seria prático em termos sociais. Mas perdi o apoio no braço da cadeira e o cara ficou meio que no meu colo. E você viu como foi difícil a aeromoça passar por ele com o carrinho.

— O que me irrita — resmungou a mulher enquanto a bagagem emergia na esteira — é que nós todos temos o mesmo limite de bagagem. O nosso amigo da poltrona dezessete, junto do corredor, estava carregando um quarto de tonelada de bagagem de mão. Juro que, da próxima vez que tentarem me cobrar excesso de bagagem porque um par de sapatos adicional me fez estourar o limite de doze quilos, vou me oferecer para comê-los.

O homem riu. Enquanto isso, nem sinal de Edison. Torci para ele não ter perdido o avião.

— Eu soube que tiveram de recalcular o número dos passageiros "médios" que os aviões mais velhos podem transportar — disse o homem. — Mas você tem razão: as pessoas normais estão subsidiando...

— Que "pessoas normais"? — resmungou a mulher. — Olhe à sua volta.

Novamente à procura de Edison, examinei os colegas de viagem deles, com cuja geometria eu tinha ficado tão acostumada que, no começo, não entendi a inferência da mulher metida a besta. Enquanto as gerações anteriores tinham-se construído com ângulos agudos, os americanos de hoje eram feitos de perpendiculares, e os traseiros alinhados diante da esteira de bagagem eram uniformemente quadrados.

Dada a inexplicável popularidade dos jeans de cintura baixa, o cós apertado das calças atravessava os quadris no ponto mais largo e os sulcava abaixo da barriga, a qual o estranho corte baixo expunha em toda a sua gloriosa convexidade. Eu evitava essa moda lastimável, mas, com aqueles nove quilos a mais, não chegava a me destacar do grupo. Por isso, senti-me pessoalmente insultada quando o desportista murmurou para sua companheira:

— Bem-vinda a Iowa.

— Ah, aquela é a minha. — A mulher enfiou na bolsa a sua maçã Granny Smith, agora muito reluzente, e se inclinou para seu conhecido: — Aliás, no avião com aquele cara, sabe o que não consegui mesmo suportar? O *cheiro*.

Foi um alívio ver que a mala da mulher havia chegado, já que o pária que ela e seu companheiro de assento vinham desancando com tanta crueldade devia ser o cavalheiro volumosíssimo que dois comissários de bordo estavam empurrando para a área de retirada de bagagem, numa cadeira de rodas extralarga.

Um olhar curioso na direção do passageiro pesado me infundiu uma compaixão tão penetrante que foi como se eu levasse um tiro. Olhar para aquele homem foi como cair num buraco, e tive que desviar o rosto, porque seria grosseiro encará-lo, e mais grosseiro ainda chorar.

Capítulo Três

— Ei, não está reconhecendo seu próprio irmão?

Virar para a voz conhecida atrás do meu ombro foi como dar um passo para atravessar uma porta corrediça e dar de cara no vidro. O sorriso de boas-vindas que eu havia preparado se desmanchou. Os músculos ao redor da minha boca endureceram e começaram a se contrair.

— ...*Edison?* — Olhei para aquele rosto redondo, as feições esticadas como se tivessem sido pintadas num balão a gás. Ao procurar os olhos castanhos, agora quase pretos de tão encobertos, acho que eu estava tentando *não* reconhecê-lo. O cabelo meio comprido estava escorrido, sem brilho. Mas o sorriso escancarado era inconfundível, apesar de amarelado pelo fumo e com um toque de melancolia, ao lado da antiga malícia. — Desculpe, eu não o tinha visto.

— Isso é difícil de acreditar. — Em algum lugar, por baixo de toda aquela gordura, estava o senso de humor do meu irmão. — Não vou ganhar um abraço?

— É claro!

Minhas mãos não chegaram nem perto de se encontrar em volta daquelas costas curvas, de formato macio e quente, mas estranho. Dessa vez, ao me abraçar, ele não me levantou do chão. Quando nos separamos e encontrei seu olhar, só precisei levantar um pouquinho o queixo. Houvera uma época em que Edison era oito centímetros mais alto que eu, mas já não era mais assim. Agora era menos natural, fisicamente, eu *levantar* os olhos para meu irmão.

— Você... quer dizer que você não precisava da cadeira de rodas?

— Não, isso foi só a companhia aérea sendo impaciente. Não ando tão depressa quanto antigamente. — Edison, ou a criatura que o havia engolido,

arfava em direção à esteira de bagagem. — Mas achei que você não tivesse me visto.

— Faz mais de quatro anos. Acho que demorei um pouco. Por favor, deixe que eu levo isso.

Ele me deixou carregar a mala marrom surrada. Quando visitava meu irmão em Nova York, eu seguia suas passadas largas, que devoravam o chão, aflita para não ficar para trás numa cidade estranha, enquanto ele ia costurando, ágil, por entre os pedestres mais lentos, sem esbarrar nos cigarros acesos. Mas, ao caminhar com ele em direção à saída do aeroporto, fui obrigada a empregar o passinho marcado das noivas quando entram na igreja.

— E então, como foi a viagem?

Pergunta idiota, mas minha cabeça estava rodando. Ao longo dos anos, Edison havia provocado em mim um leque de emoções: assombro, humildade, frustração (ele nunca calava a boca). Mas eu nunca havia sentido pena do meu irmão, e a piedade era uma coisa horrível.

— O avião conseguiu decolar — resmungou ele —, mesmo comigo lá dentro. Foi o que você quis dizer?

— Eu não quis dizer nada.

— Então, não diga nada.

Não devo dizer nada. Eu já começava a subir a íngreme curva de aprendizagem de uma etiqueta alienígena moderna. Edison era capaz de fazer piadas sobre ele mesmo e, se houvesse aparecido numa forma que tivesse alguma semelhança passável com o irmão de que eu me lembrava, com certeza teria me atormentado por causa dos meus quadris. Mas, quando seu irmão aparece no aeroporto pesando dezenas e dezenas de quilos a mais que da última vez que o vira, não se deve dizer nada.

Chegamos finalmente à saída. Com ar displicente, me ofereci para ir buscar o carro, embora houvesse estacionado a apenas uns cem metros dali. Uma mulher de meia-idade, com um corte elegante no cabelo avermelhado, que estivera esperando perto do guichê de informações, seguiu-nos até o lado de fora, confirmando minha suspeita de que havia alguém nos observando.

— Desculpe incomodá-la — disse a estranha —, mas por acaso você é a Pandora Halfdanarson?

Para muitos irmãos caçulas observados por um irmão mais velho, ser solicitado para dar um autógrafo, ou seja lá o que fosse que aquela mulher estava querendo, seria a realização de uma fantasia. Mas não naquele dia, e por pouco não neguei ser eu mesma só para poder sair dali. Por outro lado, explicar ao Edison por que eu havia mentido causaria uma confusão maior, e por isso respondi sim.

— Achei que fosse! — exclamou a mulher. — Reconheci seu rosto da matéria da *Vanity Fair*. Bem, eu tinha que lhe dizer: meu marido me deu um Baby Monotonous no nosso aniversário de casamento. Não sei se você se lembra... bem, é claro que não, você deve fazer tantos deles... mas é um que está vestindo uma roupa toda formal e um chapéu esnobe e tem o controle remoto de uma televisão costurado numa das mãos. A boneca diz coisas como *George! Você sabe que tem que diminuir o sal!* E *George! Você sabe que não suporto essa camisa!* E *George! Você sabe que não entende da política do Oriente Médio!* Ou então, às vezes ela se gaba: *Eu fui aluna da Bryn Maaaaaaawr!* No começo, eu me senti ofendida, mas depois tive que rir. Eu não fazia ideia de que era tão crítica e controladora! Aquela boneca ajudou a salvar o meu casamento. Por isso, eu queria lhe agradecer.

Não me entenda mal: costumo ser muito gentil com os clientes satisfeitos. Podia até não gostar tanto quanto outras pessoas de ser reconhecida em público — tanto quanto Edison gostaria —, mas não sou de bancar a afetada. O que mais me chateia nesses encontros é o constrangimento: aquela mulher me reconhecia e eu não a reconhecia, o que não parecia certo. Por isso, em geral eu era calorosa, falante e grata, mas não naquele dia. Despachei a fã, resmungando "Bem, fico muito feliz por você", e me virei para a faixa de pedestres.

— É verdade? — gritou a mulher às minhas costas. — Você é filha do Travis Appaloosa?

Irritada, já que não tinha dito isso à *Vanity Fair*, e assim mesmo a jornalista havia desencavado a informação, declinei em responder. Edison trovejou atrás de mim:

— A senhora fez uma puta confusão, madame. Travis Appaloosa é que é o pai de Pandora Halfdanarson. E isso está *roendo o sacana por dentro*.

Felizmente, quando encostei o carro no meio-fio, ela havia sumido. Pondo a mala no banco de trás, falei:

— Sinto muito por aquela mulher. Sinceramente, isso quase nunca acontece.

— É o preço da fama, baby. — O tom dele foi opaco.

Deu certo trabalho empurrar para trás todo o banco do carona do nosso Camry, até a última trava da regulagem. Ao entrar, Edison apoiou uma das mãos na porta; tive medo de que as dobradiças não suportassem a tensão. Eu mesma o teria ajudado, mas achei que ele não poderia se apoiar em mim sem que nós dois desabássemos. Ele jogou o corpo no banco do carona com a delicadeza de um guindaste gigante ao manobrar a carga num navio de contêineres. Quando baixou os últimos centímetros, o chassi pendeu para a direita. Os joelhos dele ficaram entalados no porta-luvas e tive que dar um safanão extra na porta para conseguir que ela fechasse. Aqueles meus quadris pesados serviam para alguma coisa.

Tive problemas para soltar o freio de mão, com a coxa do Edison imprensando a alavanca, e tirar a marcha do ponto morto foi difícil por causa da gordura do braço dele. Eu estava aflita para ligar para Fletcher e alertá-lo, embora fosse inútil o aviso prévio de que o cunhado que aparecera no aeroporto estava três vezes maior do que quando ele o havia hospedado, certa vez. Quando saí do estacionamento, meu telefone tocou e reconheci o número. Depois do nosso encontro no meio-fio com aquela fã do Baby Monotonous, essa era a última coisa de que precisávamos, por isso não atendi.

Edison remexeu nos bolsos da jaqueta de couro preto — do tipo chique, com lapelas, embora aquela devesse ter exigido a benevolência de meia vaca. Reconheci-a como a substituta do casacão de couro que batia nas canelas e que ele usara durante anos com um cinto amarrado, macio feito uma casca de berinjela, e com a gola levantada. Edison ficava muito descolado com ele, com um jeito supermafioso de mistério e... chiquérrimo. Perguntei-me o que teria acontecido com o original, por saudade, mas também porque saber se meu irmão havia guardado ou não suas roupas menores seria uma indicação de como ele via seu futuro. Aquela jaqueta largona e sem caimento ajustado tinha uma textura de plástico, e nada do estilo refinado de sua antiga

marca registrada. Eu não fazia ideia de onde se compravam essas roupas; nunca tinha visto nada daquele tamanho na Kohl's, ou mesmo na Target.

Ele pegou o que parecia ser um pão de canela amassado, com a cobertura branca escorrendo pelo papel encerado. Eu não disse: *Sabe, isso me parece ser a última coisa de que você precisa*. Não disse: *Sabe, uma vez eu li que esses pãezinhos têm novecentas calorias*. Não disse: *Sabe, vamos jantar em menos de uma hora*. No conjunto, tudo o que eu não disse teria enchido uma gravação inteira de um dos meus bonecos de corda.

Mas a pergunta inofensiva que fiz em lugar disso pareceu capciosa:

— E então, o que você tem feito? — Como se não fosse óbvio.

— Uns CDs — disse ele, devorando a cobertura do pão. — Na maior parte do tempo, shows em Nova York, mas a maioria da turma se mudou para o Brooklyn. Andei tocando com um guitarrista, Charlie Hunter, que está mesmo virando manchete. Com uns emergentes que arrasam: John Hebert, John O'Gallagher, Ben Monder, Bill McHenry. Me dei muito bem com Michael Brecker numa parada no 55 Bar, no ano passado, e é uma puta pena ele ter acabado de morrer de leucemia. Cara, nós dois juntos lotávamos o Birdland. Fiz um bico por um tempo no Nyack: um restaurante, o que é um saco, mas, com tanto lugar fechando, todos temos que aceitar o que dá para arrumar. Fiz o Maine Jazz Camp por causa da grana, mas também porque o seu irmão aqui tem uns *protégés* promissores, acredite se quiser. Ando trabalhando as minhas próprias músicas também, é claro. Vem aí uma longa turnê na Espanha e em Portugal, em dezembro. Talvez o London Jazz Festival, no próximo outono. Algum interesse no Brasil, mas ainda não tem nada fechado. A grana não é boa o bastante. O cara lá do Rio está vendo isso.

Eu estava acostumada com o catálogo de nomes do Edison, que não significava nada para mim. De olho no trânsito, quase chegava a ouvir meu irmão como ele sempre tinha sido: impetuoso, safo, seguro de si; fossem quais fossem as decepções do presente, havia sempre alguma coisa lucrativa e de alto padrão logo ali adiante. Pensei com meus botões: ele nunca pareceu gordo ao telefone.

— Tem falado com Travis ultimamente? — perguntou Edison.

Travis Appaloosa parecia uma coisa inventada — e era. "Papai", Hugh Halfdanarson por nascimento, havia adotado esse nome artístico biruta quando eu tinha seis anos e Edison, nove, tarde demais para que soasse como outra coisa senão artificial. Assim, sempre o chamamos de Travis, com uma cutucada implícita nas costelas, um "saca só essa". No entanto, durante a minha infância e adolescência, *Travis Appaloosa* era cadenciado com a melodiosa familiaridade de Bill Bixby, Danny Bonaduce e Barbara Billingsley. Talvez qualquer sequência de sílabas que ecoe pelo país toda quarta-feira, às nove da noite, não possa soar ridícula. De 1974 a 1982, Travis Appaloosa tinha feito parte da paisagem, da mesma forma que Hugh Halfdanarson sempre havia esperado.

— Faz mais ou menos um mês — respondi. — Ele está obcecado com o site que criou. Você já viu? Há um teste com perguntas sobre *Guarda compartilhada*. Uma aba chamada "Por onde andam eles?", que dá informações atualizadas sobre qualquer droga que a Tiffany Kite esteja injetando no momento...

— Ou sobre os garotos de dez anos que Sinclair Vanpelt anda comendo...

— Embora possa surpreender você, agora Floy Newport é prefeita de San Diego.

— A subestimada. Esses são os que agem na moita. Os sacaninhas traiçoeiros que tramam as coisas pelas nossas costas. Que usam o fato de ninguém prestar atenção neles para ganhar tempo e depois dar o bote quando menos se espera.

O tom de Edison foi brincalhão, mas ferino. Das três crianças do seriado de papai, supostamente de vanguarda e com duração de uma hora, Floy Newport era a que mais se aproximava de mim, embora — o que era estranho, já que justamente Edison devia saber a diferença — ele estivesse confundindo Floy, a atriz, com Maple Fields, o personagem que ela interpretava. Em *Guarda compartilhada*, Maple era a filha do meio, espremida entre dois prodígios, sempre deixada de lado, sem ser boa em nada em particular. Embora Edison execrasse o personagem mais parecido com ele no programa, Caleb Fields, tanto quanto execrava o garoto bonito e fútil que fazia esse papel, Sinclair Vanpelt, eu me identificava completamente com Maple Fields.

— Nesse site, acredite se quiser — falei —, Travis também descreveu o roteiro de cada um dos episódios. Pela ordem. Com vários parágrafos para cada um.

— Isso é que é ter tempo sobrando.

— Foi uma pena não termos gravado aquela mulher lá no aeroporto para ele. Travis Appaloosa significava alguma coisa para ela. Aquilo é uma espécie em extinção.

— A mulher tinha o quê? Uns quarenta e cinco anos? É a idade certa. Provavelmente assistiu a todas as temporadas. É uma coorte inteira, Ursa Panda. Eles não são tão velhos assim e ainda não estão todos mortos.

— São poucos os nomes dos programas que a gente cresce vendo que ficam gravados na memória — comentei. — Em geral, o de Travis não é um deles.

— Você ficaria surpresa. Você não usa o sobrenome dele. Ainda me perguntam pelo velho com mais frequência do que poderia imaginar.

Na verdade, eu tentei me apresentar como Pandora Appaloosa durante algum tempo, na universidade. Meio perdida, imaginei que, se os outros achassem que sabiam quem eu era, eu também saberia. Mas não demorou muito para que a própria pergunta que eu buscava — "Algum parentesco com Travis?" — começasse não só a parecer artificial, mas também a ser contraproducente. Meus colegas da Reed só queriam saber do meu pai, o astro da televisão; devido às condições contemporâneas, fiquei reduzida a um link com a página de outra pessoa na Wikipédia. Assim, voltei a usar Halfdanarson quando me mudei para Iowa. Nos últimos anos, nem mesmo os fãs de programas retrô de TV tendiam a reconhecer o pseudônimo do meu pai, que estava sendo devolvido pelo desuso à palermice que fizera minha mãe gargalhar ao ouvi-lo pela primeira vez. Mas fiquei contente por retomar o desajeitado cantarolar sueco que meu pai havia descartado e, principalmente, porque Halfdanarson era meu *nome verdadeiro*.

Em geral, eu gostava de me divertir com Edison à custa do nosso pai, nessa interação ritualizada provocada por nossa história doentia e estúpida. Quase nunca conversava sobre minha infância com Fletcher. Nem lhe contara que meu pai tinha atuado em um programa de televisão de sucesso estrondoso até completarmos meses de namoro, e, quando enfim deixei escapar essa

informação, fiquei aliviada ao saber que Fletcher não havia assistido a *Guarda compartilhada* na época em que o seriado ia ao ar no horário nobre. No entanto, por mais que eu enfatizasse que minha criação pouco convencional em Tujunga Hills tinha sido uma nota de rodapé arbitrária numa vida que, afora isso, fora propositalmente comum, Fletcher sempre via as referências ao programa como uma forma de me mostrar superior, e eu evitava o assunto. Só com Edison, portanto, podia ter acesso a um passado que, por mais que eu relutasse em usar para me sentir importante, também hesitava em descartar por completo. Era o meu passado, o que quer que isso significasse, e era o único que eu tinha.

Cresci com um conjunto de paralelos que expressavam graus variados de distorção e caricatura. Eu não tinha apenas um pai chamado Hugh Halfdanarson, mas um pai ridiculamente duplicado em Travis Appaloosa, que fazia o papel de outro pai, chamado Emory Fields, um falso papai que era um *pater familias* muito mais bem-sucedido que o monomaníaco egocêntrico que eu só via de vez em quando em casa. Eu não era apenas Pandora Halfdanarson, mas podia optar por ser Pandora Appaloosa, se quisesse, e, nas noites de quarta-feira, durante oito anos, reconhecia uma versão idealizada de mim mesma em Maple Fields, uma garotinha mais meiga e altruísta do que eu, que vivia tentando fazer os pais reatarem. Por sua vez, Maple Fields era interpretada por uma dessas raras atrizes mirins que não eram insuportáveis, na tela ou fora dela, embora Floy Newport provavelmente também não fosse seu verdadeiro nome. Eu a idolatrava e, às vezes, achava que deviam ter continuado a gravar o seriado e cancelado a nossa família na vida real. Logo, você já percebe que criar duplicatas zombeteiras como meio de vida devia ser quase inevitável para mim. Afinal, meu episódio favorito de *Galeria do terror* era "A boneca".

Daquela vez, dirigir de volta para New Holland, nosso tradicional compartilhamento de observações — antes de tudo, sobre qualquer estratégia maluca que Travis houvesse inventado nos últimos tempos para se restabelecer como o queridinho do público —, pareceu diversionário e desonesto. Ao continuarmos nossa conversa sobre as últimas de Joy Markle e Tiffany Kite, só consegui levar adiante esse projeto mantendo a vista grudada na I-80. As olhadelas de esguelha para a massa inexplicável no banco do

carona quebravam o encanto e, de repente, parecia meio ridículo que Edison, no estado em que estava, zombasse de alguém por não ter ficado à altura de suas promessas juvenis. É que a tristeza atordoante, ao vislumbrar aquele *cavalheiro volumoso* numa cadeira de rodas de aeroporto, só se intensificara, e eu não tinha ideia de como conseguiria chegar ao fim daquela noite sem desmoronar.

Capítulo Quatro

Ao gritar "Chegamos!" no vestíbulo, dei ao anúncio um matiz diferente, baixando-o para um tom menor, num sinal de advertência que minha família não captaria. Eu havia esperado apresentar ao Tanner um membro de sua família estendida para o qual fosse plausível ele "erguer um olhar" respeitoso, mas, tendo a coluna dorsal do meu irmão sofrido uma compactação de uns cinco centímetros, Tanner já estava alto demais para ele. Nada na obesidade diminuía as realizações do Edison, mas tive a impressão de que não era assim que Tanner veria as coisas.

Quando Edison entrou na cozinha atrás de mim, o rosto de Fletcher espelhou o que devia ter sido a expressão no meu quando me virei para trás no aeroporto, ao ouvir a voz do meu irmão: aquele estatelamento no vidro laminado, o choque de ver as expectativas tão completamente frustradas. Meu marido não é uma pessoa indelicada, mas, quando ergueu os olhos do fogão, não disse absolutamente nada e se esqueceu de fechar a boca. O tempo esticou-se. Ele estava louco para olhar para mim, mas desviar o rosto pareceria pouco hospitaleiro.

— Oi — foi sua débil manifestação.

— Oi, irmão, prazer em vê-lo, cara! — disse Edison, que deu um tapinha no ombro do Fletcher e tentou fazer aquele aperto de mão duplo que chega ao cotovelo, mas meu marido estava zonzo demais para acertar o movimento, e os dois se contentaram com um abraço e outro tapinha. Podia ser que Edison não chegasse propriamente a gostar desse tipo de encontro, mas devia ter tido experiências frequentes o bastante de esbarrar com pessoas que o tinham visto pela última vez pesando uns 75 kg para aprender a extrair uma satisfação compensatória da transparente hipocrisia dos outros. Elas não podiam tecer nenhum comentário, e tudo o que diziam, em vez disso,

discordava de maneira tão extravagante e óbvia do que se passava na sua cabeça que a disparidade devia provocar um amargo sorriso interno.

— Tanner? — chamei, conduzindo Edison até onde meu enteado arriava o corpo diante da mesa, observando a cena enquanto desperdiçava seu tempo com o laptop. Em sua boca torta, eu já podia ler a descrição implacável do nosso novo hóspede que ele colocaria no Facebook. — Lembra-se do seu tio Edison?

— Para dizer a verdade, não — respondeu Tanner, em tom prudente.

— Pô, garoto, você deu mesmo uma espichada! — disse Edison, estendendo a mão. — Acho que eu não o reconheceria na rua, Tan.

Ninguém chamava Tanner de Tan.

Tanner continuou na sua postura arriada e, quando estendeu o braço para dar um aperto frouxo na mão de Edison, foi o mais distante possível.

— Acho que eu também não o reconheceria, Ed.

Ninguém chamava Edison de Ed.

— Quer dizer que você está com dezessete anos? Acho que o meu filho Carson deve ter mais ou menos a sua idade — supôs meu irmão.

— Você nem ao menos *sabe*? — retrucou Tanner.

Foi nessa hora que Cody se insinuou pela porta. Com o cabelo louro solto e o jeito retraído, era uma garota tímida, como eu tinha sido. Receptiva em seu recato e sua diligência naturais, fazia anos que eu tentava não demonstrar parcialidade em relação a ela, em detrimento de seu irmão mais arrogante. Apesar de não ser nenhum prodígio ao piano, a menina tinha uma sensibilidade precoce que viria a ser a sua realização, ou que a condenaria pela vida afora como um alvo fácil. Esse foi um daqueles momentos em que ela se distinguia, porque tinha instintos perfeitos. Só levou um instante para avaliar a situação e, em seguida, correu para meu irmão, exclamando "Oi, tio Edison!", e lhe deu um abraço sincero.

Ele retribuiu o abraço, com força. Fiquei pensando em quantas vezes, nos últimos tempos, alguém o teria abraçado daquele jeito — com alegria e afeição, sem nenhum vestígio de desagrado. Desejei tê-lo abraçado assim, eu mesma.

— E aí, o que vocês estão preparando? — perguntou Edison, rondando o fogão.

— *Ratatouille* e camarão com polenta — disse Fletcher.

— Receio que o camarão seja o congelado do supermercado — interpus. — Isto aqui é o Meio-Oeste, cercado de terra, e Fletcher resolve que a única proteína animal que ele come são frutos do mar.

— Sem problema... o cheiro está ótimo!

Edison pegou um pote grande de amendoim que estava por perto e pediu uma cerveja. Servi-lhe uma *lager* e o acompanhei até a mesa, ansiosa. Fletcher havia arrumado a mesa para o jantar e todas as cadeiras tinham braços suavemente recurvados — entre os quais meu irmão não caberia.

— Você com certeza deve estar cansado da viagem — apressei-me a dizer —, mas talvez não fique... confortável nessas cadeiras.

Fiz um levantamento rápido: a sala de visitas era mobiliada com as criações de Fletcher para pessoas de tamanho normal. Mas sobrara uma poltrona reclinável no quarto de casal, dos tempos em que eu morava sozinha; eu me recusara a me separar daquela poltrona feia, que era magnífica para se aninhar e ler. As confabulações do meu marido entre carvalho, cedro e freixo eram mais sensuais para os olhos do que para a bunda.

Tentei assumir um ar displicente. Apagando o fogo do *ratatouille*, Fletcher mostrou-se estoico, e Cody, ansiosa por ajudar. Lá em cima, meu marido e eu enfim nos encaramos. Desesperada para falar com ele fazia horas, só consegui balançar a cabeça, desolada.

— Mamãe — cochichou Cody, ao nos abaixarmos num dos lados da poltrona, enquanto Fletcher pegava o outro —, o que aconteceu com o tio Edison?

— Não sei, querida.

— Ele está doente?

— Segundo as ideias mais recentes sobre o assunto — levantamos, erguendo a cadeira com esforço —, está — respondi, mesmo não sabendo ao certo, pessoalmente, como é que rotular a obesidade de "doença" fazia alguém chegar a algum lugar.

— Ele come demais?

— Acho que sim.

— Por que não para?

— É uma boa pergunta — respondi.

Fizemos uma pausa no alto da escada.

— Ele me deixou triste — disse minha enteada.

— A mim também — concordei, firmando a voz, pelo bem dela. — Muito, muito triste.

Eu estava decidida a não tornar aquele processo um cavalo de batalha, mas a poltrona era pesada e, para que fizesse a curva no patamar, tivemos de incliná-la de lado. Algumas arfadas e as instruções ríspidas de Fletcher devem ter vazado para a cozinha. Quando entramos carregando a poltrona, Edison estava fazendo uma preleção para Tanner, apoiado na bancada central. Eu me senti mal por tê-lo deixado em pé por tanto tempo, o que devia ter sido cansativo para ele. O amendoim havia acabado.

— Não estou menosprezando Wynton Marsalis — opinava Edison. — Ele ao menos trouxe alguma grana. Mas o problema de Wynton é que ele alimenta toda essa coisa nostálgica, como se o jazz tivesse acabado, sacou? Como se fosse coisa de museu, numa vitrine. Nada contra manter os clássicos vivos, desde que você não faça o campo todo virar um grande documentário sonolento da PBS. Porque a coisa continua a evoluir, entende? Quer dizer, tem umas porcarias de improvisos sem rumo, que o público detesta, e que empurraram ainda mais para a puxação de saco do passado os poucos caras que escutam jazz. Os caras que saem soprando uns troços todos bizarros não percebem que até o Ornette improvisava em cima de uma *estrutura* subjacente. Mas tem uns outros caras do Post-Bop por aí que são um *arraso*. Tem até uns contemporâneos do Miles que ainda tocam, que continuam a inovar: Sonny, Wayne...

— Isso é que é "puxação de saco do passado" — disse Tanner, prestando atenção ao teclado. — Qual é a dessa história toda de "cara" e "sacou"? Essa merda já devia ser velha e mofada quando você era criança.

— Ei, toda profissão tem seu jargão — disse Edison.

— É verdade, eles falam assim mesmo — interpus, depois de arriarmos a poltrona na cozinha para descansar. — Visitei o seu tio várias vezes, em Nova York, e todos os outros músicos de jazz falam do mesmo jeito. Distorção temporal. É hilário.

Quando Edison puxou o maço de cigarros, insisti em que fosse para o quintal. Não permitíamos que se fumasse dentro de casa.

— Nossa, é como se ele estivesse tentando falar como um músico de jazz — resmungou Tanner, depois que Edison se arrastou para o lado de fora. — Feito um estereótipo de jazzista, que não colaria nem em filme biográfico, de tão batido que é. Não vai me dizer, Pando, que ele cresceu *falando jargão de jazz*.

— Só porque uma coisa foi aprendida na idade adulta não significa que ela seja falsa — rebati. — Você podia ser um pouco mais gentil. Por exemplo, nos dando uma mãozinha, porque acho que vamos ter que arrastar a mesa.

Encaixar a poltrona diante da cabeceira da mesa foi uma operação e tanto, porque ela não cabia em frente ao degrau que levava à sala de estar sem deslocarmos a mesa uns trinta centímetros na direção da porta do quintal — o que significou que Tanner teve de empurrar sua cadeira até encostá-la no vidro. Sentado outra vez, mas espremido, ele pareceu chateado, e a chateação foi dupla quando teve de se levantar de novo para que Edison entrasse. Enquanto meu irmão afundava com evidente alívio na almofada de couro rachado, peguei Fletcher fazendo uma avaliação crítica da cozinha. Ele mantinha nossa casa sempre limpa e arrumada. Agora, o cômodo ficara descentrado, e aquele monstrengo marrom e sujo estava longe de dar destaque a sua mesa de jantar.

— Ei, Pando, quase me esqueci — disse Tanner, digitando justamente com a urgência que eu havia temido. — Ligou um fotógrafo enquanto você estava fora, para marcar outra data para a sessão da *Bloomberg Businessweek*. Era bom você atender a droga do seu iPhone. Anotar recado à mão num bloco é que nem fazer entalhes numa parede de caverna.

— Ah, meu Deus, não outra sessão de fotos — lamentei, antes de me dar conta de como isso soava. — Eu detesto sessões de foto — prossegui, piorando as coisas, já que o problema era a própria pluralidade. — Não suporto ter que resolver o que vestir, nem tem importância, já que saio sempre horrorosa. — O *sempre* continuou a cavar minha sepultura.

Visto que era verdade, eu já ia acrescentando (mas me interrompi bem a tempo), na minha pressa de dizer alguma coisa ainda mais autodepreciativa para disfarçar a realidade constrangedora da sessão de fotos, que, ultimamente, a única coisa em que eu conseguia pensar, quando via fotografias minhas na mídia, era que eu estava gorda.

— Nem sempre elas saem tão ruins — disse Tanner. — A capa da revista *New York*, aquela em que puseram uma cordinha de puxar nas suas costas, aquela ficou maneira.

— Mas meio brega — proclamou Edison do seu novo trono e bebeu o restante da cerveja. — Aquele pasquim virou uma merda. Está a um passo da *Entertainment Weekly*.

Eu não deveria ter demorado tanto a perceber que meu irmão podia ter visto aquela capa como uma espécie de invasão. Nova York era território dele.

— *Você* já saiu alguma vez na revista *New York*? — atacou Tanner.

— Nhaaa. Eu faço mais o estilo da *Downbeat*.

Quando fui buscar os guardanapos ao lado dele, Tanner murmurou:

— *Downbeat*... Para mim, está mais é para abatido geral.

Torci para que Edison não tivesse escutado.

Eu devia ter ficado contente por Tanner me defender, mas não queria a responsabilidade de ser a pessoa admirada por ele. A Baby Monotonous tinha surgido para mim por acaso. Eu não havia planejado nem desejado a empresa, muito menos trabalhado duro por ela, até ela cair no meu colo. Eu acreditava ser um mau exemplo.

— Bem, todos devemos aproveitar essa oportunidade de malhar o ferro enquanto ele está quente — falei, distribuindo os pratos. — Os bonecos da Baby Monotonous são um modismo. Os modismos não duram. São como as pedras de estimação, um presente perfeitamente ridículo de que vocês, meninos, são muito jovens para se lembrar. Elas duraram uns cinco minutos. Naqueles cinco minutos, alguém ganhou um dinheirão. Mas, se não tivesse sido esperto, teria acabado com armazéns inteiros cheios de pedras, numas caixinhas idiotas. Tive muita sorte, e vocês todos devem estar preparados para quando essa sorte acabar. Os pedidos já estão começando a ficar num patamar estável, e não me surpreenderia se visse esses bonecos começarem a aparecer às centenas no eBay.

Os pedidos não tinham parado num patamar estável.

— Nunca colocaremos o boneco do papai no eBay! — rebateu Cody.

— Pando, qual é a de falar mal da sua empresa o tempo todo? — perguntou Tanner. — Enfim alguém faz uma empresa prosperar nesta

família, e você só consegue pedir desculpas.

— Muito obrigado, Tanner — disse Fletcher, do fogão.

— O porão está cheio de móveis que dizem que esta casa só tem *uma empresa em funcionamento* — retrucou Tanner.

— Ninguém mais compra artigos de qualidade.

— Muito obrigada, Fletcher — falei.

Foi uma pálida imitação de caçoada em família — aquele diálogo brincalhão em ritmo acelerado que, de vez em quando, nós quatro realmente promovíamos, mas que em geral eu só situava na televisão. Eu tinha crescido numa proximidade tão estreita de maluquices familiares roteirizadas que seria de se esperar que soubesse me sair melhor na hora de fingi-las. Mas, desde a hora em que eu entrara em casa com Edison atrás de mim, nossas conversas tinham sido forçadas.

Para variar, quando mandei os meninos lavarem as mãos antes do jantar, não houve resmungos; trocando uma olhadela carregada, que reconheci da minha própria infância, lá se foram os dois em disparada, ambos desdenhando do banheiro mais próximo para ir ao do andar de cima. Passado um momento, fui atrás deles. Não sabia ao certo como queria repreendê-los — provavelmente com alguma coisa branda e inútil sobre tentarem ser gentis. Quando parei do lado de fora da porta, vi que eles nem estavam se dando ao trabalho de fingir que havia água correndo.

— E aí, tipo assim, ele deixou cair uns amendoins — dizia Tanner, num cochicho áspero — e se abaixou para pegar, sabe como é? Só que perdeu o equilíbrio, porque aquela barriga de baleia o jogou para a frente, e ele acabou de quatro! Não estou brincando, Code, o filho da mãe não conseguia se levantar do chão! Aí tive que ajudar a puxar o rabo dele para cima e achei que nós dois íamos cair! Até a mão dele é enorme. E suada.

— Ele é meio nojento — completou Cody. — Tipo assim, quando ele dobra o corpo para a frente, e a camisa é muito pequena e repuxa pra cima, dá pra ver o rego da bunda, com uns cabelinhos pretos, e aquelas bolas enormes de gordura caem por cima do cinto.

— O cara podia fazer seu próprio programa de TV, que nem o do vovô: *Meus três queixos* — prosseguiu Tanner. — E ele tem seios maiores que os da Pando.

— Se eu tivesse aquela aparência, ia querer morrer. Os tornozelos dele são mais grossos que as suas *coxas*. Ei, você acha que a mamãe sabia que ele tinha virado essa jamanta?

— Duvido. Mas você notou como ela fica querendo fingir que está tudo normal? Tipo, não é para ninguém mencionar que o "tio Edison" quase não passa pela porra da porta.

Eu tinha ouvido o bastante. Pigarreando, entrei.

— Ponham tudo para fora *agora*. O simples fato de uma pessoa estar acima do peso não quer dizer que ela não tenha sentimentos.

No entanto, quando fechei a porta, o clima continuou a ser de conspiração.

— Mas quanto tempo esse sujeito vai ficar por aqui? — perguntou Tanner. — Em vinte e quatro horas, ele é capaz de acabar com a casa toda. E se ele sentar no vaso e o troço se despedaçar?

— Não sei quanto tempo ele vai ficar — respondi, em voz baixa. — Mas, enquanto ele estiver aqui, quero que imaginem como seria se vocês crescessem, e então você, Tanner, fosse visitar a sua irmã e a família dela, e talvez tivesse passado por maus pedaços, e talvez tivesse andado atacando uns potes de Häagen-Dazs. Não gostaria que a sua irmã continuasse a tratá-lo como a mesma pessoa? Não ficaria magoado se a família dela zombasse de você?

— Tanner nunca vai engordar! — disse Cody. — Ele tem que cuidar do *físico* para poder continuar passando a mão em todas as *namoradas*.

— Isso era o que eu achava do *meu* irmão — rebati.

Minha frase os deixou pensativos. Quando íamos descendo para o térreo, Cody puxou minha mão:

— Desculpe — murmurou. — Aquilo que eu disse, eu não estava falando sério.

Ela estava quase chorando. Com um aperto em sua mão, garanti que sabia que ela não falara sério. Propensa à autorrecriminação, Cody era perfeitamente capaz de passar a noite em claro, virando de um lado para o outro e se censurando por ter falado mal do tio, mesmo sem que ele pudesse escutar. Eu só a ouvira tentar bancar a desagradável em ocasiões em que queria impressionar o irmão, e ela era péssima nisso. Na escola, vivia fazendo

amizade com os desprivilegiados, por compaixão, e nesse processo baixava em vários graus o seu próprio status de nível mediano.

Nós nos sentamos para jantar. Fletcher circulou seu prato de camarão com um molho de sabor penetrante, feito com tomate, abobrinha e berinjela, distribuído sobre tiras de polenta assada. Numa concessão especial, permitiu que o restante de nós o temperasse com queijo parmesão. Edison, o convidado, foi o primeiro a se servir, e depois disso o nosso maior tabuleiro retangular ficou pela metade. Tirei uma porção minúscula, para garantir que sobrasse o bastante para todos os outros, e Cody fez o mesmo — a não ser que aquele símbolo dos excessos à cabeceira da mesa lhe estivesse tirando o apetite. De minha parte, eu ainda estava com fome, mas não conseguia olhar meu irmão nos olhos; o simples fato de fitá-lo parecia maldade. Assim, furtei umas olhadelas enquanto ele se ocupava com a comida, morta de medo de que ele me apanhasse observando — os rolos de gordura no pescoço, as aberturas entre os botões repuxados da camisa e os dedos protuberantes, de pele esticada, que lembravam salsichões na frigideira, pouco antes de a pele se rachar.

Anunciei que Cody estava estudando piano e ela disse que era "um horror", mas acrescentou que agradeceria se Edison lhe desse umas aulas. Ele encenou o papel de quem topava — "É claro, garota, sem problema" —, porém seu tom foi de uma frieza surpreendente, considerando que normalmente ele agarraria a oportunidade de se exibir. Incentivei Fletcher a mostrar a meu irmão as peças em que vinha trabalhando no porão, mais tarde, embora Edison não conseguisse pensar em mais nada para perguntar sobre marcenaria senão "Qual é o seu projeto mais recente?" (outra mesa de centro) e "Quais são os materiais?" (apesar de vir fazendo um trabalho notável com ossos bovinos branqueados, a resposta concisa do meu marido foi "nogueira"). Não há nada mais pesado que esse tipo de diálogo, e a consciência de que Edison não se importava com as respostas a suas perguntas capengas fez Fletcher se fechar, num movimento autoprotetor.

No entanto, Edison ficou mais animado quando insisti que Tanner falasse com o tio postiço sobre seu interesse em se tornar roteirista.

— A indústria de longa-metragem é um completo jogo de azar — orientou Edison, recostando-se na poltrona reclinável. — Metade das vezes,

depois de anos de frustração, quando o projeto finalmente engrena, com o elenco, a equipe técnica, tudo, vem um idiota e tira o dinheiro. A maioria dos roteiristas de Hollywood só faz revisar textos já reescritos por outras pessoas e nunca vê um roteiro ser rodado. Você deve pensar em televisão, cara. Eles é que botam a coisa para funcionar. Travis, nosso pai... acho que vocês são meio aparentados, não é? Eu não contaria com um cara que vende aquela vara de pescar no Nick at Nite, as tais Pocket Fisherman, para lhe arranjar uma porção de contatos. Mas pode ser que ele ainda conheça gente que conhece gente, e é assim que a coisa funciona. De minha parte, tenho uns amigos por aí que entraram no negócio, incluindo um cara na HBO. Será um prazer pôr vocês em contato.

Se pudesse não ser apanhada, eu teria feito um sinal, passando a minha mão pela garganta. As expectativas de Tanner já eram irrealistas. Eu não queria que ele fosse incentivado.

— Obrigado — resmungou Tanner, com ar cético.

—Tanner conheceu o avô postiço — comentei. — Uma história cautelar.

— O que quer dizer isso?

— Uma história desagradável, que deve servir de alerta para que outra pessoa não cometa o mesmo erro.

— O que há de tão *cautelar* no fato de meu avô ser um astro de televisão?

Notei que, nesse caso, Tanner deixara de lado o "postiço".

— Ele *foi* um astro de televisão — retruquei. — Passa a maior parte do tempo inaugurando lojas de carros usados e fazendo almoços do Rotary Club...

— Dando palestras sobre *ambientalismo*, acredite se quiser — disse Edison, com uma gargalhada. — O cara nunca reciclou uma lata de Coca-Cola em toda a sua vida.

— ...ou — continuei — imprimindo grande quantidade de camisetas comemorativas, quando Travis Appaloosa é o único homem neste mundo de Deus que sabe ou está interessado em saber quando foi ao ar o primeiro episódio de *Guarda compartilhada* na NBC. De vez em quando, a TV Land o levava ao ar na madrugada, mas ele queimou essa chance, ao atazanar o canal para exibir maratonas de *Guarda compartilhada*, assim como faz com *Além da imaginação* e *Andy Griffith Show*. Na última vez em que nos falamos, ele estava

todo empolgado com a ideia de montar um programa de reencontro, como fez o elenco da *Família Sol-Lá-Si-Dó*, só que os atores infantis com que Travis havia trabalhado viraram uns inúteis, com exceção de uma, e a prefeita de San Diego tem mais o que fazer. Cautelar. É o que eu digo.

Eu sabia que tinha falado sem parar, mas alguém tinha que se opor à oferta mortífera da mãozinha de Edison. Eu tinha pavor de que nossos filhos se sentissem excepcionais pelas razões erradas e, com isso, viessem a se tornar vítimas do mesmo sentimento injustificado de importância de que eu havia sofrido quando pequena. Apesar de superficialmente despretensioso, o fato de eu esconder minha ascendência na escola talvez tivesse sido mais corruptivo do que a ostentação da identidade paterna que Edison fazia em qualquer oportunidade. Eu continuava a carregar comigo, de maneira arrogante, a realidade de meu pai ser *Travis Appaloosa*, como se isso fosse um talismã secreto, um amuleto para rechaçar os males, quando, na verdade, não era melhor que uma pedra de estimação.

Ainda mais avesso que eu em enfatizar minha ligação com a cidade de Burbank, Fletcher mudou de assunto — passando para o único tema que trazia a certeza de ocupar o restante da refeição: *toda aquela tralha do jazz*.

— Ei, toquei com uns caras da pesada, sacou?

Depois de raspar as sobras da polenta, Edison virou em cima toda a tigela de parmesão. Tanner e Cody se entreolharam, olhos arregalados em sincronia.

— Stan Getz me contratou por três anos; pagava melhor que Miles, pode crer. Mas, para meu azar, as gravações realmente icônicas não foram as apresentações em que eu estive. Por isso, ninguém se lembra de que, pois é, Edison Appaloosa tocou com Joe Henderson, porque eu não estava no *Lush Life*. Com Paul Motian também... e está longe de ser culpa minha o cara ter praticamente parado de tocar com pianistas. E, cara, eu podia me matar só de lembrar que ninguém, *ninguém* pensou em gravar aquela *jam session* com Harry Connick Jr. no Village Gate, em 1991. *Harry Connick!* Era raro ele cantar naquela época. Era um tremendo pianista, e disse que eu tinha "o toque". Tudo bem, ele ainda não era um grande sucesso. Mas puta que pariu! Eu podia ter ido a toda parte!

Uma ideia não me agradou: *ele parece o Travis falando*. Foi incômodo ver que meu irmão continuava a desfilar a mesma lista de músicos que eu havia aprendido anos antes, para impressionar os aficionados. Ao que parece, era uma lista que ele recitava para si mesmo.

— O que me irrita mesmo em Nova York hoje em dia — prosseguiu, com os cantos da boca sujos de queijo parmesão —, é essa obsessão com a "tradição". Há uns caras mais jovens que parecem uns velhotes quadrados. Ficam estudando todos aqueles acordes e intervalos, feito os merdinhas desmiolados nos madraçais decorando o Alcorão. Ornette, Trane, Bird, eles eram iconoclastas! Não queriam saber de seguir regras, mas de rasgá-las! Pessoalmente, eu culpo a educação no jazz. Sonny, Dizzy, Elvin, eles não tinham diploma nenhum. Agora, esses caga-regras que saem da Berklee e da New School, esses têm um puta respeito. E são *sérios*. É uma perversão, cara. Como fazer doutorado em evasão escolar.

Não costumávamos tomar vinho no jantar, mas essa era uma noite especial. Edison tinha aberto a segunda garrafa — o que fez Fletcher trincar os dentes —, e isso explicava por que estava comendo as consoantes, engrolando as vogais e adotando a cadência arrastada do afro-americano honorário que julgava ser. A maioria dos fundadores do jazz era negra, e Edison dizia que ser branco era uma desvantagem nesse meio, especialmente na Europa, onde os "verdadeiros" músicos de jazz tinham que ter o *physique du rôle*.

— ...sabem, o que Wynton fez, quando criou o Jazz at Lincoln Center, foi dar ao gênero uma feição elitista. De cultura *superior*, arte *superior*. *Elitista*, dá para acreditar? Uma forma que saiu direto dos bebedouros só para brancos?! Mas agora é assim, cara. A moçada de meia-idade da geração pós-guerra passa no Blue Note, quando está muito por fora, para se manter em dia com o hip-hop, e quando acha que precisa dispensar o pop por alguma coisa mais sofisticada. É tudo pose, cara...

Enquanto minha mente vagava, pensei no roteiro para um boneco do Edison:

Eu teria ficado famoso, cara, se fosse negro!

Toquei com uns caras da pesada.

Prodígio do jazz uma ova! Sinclair Vanpelt não sabia tocar nem "O Bife"!

Sim, na verdade, Travis Appaloosa *é* meu pai.

É *incrível* que ninguém tenha gravado aquela *jam session* do Harry Connick.
Ei, passa o queijo.

Bem, a última frase seria um acréscimo recente. Recolhi os pratos enquanto Edison içava o corpo da poltrona marrom — de novo — para fumar no quintal. Assim, Tanner teve de se levantar mais uma vez, empurrar a cadeira para dentro e manobrar para sair da frente. Fazia frio para o fim de setembro, e cada um desses intervalos arrastados baixavam a temperatura uns três graus. O aquecimento central não conseguiu acompanhar a variação e Cody teve que dar um pulo lá em cima, para buscar suéteres para nós duas. Eu estava conformada com a ideia de que Tanner e Cody teriam de se arranjar num mundo em que as pessoas fumavam. Dado que meu irmão não só tinha uma falta de ar crônica, como também era um cara pesado, era provável que as crianças não o vissem como um modelo a seguir. Mas Fletcher ficava tenso cada vez que passávamos por todo aquele tumulto por causa de um Camel sem filtro. Não queria ninguém fumando perto dos filhos.

Revelei minha torta de nozes. Fletcher não quereria comê-la, mas aquela tinha sido a sobremesa favorita do meu irmão quando garoto. Mesmo pegajosa de tanta glucose de milho, a torta já estava pronta; e depois, olhe só para ele: que diferença faria? Se bem, pensei, que isso devia ser o que ele dizia rotineiramente a si mesmo.

— Edison, você vai querer sorvete com sua torta? — perguntei, melancólica. Mas já sabia a resposta.

* * *

Fiquei deitada na cama, de barriga para cima, enquanto Fletcher dobrava sua roupa, a qual, sem a poltrona reclinável marrom, ele teve de empilhar em sua cômoda. Por fim, falei:

— Eu não fazia ideia.

Depois de se acomodar entre os lençóis, Fletcher também ficou num estupor assombrado. Parecíamos estar sofrendo de estresse pós-traumático

doméstico, como se nos recuperássemos de um artefato explosivo improvisado, posto na nossa mesa de jantar.

— Estou roxo de fome — disse Fletcher.

Um pouco depois, acrescentou:

— Hoje eu rodei oitenta quilômetros.

Deixei-o desabafar. Passados mais alguns minutos, ele falou:

— Aquela travessa de polenta era enorme. Achei que ia sobrar um montão.

Dei um suspiro e falei:

— Você devia ter comido um pedaço de torta. Antes que Edison acabasse com tudo.

Aninhei a cabeça no peito dele. Para quebrar a monotonia, seu físico não me pareceu uma repreensão, mas uma maravilha.

— O que *aconteceu* com ele?

Deixei a pergunta no ar. Eu levaria meses para formular algum tipo de resposta.

— Sinto muito — disse ele, afagando meu cabelo. — Sinto muito, muito, muito.

Fiquei grata por ele haver optado pela solidariedade em vez do julgamento. Solidariedade a quem? À sua mulher, antes de mais nada. Ao Edison também, é óbvio. Mas talvez — naquela situação em que eu nos metera a todos, sem querer, e que eu mesma havia tornado pavorosamente ilimitada na sua duração — a todos nós.

Capítulo Cinco

Desci arrastando os pés na manhã seguinte, um domingo, e encontrei Edison na cozinha, que Fletcher e eu tivéramos o trabalho de deixar tinindo de limpa na noite anterior, e que estava de novo uma mistura de diversas tigelas.

— Bom dia, Ursa Panda! Pensei em bancar minha hospedagem. O café da manhã é por conta da casa.

Ele havia ligado nossa chapa de ferro fundido, sobre a qual deixou cair a massa de uma altura dramática. Quando aquele lote começou a chiar, ele retirou do forno uma fôrma com uma torre de panquecas — com gotas de chocolate, como eu viria a descobrir.

Normalmente eu comia uma torrada.

— Obrigada, Edison, é muita... generosidade sua.

Tanner ainda não tinha levantado e Fletcher havia fugido para o porão. Assim, sentei-me ao lado de Cody, que se postava diante de uma pilha de cinco panquecas. Até ali, ela havia cortado uma única tirinha da que estava por cima e a pusera na borda do prato. Numa demonstração de cortesia, Cody cortou da tirinha o que seria uma dentada de boneca e a mastigou cuidadosamente. Além das coberturas para panqueca — geleias e creme azedo —, havia também uma tigela de ovos mexidos, já esfriando e grande o bastante para haver dizimado as duas caixas de ovos que havia na casa. Se eu quisesse torradas, elas também estavam sendo oferecidas — empilhadas e já com manteiga. Mordisquei um triângulo. Pingava gordura.

— Puxa! — exclamei em tom débil quando minha própria pilha chegou coberta por outra camada de manteiga e encharcada de calda. Muito safo, meu irmão havia acabado com a garrafa de calda aberta e encontrado a que tínhamos de reserva na despensa. — Tem café?

— Saindo! — disse ele, e me serviu uma caneca de café preto retinto.

Levantei discretamente e fui até a geladeira. Eu tomava café com leite. O galão vazio de plástico estava na bancada.

— Está procurando o quê? — perguntou Edison, já adotando uma postura de dono da nossa cozinha.

— O leite cremoso.

Em geral, eu colocava uma porçãozinha dele em cima do leite comum, mas agora o comum teria de bastar.

— Peço desculpas por isso — disse Edison. — Eu também estava precisando de um café, para me ajudar a preparar as panquecas. Não tinha muito, então matei o restinho.

Eu havia aberto uma caixa de meio litro na manhã da véspera.

— Ah, não faz mal. Eu tomo café puro.

Voltei para as panquecas que não queria, lutando contra uma explosão de mau humor. Tudo o que eu queria era meu café habitual com leite cremoso, e não aquela úlcera hemorrágica na xícara. Disse a mim mesma que ele estava tentando ser gentil, mas aquilo não parecia gentileza.

— Acha que eu devo levar uma pilha para Fletch, lá embaixo?

— Não, ele nem tocaria nelas. São feitas com farinha de trigo e, principalmente, com gotas de chocolate — respondi, num tom meio seco.

— Posso fazer outro lote com trigo-sarraceno e nozes, sem problema. A gente só teria de comprar mais leite.

— Não, *por favor*, não faça mais panqueca alguma!

A concha que Edison segurava parou no ar; foi como se eu tivesse lhe dado um tapa. A repreensão ecoou em meus ouvidos e enrubesci de remorso. Meu irmão mal havia chegado, e devia haver alguma coisa terrivelmente errada para que estivesse com aquele aspecto, e eu queria que ele se sentisse à vontade e benquisto, o que era o único jeito de um dia vir a pôr a cabeça no lugar.

Levei meu café até o fogão e passei um braço em volta dos ombros dele. Fiquei chocada ao notar que tive de vencer uma dose pequena, mas detectável, de repugnância para poder tocar em meu próprio irmão.

— Eu só estava querendo dizer que... você precisa deixar essa trabalheira toda aí e se sentar conosco para tomar café. Só dei uma dentada, mas as panquecas estão fantásticas.

O contato físico, mais do que o consolo verbal, fez a diferença.

— Essência de baunilha — receitou Edison. — E você tem que prestar muita atenção nesses troços, senão o chocolate queima.

Ele insistiu em terminar aquele lote e, nesse momento, Tanner também apareceu.

— Cacete! Isso é fantástico! — exclamou ele.

Execrando as tediosas diretrizes nutricionais do pai, Tanner exultou com a ideia de ter algo com farinha de trigo e chocolate no café da manhã. Seis panquecas desapareceram por aquela goela magrinha, sem a menor dificuldade, e o entusiasmo do meu enteado ajudou a inverter a maré afetiva. Edison deleitou-se com os elogios de Tanner a seu café da manhã. Talvez eu tenha comido mais do que queria, mas foi um pequeno sacrifício para fazer meu irmão se sentir querido, e Cody acabou finalmente comendo metade de uma panqueca. Ora essa, ao que parecia, teríamos muita conversa e algazarra juntos, desde que todos continuássemos a comer.

Às onze horas da manhã, depois de outra limpeza na cozinha, o dia serenou.

— E então, Edison — arrisquei —, já pensou no que você gostaria de fazer enquanto está aqui?

— Sair para observar as vacas?

— Nós não observamos vacas! — objetou Cody.

— É, acredite ou não, agora tem eletricidade no Meio-Oeste — disse Tanner. — Estão até falando em trazer uma coisa chamada "banda larga", para a gente poder fazer contato com a civilização diretamente pelo ar, embora, na minha opinião, eu ache que isso é um boato maluco.

— Tanner tem razão — interpus. — Há muita coisa para se fazer em Iowa, seu esnobe da Costa Leste.

Dito isso, eu nunca tive muito interesse na atividade pela atividade. Preferia o trabalho à diversão — um temperamento que havia reconhecido em Fletcher Feuerbach ao conhecê-lo. Eu estava encarregada de organizar um churrasco para a Monsanto, no feriado da Independência do dia 4 de julho, quando um vendedor de sementes meio bizarro e taciturno fugiu do bate-papo empresarial para cuidar da grelha. Ele me ajudou a arrumar tudo e a embalar as coisas, sem deixar a menor dúvida de que amarrar sacos de lixo e

guardar sobras de ovos mimosa em recipientes de plástico era sua ideia de uma boa diversão. Não admira que eu o tenha levado para minha casa, onde ele lavou todas as bandejas de serviço antes de me beijar. Para nós dois, o trabalho *era* diversão.

— Você sempre pode praticar — acrescentei. — Cody não monopoliza o piano por mais de uma hora por dia.

— Opa, isso é descansar carregando pedra!

Não era a resposta que eu havia esperado.

— Posso lhe mostrar a Baby Monotonous.

— Legal — disse Edison, em tom neutro, espetando sua pilha melada de panquecas. — Mas andei trabalhando para cacete. Shows, gravações, ensaios; até recentemente estava cuidando das reservas do clube. Ficando em dia com o panorama musical, ralando sem parar, de manhã à noite. Estou acabadaço. Não me incomodo de passar um tempo de pernas para o ar. Fiquei contente com este intervalo na minha agenda, que me permitiu encaixar uma visita. Para me atualizar com as novidades, fortalecer a relação. Finalmente poder conhecer um pouco esses meninos.

A versão agitada que meu irmão deu de sua vida chocou-se com a advertência do Slack de que ele parecia desanimado, aviso que interpretei, nesse momento, como relativo à gordura de Edison. Além disso, eu estava acostumada a achar a vida do meu irmão obscura. Não fazia ideia de como alguém programava uma turnê pela Europa. Não sabia nada sobre todos aqueles nomes que ele ia soltando, Dizzy e Sonny e Elvin, e tinha aprendido da maneira mais difícil a não perguntar "Quem é esse?" quando Edison tocava uma música; ele sempre brigava comigo, porque eu nunca me lembrava se "Trane" tocava saxofone ou trompete. Afora a cortesia de escutar as gravações dele — uma vez —, antes de guardá-las em suas capas na parte da nossa coleção musical que ficava juntando poeira, eu não escutava jazz e não conseguia entender quem ia àqueles clubes quando o pianista não era seu irmão.

— Como está a sua agenda? — perguntei. — Quer dizer, o que está programado?

— A tal turnê por Espanha e Portugal. Três semanas inteiras na estrada. Agora isso exige mais de mim que antigamente. Não tiro férias desde que fui

para Nova York, em 1980. Na verdade, Iowa pode ser a pedida certa se estiver tudo bem para você. Um lugar em que tenho uma desculpa legítima para me esquivar de outras apresentações no Village: um percurso de 2.400 quilômetros entre a casa e o trabalho. Para recarregar as baterias. Sentir o cheiro do café.

Com montanhas e mais montanhas de leite cremoso.

— E quando é mesmo essa turnê por Espanha e Portugal? — indaguei, em tom neutro.

— No começo de dezembro. — Veio a resposta, abafada pela panqueca.

Dali a pouco mais de dois meses. Se eu estava entendendo certo o conceito de *férias* do Edison e se ele pretendia ficar conosco até partir para sua turnê, isso significaria uma "visita" terrivelmente longa, mas não chegava a desenhar uma elipse. Teríamos apenas que ir até o fim sem que todas as pessoas da família engordassem mais de 20 kg.

— Pelo que vejo, você não está mantendo um apartamento no momento — comentei, hesitante. — Então onde estão as suas coisas? O seu piano?

— Num depósito. — Essa resposta também veio carregada de gotas de chocolate. — Estou vivendo uma crise clássica de fluxo de caixa, sabe como é. Vêm aí os direitos autorais da Steeple Chase. E há muito trabalho à vista, é claro. Por isso, hmmm — limpou a calda da boca —, você sabe... Agradeço pelo pequeno empréstimo.

— Ah, sem problemas! — Tinha sido difícil para ele dizer aquilo. — E, se você precisar...

— Bem, pois é, já que você tocou no assunto... um pouco de grana, sabe como é, para despesas miúdas...

— É claro, é só me dizer... — As crianças estavam em seus computadores, mas podiam escutar. Eu não queria deixar meu irmão sem graça. — Hoje você me fala, mais tarde.

Por mais que me agradasse emprestar-lhe o valor que ele precisasse para sair do aperto, eu nunca havia estado na posição parental de dar mesada ao meu irmão mais velho. Edison sempre fora o grande gastador. Nas minhas visitas a Nova York, nunca me deixava pagar nada, colocava-me na lista de convidados das suas apresentações e me seduzia a ir a umas espeluncas com couvert artístico grátis, porque ele era conhecido e saía exibindo notas de

cem a garçons e motoristas de táxi. Sendo eu agora a pessoa de recursos, senti uma perda que devia ser mútua. Ele tinha gostado de ser o grande gastador. Gostara de ser meu protetor. Eu também.

Mas o que me incomodou, enquanto eu esfregava o fogão para tirar as gotas queimadas de massa, não foi fazer um "empréstimo" ao Edison. Até então, ninguém, nem mesmo o meu enteado impolítico, havia enfrentado as dimensões do meu irmão. Eu mesma não havia aludido uma só vez ao peso dele, cara a cara, e por isso me sentia ligeiramente maluca. Quer dizer, eu tinha ido buscá-lo no aeroporto e ele estava tão... tão GORDO que eu olhara direto para ele e não havia reconhecido meu próprio irmão, e agora, todos agíamos como se isso fosse perfeitamente normal. O decoro, o desvio do olhar durante a conversa, aquilo fazia com que me sentisse falsa e mentirosa, e a diplomacia parecia uma cumplicidade. Ainda agora, para passarmos uma manhã juntos num clima descontraído, eu tinha consumido no desjejum cinco vezes mais que o de praxe, e o nosso empanturramento, meu e de Tanner, havia proporcionado um disfarce para Edison comer muito mais. O tal clichê de *não mencionar o elefante na sala* estava assumindo uma feição literal.

Capítulo Seis

Edison se melindrava com qualquer sugestão de que houvesse tirado a ideia de ser pianista de jazz de Caleb Fields. Por mim, nunca pude me lembrar se meu irmão havia começado a estudar piano com um famoso músico negro da velha guarda, na South Central de Los Angeles (*não* em Melrose — nosso motorista guardava segredo sobre o perigoso endereço de Jack Washington na frente dos nossos pais, e eu também), antes ou depois de ir ao ar a primeira temporada de *Guarda compartilhada*. Travis sempre acreditou que Edison estava competindo com um personagem de televisão e continuava a implicar com o filho primogênito por tentar imitar as ambições de uma pessoa fictícia — imputação que era uma piada, já que os filhos ficcionais do nosso pai sempre pareceram mais reais para ele do que seus próprios filhos.

Travis chamava o seriado de "programa cult", mas, se era assim, o culto compunha-se exatamente de uma pessoa. Na verdade, *Guarda compartilhada* não foi um desses programas icônicos, como *Jornada nas estrelas*, que depois rendiam direitos autorais generosos a cada reapresentação. A mulher do aeroporto, por exemplo: ela não devia ter sido "fã" de *Guarda compartilhada*. Simplesmente assistira ao seriado. Eu não era sentimentalista quanto à maior parte das porcarias diante das quais ficáramos sentados na juventude, embora me envergonhasse admitir que eu ainda sabia cantarolar o tema musical de *O jogo perigoso do amor* e que continuava a alimentar uma paixonite nostálgica pelo falecido Bob Crane.

Chamar a concepção de "inovadora" dera demasiado crédito ao programa, porém os produtores tinham realmente feito o dever de casa. Vejamos os seus precursores. *O homem do rifle*: um fazendeiro viúvo luta para criar um filho que tem um impulso "tourettesiano" de gritar "Pai!" em qualquer oportunidade. *Um caso de família*: um viúvo cria dois pirralhos insuportáveis,

com a ajuda de um mordomo inglês pomposo e sem graça. *Meus três filhos*: um engenheiro aeronáutico viúvo, com três filhos, finalmente volta a se casar após dez temporadas — desposando mais uma pobre vítima da mortalidade conjugal. *Flipper*: os desempenhos de um pai viúvo e dois filhos são ofuscados por um golfinho. *The Andy Griffith Show*: um xerife viúvo, que cria sozinho o seu filho, convence a maioria dos habitantes da Carolina do Norte de que realmente existe uma cidade chamada Mayberry. *A Família Buscapé*: um caipira viúvo ganha um dinheirão com um *óleo borbulhante... quer dizer, petróleo... ouro negro! Bonanza*: um patriarca tem um rancho em Nevada com três filhos adultos, nascidos de três mães diferentes, todas mortas. *A Família Sol-Lá-Si-Dó*: um viúvo e (ao que se presume com displicência) uma viúva, cada um com três filhos, sabem que *é muito mais que um palpite* que o próximo programa sobre famílias viverá para sempre, com reprises em emissoras independentes, para especial indignação de Travis. *Papai precisa casar*: um garotinho briguento, chamado Eddie, procura arranjar uma esposa para o pai viúvo, cuja denominação de "Pai do Sr. Eddie" pela empregada japonesa continuaria a soar encantadora, na opinião dos roteiristas, mesmo depois de ter sido repetida oitocentas vezes.

Qualquer extraterrestre que captasse as ondas de transmissão emanadas dos Estados Unidos na década de 1960 e início da de 1970 concluiria que nossa espécie era muito parecida com os salmões, e que, depois de gerarem seus filhotes, as fêmeas não tinham mais nenhuma serventia na natureza e expiravam prontamente. Por outro lado, quando se incluíam as viúvas que estrelavam *The Lucy Show*, *Petticoat Junction*, *The Big Valley*, *A Família Dó-Ré-Mi*, *Julia* e *The Doris Day Show*, os machos casados também não chegavam propriamente a prosperar.

Portanto, os produtores de *Guarda compartilhada* fizeram uma cruzada. Quase metade dos casamentos norte-americanos terminava em divórcio, e não refletir essa realidade na televisão era hipocrisia. (No episódio-piloto da *Família Sol-Lá-Si-Dó*, a mãe, Carol, era divorciada, mas a rede vetou a ideia; os roteiros posteriores nunca mencionaram como o casamento havia acabado. O público telespectador aprovou em massa a omissão da indústria. Apenas um programa concorrente chegou a ter uma desculpa: *Oito é demais*, no qual um colunista de jornal com oito filhos perde a mulher após quatro episódios.

A atriz que interpretava a mulher morreu mesmo, na vida real, depois de quatro episódios.) Pior que isso, diziam os produtores, essa imagem equivocada era um desserviço para as legiões de crianças cujos pais haviam se separado e que mereciam assistir a programas em que se batalhasse com problemas de famílias desfeitas como as delas. Agora que os seriados de TV compactam em meia hora todos os gays, travestis, meios-irmãos e terceiros casamentos que conseguem reunir, isso virou coisa batida, mas era radical em 1974. Infelizmente, convencer o meu pai de que o fato de ele se tornar um astro de TV prestava um serviço público ao país não beneficiou o seu caráter, além de tê-lo tornado inflexível. Quando surgiu *One Day at a Time*, no qual a atriz Bonnie Franklin era abertamente divorciada, ele se ressentiu e acusou os produtores de haverem roubado sua ideia. Foi-se a sua defesa do realismo social.

Em retrospectiva, *Guarda compartilhada* de fato formou um conduto cultural entre os crédulos anos 1960 e os impiedosos e pragmáticos 1980. A premissa era que a mãe, Mimi (interpretada por Joy Markle), tinha se cansado daquela história de hippies, largado o marido idealista, Emory Fields, voltado a usar seu sobrenome de solteira, Barnes, e se integrado ao sistema dominante com um escritório de advocacia especializado em direito de família, em Portland (o programa começava com umas panorâmicas da ponte Fremont, mas era filmado em Burbank). Preso ao passado, Emory é um guerreiro da ecologia que vive numa cabana que ele mesmo construiu, na Cordilheira das Cascatas, sem água corrente nem eletricidade e com apenas um banheiro externo. O papel talvez pareça acertar na mosca em matéria de antevisão, considerando as obsessões mais recentes como a preservação ambiental e a mudança climática, mas os roteiros não simpatizavam realmente com a insistência de Emory em fazer tudo da maneira mais difícil. Há um episódio em que Mimi se aflige com o fato de que a ênfase exclusiva do ex-marido em não esgotar os recursos naturais e não poluir o meio ambiente incentiva as crianças a crerem que "o máximo a que elas podem ter esperança de aspirar é serem inofensivas".

Em geral, porém, o seriado dizia respeito a três crianças às voltas com o terreno complicado de pais que se odeiam, e também com os esforços logísticos de se alternar entre duas casas, dados os arranjos legais epônimos.

Mimi é autoritária e se preocupa menos com a expressão criativa dos filhos do que com as perspectivas de carreira dos três. Emory defende a realização contracultural e, muitas vezes, sua permissividade faz as crianças se meterem em encrencas. Tudo isso poderia ter funcionado, só que dois dos três filhos *tinham* que ser prodígios.

Ah, essa era apenas uma das razões pelas quais tanto detestávamos aqueles dois. Mas o talento ficcional é banal, como as façanhas atléticas provenientes de esteroides. Um roteirista pode inserir meia dúzia de expressões estrangeiras no diálogo e pronto, seu personagem torna-se fluente em oito línguas. Sinclair Vanpelt interpretava um precoce pianista de jazz sem dominar sequer um acorde de sétima menor. Quanto à razão da escolha do jazz, todo garoto queria ser estrela de rock em 1974, e a equipe que desenvolveu o piloto quis que Caleb Fields buscasse o caminho menos trilhado. Mas, entre a concepção de Caleb Fields como um garoto superavançado e o fato de esse próprio gênero ainda estar só começando a acontecer no início dos anos 1970, é possível que Edison tenha ficado com a impressão distorcida de que o jazz seria o caminho lógico para ver seu nome nos letreiros luminosos. Talvez isso explicasse a amargura de suas diatribes sobre a marginalização do gênero e sobre a ridícula lasca de parcela do mercado que ele e seus colegas dominavam — "a maior parte da qual é da Norah Jones".

Com quatorze anos na primeira temporada, Caleb era o rebelde dos três, levando toda uma vida paralela como músico de jazz em boates obscuras da Cidade Velha e do bairro de Pearl, onde tinha que manter sua situação na surdina. O primogênito não tinha paciência com o pai nem com a mãe, e os telespectadores adolescentes se identificavam com sua ambição impetuosa de abandonar os dois. Ele usava um chapéu de copa chata e aba mole e suéter preto de gola rulê, e um problema constante do seriado era o garoto haver começado a fumar. Quanto ao próprio Sinclair, ele tinha uma figura esguia e desengonçada que lembrava a de Edison — ao menos naqueles tempos —, e os dois eram similarmente bonitos. O cabelo de Sinclair era castanho, o de Edison, louro-escuro, mas a cabeleira de ambos tendia a se cachear, e havia uma semelhança que meu irmão teria dificuldade de negar: no cabelo meio

comprido, que ficava elétrico na umidade, ele havia adotado um corte igualzinho ao de Caleb Fields por toda sua vida.

No mais, Sinclair era um esnobe arrogante que grudava no nosso pai, feito um amigo íntimo, toda vez que Edison e eu estávamos por perto durante os ensaios, marginalizando-nos na condição de meros extras. Tenho uma vívida lembrança do dia em que Sinclair registrou o fato de que Travis/Emory tinha um filho de verdade, quase da idade dele. Edison e eu estávamos zanzando pelos bastidores do estúdio porque nossa família deveria ir a um piquenique da NBC, no Parque Griffith, depois da gravação. Entre uma tomada e outra, Edison meteu-se a demonstrar a Sinclair como tocar corretamente com as mãos cruzadas — e confirmou, àquela altura, que, sim, *sabia* do que estava falando: ora vejam só, o filho da vida real estava estudando piano jazzístico na vida real. "Puxa, isso é... *muito engraçado*!", exclamou Sinclair, cuja sonora gargalhada viria a garantir a inimizade de Edison pelo resto da vida. Mas nem a condescendência maldosa de Sinclair nem o seu ar afetado de tédio o ajudaram muito quando o programa foi cancelado e ele não conseguiu voltar a ser escolhido para nenhum outro papel de destaque. (Apareceu uma vez como ator convidado em *Um caso de família*, mas ser obviamente gay só veio a se converter numa vantagem em meados da década de 1990, quando ele já tinha um aspecto dissoluto e estava meio careca.)

Teensy, a caçula, tinha apenas quatro anos na primeira temporada, e era um gênio da *matemática*. Acho impressionante que uma atriz tão pequena soubesse desfiar todos aqueles números, no estilo *idiot savant*, porque os roteiristas eram cheios de exigências sobre a correção das respostas de calculadora humana que ela dava a equações de múltiplos números. Mas seria uma surpresa se a própria Tiffany Kite houvesse finalmente dominado a tabuada de multiplicar quando o programa acabou, oito anos depois. A menina tinha cachinhos pretos e os olhos castanhos e expressivos de uma refugiada. Para minha consternação pessoal, só fez tornar-se mais bonita à medida que foi ficando mais velha, e assim, é claro, com mais jeito de princesa. No programa, Teensy era um gênio espevitado, mas ainda era uma garotinha, e fizeram um episódio inteiro sobre sua recusa fóbica em usar o banheiro externo do pai: quando estava com ele, Teensy recusava-se a ir ao

banheiro e, ao voltar para a casa da mãe, Mimi sempre tinha que dar laxantes à pobre menina.

E havia ainda Maple, o único personagem tridimensional do seriado — a criança que sempre transmitia recados entre os pais em guerra e ia editando o conteúdo no caminho ("O seu pai disse *mesmo* isso?", "A sua mãe *realmente* falou assim?"). Como apenas essa filha do meio não era dotada de poderes mágicos, Maple era efetivamente agradável. Espremida entre dois monopolizadores da atenção, ambos com alta capacidade de provocar assombro, ela não tinha nenhum dom celestial e não fazia ideia do que queria ser quando crescesse. Assim, ouvi em algumas ocasiões as pessoas da época rotularem qualquer mulher conscienciosa e digna, porém sem maior distinção, ignorada por todos e às vezes explorada, com a frase "Sabe, ela é uma perfeita Maple Fields". Na frente e atrás das câmeras, Floy Newport tinha uma beleza despretensiosa, do tipo que Los Angeles sempre desconsidera. Maple Fields era o único personagem de *Guarda compartilhada* que Edison quase nunca mencionava.

Eu ainda me sentia em conflito quanto ao programa do nosso pai. Naturalmente, Edison e eu havíamos transformado a ridicularização do seriado num esporte da vida inteira, mas a ridicularização externa era outra história. Pressionada por Tanner e Cody, eu havia cedido uns dois anos antes e encomendado todas as oito temporadas em DVD. Habituada à produção mais refinada da HBO, a gente esquece como a televisão era tosca, óbvia e afetada, além de inferior em termos técnicos; naturalmente, eu me lembrava dos cenários como cenários, mas eles também pareceram cenários a Tanner e Cody, que mal conseguiram acreditar que o seriado pudesse ser tão "careta". Fiquei desconcertada. Tentei rir com eles, mas não consegui e guardei os DVDs antes de terminarmos a primeira temporada.

Pelo menos para mim, a visão de Travis tinha sido uma revelação, já que é sempre uma revelação ver imagens dos nossos pais quando mais jovens do que somos hoje. De repente, toda a segurança e a autoridade que lhes atribuíamos cai por terra, e esses vislumbres de ícones agigantados como gente comum e perdida, sem nenhum mapa do caminho, sem acesso especial à verdade, à justiça ou ao que quer que seja... bem, a rigor, essas epifanias são ternas e doces e assustadoras, tudo ao mesmo tempo. Cheguei até a me

abrandar brevemente, achando que talvez Edison e eu tivéssemos sido muito duros com Travis. Estava longe de ser um escândalo que ele se enganasse a respeito de quanto ainda era bonito, ou que exagerasse sua importância, como a maioria das pessoas. Outra revelação: embora nosso pai se orgulhasse de sua sofisticação, ficou claro que fora com a sua presença saudável de interiorano que o diretor de elenco tinha se encantado; Travis Appaloosa encenava o papel, mas tinha sido Hugh Halfdanarson quem o havia conseguido. Originalmente, na verdade, Travis fizera um teste para *Apple's Way*, seriado em que um pai abandona a rotina de correria insana de Los Angeles, volta para sua cidade natal em Iowa e descobre ser traumática a transição do refinado para o caipira. Mas Travis não tinha o ar de peixe fora d'água que eles estavam procurando. Em Iowa, no que concernia aos produtores, ele se encaixava perfeitamente.

O único aspecto do programa do papai que eu ainda admirava era sua representação de como os irmãos viviam num mundo separado do mundo dos pais, que funcionavam para os filhos apenas fazendo escada. *Guarda compartilhada* captava a cumplicidade intensa e delicada entre os irmãos enquanto Mimi e Emory eram feitos de bobos. Envergonhados, muitas vezes, de puxar a lealdade dos filhos em direções opostas, os pais não captavam o que era a salvação das crianças: sua suprema lealdade uns aos outros.

Na medida em que intuiu a ferocidade do apego mútuo que levara Edison e eu a atravessarmos intactos a nossa infância, meu marido ressentiu-se desse afeto. Não acho que tenha se ressentido por causa do nosso casamento; quando Edison chegou pela primeira vez à Alameda Solomon, eu ainda era da opinião de que ser uma irmã dedicada não fazia nenhuma incursão implícita na minha dedicação de esposa. Mas, como filho único, Fletcher deve ter invejado essa intimidade por sua própria causa. Se o sujeito não tem um irmão ou irmã para separar bem os lados, ele fica atolado com seus responsáveis, numa aliança que o transforma num traidor, no seu próprio dedo-duro, com o psiquismo esquizoide de um agente duplo. Edison e eu dedurávamos um ao outro de vez em quando, mas esses eram ataques estratégicos isolados na complexa política da sala de recreação, sobre a qual nossos pais não sabiam coisa alguma. Usávamos mamãe e papai como armas

na nossa relação muito mais central um com o outro. Com Tanner e Cody, eu certamente procurava nunca me esquecer: os filhos conhecem os seus segredos. Você não sabe os deles.

Ironicamente, considerando-se a agitação ostensiva do seriado, nossa própria família, quando eu tinha treze anos, deu uma guinada para o antigo clichê da rede. Um dia, cheguei da escola e encontrei ninguém menos do que Joy Markle me aguardando. Em retrospectiva, a escolha de Travis ao eleger sua coestrela para transmitir a notícia — com a implicação de que, agora, a falsa mãe havia substituído a verdadeira — foi de mau gosto.

Quando Joy não estava fazendo o papel de Mimi, seu cabelo louro-metálico não ficava preso naquele coque que era uma metáfora da severidade e devia lhe causar dor no couro cabeludo. Suponho que fosse bonita, embora não muito, e ela procurava compensar essa carência quando representava a si mesma — e, como muitas das pessoas em cuja proximidade cresci, Joy Markle realmente desempenhava o papel dela própria — com uma insinuação de devassidão, expondo a renda dos sutiãs muito antes de essa prática virar moda. Naquela tarde, ela usava um vestido muito decotado, de um lastimável escarlate — que até rima com *biscate* —, e, quando se agachou para falar comigo, percebi que havia algo errado. Eu não era tão mais baixa que ela, e aquele impulso de se ajoelhar diante da pobre menininha só podia estar a serviço do melodrama.

Travis estava no hospital, desempenhando à perfeição o seu próprio papel, embora não houvesse deixado de ser afetado, muito pelo contrário. E deve ser uma experiência exasperante passar anos a fio gesticulando profissionalmente para expressar emoções e acabar sendo assaltado pela ineloquência esfarrapada e sem arte da coisa real.

Edison e eu ficamos com versões conflitantes, porque meu irmão se achava esperto enquanto eu me julgava crédula. Assim, ele afirmou fazer anos que sabia que Travis e Joy vinham tendo um caso enquanto sustentei que nenhum de nós tinha percebido nada, até Travis começar a se encontrar abertamente com ela, depois da morte da mamãe. (O romance não durou. Muitas aventuras amorosas degringolam quando não há ninguém a quem trair, como um banco de três pés cuja sustentação seja reduzida a dois. Eles precisavam da minha meiga e crédula mãe, vinda lá de Ohio, para que seus

embustes por demais previsíveis na indústria do espetáculo tivessem alguma graça. Mas o rompimento posterior de Travis e Joy acrescentou um azedume sincero a suas interpretações de Emory e Mimi, o que fez com que as duas últimas temporadas fossem as melhores da série.) Havia apenas uma razão para eu me importar com a ideia de meu irmão sempre ter sabido dos namoros do papai: se era assim, eu não suportava a ideia de ele não ter contado *a mim*.

Criada em Oberlin, nossa mãe, com sua beleza delicada, vinha de uma sólida família industrial de certa posição; seu pai editou o jornal local por décadas. Quando ela conheceu Hugh, num show equestre regional em Dubuque, duvido que tenha levado a sério as aspirações dele de ser ator, presumindo que ele logo deixaria de lado seu castelo de areia para cuidar da fazenda dos pais. Afinal, uma vida de tortas esfriando nas janelas e alívio pela chegada da tão esperada chuva cairiam bem para ela. Faz muito tempo que mamãe é um parâmetro de autenticidade para mim, e minha migração para o Meio-Oeste foi uma espécie de homenagem a ela.

No entanto, nas recepções de Los Angeles, ela não sabia o que vestir, e certa vez me confidenciou que passou muitas dessas reuniões regadas a bebidas trancada num banheiro enquanto outros convidados mexiam na porta e acabavam indo embora. Detestando os novos amigos do marido, pomposos e ávidos para se promover, Magnolia Halfdanarson chorava escondida toda vez que renovavam *Guarda compartilhada* por mais uma temporada. (Ela só se dizia "Appaloosa" em público, para agradar papai; seus talões de cheque traziam impresso o sobrenome do homem com quem ela julgava ter se casado.) Assim, talvez ela se sentisse deprimida e, nesse caso, a situação devia ter piorado depois do nascimento de Solstice, três anos antes. Mas eu só tivera aquela mãe; como podia saber se era ou não era normal uma mãe que dormia tardes inteiras? Do mesmo modo, não se podia esperar que eu soubesse a diferença entre deprimida por déficit de serotonina e deprimida por boas razões. Se a questão era se ela sabia que Travis a estava traindo, é provável que a resposta fosse sim, até porque a resposta a essa pergunta é quase sempre sim.

Edison acabou exultando por ter uma mãe que se matara, o que soava bem nas boates de jazz de Nova York. Lembre-se, era ele quem usava o chamativo

Appaloosa, um sobrenome — até para quem nunca havia recebido uma lavagem cerebral que lhe conferisse legitimidade, todas as quartas-feiras às nove da noite — que ainda estava fadado a arquear sobrancelhas, por não ser um sobrenome convincente, e sim uma raça de cavalos. Sem a ânsia de me diferenciar por uma biografia que chamasse a atenção, nunca pensei na morte dela como suicídio. Apesar de obviamente arrasada por tê-la perdido tão jovem, eu não considerava que perder a mãe por causas naturais fosse um desapontamento narrativo, muito menos um insulto pessoal.

Ela estava parada no cruzamento do bulevar Foothill com a Avenida Woodland e desceu do meio-fio. Foi só isso, ainda que, uma fração de segundo depois, tenha passado em alta velocidade um caminhão de entrega da UPS.

Para Edison, mamãe avistou o caminhão e se entregou de propósito ao para-choque dele, numa variação do atirar-se de uma ponte. Magnolia tinha se desesperado com a traição do marido, portanto a perda de nossa mãe tímida e cativante, na nossa adolescência, tinha sido culpa do Travis. Fazia muito tempo que essa interpretação simples e duradoura servia de esteio para a opinião preconcebida do meu irmão: a de que Travis era um babaca.

Se eram poucas as minhas opiniões, eu realmente me apegava a algumas — como a visão de que fatos e crenças não são a mesma coisa, e de que a maioria das pessoas os confunde. Quando uma mãe morre, a gente quer que essa perda signifique alguma coisa, para resgatar o luto da sua versão mais pura e intolerável, na qual só existe perda, sem compensação alguma, sem nada que levar para viagem. Movidas por esse desejo, se não de uma moral, ao menos de uma acusação, como uma espécie de símbolo da mortalidade, até pessoas comumente honradas reconfiguram a distorção da verdade numa forma que tenha estilo. Em contraste, era assim que *eu* fazia a reconstrução:

Centenas, se não milhares de vezes por dia, tomamos pequenas decisões rudimentares enquanto pensamos em outra coisa. Ao subir os degraus da nossa varanda da frente, nunca penso "levante a perna direita, estabeleça um apoio firme, levante o calcanhar esquerdo e suba". Não, o provável é que eu esteja lutando com a ideia de poder ou não pôr um pouquinho de creme azedo no nosso ensopado do jantar, sem que Fletcher note. Não sou neurologista, mas deve haver uma parte vigilante do cérebro que executa

nossas tarefas rotineiras e libera o resto da cabeça para refletirmos sobre os reveladores efeitos de tom pastel dos laticínios.

Se assim é, a parte vigilante não é perfeita. Eu mesma já experimentei um bom número de vezes aqueles instantes em que o vigia dá uma piscadela, como uma gravação digital com defeito. Em que a própria parte que deixa o resto da cabeça distrair-se se distrai.

Minha mãe desceu de um meio-fio. Era uma boa mãe, num sentido tradicional, e havia inculcado nos filhos a importância de olhar para os dois lados. Dessa vez, ela não olhou.

Pode-se dizer que isso me deixou com uma perda pura e, sendo assim, insuportável. Mas tirei alguma coisa do destino de Magnolia. Uma tarde, aos vinte e poucos anos, eu seguia de bicicleta por uma rua deserta de mão dupla em New Holland, quando me estatelei em cheio num carro estacionado. Ao me levantar e examinar o quadro entortado da bicicleta, pensei na minha mãe. O que tirei do momento de desatenção dela foi uma gratidão incrédula, por eu não viver enfiando minha bicicleta em carros estacionados. Por ter passado décadas inventando receitas de molhos, temendo, cheia de culpa, as visitas iminentes de Solstice, ou criando frases para o boneco de corda do meu marido enquanto fazia negociações incalculavelmente numerosas e cruciais para lidar com este mundo perigoso, e ainda não havia morrido.

Para mim, era o que bastava. Mas algo tão insignificante quanto a gratidão pela competência do cérebro humano na realização de tarefas múltiplas, durante 99,9% do tempo, nunca seria o bastante para Edison, para quem a trama sempre tinha que vir em letras grandes. Talvez pareça exagero, mas, para mim, era tudo a mesma coisa: o apetite dele por pãezinhos de canela e o suicídio, sua insistência em construir a vida em moldes tão dramáticos que esse pensar grande tinha-se manifestado nas proporções do seu corpo. Se o peso do meu irmão era sintoma de alguma coisa errada, também era o emblema de uma vaidade. Edison não era do tipo que se submetesse aos azares da vida com uma pancinha. Ruiria no mesmo estilo com que havia arquitetado seu sucesso: em escala grandiosa.

Capítulo Sete

Nos dez dias seguintes, ofereci-me várias vezes para mostrar a Baby Monotonous ao Edison, mas ele sempre dava uma desculpa, dizendo que tinha que ver alguma entrevista sobre jazz na internet. No fim, acabei mesmo tendo que insistir. Se a *Vanity Fair* e a *Forbes* se interessavam pela minha empresa, meu próprio irmão poderia expressar uma pequena curiosidade sobre o que eu fazia para ganhar a vida.

Edison andava dormindo até tarde, então me programei para voltar em casa depois do almoço e levá-lo até o escritório. Afora o preparo de refeições — uma questão grande o bastante para ser adiada, por enquanto —, eu não sabia o que o meu irmão aprontava enquanto eu estava no trabalho. Acho que passava boa parte do tempo navegando na internet, o grande matador de tempo que havia substituído a televisão, conspicuamente passiva, por sua ilusão sedutora de produtividade — embora Fletcher me dissesse que lá do porão também podia ouvir o matraquear da televisão por horas a fio. O que Fletcher *não* ouvia, a não ser que Cody estivesse praticando "Bridge Over Troubled Water", era o piano.

Talvez eu exagerasse a ênfase que dava ao valor de me manter ocupada e devesse ter aprendido a relaxar mais, porém achava inquietante que fosse possível, especialmente com a ajuda de engenhocas eletrônicas, alguém passar tempo e mais tempo e mais tempo sem fazer absolutamente nada. Eu gostava de imaginar que era incapaz de não fazer nada durante tardes inteiras, mas talvez o que me perturbava fosse *ser* capaz disso. Eu temia que a gente pudesse logo pegar o jeito da coisa, e agora ela espreitava em minha casa, à espera de que eu a apanhasse como um resfriado no inverno.

Quando voltei à Alameda Solomon para levar Edison à sede da minha empresa, lá pelas quatro da tarde, encontrei-o cara a cara com Fletcher na

cozinha, cercado por mantimentos em todas as bancadas. O rosto do meu irmão estava vermelho. Ele bufava e mantinha as mãos estendidas à frente da calça jeans, como quem fosse sacar depressa as armas. Fletcher postava-se do outro lado, rígido, a expressão fria como aço. Se aquilo era um duelo, meu marido era o xerife e meu irmão, o fora da lei.

— Edison, você está pronto? — perguntei.

— Pode apostar — disse ele, em tom ríspido, estreitando os olhos.

Examinei as bancadas, cobertas por pilhas de tortilhas, torresmos, carne enlatada com molho chili, croissants, refrigerantes, biscoitos com recheio de creme, pasteizinhos congelados com recheio napolitano, batatas fritas congeladas e bolos de café. Com certeza eu ouviria falar do assunto no carro, mas, ao dar uma olhada nos produtos que precisavam de refrigeração — três pacotes de manteiga, mozarela defumada e dois *litros* de leite cremoso —, deu para inferir o grosso da história.

— Você se importa se eu levar a sua picape? — perguntei ao Fletcher, aflita para cair fora dali. Não queria tomar partidos. — Acho que Edison fica mais confortável nela.

— Vá em frente. Ele já a usou para trazer para nossa casa metade do veneno que havia no Hy-Vee.

Edison pegou os torresmos, apanhou a jaqueta e saiu encurvado pela porta. Depois de escalar com dificuldade o banco do carona, puxou o cinto de segurança até a extensão máxima enquanto eu recolhia uns sessenta centímetros de tira frouxa do cinto do motorista. Ele cruzou os braços e triplicou o queixo, ao encostá-lo na clavícula. Fechando a cara, espremeu os olhos a ponto de transformá-los em dois risquinhos. Seu eu mais íntimo enrolou-se numa bola densa, no meio de um vasto espaço de gordura protetora; intuí que ele não conseguia encolher-se o bastante nem criar um perímetro defensivo suficientemente amplo para se sentir a uma distância segura das forças hostis. Como para demonstrar que, a título de pura proteção, mal podia esperar para ficar ainda mais gordo, quando dei marcha a ré na garagem ele já tinha aberto o pacote de torresmos, os quais enfiava pelo portal rígido dos lábios espremidos, mastigando com espírito de represália aqueles salgadinhos com textura de espuma isolante. Perguntei-me se ele se dava conta de que o objeto da sua retaliação era ele mesmo.

Não falamos nada até ele terminar o pacote.

— Não leve para o lado pessoal — resmungou ele, amassando o celofane —, mas o seu marido é um pentelho.

— O que ele disse?

— Não vou repetir.

Imaginei meu marido escolhendo com cuidado as palavras. Era isso que tornava tão contundentes as suas raras invectivas: ele não perdia a calma. Eu sabia quanto tempo podia durar um insulto escolhido à perfeição — como ser chamada de *esfregão ressabiado* na Escola Secundária Verdugo Hills, ocasião em que o fato de eu ter respondido num resmungo que "isso é uma metáfora confusa" só havia me rotulado mais conclusivamente de palerma.

— Vocês tiveram um desentendimento, presumo — comentei. — Por causa da comida.

— Eu estava sendo *prestativo*. Tentando dar uma ajuda de peso.

Esperei que se dissipasse o seu constrangimento pela escolha daquela expressão.

— Você sabe que ele tem opiniões muito claras sobre comida.

— Quem não tem? Ninguém está mandando o cara comer a minha comida.

— Imagino — falei, com delicadeza — que o problema tenha sido as crianças, não é?

— Eles são adolescentes. Se não comerem nada além de farelo de grão-de-bico, vão ficar rondando o McDonald's. Caramba, Fletch não era um fascista da comida na última vez em que estive aqui. O que aconteceu?

— Bem... a nossa cozinha costumava ficar abarrotada de sobras da Breadbasket: tabuleiros com bolo de sementes de papoula, ou grandes sacos ziploc com salada de batatas, que tínhamos de comer ou jogar fora. Isso é uma espécie de armadilha para quem faz parte da escola do não desperdício.

— E a sua comida é boa para cacete — disse Edison.

— Obrigada. Mas isso também é uma armadilha.

— Tem uma porção de perigos na salada de batata.

— Pois é, a gente se pergunta se houve alguma época em que as pessoas simplesmente comiam alguma coisa e tocavam a vida. Toda vez que abro a geladeira, tenho a sensação de estar olhando para uma biblioteca refrigerada

de livros de autoajuda. Mas enfim, quando Fletcher percebeu que as sobras estavam surtindo o efeito previsível, ficou meio apavorado. Você precisa entender uma coisa: a primeira mulher dele se viciou feio em cristais de metanfetamina. Foi por isso que ele conseguiu a guarda do Tanner e da Cody. Primeiro ela começou a cheirar cristal para emagrecer. Mas não demorou muito para deixar os filhos largados, sem assistência, e a sumir por dias a fio. Perdeu vários dentes... Ficou com uma porção de feridas, que ela coçava e que infeccionavam... Depois, quando o barato terminava, só conseguia dormir. A espiral inteira... foi muito traumático. E deixou Fletcher com mania de controle.

— Não se fica daquele jeito numa tarde. Esse cara — resmungou Edison — sempre teve "mania de controle".

— A índole dele tem essa propensão — admiti. — Mas, enfim, quando ele resolveu perder uns quilos, essa obsessão com o preparo físico e a nutrição virou uma bola de neve. Enquanto isso, Tanner nunca deixa os amigos esquecerem que a *verdadeira* mãe dele é viciada em drogas. Igualzinho a você, que vive se gabando de que a mamãe se matou. Isso faz Tanner se sentir mais sinistro e complexo.

— Cara, este não é o Iowa em que vínhamos visitar nossos avós.

— Não, surgiu um lado obscuro bem perverso no estado — concordei, embora a paisagem inocente da janela não desse a menor ideia disso. Nos milharais arados, tufos de folhelho afofavam as leiras. Os currais de engorda cheiravam a animais saudáveis. Silos fotogênicos erguiam-se feito espetos no horizonte plano. — Iowa passou a ter um enorme problema com o cristal de metanfetamina.

— Mexicanos — supôs Edison.

— Só no começo. Você pode comprar todos os ingredientes no Walmart, menos um tipo de amônia que é usado nas fazendas como fertilizante. Por isso, agora a droga pode ser cultivada dentro de casa, junto com os tomates e pimentões. O que é pior. O produto caseiro é mais puro. O *gelo* do México...

Edison riu.

— *Gelo!* Não achei que a minha irmãzinha do Meio-Oeste estivesse por dentro do jargão dos usuários.

— Neste estado, as vovozinhas do Medicare estão *por dentro do jargão dos usuários*. Os lavradores usam metanfetamina para ficar acordados, como quando têm que varar a noite fazendo a colheita. Os caminhoneiros fazem a mesma coisa. Chamam a droga de "ração avícola de alta velocidade". E, por ela queimar toda essa energia, por aqui a metanfetamina é um problema de dona de casa. Uma droga dietética.

— *Talvez* eu entenda por que ter uma ex que se viciou em cristal torne o sujeito mais conservador — disse Edison, tornando a cruzar os braços. — Mas aquele cara não tem motivo algum para *me* destratar.

Por mais abrupta que tivesse sido a forma, Fletcher devia finalmente ter feito uma referência direta ao assunto que eu evitava desde a chegada do meu irmão. Eu estava cansada de me sentir uma covarde. Achava que o meu tato era uma gentileza, mas talvez estivesse simplesmente tentando facilitar a minha própria vida.

— Escute... — comecei, concentrando o olhar na rua — ainda não falamos sobre isso, mas não pude deixar de notar... que desde a última vez que o vi... você está um pouco mais pesado.

Edison deu um tapa no joelho e apupou:

— "Oh, Sr. Quasímodo, *não pude deixar de notar* que o senhor é *um pouco* corcunda." "Perdão, Sr. Lobisomem, *não pude deixar de notar* que o senhor é *um pouco* peludo." Acho que você deve ter finalmente "notado" que o Edifício Empire State é *um pouquinho* alto, que o sol é *ligeiramente* brilhante e que a Terra é *um tiquinho* arredondada.

Também ri, ao menos de alívio.

— Está bem! Está bem! Eu não sabia como tocar no assunto.

— Que tal "ei, mano, você está gordo para caramba"? Acha que não sei que estou gordo? Também fazem espelhos em Nova York, sabia?

— Tudo bem. — Afrouxei um pouco as mãos no volante. — Quando pus os olhos em você no aeroporto, fiquei perplexa. Na verdade, ainda estou perplexa. Não consigo entender como você pode ter engordado tanto em tão poucos anos.

— Experimente você mesma qualquer dia desses. Não é muito difícil.

Ele tinha razão. Acrescente quatro pães de canela por dia a uma dieta neutra em calorias e você pode engordar quase 175 kg num único ano.

— Mas... por quê? — indaguei, timidamente.

— Dãã! Eu gosto de comer!

— Bem, todo mundo gosta.

— Então, não é nenhum grande mistério, é? Todo mundo inclui a mim, e eu gosto de comer muito.

Suspirei. Não queria deixá-lo irritado.

— Você *gostaria* de emagrecer?

— É claro, se pudesse apertar um botão.

— O que isso quer dizer?

— Que eu *gostaria* de ter dez milhões de dólares. *Gostaria* de ter uma mulher linda... outra vez, devo acrescentar. *Gostaria* da paz mundial.

— A pessoa pode controlar o peso que tem.

— Isso é o que você pensa.

— Sim. É o que eu penso.

— Você também ganhou uns quilinhos. Também *gostaria* de perdê-los?

— Sim, na verdade, gostaria.

— Então por que não perde? Ou por que não perdeu?

Franzi a testa.

— Não tenho certeza. Desde que Fletcher passou a ser tão certinho, é quase como se fosse minha tarefa ser a errada. Chegar do supermercado com uma caixa de biscoitos tem sido uma válvula de escape. Se só comêssemos broto de soja, você tem razão, perderíamos os meninos para o Burger King para sempre.

— É complicado demais aprender a pular o almoço, baby.

— Bem, talvez seja complicado.

— Pois é, e para mim é ainda mais complicado, entendeu? — Ele estava ficando irritado. — Você não consegue nem perder 15 kg enquanto eu devo perder... sei lá quantos.

— Não preciso perder *15 kg*, obrigada. Está mais para 10, no máximo.

— Não se preocupe. Se isto é uma competição, você ganha a medalha de ouro.

— Não é competição. Mas nós dois poderíamos concordar em não piorar as coisas. Já é um começo, não acha? Do jeito que você tem comido ultimamente, só vai conseguir engordar ainda mais.

— Tem só um problema: eu não ligo a mínima para essa merda.

Esse, é claro, não era um problema, e sim o problema.

* * *

Quando estacionei em frente à Baby Monotonous, Edison comentou:

— Hum. Isso tudo é seu? É bem grande.

Não era muito mais que um depósito com escritórios numa extremidade, mas era o meu depósito. Minha ideia, meus empregados: meu projeto.

— No início, eu não tinha como prever — expliquei enquanto Edison içava o corpo do carro —, mas um dos segredos do sucesso deste produto foi o fato de despertar a concorrência. Não entre companhias, mas entre os clientes. Quem tem o boneco mais inteligente. Ou o mais grosseiro. Já recebemos mais de um pedido de um Monotonous masculino que não faça nada além de arrotar, roncar, espirrar, escarrar e cuspir. Que tenha soluços e acessos de tosse. Um cliente queria que ele cheirasse mal ao soltar puns, mas isso estava fora do alcance dos nossos recursos técnicos.

Com Edison, a caminhada curta até a recepção não foi nada curta.

— E existem os pornográficos — continuei. — Primeiro precisei decidir se aceitava ou não os pedidos, mas eram tantos... Se uma mulher quer dar ao marido um boneco que vocifera "chupa meu pau, sua puta!", o que eu tenho com isso?

Apresentei Edison a Carlotta, nossa recepcionista, a quem tinha avisado que meu irmão iria passar ali para dar uma volta pela fábrica. Eu não havia adiantado mais nada e fiquei satisfeita por ela lidar tranquilamente com a falta de qualquer semelhança familiar visível.

— É um grande prazer conhecê-lo — disse Carlotta, apertando calorosamente a mão dele. — A sua irmã é a melhor patroa que alguém poderia ter. E não estou dizendo isto só para tentar ganhar um aumento.

Entrei com ele na grande área aberta, que vibrava com duas dúzias de máquinas de costura. Nas paredes havia pilhas com centenas de tecidos e, num dos cantos, um monte de sacos plásticos transparentes com enchimento de algodão.

— Todos os bonecos são feitos sob encomenda, mas seguimos certo padrão — expliquei, elevando a voz acima das máquinas e conduzindo-o às pilhas de bonecos sem roupa, sem cabelo nem feições. — Aqui você pode ver que temos três tipos básicos de corpo de ambos os sexos: magro, normal e avantajado. Três cores de tecido parecem dar conta da diferença racial. Estes nós produzimos em massa. Angela também fabrica jaquetas de brim e couro, embora geralmente acrescentemos um detalhe distintivo: um bordado, um *button* político. É dos toques personalizados que as pessoas gostam.

— Então... como é? Eles lhe mandam uma fotografia?

— Às vezes trabalhamos só com uma imagem; outros clientes mandam cinco ou seis fotos impressas. E uma lista de expressões. Recomendamos um mínimo de dez. Podemos usar até vinte, mas a poesia... sério, é uma forma de poesia... parece funcionar melhor com menos frases.

Edison franziu a testa.

— São as merdas que o cara da foto vive dizendo o tempo todo. Na vida real.

Estava claro que meu irmão não tinha lido minhas entrevistas nem olhado o meu site. Perguntei a mim mesma se aquilo me deixava magoada e fiquei maravilhada ao perceber que não. Na verdade, lamentei um pouquinho por Edison. Se eu ficasse ainda mais triste por ele, ia desmaiar.

— Isso mesmo — confirmei. — Todos nós somos repetitivos, mas certas expressões típicas viram uma espécie de marca registrada. A maioria das pessoas não tem consciência do que vive dizendo, até alguém lhes chamar a atenção para isso. As repetições são reveladoras. Nossos bonecos são caros, mas, se comparados a uma terapia, são baratíssimos.

Apresentei Edison à minha equipe. Eu me orgulhava do meu pessoal. Uma empresa com um senso de humor implícito dava margem a uma jovialidade natural, e, quando os pedidos não estavam acumulados, nós nos divertíamos. Aquelas eram pessoas agradáveis, de modo que meu impulso de proteger meu irmão dos meus empregados foi desconcertante; minhas primeiras apresentações foram maculadas por uma postura de desafio, do tipo *E daí? Está olhando o quê?*, que fez meus empregados fixarem o olhar no chão. Alguns talvez tenham lido corretamente, no meu olhar firme: *Você também não está tão magrinho(a), sabe?* Fiquei desolada ao perceber que o tamanho do

meu irmão parecia ser tudo o que as pessoas enxergavam. Tive vontade de objetar: *Mas a cabeça dele não é gorda, a alma não é gorda, o passado não é gordo, e o piano que ele toca também não é gordo*.

Só que eu não estava dando o verdadeiro crédito aos meus empregados. Você precisa dar boas razões à juventude de Iowa para ela ser indelicada, e, para dizer o mínimo, o evidente gosto por torresmo de porco fazia o meu irmão, o frequentador dos clubes da Costa Leste, parecer mais despretensioso, como uma pessoa de casa.

— Não acredite na baboseira dessa moça quando ela repete que a Monotonous vai entrar pelo cano a qualquer momento — disse Brad, o sujeito alto e magricela que inseria os mecanismos de gravação nos bonecos. — Esta empresa está indo de vento em popa. Está muito longe o dia em que as pessoas deste país vão ficar sem ter como gozar da cara de alguém.

Expliquei que Edison era pianista de jazz em Nova York.

— Quer dizer, tipo *dum-dum-dum-RIIIII-du-RII-du-du-du-dam-dam-LIRI-LIRI-dam-du-dam*? — indagou Brad, cujo recital esganiçado foi de uma cacofonia cômica.

Edison riu.

— Não, está mais para *dit. Da-dit. Da-du-dudli-du…* — E completou de improviso um verso musical de *ska* com uma batida suingada atraente, e todos aplaudiram.

— Nossa, isso foge completamente ao meu alcance! — exclamou Angela, virando pelo lado direito as mangas de uma jaqueta de brim em miniatura. — Acho que no momento você está mais é na terra de Barry Manilow, meu bem. É uma pena que tenha perdido o festival do milho, mas, enquanto estiver por aqui, trate de fazer a sua irmã lhe levar para comer umas boas costeletas de porco à moda country. E dê um pulo no Museu Presidencial Herbert Hoover: é um passeio e tanto.

— Logo depois de visitarmos o monumento a Enron.

Como Angela não entendeu, Edison engoliu as outras piadas que faria sobre a homenagem que o estado de Iowa prestava à memória de um nativo que, para o resto da nação, era um exemplo proverbial de catástrofe e incompetência. Quando ele fez uma brincadeira simpática sobre o tipo de

chicote que sua irmãzinha usava, dei uma demonstração: era hora de voltar ao trabalho.

— Para a área de eletrônica, contratamos os serviços de outra empresa — expliquei, ao nos dirigirmos ao meu escritório. — Mas nós fazemos o áudio. No começo, eu pedia aos clientes que mandassem suas próprias gravações das pessoas representadas, que por aqui nós chamamos de "vítimas", como nos seriados policiais, para que os bonecos pudessem falar com a voz da própria vítima. No entanto, recebemos reclamações de que, mesmo quando ela dizia "Grande diferença, benzinho, grande diferença!", cinquenta vezes por dia, era infernal conseguir gravar isso. E, além disso, ficar espreitando os cônjuges com um gravador digital escondido no bolso fazia as pessoas se sentirem mal. Assim, contratamos atores, e acho que a sátira faz mais sucesso quando é valorizada por uma voz diferente... o que também atenua a gozação, de algum modo. Encontrar o ator certo que mais combine com o roteiro faz parte da arte. Entre outras coisas, sou diretora de elenco.

— Você tem que admitir que, em matéria de produto — disse Edison, arriando na poltrona do meu escritório —, essa sua operação é bem fora do normal.

— Sei que é uma maluquice — respondi, descontraída. — Mas há quem faça produtos mais idiotas.

— Como o quê?

— Há fábricas inteiras na China que não fazem nada além de produzir uns brinquedos macabros, horrorosos e inúteis para as crianças americanas, que os quebram depois de brincar com eles uma única vez. Eu faço brinquedos atraentes para adultos, com materiais naturais, e eles se tornam membros queridos na família. E estes bonecos não são só um modo de as pessoas dizerem umas às outras o que as enlouquece. São também um modo de mostrar que elas se amam.

— Como você chegou a essa conclusão? Para mim, parece que as pessoas compram isso quando estão muito putas com alguém, cara.

— Captar as pessoas verbalmente é de uma dificuldade espantosa. Há clientes que levam meses estudando alguém e fazendo anotações. Tamanha atenção é um elogio. E, para nós da Monotonous, tem sido um minicurso de psicologia. Você devia ver umas dessas listas de frases. — Dei uma vasculhada

nos papéis da minha escrivaninha. — São pequenos estudos sobre o caráter. Como este. Louisa está fazendo a roupa dele e o chama de "Dr. Desgraça".

Entreguei a meu irmão a foto de um sujeito desengonçado, com cabelo ruivo desgrenhado, as mãos aflitas levantadas, e o roteiro que a acompanhava:

Não vamos conseguir.
A única coisa que eu faço, o dia inteiro, é *CORRER, correr, CORRER, correr, CORRER, correr, CORRER, correr, CORRER!*
Não *me* pergunte.
Isso é impossível.
Não tenho tempo.
É um *desastre!*
Tenho muita coisa para fazer.
Isso não vai acontecer.
Pode esquecer.
Nunca conseguiríamos encontrar uma vaga para estacionar.
Isso não vai funcionar.
Aposto que os ingressos já estão esgotados.
Não dá!
O que estamos *fazendo?*
Desisto!

— É a própria animação da festa — comentou Edison.

— Paralisia e derrotismo crônicos. Revelador, não é? Ou então, esta aqui, esta é engraçada.

Na foto, uma moça baixa e rechonchuda, com uma saia de elastano cheia de lantejoulas, levantava uma taça na direção da câmera; com certeza um dos meus funcionários se divertiria com todas aquelas joias. As frases do e-mail da encomenda diziam:

Não tenho *tantos* cartões de crédito assim.
No ano que vem, só vai custar cinquenta centavos por dia!
Sem problema, podemos fazer outro empréstimo hipotecário.
Esta casa vale uma fortuna!
Não vou lhe *dizer* quanto custou.
Mas esta bolsa estava pela metade do preço!
Você só se importa com *dinheiro.*
Só estamos tendo uma *crise de fluxo de caixa.*

Eu devo a mim mesma *algumas coisas boas.*
[Em tom submisso] Acho que estourei meu limite de mensagens de texto.
Eu me recuso a ter esta conversa se você não usar um tom de voz civilizado!

— Recebemos mais de um pedido dessas. Esta aqui é mais sutil.

Entreguei-lhe uma foto de uma senhora num vestido marrom severo, que parecia santarrona e ofendida. Provavelmente, uma sogra ou avó propensa à submissão:

Ah, eu tomo o sabor de sorvete que ninguém quiser.
Não diminua o ar-condicionado por *minha* causa. Posso vestir um casaco.
Não se incomode comigo, o importante é o que as *crianças* querem fazer.
Não, não, se Betsy quiser ver *American Idol*, eu posso ler.
Deixe Doug ficar com a cadeira dobrável. Eu posso sentar no chão.
Você não vai fazer nada disso! Ora, dizem que não há nada melhor para as costas que um colchão duro feito pedra.
Se todos quiserem a janela aberta, quem sou eu para mandar fechá-la? Vivemos numa democracia.
Fico perfeitamente satisfeita com água da bica.
Ah, podem ir sem mim! Eu só iria atrapalhar.
Coma *você* o último waffle, meu bem. Posso tomar mingau.

— Essa vaca é um saco, cara — disse Edison, surpreso por achar minha empresa mais atraente do que a maioria das fábricas de brinquedos.

— Nós a chamamos de boneca "Tadinha de mim". Bem, em tese, a mulher "sacal" não se dá conta de que é passivo-agressiva. Mas, se tiver um tico de consciência de si, da próxima vez essa senhora vai pedir o sorvete de morango e ponto final. Porque isso é o que ela *quer*, e ela pode conseguir o que *quer* se o pedir diretamente.

"Ah, e este aqui chegou hoje de manhã", continuei. "É o meu mais novo favorito."

A foto mostrava um sujeito sarado, arrogante e dominador, com uma camiseta de boliche que trazia os dizeres "Agente de Fianças do Biff" e levantando um machado. Era fácil imaginá-lo desancando alguém.

Calminha.
Aguente as pontas.
Pare de choramingar.

Vai fundo!
Essa desculpa nunca funcionaria no *exército.*
[Trecho cantado, com a melodia de Cat Stevens] *Oh, baby, baby, it's a hard world!*
Ninguém dá a *mínima*, entendeu?
Fique firme, parceiro.
Monte na bicicleta!
Dá um tempo.
Pare de bancar o *maricas.*
Feche a matraca.
Fique firme no controle.
Sei, agora conta outra.
Faço cem flexões toda manhã, garoto: você pode fazer *cinco.*

Sorri.

— Que tal se esse babaca fosse o seu pai? — perguntei.

— É, bem, já temos o nosso babaca.

— Devíamos mesmo fazer um Monotonous do Travis.

— Tenho a impressão de que eu não poderia pagar.

— Grátis. Você tem contatos. "*Nos idos dos setenta*" — adotei a masculinidade rude e exageradamente agressiva do papai —, "*os atores de televisão não eram respeitados!*"

— Mas isso é produto de luxo. Brinquedo de rico.

— Não exclusivamente. Além disso, quando você tocava na Irradiated...

— *Iridium*.

— Aquele lugar cobrava um couvert de trinta dólares por segmento de apresentação. E mais duas bebidas, no mínimo. Você também atende a uma clientela rica.

Em algum lugar daquele rosto enorme, detectei uma contração. Com ar pensativo, Edison tirou uma barra de chocolate da jaqueta, a qual eu gostaria que não tivesse bolsos tão volumosos.

— Por que acha que isso vai fazer você se sentir melhor?

Meu irmão levantou as sobrancelhas, ressabiado.

— O chocolate faz a maioria das pessoas se sentir melhor. E, afinal, o que a faz pensar que eu preciso me "sentir melhor", maninha?

A atmosfera ficava tensa toda vez que alguém chegava perto da comida dele.

— Eu só estava pensando que vamos jantar daqui a pouco. Talvez você devesse reservar seu apetite.

— Tenho apetite de sobra — retrucou ele, como se levantasse uma arma.

Recuei. Desde que a obesidade se tornou um problema social, além de pessoal, as pessoas gordas devem ter deparado com a convicção de que o que elas comem é da conta de todo mundo. Na verdade, aquela barra de chocolate dava muito a impressão de ser da minha conta, mas só porque Edison era meu irmão. Toda vez que ele comia coisas gordurosas ou doces perto de mim, eu ficava agitada, não menos do que se ele se cortasse com uma gilete na frente de todos.

Ao andarmos devagar para o carro, ainda havia caramelo na boca do Edison e, quando ele falou alguma coisa, não consegui entendê-lo. Ele engoliu.

— É mesmo *impressionante* — repetiu, irritado, parando para me olhar nos olhos. — Quero dizer, essa sua empresa. Para mim, ela não era real. Tipo, eu entendia o lance do bufê. Achava legal, porque aquilo dava uma trabalheira do cacete e coisa e tal. Mas essa tal de Monotonous é um negócio maior. Não me leve a mal, mas eu nunca poderia imaginar que você levava jeito para isso. Tipo, até em termos de organização. Essa fábrica é uma doideira, cara. Mas é uma grande realização, e eu... — sua voz vacilou, enquanto ele apoiava a mão suja de chocolate no meu ombro — eu estou muito orgulhoso de você.

Tinha sido difícil para ele dizer aquilo, e eu o admirei por fazer isso, assim mesmo. Então, quando retruquei "Também tenho orgulho de você", foi aquilo mesmo que eu quis dizer.

Capítulo Oito

Cody adorava o tio. Continuou a expressar a afeição física descontraída que lhe viera com tanta naturalidade ao intuir num instante quantas vezes ele devia ter sido evitado e submetido à ridicularização. Apesar de nunca ter sido chegado a crianças, Edison era bobo por minha enteada. Só os apelos regulares dela é que finalmente o levaram a se aproximar do piano, em relação ao qual, se eu não estivesse mais bem informada, diria que o meu irmão era fóbico.

Cody ainda estava trabalhando em "Bridge Over Troubled Water", havendo descoberto o LP na minha coleção sem lógica e coerência e encomendado pela internet um livro de músicas de Simon e Garfunkel. Graças às instruções de Edison, ela estava aprendendo a tocar sem o sentimentalismo rebuscado dessa canção.

— Não explore demais — orientava meu irmão, por cima do ombro dela. — Fique na sua.

— Então, por que *você* não me mostra? — Cody insistiu, uma noite.

Hesitei em pôr a mesa, na curiosidade de ficar de olho no diálogo entre os dois. Não conseguia entender por que meu irmão não vinha tocando. Quando eu estava beirando os trinta anos, um vizinho meu havia oferecido um piano a quem pagasse o preço do transporte para retirá-lo, e assim, eu tinha comprado aquele Yamaha vertical, usado, especialmente para Edison, que se recusava a me visitar em Iowa se não pudesse praticar. Assim, um dos pontos de atrito entre Fletcher e ele, naquela visita seminal, tinha sido o piano, de manhã, de tarde e de noite. Fletcher tinha ficado farto. E por isso, eu nunca havia esperado o problema inverso: que Edison não pusesse a mão no teclado.

— *Por favor* — implorou Cody. — Você ficou aqui em casa quando eu era pequena e tocava o tempo todo. Você era genial!

— Hum — fez Edison. — Você ainda se lembra disso, gatinha?

— Foi uma das principais razões para eu decidir estudar piano. Você me inspirou. — (Eu não sabia ao certo se era verdade.) Cody atirou os braços em volta do cardigã preto esfarrapado do tio, que era do tamanho de uma manta de lã. — *Por favor, por favor!*

Edison apoiou as mãos nos ombros dela e as retirou depressa, como se tivesse medo de ser preso.

— Então, está bem.

Trocaram de lugar e o banco rangeu. A estranha desproporção entre pianista e piano me fez pensar no Schroeder, martelando Beethoven num piano de brinquedo.

Edison tocou o primeiro verso sem modificação. Havia uma hesitação engraçada em sua execução, uma demora enquanto ele localizava os acordes. Mas, quando chegou ao refrão, já percorria as teclas com mais segurança. Raras vezes eu o vira tocar uma música conhecida sem... bem, sei que isso me faz parecer ignorante, mas, para o meu ouvido, sem bagunçar tudo. Intrigada, parei de dobrar o guardanapo, diante da poltrona marrom surrada. Eu sempre havia achado aquela música meio exagerada; a versão gravada era cheia de cordas melancólicas. Mas a interpretação de Edison foi calma e tristonha. Foi linda. Senti uma pontada. Só quando ele tocou uma música comum, de maneira comum, foi que me dei conta do esplêndido pianista que era.

Talvez tivesse sido o fato de ele começar a melodia sem nenhum enfeite ou desvio que lhe permitiu me levar com a canção, mas, dessa vez, quando iniciou outro verso e os acordes começaram a variar, não lutei mentalmente contra as mudanças, mas ouvi a lógica da progressão, na qual a linha melódica era reconhecível, porém... melhor. Ele continuou a levar os acordes para uma gama mais dissonante, até a música perder qualquer semelhança com o sentimentalismo que contaminava a faixa enjoativa com que eu havia crescido. No instante em que eu começava a resistir, quando a música corria o risco de ficar estridente e perder a melodia original, ele a trouxe de volta e tocou novamente sem variações o refrão final — suave, tristonho, sem

drama. Acho que foi a primeira vez que achei que, no fundo, talvez aquela música também fosse bem bonita.

Cody irrompeu em aplausos e eu a acompanhei.

— Ora, por que você não faz isso mais vezes? — perguntei, baixinho.

Edison lançou-me um olhar carregado.

— Você tem a noite inteira?

Depois, as pernas do banco guincharam no piso de madeira, e não houve adulação de Cody que o fizesse voltar.

Com esta lembrança, não quero indicar que a situação estivesse harmoniosa em nossa casa. Os jantares eram um campo de batalha. Desde que a luz dos corredores do Hy-Vee o deixara cego, Fletcher preparava a maioria das nossas refeições noturnas (uma invasão do meu território que não deveria ser tão irritante, dado o trabalho que ele me poupava). Depois da chegada do meu irmão, o cardápio do meu marido só se tornou mais perversamente nutritivo. Vivíamos afogados em trigo integral e quinoa. Mas ele não conseguia impedir Edison de acrescentar manteiga aos cereais, ou de encher seu *tempeh* de queijo *peperjack*; meu irmão era hóspede, e era adulto.

E havia as noites em que Edison cozinhava. Fazia baldes de chili e se gabava de que sua lasanha — três tabuleiros — levava cinco tipos de queijo. Mesmo com o consumo industrial dessas quantidades por meu irmão no jantar, as sobras eram impressionantes, e o freezer começou a ficar abarrotado de embalagens de plástico e embrulhos quadrados de papel alumínio. Nas noites em que Edison preparava a versão não *kosher* da comida de Fletcher, meu marido fazia separadamente a sua refeição, assando no forno elétrico um filé de peixe descongelado, sem nenhum adorno, e espremendo sua panela de arroz integral na única boca do fogão não cooptada por Edison. A recusa de Fletcher até mesmo a provar o que meu irmão passara o dia inteiro preparando enfurecia Edison. Além disso, o fato de meu marido se empoleirar à cabeceira da mesa, com seu peixinho e seu arrozinho especiais, fazia com que ele parecesse presunçoso e distante.

Eu me mostrava grata pelas enormes refeições do Edison, o que o fazia sentir-se menos parasita. No entanto, cozinhar levava sua vida a girar ainda mais em torno da comida. As frigideiras fervilhantes de carne moída permitiam muitas provinhas roubadas, e o volume das travessas apequenava

ardilosamente as amplas porções do chef à mesa. A cozinha era nossa, e ele só conseguia reunir os ingredientes graças ao dinheiro que eu lhe passava, discretamente, e à picape emprestada por Fletcher. Ao fornecer o lugar e o material, eu me tornava cúmplice. Embora evitasse a balança do nosso banheiro com a mesma consistência com que Edison evitava o piano, com certeza eu mesma havia engordado mais um ou dois quilos.

A generosidade do meu irmão estendia-se a dar à cozinha a aparência da Chechênia, mas não a arrumá-la. Assim, eu passava o fim dessas noites esfregando panelas e limpando bancadas enquanto Edison beliscava pedacinhos da crosta de uma *mussaka* cuja berinjela frita havia absorvido um litro inteiro de azeite extravirgem. Com Fletcher recolhido ao quarto, abríamos uma garrafa de vinho e ficávamos acordados até tarde, recordando exemplos especialmente chocantes das tentativas desesperadas do Travis de trazer o "foi" do particípio para o presente.

— Já pensou em voltar a usar o sobrenome Halfdanarson? — perguntei, uma noite, apoiando um pé na mesa de jantar e inclinando a cadeira para trás. — As associações com Appaloosa estão ficando embaraçosas.

— "*Edison Halfdanarson*" jamais caberia num cartaz. Além disso, garota, fiz meu nome com Appaloosa. Estou preso a ele.

— A mamãe achou hilariante quando você adotou esse sobrenome afetado do Travis. Ela achou que você o largaria quando crescesse.

— Eu me acostumei com ele. Appaloosa chama a atenção. Halfdanarson, não me leve a mal, mana, parece nome de paspalho. De joão-ninguém.

— Não parece mais — retruquei, em tom seco. Com qualquer alusão à Baby Monotonous, o ar ficava carregado, e por isso voltei à nossa matéria-prima de praxe. — Lembra-se daquele episódio em que Mimi tentou manipular os filhos para eles adotarem seu sobrenome de solteira? Dizia coisas como "Maple *Barnes*, isso soa bem" e falava da sua linhagem "honrosa". Foi um dos melhores programas. Engraçado... você acha que eles escolheram esses sobrenomes para dizer alguma coisa? Os *barns* são os celeiros, estruturas feitas pela mão humana, e os *fields*, os campos, fazem parte da natureza, como aquela história ambientalista do Emory Fields, mas os *barns* e *fields* continuam juntos, como se Emory e Mimi tivessem sido feitos um para o outro, no fim das contas...

Edison bufou.

— Você dá crédito *demais* àqueles caras. Já reparou que vive defendendo aquele seriado?

Eu ri.

— Talvez eu não queira acreditar que ele era completamente atroz.

— Mas você assistiu a algum episódio nos últimos tempos? Na vida real?

— Infelizmente, sim. A velhice não fez bem ao seriado. Mesmo assim... nunca perdíamos um, não é? Toda quarta-feira à noite... entrávamos naquele jogo de fingir que esquecíamos, ou tínhamos outra coisa para fazer, mas sempre acabávamos diante da televisão às nove horas. Eu meio que gostava, quando era menor e Travis também assistia ao programa conosco.

— Aquilo foi um aviso, cara. Quando ele parou. Foi quando começou a ter um caso com Joy Markle.

— Talvez seja difícil pôr a culpa nele. A mamãe estava sempre com dor de cabeça. Acho que não viu mais que meia dúzia de episódios. Ele devia se sentir, sei lá, esnobado.

— Pô, ela detestava aquilo. Detestava o programa e o que ser astro de televisão tinha feito com Travis. Ela detestava Los Angeles. Detestava aquela gente falsa com que Travis andava. A vida dela, o que ela queria, você sabe, aquele negócio de cantar, aquilo foi simplesmente... atropelado.

— A morte dela deve ter sido uma metáfora disso — comentei, em tom tristonho. — Mas você já se perguntou se a gente fala mal do Travis principalmente por ele estar vivo? Digo, a mamãe morreu antes que pudéssemos olhá-la de maneira crítica, da perspectiva de um adulto. Isso a protegeu.

Edison tornou a bufar.

— Acho possível que, se ainda estivesse por perto, hoje ela nos levasse à loucura. E aquele disco, o único que ela gravou, *Magnolia Blossoms*, aquela história de vaidade? Afanei o último exemplar do Travis. Duvido que ela tivesse vencido como profissional. A voz era muito frágil.

— *Ela* era muito frágil. Mas cantava com uma pureza incomum. Eu adorava quando ela achava que não havia ninguém em casa e saía cantando "I Am a Poor Wayfaring Stranger" à beira da piscina. Era melhor ainda quando você a acompanhava... todas aquelas músicas de Cole Porter que vocês

tocavam, como "Ev'ry Time We Say Goodbye", sabe? É assim que eu sempre a visualizo, parada atrás de você ao piano, cantando "*I di-ie a little*". Ela ficaria encantada sabendo que você se tornou um pianista profissional. Se pudesse vê-lo agora...

Desviei os olhos.

Ele não se ofendeu.

— Ei, você ainda se lembra da letra? Da trilha sonora? — perguntou.

— Nossa, faz anos que não testo a minha memória.

— "*Ora, Emory Fields é um pai descolado*" — começou Edison, com a voz grave e sonora. Eu deveria ter-lhe avisado para cantar baixo, já que eram duas horas da manhã, mas, quando comecei a cantar junto, estava muito curiosa para saber se ainda conseguiria me lembrar da letra.

Talvez as pessoas de criação mais cristã nunca se esqueçam da letra do *Adeste Fidelis*. Outras conseguem recitar "Margaret, você chora / Pelo bosque que desfolha?" décadas depois de decorarem o poema de Gerard Manley Hopkins para tirar dez em inglês. Não sei ao certo se elas significam alguma coisa, essas marcas permanentes no nosso cérebro, feito entalhes gravados numa lápide. Seja como for, acontece que um desses entalhes gravados na minha cabeça viria a ser a última lembrança a se desgastar numa clínica geriátrica. Aliás, se algum dia eu não me lembrar na íntegra do tema musical de *Guarda compartilhada*, você pode apagar as luzes.

Ora, Emory Fields é um pai descolado,
Mas esse lance de hippie é tão antiquado.
O tal poder da flor não aquece a casa em nada
E a cabana feita à mão só faz ficar mais gelada.
Aquela latrina de fossa não é nenhuma curtição;
E sem banheiro em casa, a patroa vira o cão.

Refrão:

Guarda compartilhada!
Família despedaçada!
Mamãe odeia o papai e papai odeia a mamãe —
Era uma vez o chamego da infância da filharada.
Eles sempre dizem que a culpa não é sua,

Mas este é justamente o mistério:
Nunca lhe pareceu que a culpa fosse sua,
Ficar entre os dois é que é um problema sério.

E assim, Mimi fez as malas, adotou seu sobrenome de solteira,

Passou no exame da Ordem e voltou para a cidade.
É uma mulher adulta, íntegra e muito agitada.
Mas algo nessa separação é mesmo uma calamidade.
A única coisa de Emory que não pôde ser levada:
Uma garotinha legal e duas pequenas sumidades

[Refrão]

Na matemática, Teensy Fields é mesmo genial,
Mas um e um não são dois nessa equação fatal.
Para a filha Maple, unir mãe e pai é sua função,
Só que eles não atendem à sua persuasão.
Sempre por dentro de tudo, Caleb só quer saber de jazz,
E deixa os pais briguentos trocando pontapés.

[Refrão]

De que lado você está?
De que lado você está?
De que lado você está?
Do MEU!

A música era meio chata, embora fosse aquele tipo de melodia que, depois que entra na cabeça, tiraniza a pessoa pelo resto do dia. Mas o refrão tinha uma batida de rock pesado que não se prestava para a interpretação em surdina que seria apropriada naquele horário. No seriado, além disso, aquele último verso do *finale* era berrado em cima de uma trilha enlouquecida de percussão, "*Do MEU!*", combinado com uma batida vibrante no címbalo, que reproduzi pegando uma colher de pau para acertar uma tigela de aço inoxidável no secador de pratos.

— Juro — comentei, com a respiração ofegante, me dobrando de rir — que aquele verso sobre os "*uma garotinha legal e duas pequenas sumidades*" me traumatizou durante anos...

Fechei a boca, tirei o pé da mesa e devolvi ao chão as duas pernas dianteiras da cadeira artesanal. Edison endireitou-se na poltrona reclinável e ajeitou o cardigã, enquanto meu marido marchava até a pia para pegar um copo d'água. Durante um minuto, ninguém disse nada, embora Fletcher lançasse um olhar significativo para a garrafa de vinho.

— Será que você vem se deitar em algum momento? — ele me perguntou, com a voz pausada.

— É claro. Não percebi que era tão tarde. Desculpe.

O que parecia ser minha transgressão era havermos feito barulho e acordado meu marido, o que era falta de consideração. Ele estaria de pé dali a três horas, embora não precisasse estar de pé dali a três horas, de modo que não foi isso que me causou mal-estar. Quando Fletcher apareceu de roupão no vão da porta, veio-me a lembrança inevitável de como a entrada do Travis na nossa cozinha de Tujunga Hills era um tremendo desmancha-prazeres, e ficávamos remexendo no dever de casa, ou pondo a louça na lavadora, mudos, esperando que papai fosse embora. Por isso, a minha verdadeira traição foi reproduzir aquela antiga geometria social. Fletcher e eu é que devíamos estar *enturmados*. Meu marido e eu é que deveríamos ter parado de falar quando meu irmão entrasse.

* * *

O tanto que eu ansiava pela partida de Edison para sua turnê em Portugal e na Espanha, no fim de novembro, devia-se, sobretudo, a essa história de "ficar entre os dois", *à la Guarda compartilhada*. Quando eu chegava da Baby Monotonous, será que devia ficar na cozinha com Edison ou ir até o porão dizer oi ao Fletcher? Se eu escolhia a segunda opção, meu marido continuava a alimentar sua ensurdecedora serra de mesa com um pedaço de madeira, usando óculos protetores de plástico tão embaçados pela serragem que eu não podia ter a menor ideia do que se passava atrás deles. Esperava a operação ser concluída antes de acenar, mas raras vezes obtinha mais do que

um cumprimento com a cabeça, antes que ele começasse a serrar outro pedaço. De que adiantava? Eu tornava a subir. Se Fletcher surgia mais tarde para fazer o jantar, Edison estaria tagarelando à parte no seu trono marrom, em geral contando histórias de jazz. ("Jarrett é tão metido a prima-dona", opinava, "que é capaz de interromper uma apresentação, se alguém na plateia simplesmente *tossir*. Não estou brincando: nos shows de inverno, eles distribuem mesmo *pastilhas contra tosse* para todo o público, de graça, antes que o precioso mestre encoste nas teclas. Ou então ele rege a plateia numa 'tosse grupal', para todos poderem tirar aquilo de organismo. Ora, dá um tempo!" Não era sutil: Edison tinha uma inveja feroz de Keith Jarrett, um dos poucos contemporâneos seus de que o resto de nós tinha ouvido falar.) Eu poderia ter tolerado a loquacidade do meu irmão, não fosse o fato de que ele nunca dizia nada. Refiro-me a nada de conteúdo afetivo sincero. Ele adorava cuspir informações e não era mau contador de histórias. Mas era capaz de falar o dia inteiro sem que, no final, alguém o conhecesse melhor do que antes.

Pior, eu via que ele estava levando Fletcher à loucura. A raiva do meu marido era tão palpável para mim que eu tinha pavor de que meu irmão também pudesse captar seu silvo agudo de apito de cachorro. Mas, enquanto Edison sugava todo o ar de conversa que houvesse no ambiente, Fletcher só fazia ficar mais austero e silencioso. Calado por natureza, era impossível que ele falasse menos sem silenciar de vez. E era basicamente isto o que fazia. Nossa comunicação silenciosa transformou-se em não falarmos um com o outro, ponto final.

* * *

Além de ser meu consultor técnico na Baby Monotonous, Oliver Allbless era meu confidente. Era com ele que eu desabafava minha completa aversão ao ciclismo fanático do Fletcher, minha perplexidade diante de por que a rigidez da dieta do meu marido vinha nos separando, já que, afinal, se tratava apenas de comida, minha indignação por citarem erroneamente as minhas palavras em entrevistas, já que ninguém mais queria me ouvir reclamar de aparecer em revistas nacionais, e minhas opiniões menos políticas sobre a

ridícula ambição do meu enteado em se tornar roteirista de cinema. Um homem atraente, esguio e de modos gentis, Oliver e eu tínhamos uma história, cuja importância eu havia minimizado para Fletcher, que mesmo assim a intuía. Por isso, em geral eu procurava mantê-los afastados, juntando-os num mesmo cômodo apenas com frequência suficiente para dizer: *Viu? Não tenho nada a esconder.* Oliver era obsequioso na presença de Fletcher e se curvava diante do macho alfa, numa demonstração tão clássica de submissão que era como se estivéssemos num episódio de *Reino animal*. Pedia para ver os últimos móveis do meu marido e mantinha conversas neutras comigo sobre a duvidosa eficiência energética do etanol, sem nunca deixar transparecer que estava a par de alguma coisa mais íntima na minha vida do que a minha visão da política agrária. Desde a chegada de Edison, eu tinha posto de lado esse exercício canhestro, por medo de me dividir não em duas, mas em três. No entanto, finalmente dei um jeito para que o meu melhor amigo jantasse conosco. Queria que ele conhecesse Edison, nem que fosse para podermos falar do meu irmão depois que ele voltasse para casa.

Eu havia preparado Oliver para a transformação de Edison e, quando os dois trocaram um aperto de mão, meu amigo disfarçou sua incredulidade com mais tato do que a maioria. No jantar, elogiou a salada de cevada e cogumelo do Fletcher, embora Tanner tenha resmungado ao meu lado: "Nossa, até o gosto disso é bege."

— Sabe, um homônimo seu, um Não-sei-quem Fletcher — disse Edison ao meu marido, em tom informativo —, iniciou um culto no começo da década de 1900. Apresentava-se como "O Grande Mastigador". Ficaram todos doidos pela "fletcherização". Era tudo uma questão de *mastigar* cada garfada de trinta e duas a *quarenta e cinco* vezes. Era preciso mastigar até, sei lá, suco de laranja. O cara transformou o ato de comer numa chatice tamanha que aposto que vocês dois se entenderiam às mil maravilhas.

Para desviar o assunto dessa reação não propriamente elogiosa do meu irmão à comida do Fletcher, Oliver perguntou pela carreira dele no jazz, e a resposta foi previsivelmente longa. Em contrapartida, Edison não fez nenhuma pergunta sobre Oliver. Mantendo-me a distância, entrei em conflito. Eu queria me orgulhar do meu irmão; também queria que ele se

portasse com a maior voracidade possível, para melhor demonstrar ao Oliver o que vínhamos enfrentando.

— E então, Tanner — disse Oliver, mestre da imparcialidade social —, a que universidades você pretende se candidatar?

Tanner deu uma olhadela cautelosa para o pai.

— Nenhuma se quer saber a verdade. Não estou nessa de faculdade.

— Ainda não — disse Fletcher, tenso. — Nenhuma delas o aceitou.

— Vocês sabem o que é o, entre aspas, "ensino superior", não sabem? — propôs Edison.

Até ali, sua conversa repetida e insistente tinha sido movida por uma irritação nervosa que eu havia aprendido a reconhecer como mau humor diante da comida lamentável do Fletcher. Agora que eu tinha revelado minha torta de ricota — mais leve que o cheesecake, se bem que, com qualquer coisa com metade das calorias, meu irmão fosse comer o dobro —, Edison relaxou e se tornou mais expansivo:

— Sabem o que é realmente um diploma? É um pedacinho de papel que diz que você seguiu as regras. Diz que você é um cara certinho e vai fazer o que os outros esperam. Diploma só tem a ver com fazer provas e cumprir um conjunto arbitrário de exigências, e não vem ao caso quais são essas exigências, mas apenas que você tique os quadradinhos certos. É um ensaio para o sujeito passar a vida inteira naquele horário de nove às cinco. Os patrões querem esse papelzinho para ter certeza de que você vai se arrastar feito um infeliz para um escritório sem divisórias, um dia inútil atrás do outro, e de que, por mais fútil ou flagrantemente idiota que seja a ordem, você vai *fazer o que mandarem*.

— Como você pode saber, parceiro? — disse Fletcher. — Você nunca fez faculdade.

— É claro, é assim que querem que você pense — retrucou Edison, em tom frio, a mão remexendo no bolso do cardigã, ponderando os méritos de concluir sua diatribe ou dar uma fugida para fumar um cigarro. — Ah, a faculdade deve ser uma iniciação secreta a portas fechadas, que eu só posso compreender quando entrar lá, feito os massais quando levam os garotos púberes para a moita. Grande surpresa, mano: eles cortam o seu pau.

— Em algumas áreas, é importante dominar um corpo de informações — disse Oliver.

— As informações estão disponíveis para quem quiser obtê-las, cara. O diploma é só para *parecer* que o sujeito dominou as informações, entende o que quero dizer?

— Não estou certo de querer dirigir numa ponte projetada por alguém que tenha aprendido engenharia mecânica na internet — rebateu Oliver. — O que aprendi na Universidade de I...

— O nosso Tan aqui não quer construir pontes, quer?

— Não especialmente — respondeu Tanner.

(Em nome dos motoristas do futuro, fiquei aliviada.)

— Qual é o bem que a faculdade vai fazer a um roteirista de TV? — prosseguiu Edison, já tendo convertido, por sua conta, a ambição do Tanner em algo voltado para a televisão. — O meu pai fez faculdade de *agronomia*, acredite você ou não. Acha que isso o ajudou a conseguir o papel principal em *Guarda compartilhada*? Em vez de estudar cálculo infinitesimal, Tanner se dará melhor *assistindo à televisão*. Pondo os pés para cima, com um laptop na mão, e redigindo um piloto. E você devia escutar esse cara, ele tem umas ideias sensacionais. É como o meu ramo. Entra um saxofonista no Vanguard e eles não querem saber se o cara frequentou a Berkeley com ípsilon ou a Berklee com e. Só querem saber se ele sabe soprar.

— Sem um diploma de bacharel — disse Fletcher —, eu nunca teria arranjado emprego na Monsanto.

— É, bem, dou minha argumentação por encerrada — disse Edison.

— Ele tem razão, pai — interviu Tanner. — Não quero vender sementes de milho.

— A questão não é só o que você *quer* — retrucou Fletcher. — Posso não ter gostado muito daquele emprego, mas ele sustentou minha família. Tínhamos comida e um teto, e eu não era um fardo nas costas dos meus pais, nem dos meus vizinhos ou do Estado. É disso que se trata, e não de seguir o seu "sonho".

— Bem, nesse caso eu posso me matar agora mesmo e pouparíamos todos os problemas, porra — resmungou Tanner.

— Se você almejar objetivos tão pequenos, a mera sobrevivência é exatamente o que vai conseguir — disse Edison. — Veja a minha irmã caçula, eu digo, a minha irmã caçula mesmo. Cursou a UCLA, estudando nem me lembro o quê. Agora, é agente publicitária. Que vida! O dia inteiro promovendo as qualidades *dos outros*! Mas Solstice tem "comida e um teto"! Porra, cara, não sei como aquela garota pode ser minha parente.

— Você não a conhece — objetei. — Na verdade, ela é muito gente boa.

— Deus me livre, Ursa Panda, de um dia alguém dizer que, "na verdade, Edison Appaloosa é muito gente boa".

— Esse risco não existe — resmungou Fletcher.

— A única coisa interessante naquela mulher é o nome idiota dela — falou Edison. — Não crescemos na mesma família. *Guarda compartilhada* tinha acabado e tudo ficou banal.

— Mãe — manifestou-se a Cody —, onde você fez faculdade?

— Na Reed — respondi. — Sou uma "Reedie".

Edison deu um risinho.

— É que ficava em *Portland*. Ela queria pular para o outro lado da tela de cinema.

Enrubesci.

— Talvez tenha havido um componente de poder de sugestão. Portland tinha um clima familiar agradável. Mas a faculdade era pequena e fora de mão e, pelo menos naquela época, entrar lá era fácil.

— Em que você se formou? — perguntou Cody.

— Inglês.

— De que adianta estudar a única língua que você já fala? — indagou Tanner.

— Naquela época, muita gente se formava em inglês quando não tinha certeza do que queria fazer. Era isso ou psicologia, mas eu já era diplomada em maluquice em casa. O fato de me formar em inglês me deu tempo para pensar. O que poderia ser útil para você, Tanner, se não se importa que eu o diga.

— Um exemplo perfeito — avaliou Edison. — Quatro anos lendo um monte de porcarias que ela esqueceu por completo há muito tempo, e vejam

só: primeiro ela tem um serviço de bufê, depois fabrica *bonecos de corda*. De que adiantou? Dane-se a faculdade.

— A faculdade não é só uma questão de quem segue as normas. É maior e mais bruta que isso — opinou Oliver, cuidadoso. — É um mecanismo de triagem que exclui as pessoas sem valor. Existem exceções, e você obviamente é uma delas, Edison, e tendemos a ouvir falar dessas exceções, porque elas ocupam posições em que se fazem ouvir. Mas, hoje em dia, tantas pessoas se formam que *não ter* curso superior tem um significado maior do que nunca. É como ingressar na classe dos escravos, Tanner. Imprimir uma marca em si mesmo como uma pessoa perdida.

— Sabe *o que mais* marca a gente como sendo da "classe dos escravos"? — murmurou Tanner para a irmã, balançando a cabeça na direção do tio postiço.

Infelizmente, ele estava certo. Agora o país exibia uma subclasse assustadoramente grande — grande em todos os sentidos.

* * *

A sobremesa fora servida com uma abstenção previsível. Assim, antes de devolver a torta de ricota à geladeira, cortei uma lasca do tamanho de uma garfada, coloquei-a num prato limpo e a enfeitei com um pedacinho de nectarina e o raminho usual de hortelã. A torta tinha ficado boa — massa fina, úmida e não muito doce, com um toque de raspa de limão e uma camada de massa podre macia e crocante, da qual minha avó teria ficado orgulhosa. Seguindo a tradição, deixei esse *amuse-bouche* conjugal bem à mostra numa bancada vazia, com o garfo tentadoramente arranjado para um destro. Ajudei Fletcher na cozinha até a hora de enxugar a louça, depois passei tempo mais do que suficiente lá em cima, dando boa-noite às crianças, para permitir uma única e dissimulada garfada clandestina.

Mas, quando tornei a descer, a cozinha reluzia — com a única exceção de um prato, um garfo e uma garfada de torta de ricota, que um dos convivas do jantar da noite não tivera nenhum apetite de consumir: lixo, em outras palavras, que joguei pesarosamente na lata.

Na esperança de conhecer meu irmão um pouco melhor, Oliver acabara ficando um pouco comigo e com Edison depois que Fletcher foi se deitar. Quando entrei no nosso quarto, por volta da meia-noite, meu marido estava deitado de barriga para cima, de olhos abertos. Despindo-me no escuro — um hábito regular, desde que eu havia engordado —, pedi desculpas por acordá-lo.

— Você não me acordou. Como eu poderia dormir com essa barulheira?

O computador de Edison estava ligado no nosso estéreo e, nesse momento, tocava alto "Bird", ou outra música de apelido chamativo que eu deveria conhecer.

— Posso pedir para ele baixar o volume. Embora isso nos dê certa cobertura. Para conversarmos.

— Sobre o que conversaríamos Duke Ellington?

Deitei-me sob o edredom.

— Que tal... como é empolgante você ter recebido aquela nova encomenda? Com as críticas esplêndidas no seu site, as notícias sobre o seu trabalho devem estar mesmo começando a circular...

— Pare com isso, Pandora. São só duas mesinhas de canto, que o cara quer bem insossas, e, depois de pagar o material, não vou tirar nem duzentos dólares. Você está exagerando no esforço.

— É que parece que eu não vejo você há séculos.

— Eu me pergunto por que será.

— É temporário.

— Nem acredito que vamos ter outro mês como este.

— Sinto muito.

— Não sente tanto assim. Todas aquelas piadas secretas sobre *Guarda compartilhada*. As cutucadas íntimas no seu pai e na Joy sei lá o quê. A discussão ritualística sobre o que realmente aconteceu com a sua mãe. Você está se esbaldando. Caramba, eu devia me mudar daqui para vocês dois se casarem.

Era o máximo que ele havia falado em dias.

— Isso é maluquice. — Foi minha resposta insatisfatória.

— Sei que você pensa nessa "visita"... embora eu duvide que seja esse o nome quando a coisa demora dois meses... como uma espécie de boa ação.

Mas qual é o *bem* que você está fazendo a ele? Dando-lhe o controle da cozinha, para ele ficar ainda mais gordo?

— Não posso dizer "Não, Edison, você não pode comer outro biscoito". Não sou a mãe dele.

— E ele não faz nada. Caramba, eu ando de bicicleta só para sair daqui. Tem um miasma na casa. De indolência. De preguiça. De mal-estar. Mas o que será diferente para ele quando isto acabar? Ele tem um problema enorme e, quando for embora daqui, estará ainda *maior*.

— Tenho tido esperança de que ele se anime, estando perto da família. Há alguma coisa nessa história de ele não tocar piano... é esquisito. Para você, talvez seja uma espécie de adiamento, mas há algo errado. Eu me pergunto se ele está deprimido.

— Se eu fosse uma jamanta daquele tamanho, também ficaria deprimido.

Essa era a pergunta do ovo ou da galinha que eu não tinha conseguido dissecar. Edison estava gordo por estar deprimido, ou deprimido por estar gordo?

— Ele realmente se beneficia do carinho que Cody tem demonstrado. Acho que a maioria das pessoas não é muito agradável. É o que tenho visto, quando saímos por aí. Os olhares. Como se ele... estivesse fazendo algum mal a elas, como se fosse uma afronta. O pior é no supermercado. Com o carrinho cheio. Eu me sinto cercada por um gigantesco revirar de olhos.

— É claro que ele fica muito satisfeito em se aproveitar da boa vontade de Cody. Ela é um amor. Mas ele a está usando. E o que ela ganha com isso?

— Aulas de piano? E treinar a compaixão. Que talvez ela possa lhe ensinar, um dia.

— Você está de brincadeira? Não faço outra coisa senão morder a língua. E depois, o que Cody está exercitando de verdade é a *pena*. Que também não faz nenhum favor ao seu irmão.

— Mas, quando os amigos dela vêm aqui, ela sempre o defende e não deixa que falem mal dele, nem mesmo pelas costas. Isso exige coragem. — Fiz outra tentativa infrutífera de diminuir a distância. — A sua filha é mesmo incrível.

— E quanto ao Tanner? — Eu não soube dizer ao certo se Fletcher estava com raiva de Edison ou de mim, talvez nem ele mesmo soubesse. — O seu

irmão só fala em ser um figurão de Nova York e vir de uma família de celebridades em Los Angeles; ele zomba do seu pai, mas usa a cartada do Appaloosa pelo valor que ela possa ter. E assim, Tanner acha que pode entrar na Califórnia com um pé nas costas e sair escrevendo episódios de... sei lá o quê. — Meu marido não era muito chegado em assistir à televisão. — Aquele garoto tem que cair na real! Mesmo que não vá para a universidade, ao menos ele pode aprender a fazer alguma coisa. Neste país, ninguém mais sabe pregar um prego. Ficam todos dependendo dos técnicos especializados que seus filhos são ensinados a não ser. Daqui a algumas décadas, a meia dúzia de caras que souber consertar um telhado vai dar as ordens. Mas não. Todo mundo tem que ser *artista*.

— Você é um artista.

— Ainda faço coisas em que as pessoas podem se sentar. Se elas são bonitas, é por acaso. Tanner poderia fazer coisa muito pior do que ser aprendiz no nosso porão. Em vez disso, acha que pode sair desta casa e ir flanando para a terra da fantasia, onde, na verdade, vai ser oferecido a pervertidos por algum cafetão em alguma esquina. E o *seu irmão* está alimentando as ilusões do garoto.

— Edison está tentando fazer Tanner gostar dele. Mas Tanner o despreza, e também não se esforça muito para disfarçar.

— Tanner despreza todo mundo. Ele ainda é influenciável. Isso é só uma pose.

Eu era ambivalente quanto a incentivar Tanner a seguir seu "sonho". Será que o papel da mãe era preservar as esperanças dele ou confrontá-lo com as realidades práticas da sobrevivência num planeta de sete bilhões de pessoas, todas querendo ser famosas? Afora insistir em que ele cursasse uma faculdade — ainda que fosse como um adiamento, para lhe dar tempo de crescer em segurança, com refeições regulares e um dormitório —, até então eu me abstivera de ser *hostil*, como diria Edison, a suas ambições de ser roteirista. Quando adolescente, eu mesma havia considerado uns futuros duvidosos. É claro que teria ficado ressentida com qualquer pragmatista que observasse que metade das meninas da minha escola também queria ser veterinária, que a competição por vagas nas faculdades de veterinária era surpreendentemente rigorosa, que, se eu me sentia desfalecer na hora das vacinações, era porque

não tinha estômago para a coisa, e o que eu queria mesmo era um bicho de estimação.

Mais perto da idade de Tanner, eu não gostaria de ser advertida por um adulto gordo feito um balão de que poucos candidatos eram aceitos na Nasa, e de que a maioria dos que eram aceitos nunca chegava a ir ao espaço sideral; eu desprezaria qualquer adulto esperto o bastante para discernir que a minha breve paixão por me tornar astronauta era uma simples metáfora da minha ânsia aflitiva de ir para o mais longe possível das outras pessoas.

Mas, tal como Fletcher, eu também me afligia ao ver Edison promover os laços familiares de Tanner com a fama. Essa ânsia disseminada de ser reconhecido como especial equivalia a uma abdicação do poder, a uma transferência das próprias responsabilidades para terceiros. Eu evitava a bajulação de estranhos, mas me sentia especial comigo mesma. Tinha descoberto que o "sentir-se especial" era uma experiência particular de cada um, e não havia fascínio projetado por outras pessoas que fosse capaz de substituir a absorção tranquila do sujeito na sua própria vida.

—Tanner é bombardeado por celebridades toda vez que liga o computador — observei.

— É diferente. Com essa história de TV do maluco do seu pai, com o seu irmão se *dizendo* um pianista de fama mundial, e com você... você e a Baby Monotonous na capa das revistas, tudo isso dá uma ideia errada. Ele acha que é tudo fácil.

— São só mais quatro semanas.

Finalmente pus a mão na coxa dele. Não tínhamos relações sexuais desde que o avião do Edison havia pousado. Era mais uma coisa em suspenso; estremeci de tristeza. Eu detestaria ser a hóspede que meus anfitriões estavam aflitos para despachar.

* * *

Não contei ao Fletcher, mas havia notado o desaparecimento sistemático de alguns alimentos, como quilos inteiros de damasco seco e castanhas-do-pará, que eu tratara de substituir discretamente. Fletcher não daria pela falta do queijo, mas, mesmo assim, eu achava alarmante que um quadrado grande de

queijo suíço pudesse estar fechado num dia e ter desaparecido no outro. Outras coisas estranhas também sumiam: um pote de meio quilo de pasta de gergelim, um vidro de germe de trigo tostado, um pote de ginjas em conserva.

Eu sempre podia comprar mais mantimentos, de modo que o que mais me inquietava era a imagem assustadora do seu consumo. O *tahine*, por exemplo, era oleoso, mas tendia a precipitar, e aquela camada pesada e seca do fundo grudava na garganta. Fiquei triste ao pensar em como devia ser pesaroso alguém se empanturrar de germe de trigo.

Havia uma oportunidade, nos dias de semana, para o rato brincar enquanto os *gatos* estavam fora — eu na Baby Monotonous, Fletcher andando de bicicleta e as crianças na escola. Mas uma tarde eu não estava me sentindo muito bem e saí cedo do trabalho. Fiquei surpresa por ele não ter me ouvido entrar, mas, afinal, meu irmão estava ocupado. Por um instante, parei na porta da cozinha para observar.

Nossa bancada central de madeira estava repleta de vidros. As laterais do vidro vazio de calda brilhavam. Reconheci um presente de Natal antigo que havia deslizado para o fundo da despensa: nozes e avelãs numa substância marrom, viscosa e grossa. O vidro também estava vazio e escorrendo. O mel havia acabado. Bizarramente, lá estava um vidro de lima-da-pérsia em conserva. Molho de arando-vermelho. E tudo isso somado ao nosso açúcar de confeiteiro, que Edison estava comendo às colheradas, direto da caixa.

Ele levantou os olhos. Algumas pessoas talvez vissem o lado cômico daquilo. O xarope dos momentos anteriores ao saque havia grudado o pó branco no seu queixo, numa homenagem a Papai Noel. O açúcar espalhara-se feito talco em seu cabelo, envelhecendo dez anos os tufos de suas têmporas. Caíra como neve nos punhos e na gola rulê do ubíquo cardigã preto. Empoara os sapatos pretos largos, de bico quadrado, e mais um raio de um metro de azulejos de terracota. A pasta branca umedecida acumulava-se feito espuma hidrofóbica na sua boca, que ele tinha aberto para emitir sabe-se lá que explicação implausível para substituir as provas evidentes. A náusea que eu estivera combatendo deu uma piorada.

Lutei contra a ânsia covarde de fugir. Em vez disso, comecei a lavar os vidros para reciclagem. Baixei os olhos enquanto ele engolia com força,

limpava o rosto com um pano de prato e fechava a caixa de açúcar — dobrando cuidadosamente o saco de papel encerado dentro dela e introduzindo com precisão a aba de cartolina na abertura oposta. Tínhamos ultrapassado em muito a possibilidade de ele inventar uma historinha sobre ter resolvido fazer um bolo, e senti alívio por ele não tentar.

— Sabe — comentei, baixinho —, teria sido menos perturbador interromper você cheirando cocaína.

— Desculpe a bagunça — disse ele, batendo no suéter, que foi ficando cinza. — Eu estava com fome.

— Não, não estava. Você tem alguma coisa que não sei como se chama, mas não é fome.

Devo ter soado zangada, mas, quando acabei de lavar o terceiro vidro, deixei a água quente correr e baixei a cabeça sobre o vapor.

— O quê...? — falei. — O quê...?

Fiquei balançando a cabeça, até que o que andara incomodando meu estômago mais cedo, nesse dia, subiu num grande bolo — não de vômito, mas de um soluço, que devia estar tentando sair fazia um mês.

Edison aproximou-se e me abraçou por trás, encostando o rosto nas minhas costas, enquanto meus olhos gotejavam na pia. Mais tarde eu decidiria que a capa Burberry cor de oliva que eu estivera usando ao chegar em casa teria que passar por uma lavagem a seco. Nos ombros, nas lapelas e nas mangas inteiras, estaria acinzentada pelo consolo impotente de marcas de mãos cobertas de açúcar de confeiteiro.

Capítulo Nove

Parece cruel, mas, exceto por Cody, todos olhávamos com desespero para aquele 29 de novembro marcado em vermelho, dia do voo de volta do meu irmão para Nova York. Em nossa defesa, ter um hóspede de qualquer tamanho por dois meses inteiros é desgastante para a maioria das pessoas. Conversar era exaustivo. Entre o discurso contínuo do meu irmão e seu iTunes ligado no nosso estéreo, Fletcher tinha dificuldade de se concentrar. Trabalhava com madeiras caras, muitas vezes importadas; quando fazia os cálculos para uma encomenda, um pedaço com três centímetros a menos podia ser desastroso. Nosso trabalho na lavanderia havia aumentado: três peças volumosas do Edison enchiam a máquina para um ciclo de lavagem. De manhã, ficávamos *constantemente* sem leite cremoso, embora estocássemos o produto em embalagens de meio galão.

Meu irmão não era uma pessoa cuidadosa em termos físicos, o que se evidenciou durante semanas numa série de pequenos estragos, que ainda resultavam num sentimento contínuo de violação. Ele experimentou usar meu vaporizador de leite no fogão e deixou o aparelho no fogo alto para secar, derretendo a vedação de borracha e estourando a válvula de segurança. Usou uma espátula de metal na panela não aderente que era minha favorita para saltear. Quebrou uma das taças de vinho finamente lapidadas que eu tinha herdado de nossos avós paternos. Ao ferver água para o macarrão, pôs uma panela Revere Ware fora do centro do combustor, e as chamas subiram pela lateral e superaqueceram o cabo; a cozinha passou horas cheirando a plástico queimado. Infelizmente, com o avanço do inverno, ele deu para preparar o fogo na lareira, mas, empregando as mesmas quantidades que tipificavam tudo em que colocava as mãos, devastou nosso estoque de

gravetos e deixou manchas pretas de carvão no tapete persa que ficava diante da lareira.

Edison continuou com seus horários antissociais e, assim, ao acordar, eu descia na ponta do pé e me abstinha de ouvir o rádio enquanto preparava minha torrada para não perturbar nosso hóspede adormecido lá em cima. Por outro lado eu preferia essas manhãs àquelas em que Edison, tendo achado cansativo demais enfrentar a escada, dormira de roupa na poltrona reclinável marrom — obrigando a família inteira a se portar como ratos de igreja durante todo o café da manhã e a se virar com suco ou chá, porque ligar o moedor de café o acordaria. E Edison sofria de apneia do sono. Por mais irritante que fosse o seu ronco pesado, os longos silêncios em que ele parava completamente de respirar nos perturbavam muito mais. Os bufidos altos com que terminavam esses intervalos mortíferos nos assustavam, mas, ainda assim, eram um alívio.

Pelo bafio de cigarro que invadia o térreo, eu duvidava que ele sempre fumasse na varanda quando o resto da família estava fora de casa ou dormindo, especialmente agora que fazia frio em novembro. Toda vez que ele de fato saía e voltava a passos lentos pela porta corrediça, fazia a temperatura cair não três graus, mas cinco.

Como se julgasse estar em turnê e, portanto, aos cuidados do pessoal de um hotel, sua contribuição para a limpeza da casa era atrapalhar a passagem do aspirador. Mantínhamos uma decoração mínima, para melhor destacar as peças de marcenaria do Fletcher, mas, nos últimos tempos, ela exibia a louça suja do Edison, seus chinelos surrados e exemplares espalhados da revista *Downbeat*. Fletcher era um homem organizado, de estética espartana; a primeira coisa que fazia, ao emergir do porão ou regressar de uma volta de bicicleta, era recolher esse detrito, com os lábios tão comprimidos que formavam um risco. Apesar das advertências regulares do boneco do Fletcher, meu irmão esquecia rotineiramente que os móveis do meu marido eram polidos com óleo, não envernizados, e que as xícaras apoiadas sem um descanso para copo deixariam anéis desenhados na mesa de centro de pau-rosa. Visto que os danos colaterais da licença sabática do meu irmão no Meio-Oeste, segundo a regra da propriedade transitiva, eram todos culpa minha, eu escapava sorrateiramente do meu marido, com um tablete de

Land O'Lakes na mão, para remover as manchas circulares esfregando-as com a manteiga — e enquanto isso me perguntava: se eu tinha aprendido esse truque com mamãe, por que meu irmão não aprendera também? Toda vez que Edison tomava banho no banheiro do andar de cima, o tapete ficava encharcado, assim como o chão, e quem entrava logo em seguida deixava pegadas enlameadas nas lajotas do piso. O quarto de hóspedes era um ninho de roupas sujas que eu mesma tinha de recolher, com frequência. Agora afundado no meio, como uma cova parcialmente cavada, o colchão teria de ser trocado.

Eu não me preocupara com o espírito arbitrário que levara Edison a assinalar rapidamente na folhinha a data de regresso que havia escolhido, ao trocarmos a reserva da passagem de avião em outubro. Era presumível que, quando voltasse a Nova York, ele esperava passar um ou dois dias na casa de colegas, talvez na de Slack Muncie, agora que o amigo tivera uma folga, antes de partir com uma banda para Barcelona. A falta de especificidade dos seus muitos outros compromissos durante a primavera me causava um mal-estar que eu evitava examinar em detalhes. De acordo com Edison, ele ganharia dinheiro suficiente na turnê por Portugal e Espanha para pagar o depósito do aluguel de um novo apartamento e tirar suas coisas do depósito. (Eu me propusera a também contribuir para sua renda se isso o ajudasse a ter sua própria casa outra vez, embora houvesse um lado feio nessa oferta — era mais que uma sugestão de que eu pagaria a meu irmão para ele não voltar para a minha.) No entanto, sempre fora essa a ideia, certo? A de que a estada dele em New Holland o ajudaria a atravessar uma fase profissional difícil. Logo, logo, Edison voltaria da sua turnê europeia com dinheiro no bolso, pronto para se restabelecer na Big Apple e cumprir sua agenda atarefada. No papel, tudo fizera sentido, até eu pôr os olhos nele. Mas eu achava que tinha feito a minha parte, entende? Achava que toda a minha família tinha feito mais do que a sua parte.

Só em retrospectiva reconheço que essa questão de "fazer a sua parte" é um erro letal de compreensão da natureza dos laços familiares. Compreendendo-os melhor agora, julgo assustadoras as relações consanguíneas. O que há de maravilhoso no parentesco é também o que há de terrível nele: não existe linha alguma riscada na areia, não existe um

limite natural para o que é razoável que essas pessoas esperem de você. Quando me mudei para Iowa e passei dois anos inteiros na casa dos meus avós, eu me desculpava com frequência por ainda não ter arranjado um emprego e um apartamento. Minha avó (que sem querer preparou a minha saída ao me ensinar a cozinhar) costumava dar tapinhas calorosos na minha mão e dizer: "Ora, a própria definição de *família*, meu bem, é a de pessoas que sempre a acolherão." Na época, eu havia achado reconfortante essa paráfrase que ela fizera de Robert Frost, mas, durante a longa visita fraterna que recebi, aquele aforismo tinha voltado a me incomodar. Ou seja, o que seria "razoável" Edison esperar de mim era potencialmente infinito.

Reconheci então que a responsabilidade, depois de assumida, não é fácil de ser deixada para lá — não sem fazer tantos estragos no processo de abdicação que melhor seria nunca tê-la assumido, para começo de conversa. Quer eu o percebesse, quer não, ao mandar aquela passagem de avião e o cheque de quinhentos dólares, eu havia acolhido meu irmão. E todas as suas não sei quantas centenas de quilos. Esse contrato não tinha como prazo final o dia 29 de novembro, não se lêssemos as letras miúdas do texto. Há casos em que donos de animais de estimação se sentem sobrecarregados e deixam na ASPCA, a sociedade que previne a crueldade contra animais, os cães que eles não sabiam que dariam tanto trabalho; há pais de criação que pensam melhor e devolvem ao Estado seus tutelados rebeldes. Mas a família consanguínea funciona como uma via de mão única.

* * *

— *AAAAAAHH!*

Não sei direito como grafar essa exclamação de um tormento que palavras não podem descrever, emitida num volume que acho nunca ter ouvido meu marido alcançar, logo ele que era um homem tão contido. Com certeza, o "argh!" das histórias em quadrinhos não faria justiça àquele som.

Larguei na pia a panela que estava esfregando e corri para a sala no exato momento em que Edison escapulia para a varanda a fim de fumar. Meu pavor era que Fletcher houvesse se machucado.

— Tudo bem com você?

Meu marido estava imóvel, com um bloco de desenho na mão, bufando. Não parecia estar sangrando, mas, vindo de qualquer outra pessoa, aquele silvo agudo na sua garganta seria um grito. Inclinava um pouco o corpo para trás, como quem recuasse do espectro macabro de um animal recém-atropelado na estrada. Virei-me para ver o que era que Fletcher não suportava olhar: a Bumerangue.

Ela estava, sim, apenas sutilmente desengonçada. Três das ripas traseiras de sustentação já não se elevavam naquelas curvas suaves de caixa torácica, mas sofriam interrupções, nas quais apontavam para a direção errada. O arco ondulado da barra superior do espaldar, que formava todo o volteio elevado e esvoaçante da peça, também tropeçava num ângulo súbito, do qual escapava uma lasca. Num material inflexível como a madeira, sutilmente desengonçada era o mesmo que... bem, completamente estropiada.

— Ah, não — falei, baixinho, ajoelhando-me junto à cadeira.

Examinei as ripas, que foram fraturadas de forma desigual, já que eram laminadas, e, exceto por alguns fragmentos, rachadas de fora a fora. A barra superior do espaldar tinha lascas ao longo de uns bons vinte centímetros.

Com seu ouvido instintivo para a tristeza, Cody desceu depressa e ficou ao meu lado.

— Ah, a Bumerangue não! — disse ela. Quando apoiou o rosto no assento de couro vermelho, nós nos entreolhamos, compartilhando o pavor. — Que pena, papai! Adoro esta cadeira. É como se fosse um membro da família. Todos os meus amigos acham que ela é o máximo!

Fletcher não se deixaria comprar por elogios.

— Eu *disse* a ele para não se sentar nessa cadeira. Disse para não se sentar em nenhuma destas peças. Elas foram desenhadas para pessoas normais. Pessoas normais com um mínimo de disciplina, um mínimo de inteligência.

Para mim, era novidade Fletcher ter banido meu irmão dos seus móveis. Eu havia descartado meus próprios receios, optando por confiar na construção robusta dos produtos do meu marido — uma confiança que me poupara a mortificação de dizer ao Edison que ele não podia sentar-se onde o resto de nós se sentava, porque era gordo demais.

— Mas você pode consertar, não pode, papai? Podemos mandar a Bumerangue para o hospital, para ela ficar boa!

Cody era madura para os seus treze anos, e aquela infantilidade era um estratagema.

— Tem certeza de que foi isso que aconteceu? — perguntei ao meu marido, cansada.

— Será que entrei na sala dormindo, feito um sonâmbulo, brandindo um machado? As crianças andaram praticando tacadas de beisebol dentro de casa? Elas não jogam beisebol. Você não teve nada a ver com isso, *teve*? — acrescentou ele, dirigindo-se a Cody.

Os olhos dela foram perpassados pelo pânico: no calor do momento, teve dificuldade de conceber um cenário plausível em que tudo fosse culpa dela.

— Não sei. Eu sentei nela ontem. Para fazer o dever de casa. O meu laptop é... meio pesado...

— Bem, nesta casa — disse Fletcher —, além do laptop de *3 kg* da minha frágil filha, quem mais é "meio pesado"?

— Acho que é a explicação mais lógica — reconheci, abatida.

— Aquele filho da puta não teve nem mesmo a integridade de me contar! Deixou tudo escorado, as ripas apoiadas umas nas outras, a barra socada no lugar original. Então, eu me sentei e *paft*! Depois de tantos anos, você acha que essa cadeira não consegue aguentar o *meu* peso?

— Edison! Pode vir aqui, por favor? — chamei.

Não gritei alto o bastante para ele me ouvir, caso estivesse na varanda, a menos que aguardasse justamente esta convocação, com as orelhas em pé. A porta deslizou e estalou, e ele demorou demais para chegar gingando na sala.

— E aí, quais são as novas, cara? — disse ele, com ar inexpressivamente gentil.

Ainda ajoelhada, alisei as ripas avariadas, como se acalmasse um bicho de estimação prestes a ser sacrificado.

— Esta cadeira está quebrada. Você teve alguma coisa a ver com isso?

— Pô, não, é claro que não. Não tenho nada com isso.

Suspirei. Sem nunca haver cuidado de filhos pequenos, eu não tinha ideia de como lidar com negações evasivas diante de provas incontestáveis que afirmavam o contrário.

— Seria realmente melhor você confessar.

— Confessar o quê? Não fiz nada! Mas é uma pena mesmo. Essa cadeira é *fora do normal*, cara. Mas vocês podem consertar, não é? Tipo, com cola instantânea, ou algo assim. E o seu marido aqui. Ele é, tipo, um gênio naquele porão, está entendendo?

— Não se consertam móveis exclusivos de alto padrão com *cola instantânea* — retrucou Fletcher.

Tanner apareceu lá embaixo e o acréscimo de mais um membro da plateia para verificar o drama da entrada só piorou as coisas.

— Ei, terei prazer em ajudar se puder — disse Edison, animado. — Saio amanhã mesmo para comprar a tralha para o conserto, seja o que for. É só me dizer aquela palavra.

— "Aquela palavra", ou palavras — retrucou Fletcher, encarando meu irmão, que deu um passo para trás — são: *Desculpe. Sinto muito por eu ser um merda tão gordo...*

— Querido — implorei —, sei que você está aborrecido...

— *Sinto muito por ser este poço de banha fracassado que não tem nada para fazer o dia inteiro, a não ser arriar a bunda enorme num móvel em que fui EXPRESSAMENTE proibido de me sentar. Desculpe por eu ser tão cheio de gogó...*

— Não, papai! — Cody abraçou a cintura do pai. — Por favor, cale a boca, por favor!

Fletcher a afastou.

— *...que finjo ser um músico de jazz conhecido internacionalmente quando, na verdade, sou um comodista viciado em comida, sem um tostão e sem teto, sugando a otária da minha irmã e arruinando a vida de toda a família dela. Desculpe por ter uma cabeça gorda, as coxas gordas, os dedos gordos nas mãos e nos pés, e até o pau gordo, se bem que a minha barriga é tão grande que, na verdade, faz uns dois anos que não ponho os olhos no meu pau. É por isso que, quando destruo um objeto insubstituível, que não tem preço, eu o deixo delicadamente escoradinho, para que alguma outra pessoa o encontre, porque não sou HOMEM o bastante para admitir que o quebrei.*

Como estratégia, a diatribe teve o efeito oposto ao desejado. Quando Edison empalideceu e passou às cegas por nós, saindo pela porta da frente

sem sequer pegar o casaco enquanto a temperatura estava abaixo de zero, Cody abandonou o pai e correu atrás dele.

— Querido, é uma cadeira linda, mas é só uma cadeira — falei. — Que você não vai conseguir restaurar, não importa quanto repreenda o meu irmão, nem mesmo se o fizer da maneira mais violenta. *Nunca mais* faça isso.

Peguei meu casaco, joguei os de Cody e Edison no braço e saí para alcançá-los. Com aquele tamanho, ele não poderia ter ido longe.

* * *

— Aquele cara me odeia, porra.

Edison avançava pesadamente pela Alameda Solomon, a postura inclinada para a frente lembrando a urgência com que, quando mais alto e esguio, ele costumava caminhar pelas ruas de Manhattan, com seu ótimo casacão de couro. Mas a velocidade dessa noite tanto seguia para o lado quanto para a frente. Cody segurava uma das mãos dele, o que tornava difícil para mim andar do outro lado; Edison ocupava sozinho a largura da calçada.

— Fletcher não o odeia.

Foi uma contestação reflexiva, embora eu não soubesse que nome dar, senão ódio, a quando alguém desejava tanto que outra pessoa simplesmente sumisse.

— Eu acho você maravilhoso, tio Edison!

— *Por favor*, vistam isto, está frio! — implorei.

Havíamos comprado o casaco de Edison na Kohl's, numa de nossas saídas mais bem-sucedidas, mas ele ignorou a enorme jaqueta marrom acolchoada, que ocupava tanto espaço nos meus braços quanto um saco de dormir. Cody também desdenhou do seu agasalho, fosse por solidariedade ao tio ou por não suportar a ideia de soltar a mão dele.

— Olhe, cara, é uma pena o que aconteceu com a cadeira — ele ainda não admitia exatamente o que fizera —, mas isso não dá a ele o direito de menosprezar a minha carreira. Você tem os CDs, não é? Para aquele cara, eles são invenção minha. Ele devia experimentar procurar meu nome no Google, cara. Ver a minha página na Wikipédia, cara. Não gosto que falem comigo como se eu fosse um zero à esquerda, cara.

Rápido e furioso, o "cara" pontuava sua fala como um acesso de soluços.

Aproveitei um trecho gramado para andar ao lado dele.

— Ele perdeu as estribeiras. Aquela cadeira é... sei que é "só" uma cadeira, mas, especialmente quando se trata de uma coisa que a própria pessoa fez, ela pode amar o objeto. Para Fletcher, quebrar aquela cadeira é pior do que quebrar um braço. A Bumerangue é como um menor tutelado, uma responsabilidade. Ele fica com a sensação de não ter cuidado bem dela. Eu não compararia uma cadeira a uma criança, mas, mesmo assim, ele ficou... de luto. Quando as pessoas ficam transtornadas, elas dizem coisas da boca para a fora.

— Às vezes, elas perdem a cabeça e dizem *exatamente* o que querem dizer. — Com o queixo enfiado no pescoço, Edison subiu na calçada de cara amarrada. A luz da rua desenhava sombras dramáticas nas dobras do seu rosto e, ao incidir sobre os tufos arrepiados de seus cachos, formava em volta da sua cabeça uma auréola que lhe dava um ar santificado de mártir. — Ele também não dá muito valor a *você*, Ursa Panda. Uma companhia inteira, um produto distribuído por todo território nacional, e daí? O cara age como se todo dia você saísse para se reunir com um desses grupos de mulheres que fazem colchas de retalhos.

— O negócio de marcenaria do Fletcher não anda lá muito bem. Ele realmente trabalha pesado, mas as pessoas daqui não pagam o que valem os seus móveis, pois conseguem comprar na Target, por trezentos dólares, jogos prontos de sala de jantar. Você sabe como é passar por uma fase ruim. Isso deixa a pessoa... menos generosa.

Eu estava ficando cansada desse ritual: explicar Fletcher a Edison e Edison ao Fletcher. Não dava certo.

— É óbvio que a minha estada aqui deixou de ser legal se estou "arruinando a vida de toda a sua família". Vou antecipar a reserva do avião. Parar de encher a paciência de vocês.

— Você não está enchendo a nossa paciência! — protestou Cody. — E você prometeu me ajudar na "April Come She Will".

Íamos chegando perto de outras árvores, o que me empurraria para trás do Edison; dei uns passos adiante, virei-me e detive os dois. Coloquei o casaco de Cody na sua mão livre e pus a grande jaqueta marrom acolchoada sobre

os ombros redondos do meu irmão, torcendo para que ele se lembrasse da tarde de camaradagem em que a havíamos comprado. Só com a luz da rua iluminando-as diretamente foi que pude ver como as pupilas dele estavam contraídas, como os pequenos músculos em volta dos olhos tinham um tremor espástico.

— A casa também é minha, e quero que você fique — declarei. — Porque eu amo você.

As pessoas vivem escutando essas coisas dos familiares, mas o impacto daquela confissão simples e dentro dos padrões em meu irmão, naquele momento, foi profundamente comovente e assustador. Depois de soltar a mão de Cody para que ela, tiritando, pudesse vestir o casaco, Edison me abraçou como um casulo agradecido de carne e forro de plumas, que me fez sentir aquecida e segura, com meu irmão retornando brevemente à condição de meu protetor, mas que também me sufocou um pouco. Eu era a filha do meio, a madrasta e, até pouco tempo, apenas aquela que cuidava das ocasiões especiais de outras pessoas. Muito antes de compartilhar um raro centro do palco em meu casamento tardio, cresci acostumada a me sentir um acessório — meio deixada de lado, como uma consideração secundária. Essa foi minha primeira indicação indireta de qual seria a sensação de ser muito importante.

* * *

Cody e eu acabamos convencendo Edison a voltar para casa. Ele não tinha outro lugar para ir.

Ao retornarmos, encontramos Fletcher enfurnado no porão, havendo passado sobre a Bumerangue uma faixa amarela de uma remessa de madeira, o que sugeria que aquela era a cena de um crime. Quando tentei convencê-lo a subir, ele só concordou em conversar sobre a situação quando o lembrei que o impasse não era justo comigo.

Banindo Cody e Tanner para seus quartos, a fim de que ninguém pudesse meter o nariz, fiz os dois antagonistas sentarem-se à mesa de jantar, onde Edison afundou na poltrona reclinável marrom e Fletcher acomodou-se, rígido, no extremo oposto. Já tendo conversado com meu irmão durante a caminhada escura e gélida para casa, levei-o a admitir que era "bem possível"

que, "num momento de distração", ele houvesse se sentado na Bumerangue, que talvez tivesse "uma lembrança muito vaga" de um barulhinho de rachadura, ao qual, "na hora, não tinha prestado atenção", e que, considerando essa hipótese, ele lamentava muito — uma desculpa suficientemente ambígua para melhorar um pouco as aparências. Execrando a ideia de deixar meu irmão se safar com menos que um *mea culpa* humilhante e ainda chorando a perda do talismã de seus talentos, Fletcher expressou seu ceticismo diante dessa semiconfissão com o *poc* oco e repetido do uso do fio dental, lançando fragmentos de acelga a meio metro de distância sobre a mesa.

— Fletcher, você pode fazer isso depois, por favor? — pedi.

Com um olhar fuzilante, ele apoiou os cotovelos na mesa e esticou um pedaço de fio dental entre os indicadores de ambas as mãos, formando um garrote de quinze centímetros.

— Você faz alguma ideia do que aquela peça significa para mim, aquela peça, em particular?

— O próprio fato de Edison ter ficado com medo de lhe falar das avarias — intercedi —, supondo, é claro, que ele tenha se sentado na cadeira por engano, sugere que ele sabe o que a cadeira significa para você.

Eu não estava segura desse raciocínio, que imputava um poder maior de empatia aos mentirosos, mas ele me pareceu bom naquele momento. Levantei as sobrancelhas para Fletcher, indicando que era a vez dele. Talvez eu tivesse sabido lidar bem com crianças pequenas, afinal.

Ele baixou o fio dental.

— Peço desculpas por tê-lo chamado de gordo.

Inferi que isso era tudo o que pretendia admitir.

— Escute, cara, sei que sou gordo — falou Edison, enfim dirigindo-se diretamente a Fletcher. — Mas, do jeito que você fala, é como se eu fosse lixo. Não é uma descrição, mas um veredicto. Como se eu fosse uma abominação, a fonte de todo o mal e toda a podridão do universo. Eu como demais, mas não matei ninguém. Não sou pedófilo. Nem roubei a sua carteira, cara.

— O que é isso? "Orgulho de gordo"? — perguntou Fletcher, azedo.

— Não tenho orgulho de mim, ou melhor, tenho orgulho, sim, mas não do meu peso. Mesmo assim, quando dou cabo de um *donut*, não estou fazendo nada contra *você*.

Fletcher o ouviu. Acredito, sinceramente, que ele vivenciava o fato de meu irmão comer demais como uma agressão.

— Você está se matando, você sabe.

— Se estiver, é problema meu.

— Não tenho tanta certeza. Tive uma esposa que começou a cometer suicídio aos poucos e, decididamente, tive a impressão de que o problema também era meu.

— Então, vai ver que é sorte não sermos casados.

— Você está causando muito sofrimento a sua irmã, e sou casado com ela.

— Isso é entre mim e a Pandora. Se ela tiver algo para me dizer, pode dizer.

— É um elogio, você sabe. O fato de ela se importar. Mas você tem feito a minha mulher chorar, e eu não gosto disso.

* * *

— Fui eu que sofri o prejuízo, e você está com raiva de mim.

— Ele estragou um objeto — respondi na cama, à noite. — Você feriu os sentimentos dele. Você nunca teria estourado daquele jeito se ele não tivesse uma perna, ou se tivesse uma deformidade.

— Ele se deformou. Gordura não é "deficiência". Posso ter pedido desculpas, mas talvez ele precise justamente de um choque curto e grosso.

— Ninguém precisa de crueldade.

— A sua prática de desviar o olhar não tira um grama do peso dele.

— Mas Edison tem razão numa coisa. Você age como se estivesse numa cruzada moral. O peso dele o transforma num pária na sociedade. Reduz a probabilidade de que ele torne a se casar. Tem implicações graves para a saúde dele. Mas não é uma *maldade*. Assim como todo esse exercício que você faz não tem nada a ver com ser bom. Sei que você acha que tem. O exercício o faz sentir-se bem, e se sentir bem *com você mesmo*, e superior às

pessoas que ficam à toa o dia inteiro. Mas é basicamente uma perda de tempo, que não faz nada por ninguém a não ser você mesmo.

— Isso é demais. O seu irmão come tudo o que temos em casa e destrói a mobília, e quem é que leva a espinafração? Eu. Pelo egoísmo de andar demais *de bicicleta*. Que tal "Obrigada por aguentar o pé no saco do meu irmão por dois meses inteiros"? Que tal "Sinto muito que ele tenha destruído uma das melhores peças que você já fez"?

— Eu *sinto* muito... Você acha que ela tem conserto?

— As ripas, talvez. Recriar aquele arco superior com uma peça inteiriça de madeira já é outra história. Não acho que tenho essa disposição. A gente cria algo uma vez como um ato de amor. E faz tudo de novo como uma tarefa enfadonha.

— Bem, conserte-a, ou então desmonte-a para reaproveitar em outro trabalho, mas, seja como for, leve-a para o porão. Neste momento, é como se tivéssemos um cadáver na sala. É acusatório.

— E qual é o problema *disso*? Você vive agindo como se o seu irmão fosse a vítima, o coitado do gordo. Mas é a *nós* que *ele* está vitimando.

— Talvez ele não seja uma vítima, e sim um alvo fácil. Implique com alguém do seu tamanho.

— Você é muito trouxa! Já se perguntou se aguentaria metade das merdas que esse cara faz se ele não estivesse obeso?

— Mais duas semanas — pedi. — Por mim. Por favor, vamos enfrentar essa reta final sem outros estragos.

— É o seu irmão que está fazendo os estragos.

Seu tom lúgubre deixou implícito que ele não falava apenas da cadeira.

Deitados lado a lado, não nos tocamos. Eu queria pegar a mão dele. Ficaria tudo bem se ao menos tivéssemos algum contato físico. Mas, toda vez que eu mandava minha mão se mexer, via a carranca do Fletcher na sala, cheia de ódio, e também a expressão do Edison — tão ferido que era como se meu marido lhe houvesse acertado o queixo com uma tábua. Os poucos centímetros de tecido de algodão frio alargavam-se entre nós como uma plataforma de gelo do Ártico.

Já que dormir estava fora de cogitação, finalmente perguntei, em voz baixa:

— E que tal a *sua* "prática de desviar o olhar"?

— Você está brincando? Sou o único nesta casa capaz de dizer um palavrão em algum momento.

— É isto que estou querendo dizer. Para você, Edison tem deixado à mostra a fraqueza dele: a preguiça, o comodismo. E o que você deve achar de mim?

Fletcher virou-se para me olhar; o simples alívio da sua mão no meu rosto me deixou zonza.

— Meu bem, do que você está falando?

— Do que nunca falamos. — Ao apertar mais os braços em volta da cintura, percebi que era comum eu me deitar daquele jeito na cama, com as mãos agarrando os pneuzinhos dos dois lados da cintura. — Não tenho o mesmo manequim de quando nos casamos, e você sabe disso.

— Santo Deus, querida, o seu irmão... não há como comparar!

— Está vendo? Você *notou*.

— Um pouco, talvez, mas e daí? Quase sempre as mulheres da sua idade engordam um pouquinho. Eu não ligo! Você continua tão bonita para mim quanto no dia que nos conhecemos.

Ele afagou meu cabelo, tirando-o dos meus olhos, mas virei o rosto para a parede.

— Isso é só o que você acha que deve dizer. — Eu estava decidida a não chorar. — Eu me sinto uma vaca. Nenhuma das minhas roupas antigas me serve mais. E, enquanto isso, você é tão rigoroso com a sua dieta que não come nem aqueles pratos com provinhas minúsculas que eu deixo para você...

— Ei, ei! Eu *adoro* aquelas tapeaçõezinhas. Só não suporto é parecer hipócrita quando o seu irmão está por perto. E lamento dizer que ele está sempre por perto.

— Mas você anda de bicicleta o tempo todo, e nunca esteve tão magro...

— Isso é coisa minha. Como você disse, tem a ver com o que faz com que *eu* me sinta melhor em relação a *mim mesmo*. Não tem nada a ver com você.

— Faz você se sentir melhor do que eu. Afinal, se o que você disse ao Edison serve de referência, eu lhe dou nojo.

— Não, não, não! — Fletcher virou meu rosto na sua direção. — Eu sinto uma tremenda admiração por você! Dirigindo uma empresa iniciante e

lucrativa? Ainda conseguindo ser uma mãe fantástica para filhos que nem são biologicamente seus? Caramba, me suportando e aguentando essa farsa que é minha empresa de móveis? O que são uns 2 kg perto disso?

— São mais de 2 kg — resmunguei. — Mas, se você se envergonha de mim, não o culpo, porque também estou com vergonha de mim. Às vezes, acho que como para me castigar. Por comer. Não diga nada, sei que isto não faz sentido. E agora, com o meu irmão aqui, com as *questões* dele e aquelas refeições enormes que ele faz, torcer o nariz para o que ele cozinha pareceria mesquinho, e seria como ladear com você de um jeito que pareceria que temos uma conspiração contra ele... Bem, está pior do que nunca. O que faz você me desprezar ainda mais, e acho que estou, sei lá, completamente... nojenta.

Fletcher beijou meu pescoço, sussurrando:

— Você continua a ser *atraente em surdina*. E, neste quarto, isso também não tem nada de "surdina". Nenhuma porcaria de *burrito* jamais mudará o fato de que eu amo você e você é minha mulher.

Amolecida de desespero, deixei meu marido passar as mãos com adoração por todas as partes do corpo que eu desprezava — as coxas que se enrugavam à luz mais forte, a barriga que um dia escorregara da minha caixa torácica feito uma pista de esqui, mas que, ultimamente, ficava estufada mesmo quando eu me deitava de costas, os seios que antes eu desejara que fossem maiores, mas que agora detestava por serem maiores, já que a única razão de eu exibir aquelas mamas era estar acima do peso. Mas, se eu havia passado a abominar minha anatomia, Fletcher Feuerbach a amaria por mim, e assim, por gratidão, retribuí seus carinhos e, naquela noite, caí em um sono profundo em seus braços. Talvez o maior favor que um cônjuge possa fazer ao outro seja fechar os olhos para o que o parceiro não consegue relevar.

* * *

Meu aniversário de quarenta e um anos chegou no final da semana, e as crianças deram um jeito de fazer comigo o que eu fazia por profissão com outras pessoas, todos os dias. Como não é de admirar, o riso fica meio forçado quando nós somos o alvo da piada.

Edison preparou não me lembro o quê, embora com toda certeza tenha sido *farto*. Lembro-me de haver lamentado, nesse aniversário, que qualquer tipo de ocasião festiva pusesse o ato de comer no centro. As reuniões eram rotuladas pelo que se pudesse pôr na boca: vamos tomar um *café*, vamos nos reunir para *beber* alguma coisa, vamos *jantar* uma noite dessas. A própria cronologia do dia era marcada pelo que se ingeria — hora do *café*, hora do *almoço*, hora do *jantar* —, razão por que raramente se marcavam reuniões sociais para as onze horas da manhã ou as três da tarde.

Depois da refeição, meus prêmios: Fletcher havia entalhado para mim um banco ergonômico de cozinha que mantinha minhas costas eretas, e procurei não me sentir ofendida por ele achar que eu tinha má postura. O presente do Edison, composto de queijos e linguiça defumada, foi um belo gesto, mas eu gostaria que ele houvesse conseguido pensar num agrado que não envolvesse comida. Cody tocou para mim uma versão de "Bridge Over Troubled Water" com a qual podia exibir sua habilidade crescente no improviso, e sua apresentação preparou o terreno para meu presente principal, dado por ela e Tanner, que tinham feito uma parceria nesse ano.

Meus enteados haviam encomendado uma boneca Pandora da minha própria empresa. Ainda a tenho. Em vez do modelo magrinho, escolheram a compleição de porte médio que, na sede da firma, escolhíamos para as vítimas claramente rechonchudas. A boneca tinha um cabelo curto bagunçado, de fios louros, e exibia uma expressão de boa vontade otimista que parecia vagamente imbecil. Usava um moletom da Baby Monotonous, com nosso logotipo bordado no peito. Puxei a cordinha das costas e, cada vez que fazia isso, provocava muitas gargalhadas ruidosas e salvas de palmas:

Sou humilde e tímida demais para dizer nomes, mas o meu pai é *super*famoso.
Guarda Com-par-ti-lhaaa-da! Família des-pe-da-çaa-da!
Travis é uma *história cautelar*.
Saiu na *Forbes* desta semana, mas não se preocupem, a qualquer momento minha empresa vai quebrar.
Ah, não! Não *outra* sessão de fotos!
Não sou rica, só estou *indo bem*.
Meu produto de sucesso nacional é um modismo bobo e passageiro.
Adoro meus filhos, e é por isso que quero que eles sejam joões-ninguém.

Sou uma empresária que decide tudo do seu jeito, mas espero que todas as outras pessoas façam cursos profissionalizantes e vendam sementes de milho.
Posso ter me tornado conhecida, mas tudo o que eu sempre quis *realmente* foi ser ignorada.
Ele não é gordo — ele é meu ir-mão!

Quando cheguei a esta última frase, berrada ao som do sucesso dos Hollies, Cody deu um tapa no irmão e protestou:

— Você *prometeu* que ia deixar essa aí de fora!

— Não se preocupe com isso, garota! — disse Edison. — Gostei pra caramba.

Se Edison conseguia ser tão bem-humorado, eu também podia levar a gozação numa boa, e acho que, na frente dos outros, consegui parecer encantada. É verdade que me emocionei por eles terem se dado todo esse trabalho, mas, no fundo, aquilo me mortificou. O que era modéstia para mim era falsa modéstia para todas as outras pessoas.

Até o fato de eu fingir que provava animadamente o meu próprio veneno foi exposto à fria luz do dia, mais tarde, e considerado insatisfatório. Fletcher nos encurralou numa foto de grupo, com todos de pé, e ainda guardo essa fotografia. Edison ocupa metade da cena, com Cody e Tanner espremidos ao meu redor. Eu apareço agarrada a minha nova sósia, mas meu jeito de segurá-la é tudo, menos afetuoso. É como se estivesse tentando estrangulá-la.

Capítulo Dez

Toda vez que encontro uma foto minha, a primeira coisa que avalio é meu peso. Sou apegada a determinadas fotos não por rememorarem ocasiões marcantes, mas por me mostrarem magra. É provável que eu pudesse dispor todas as minhas fotos numa ordem exata de preferência, que corresponderia perfeitamente a um *continuum* do meu tamanho. As mais queridas são as dos anos da Breadbasket, quando eu era esquelética, o que me faz parecer assexuada e insignificante. Não me importa. Estar abaixo do peso pode não ser atraente, mas ainda me parece uma insígnia de nobreza — sim, sei quanto isso soa ridículo —, e invejo na minha encarnação anterior a aparência de quem goza de certa margem de manobra. Eu zombava da associação que Fletcher fazia entre físico, vício e virtude, mas também engolia a mesma equivalência.

Por isso, Tanner e Cody imaginavam que eu estava escondendo (ou não conseguindo esconder) minha vaidade quando fugia das fotos. Mas eu não suportava ver meus retratos dos últimos três anos exatamente por vaidade, e foi por isso que não comprei exemplares extras da revista *New York* nem ao menos obtive uma cópia impressa da matéria da *Forbes*: eu parecia *gorda*.

Tudo bem, eu me envergonho disso. Não sei se essa preocupação acentuada com o peso foi algo que me impuseram ou que eu mesma fiz comigo. O que sei é que (1) não sou a única a avaliar as próprias fotografias exatamente com essa visão, e (2) nem todos que também "pesam na balança" as próprias fotos são mulheres.

Confrontar uma foto pessoal é sempre algo aflitivo, porque a própria imagem não evoca meramente a inquietação banal do "eu não fazia ideia de que tinha o nariz tão grande". Isso parece idiotice, mas, toda vez que deparo com uma foto minha, fico chocada por ter sido *vista*. Quando ando pela rua,

a minha experiência é de olhar. Embora meu corpo seja manifesto para mim mesma na privacidade etérea do meu pensamento, fico assustada quando me apresentam provas do meu corpo público. Isto é bem diferente de qualquer insatisfação que eu possa ter com a dimensão da minha bunda. É mais uma questão de ter uma bunda, qualquer bunda, que os outros possam comer com os olhos, criticar ou agarrar, e de ficar perplexa com o fato de que, para outras pessoas, essa formação, seja qual for o seu feitio, tenha alguma coisa a ver comigo. Volta e meia associo uma expressão divertida dos meus músculos faciais à experiência real, na minha cabeça, de deparar com algo engraçado e guardar para mim a fonte dessa diversão. Mas, em geral, sou completamente incapaz de me reconhecer, de reconhecer o eu em mim, nas minhas fotografias. Não me identifico com o cabelo curtinho, que um dia foi naturalmente louro e tende a ficar arrepiado; quando torno a me esquecer de tingir as raízes por três meses inteiros, a câmera me castiga, mas sei que andar por aí com a parte central grisalha dá exatamente a mesma sensação de quando o grisalho é coberto. Não estou convencida de que o meu eu elementar sequer *tenha* cabelo. Não me identifico com meus dedos curtos; minha relação com minhas mãos é com o que elas fazem, e os dedos atarracados nunca prejudicaram seu trabalho competente com a massa dos biscoitos de leitelho. Não me sinto como alguém cujo pescoço ande engrossado, ultimamente, com as implicações de baixa sofisticação e boçalidade que ele traz; cresci em Los Angeles, pelo amor de Deus. Praticamente tudo o que reconheço nas minhas fotos é minha roupa — e saúdo a imagem de uma jaqueta de matelassê de 1989 com a alegria de quem encontra um amigo há muito perdido. O fato de minha roupa ficar visualmente acessível a outras pessoas não me perturba. O corpo é outra história. Ele é meu; tem-me sido útil; mas é uma transmutação.

Como é possível presumir que a maioria das pessoas luta justamente com essa estupenda desconexão entre quem elas são para si e *o que* são para os outros, é inexplicável que ainda sejamos tão completamente obcecados com a aparência. Depois de confirmar por conta própria o frágil elo entre o *quem* e o *quê*, seria de se supor que, a partir dos três anos de idade, aprendêssemos a enxergar diretamente através da transmutação, como fazemos com as vidraças. Por outro lado, de vez em quando eu suspeitava que as minhas

funcionárias que esbanjavam cinquenta dólares dos seus modestos salários em maquiagem toda semana haviam dominado um segredo que quase sempre me escapava, e que só se intrometia quando eu olhava para fotos instantâneas: querendo ou não, somos um *o quê* para as outras pessoas. Você pode não reconhecer suas coxas grossas ou seus olhos de centáurea azul, mas elas reconhecem, e a interação competente com o resto do mundo envolve a manipulação dessa imagem irrelevante e arbitrária do não eu até o limite máximo. Logo, se a aplicação da maquiagem for habilidosa, talvez não haja melhor maneira de gastar aqueles cinquenta dólares.

O que nos traz de volta ao peso. Desde que Edison me deu motivos, fiz um estudo disto: a hierarquia do que apreendemos ao pôr os olhos noutra pessoa. Quando desponta ao longe uma forma que é claramente um ser humano, e não um poste de luz, nós registramos (1) o sexo e (2) o tamanho. Talvez essa ordem de reconhecimento seja universal na minha parte do mundo, embora eu não creia que o "tamanho" sempre tenha sido o número dois. Hoje em dia, porém, tendo a registrar se uma figura é magra ou gorda antes mesmo de captar, um nanossegundo depois, se é branca, hispânica ou preta. Especialmente quando o sujeito em questão está mais para o lado volumoso, é provável que muitos de nós detectemos o "volumoso" antes mesmo de determinar se é uma pessoa volumosa deste ou daquele sexo. Por isso, nos depoimentos prestados à polícia por testemunhas oculares, "magro", "de porte médio", "pesado", ou alguma variação mais refinada desses adjetivos, aparecem de modo infalível. Na ficção, os autores que não identificam de imediato o peso aproximado dos seus personagens não fazem o seu trabalho direito, e os esboços iniciais dos contos começam, invariavelmente, por alguma coisa do tipo "Allison, uma garota alta, magra e sardenta", ou "Bob era um homem atencioso e sociável cujo gosto pelas cervejas britânicas importadas começava a se anunciar no contorno da cintura..."

Isto é importante, nem que seja porque cada uma das três categorias de peso que usamos na Baby Monotonous esteja ligada a uma constelação de traços de caráter — um conjunto de qualidades padronizadas que, na falta de outras informações, imputamos ao peso. Entenda bem, nesse jogo não há neutralidade. Assim como a participação nas eleições é uma obrigação legal

em certos países, a exemplo da Austrália, ter este ou aquele peso é uma espécie de votação que não admite abstenções. Você é tridimensional e tem que pesar alguma coisa.

A começar por "médio", que, como a maioria das posições intermediárias, é considerado o tipo mais sem graça e menos digno de comentários. Mas até o peso "médio" tornou-se complicado nesse atoleiro de preconcepções. Aqui em Iowa, pelo menos, já não concordamos quanto às dimensões que se qualificam como o padrão. Reconheço que algumas autoridades sanitárias pomposas procuraram impor o "índice de massa corporal", com isso fornecendo uma definição numérica do normal — embora eu fique cismada com a razão por que a fórmula do "peso dividido pelo quadrado da altura", inventada por um belga no início dos anos 1800, de repente tenha ficado tão na moda, dois séculos depois.

No shopping Westdale, em Cedar Rapids, a norma é outra história. Meus concidadãos são tão consistentemente largos nas costas, arredondados nos ombros, robustos nas pernas e rechonchudos nos bíceps que é quase como se todos desfilássemos por uma tela de Fernando Botero. Como o cubismo, o futurismo ou a *art déco*, o gigantismo tornou-se um estilo reconhecível, no qual se inclui o grosso da população. Ao caminhar pelos passeios públicos, é comum eu me impressionar com um conluio poderoso, do qual, nos anos que levaram à chegada de Edison, eu havia participado plenamente. Eu pensava: quase todas essas pessoas são mais pesadas que eu, logo, não estou acima do peso. O tamanho é relativo. Quando todos são gordos, ninguém é gordo.

Apesar da expansão regular e dissimulada do que constitui o contorno corporal médio no Meio-Oeste, continuamos a presumir, despreocupadamente, que cada uma dessas chamadas pessoas normais teria um desejo aflitivo de ser mais magra. Toma-se como um dado factual que o Sr. e a Sra. Médios estão insatisfeitos com seu peso, evitam os espelhos, inclinam-se a considerar o manequim de seus vestidos ou calças jeans uma acusação pessoal e ficam tão nervosos na hora de subir numa balança na presença de terceiros que chegam a adiar as consultas médicas por meses a fio. Assim, hoje em dia, é compreensível que até essa massa de porte médio no coração dos Estados Unidos exiba uma propensão para a vergonha, a

frustração e o desapontamento — embora também demonstre uma inclinação constitucional a dar uma folga às outras pessoas.

Mas o que é, ou melhor, quem é o magro? Ao que se supõe, os varapaus são ríspidos, sem alegria e críticos. Sofrem da mesma insatisfação crônica das pessoas de porte médio, mas, além de aplicarem a si próprios as normas de um governante implacável, com certeza vivem insatisfeitos com o semelhante. Sua propensão para o autocontrole resvala também, inexoravelmente, para o controle de todas as outras pessoas. Eles não sabem se divertir e não hesitam em estragar o prazer dos outros. Os esqueléticos são superiores, arrogantes e elitistas. Vaidosos, egocêntricos e frios. Cheios de exigências. Avaros e restritivos. Distantes. Tensos. Moralistas e condescendentes. Rígidos, não só na aparência, mas na postura e nas atitudes. Desonestos (propensos a recusar a oferta da sobremesa por estarem "inteiramente fartos") e insinceros ("Você está com uma aparência ótima!"). Perversos — se bem que, em geral, pelas costas. Medrosos, não só dos alimentos, mas das pessoas que os comem, como se o libertinismo fosse contagioso — e, portanto, propensos a um *apartheid* inconsciente, que favorece instintivamente a companhia de sua própria espécie emurchecida. Inflexíveis — Deus nos livre de convidar um desses modelos de perfeição para um drinque quando *está na hora da corrida*.

Um pequeno subsetor dos esqueléticos consegue merecer crédito por um interesse intelectual em coisas superiores ao almoço, ou por uma tendência desmiolada a pular as refeições por esquecimento, mas *todos* esses são *homens*. Não há no Ocidente uma única mulher esguia que se possa presumir, num primeiro encontro, que esteja envolvida demais com o trabalho para se lembrar de comer.

Essas figuras estilo palito imaginam que inspiram inveja, quando, na verdade, despertam antipatia. Incrivelmente, os que se obrigam a passar fome nunca parecem capazes de extrair o menor prazer do próprio envoltório corporal pelo qual se sacrificam. Veja só: apesar da correlação entre emaciação e empáfia, eles sempre parecem que gostariam de ser *ainda mais magros*.

Por último, os verdadeiramente gordos. Acho que descartamos há muito tempo a sua fama de jovialidade. A coisa está mais para infelicidade.

Melancolia, talvez. Desamparo. Autocomplacência e autoengano. Postura defensiva. Resignação ao presente, fatalismo quanto ao futuro. Ódio a si mesmo e autorrecriminação. Timidez. Autocomiseração, se bem que muito merecida; complexo de perseguição — mas será que se deve falar em "complexo" quando o sujeito é perseguido de verdade? Senso de humor autodepreciativo. Humildade. Em consequência da exposição muito frequente à contundência da maldade, bondade. Nascida da evidente fragilidade, aceitação animada do que mais também possa haver de errado com eles. Ânsia de serem deixados em paz e preferência por ficar em casa. Gentileza. Inocuidade. Languidez. Franqueza. Linguagem obscena. Natureza realista e despretensão.

Bem, tudo isso são estereótipos, e as exceções entre toda sorte de pessoas reais são incontáveis. Ademais, como qualquer outra mulher, fui submetida a uma lavagem cerebral para aceitar as dimensões prescritas do corpo atraente. Mesmo assim, quando olho para as listas de atributos que imputamos instintivamente aos muito magros e aos muito gordos, eu preferiria ser gorda.

* * *

Minha dissertação sobre as fotografias talvez tenha parecido um desvio da nossa história. Não foi.

Nos dias que antecederam o voo de regresso do Edison à Costa Leste, eu o vinha pressionando para decidir como gostaria de marcar sua partida. Cody, enfatizei, ficaria desolada, e eu também sentiria uma enorme saudade dele. Quanto a este último ponto, fui sincera.

Fazia semanas, admito, que eu andava impaciente para ver meu irmão pelas costas, entregando-me a fantasias frequentes sobre uma volta à vida rotineira. Imaginava repetidas vezes me levantar com calma e ligar o rádio da cozinha, já sintonizado na WSUI — em contraste com a KCCK, a única estação de Iowa que não toca nada além de jazz contemporâneo. Eu pegaria o começo da *Edição matutina*, sem a preocupação de acordar ninguém com apneia do sono, adormecido numa poltrona. Borrifaria gloriosamente meu café com duas colheradas de leite cremoso, saídas de um recipiente quase cheio de meio litro, que duraria o restante do mês. Acalentava a visão de voltar da

Baby Monotonous para casa e não falar absolutamente nada. Imaginava jantares com a família em que não houvesse chefs alternados em guerra e em que não enfrentássemos um banquete nauseantemente gigantesco, ou então uma comida selvagemente insípida e ascética, como penitência pela noite anterior; em suma, imaginava Fletcher preparando a polenta que era sua marca registrada, mas se lembrando do queijo parmesão. Eu ansiava por voltar a ter relações sexuais frequentes com meu marido e, depois delas, dormir um sono abençoado, em vez de olhar fixamente para o teto durante uma hora, depois de mais uma discussão furiosa e concisa sobre o que quer que Edison houvesse quebrado mais recentemente.

É que eu podia estar dilacerada por não saber se a compulsão alimentar do Edison era sinal de depressão, mas não havia dúvida de que seu exagero com a comida estava *me* deprimindo. Eu mal podia esperar para fugir da sensação incômoda de que devia fazer alguma coisa a respeito do peso do meu irmão e de, ao mesmo tempo, não ter ideia do que seria isso. Longe da má influência dele, eu perderia o que eram, agora, *no mínimo* uns 10 kg. Andaria muito de bicicleta, e que se danasse a condescendência do Fletcher. Mandaria e-mails cheios de notícias ao Edison durante sua turnê pela Europa — atualizações sobre o progresso da Cody nas canções de Simon e Garfunkel, ou a bendita reconsideração, por parte do Tanner (bem, eu disse que era uma fantasia), de uma carreira temerária. Eu ansiava pelo dia de paz e sossego em que Edison Appaloosa não seria problema meu.

Mas, de antemão, sabia muito bem que, no momento em que acenasse um adeusinho no portão de segurança, lavando as mãos da responsabilidade por meu irmão e voltando depressa para o que, nos Estados Unidos, era considerada uma família feliz e para uma pilha de novos pedidos na Baby Monotonous, eu me sentiria oca e tristonha. Torturada por aquela poltrona reclinável marrom, afundada e vazia. Sem graça por haver retomado nossa eclética dieta musical de R.E.M., Coldplay, Shawn Colvin e Pearl Jam, e então descobrir que esses clássicos antes amados da música pop agora soavam banais. Intrigada com a razão de não haver desfrutado conscientemente daquilo que eu havia descartado quase sempre como ruído de fundo, quando era óbvio que estava desenvolvendo um gosto pelo jazz, embora sem querer. Triste por ainda não saber, apesar da exposição rara e contínua aos

conhecimentos do meu irmão, distinguir John Coltrane de Sonny Rollins. Autoflagelando-me pelo fato de, apesar de algumas vezes ter posto um CD do Edison para tocar enquanto ele estava aqui, numa pantomima de interesse, eu nunca ter escutado um só deles com atenção. Mortificada por não ter conseguido fazer meu irmão falar do seu casamento desfeito ou do filho distante. Desolada por não ter chegado à menor compreensão do que o levara a engordar tanto. Cabisbaixa por ter tido uma oportunidade única de conhecer de verdade o meu único irmão, como adulto, e haver desperdiçado a maior parte da sua visita esperando que ele fosse embora.

Portanto, quando falei que sentiria saudade dele, quis me referir à saudade do que não havíamos experimentado, e não sei como se chama isso: nostalgia do que não aconteceu. Eu sabia que me sentiria péssima quando ele partisse e, nesse sentido, saboreei de verdade a sua companhia em seus últimos dias em nossa casa, o que ao menos me aliviou, ainda que muito brevemente, do meu próprio remorso.

* * *

Era o sábado anterior ao voo do Edison, marcado para terça-feira, e havíamos acabado um dos *brunches* exagerados do meu irmão: rabanadas. Num esforço para ser sociável no último fim de semana dele conosco, Fletcher (*Quero torrada SECA! Quero torrada SECA!*) tinha-se juntado a nós, com seu pão de trigo integral sem manteiga. Tanner e Cody saíram para se encontrar com amigos no shopping. Mais ou menos entre meio-dia e uma hora, o telefone tocou.

Travis.

Meu irmão falava com nosso pai cerca de uma vez por ano, e por isso me informara do que Travis realmente pensava da Baby Monotonous — ou melhor, da "companhia de brinquedos da sua irmã". Ao que parecia, o fato de a segunda de seus três filhos — a que era imprestável, sem atrativos e incapaz de arriscar o pescoço — haver feito um nome com bonecos de corda era uma fonte eminente da consternação que ele exibia como marca registrada. A afronta sentida por meu pai foi um dos poucos benefícios certeiros que colhi da popularidade do meu produto peculiar. Numa palavra,

vingança. Embora a nossa fosse uma dessas famílias em que é difícil apontar exatamente *de que* os filhos podem ansiar por se vingar, a sensação de merecer uma recompensa por alguma grande atrocidade indescritível e sem nome assim mesmo persistia. Mas eu sabia que estava sendo mesquinha. Travis era ridículo. Portanto, cantar vitória sobre esse sujeito setentão era igualmente ridículo, e vinha tarde, tarde demais.

Em geral, eu falava com Travis mais de uma vez por mês, já que esses zelosos telefonemas filiais faziam com que eu me sentisse menos desleal por largar um monomaníaco delirante em cima da Solstice, só por ela morar mais perto. (Mas, ei, era escolha dela.) Meu pai raramente perguntava por meus negócios e, mesmo quando o fazia, era só de maneira superficial ("Como vão as coisas, Pandarama?"). Podíamos então entrar no importante assunto da não vida dele, agora que até as empresas que fabricavam os produtos mais vexatórios haviam dispensado o seu endosso (a Ab-Sure, que produzia fundas para hérnias, tinha sido a última a largá-lo).

Até então, Edison e eu tínhamos feito duas ligações conjuntas para o papai, durante as quais eu mal havia conseguido dizer uma palavra. Essas conversas a três tinham sido uma disputa e tanto, pois era difícil saber quem era o mais falastrão, se Edison ou Travis. Primeiro, Travis enfureceu-se com o fato de as atuais estrelas de TV faturarem quase tanta grana quanto as de Hollywood enquanto ele ganhara meia dúzia de trocados — maneira indireta de nos informar que já tinha gasto a maior parte dos referidos trocados, de modo que não, não herdaríamos nenhuma soma digna de nota. Depois, Edison havia rememorado sua turnê no Rio em 1992, listando todos os membros da banda de quem nunca se ouvira falar e descrevendo uma *jam session* fantástica, feita de improviso numa favela violenta e perigosa.

Assim, ao ouvir a voz de papai, quando atendi o telefone naquele sábado, fiquei desolada: lá se vai uma hora por água abaixo. Mas me intriguei com o fato de, contrariando o costume, Travis nos telefonar.

— Pandoríssima! — gritou ele, em tom festivo.

Seus embelezamentos benevolentes do meu nome tinham a intenção de conferir à nulidade da família uma Personalidade por Um Dia. Com ar desolado, murmurei para Fletcher a palavra *Travis*. Perceptivelmente mais

simpático, agora que se aproximava o êxodo de Edison, ele estava limpando o creme das rabanadas, que havia respingado todo o piso da cozinha.

— Escute — disparou Travis no meu ouvido —, você já viu esse novo seriado, *Mad Men*? É notável que agora a AMC esteja encomendando dramas originais, e acho que talvez eu consiga capitalizar umas oportunidades por lá. Mas aqui todo mundo com quem topo só consegue falar dessa série. Dei uma espiada e, por mais que eu me esforce, juro que não entendo. Ambientado no começo dos anos sessenta, tudo bem, ele está longe de ser um drama "histórico" de verdade, a meu ver. E todo esse agito sobre os cenários e o figurino, quando eu poderia ter resolvido a temporada inteira com uma ida à Goodwill. Boa parte da substância do seriado vem dos peitões da Christina Hendricks. Golpe baixo. E aquela história toda do homem que tem um passado e não é quem finge ser. Mais batida, impossível. Prefiro *O fugitivo*, disparado.

— Não posso dar opinião alguma. Não vi esse novo seriado — menti. — Não assistimos muito à televisão.

— Isso é o que todos dizem. Quando se ouve o pessoal daqui, é como se todos vivessem em cavernas, sem eletricidade. E aí, no mesmo fôlego, começam a babar pelo tal de *Mad Men*. Não faz sentido, garota. Agora, minha Pandorável, foi muita gentileza daquele seu carpinteiro sarado mandar um e-mail com uma foto do seu aniversário. Lamento não ter cumprimentado você no dia, mas é que eu tinha uma pilha tão grande de correspondência dos fãs para responder que não consegui arranjar um tempinho.

— Quer dizer que este é o *meu telefonema de aniversário*? — perguntei.

Não estava raciocinando direito. Apenas notei que, se Fletcher não tivesse mandado a foto, Travis teria esquecido meu aniversário por completo. Não seria a primeira vez.

— Estou dando a entrada para o do próximo ano, pelo menos. Enquanto isso, o seu irmão *artiste* de jazz ainda continua acampado por aí? Ele continua dando um tempo até a próxima *turnê agitada*?

Respondi que sim, ele estava bem ali.

— Então, que tal pôr o rapazinho no telefone?

Entreguei o aparelho a Edison e voltei para a grelha.

— E aí, Trav, você me pegou por pouco — disse Edison em sua poltrona, depois de lamber os dedos. (Faltava tão pouco para sua partida que eu me resignara a meu papel de "facilitadora" e, na véspera, tinha feito uma torta de limão e amêndoas para a sobremesa, tentando compensar a minha ânsia de me livrar dele da maneira mais infeliz possível. Edison estava matando as sobras.) — Estou de partida para a Big Apple na terça-feira, depois caio na estrada na Europa...

Não era do estilo de Edison abreviar seus planos musicais em meia frase, porém alguma coisa logo a seguir o fez estancar. Seu rosto enrubesceu. Contornei depressa a bancada central da cozinha, para poder ouvir o som que escapava do fone: meu pai vaiando.

— Não tenho que escutar isso — disse Edison, em voz baixa, e desligou o aparelho.

— O que houve? — perguntei. — O que ele disse?

Edison fixou os olhos num ponto à sua frente e respirou fundo. Não tocou na torta. Por fim, levantou a cabeça, mas não olhou para mim.

— Seu sacana — disse, dirigindo-se a Fletcher.

— O que foi que eu fiz?

Era uma repetição da inocência fingida com que meu irmão negara haver quebrado a Bumerangue.

— Você *tinha* que mandar aquela foto por e-mail, não é?

Fletcher secou a pia com uma diligência descabida, a meu ver, e disse:

— Por que não? Aniversário da sua irmã. Isso inclui Travis, se é que ele se importa.

— *Inclui Travis* no fato de que agora o filho dele virou, aspas, "um carro alegórico humano".

— Ah, não! — falei. — Ah, Edison, sinto muito.

Fletcher levantou as mãos, numa desolação teatral.

— Ele já não sabia que você está sofrendo de um caso grave de larica?

— Faz anos que não vejo o cara. O que significa que ele também não me viu.

— É, mas... — Fletcher agitou os dedos — e a internet...?

— Aquele sujeito nunca digitou nada num campo de busca, em toda a sua vida, que não fosse "Travis Appaloosa". Logo, por que teria informações

atuais sobre o meu *apetite*?

Fletcher parou finalmente de mexer na pia.

— Não se pode proteger os outros da própria aparência. Quando se tem muitas dezenas de quilos, isso não é segredo. E não é culpa *minha* se, para tirar uma foto da família, tenho que dar três passos para trás para enquadrar você.

Impaciente por estar deixando a bancada central servir de baluarte para meu marido, Edison levantou-se e entrou devagar na cozinha. Fletcher havia atiçado um bicho muito grande e, por instinto, recuou.

— Existe o inevitável, e existe também esfregar *de propósito* na cara do meu pai o que ele não precisa saber. Você se dá conta de que eu policio a minha página da Wikipédia *todos os dias*? Para ter certeza de que a foto que eles estão usando ainda é de cinco anos atrás? Você já consultou a minha página na internet? Deve haver umas cem fotos na galeria, e elas são boas. Do mundo inteiro. O mesmo acontece na minha página do Facebook. Não há *uma* delas em que eu pese mais de 75 kg.

— Você pode tentar reescrever a história se quiser. Mas o seu problema é a realidade, e uma fotografia velha na sua página da Wikipédia não modifica isso.

— Isso é vingança, não é? Pela porra da sua cadeira.

— Mandar uma simples foto de aniversário ao meu sogro não é "vingança"...

— A porra da sua *cadeira*, cara! Um *móvel*, em troca da minha *dignidade*, cara...

— Se você está tão preocupado com a sua dignidade, experimente parar no primeiro prato de espaguete!

— Você faz alguma ideia do que acabo de ter que ouvir?

—Travis é um idiota. Por que você haveria de se importar com o que ele pensa?

— Ele é meu *pai*, cara! Não posso fazer nada se o meu pai é um idiota, mas ele continua a ser meu *pai*, cara! Você simplesmente me *humilhou*...

— Você mesmo se humilhou!

— Pare! — ordenei ao Fletcher. — Deixe-o em paz!

Fletcher lançou-me um olhar penetrante: vejam só de quem a maninha está tomando partido.

— Dane-se — fez Edison, com um aceno da mão. — O que está feito está feito. Você conseguiu o que pretendia. Deixou meu pai radiante, como ficará contente em saber. Aposto que ele vai ampliar aquela foto num recorte de cartolina em tamanho natural. Vai colá-la por todo canto no cartão de Natal da família.

— Ele não manda cartões de Natal — interpus.

— Agora vai mandar — disse Edison, dando meia-volta.

Pus a mão no seu braço para detê-lo.

— Não vá embora. As coisas não podem ficar assim. Com você indo embora daqui a três dias... vamos tentar resolver isso conversando.

— Olhe, quer saber? Às vezes, até os carros alegóricos têm que fazer cocô.

Os degraus rangeram; aparentemente, valia a pena o esforço extra para usar o banheiro de cima, pondo um andar inteiro entre ele e Fletcher.

— Você fez isso? — perguntei a meu marido, mantendo a voz baixa. — Você mandou aquela foto para Travis de propósito, para ter certeza de que ele soubesse que Edison tinha engordado desse jeito?

— Ora, espere aí, cedo ou tarde Travis estaria fadado a descobrir.

— Não tinha que descobrir por você. Do mesmo modo que não ficaria sabendo por mim. Ao falar com Travis, e *até com Solstice*, nunca fiz a mais ínfima alusão à mudança do Edison. Também guardei comigo a informação de que ele está com problemas financeiros. Disse que ele estava entre um apartamento e outro, e que aproveitamos a brecha para pôr o convívio em dia. Ponto final. Você não entende nada de famílias?

— Muito — retrucou Fletcher, em tom frio. — Você se esquece de que eu tenho uma.

— *Nós* temos uma família, obrigada. Eu me referi a irmãos. A gente não *dedura*. Não dedura um irmão, nem tampouco um cunhado.

Passamos alguns minutos limpando furiosamente a cozinha, e fiquei aborrecida ao terminarmos, o que não me deixou nada em que desabafar. Em desespero, fui direto para as manchas que havia em volta dos puxadores do armário enquanto Fletcher ficava flanando, desamparado, em desvantagem por não ter nada para fazer.

— O problema é a aparência dele, não o fato de Travis saber. Por que você sempre fica do lado do seu irmão e nunca do meu? "Renunciar a todos os outros", lembra-se?

— Renunciei a todas as outras ligações românticas, mas, quanto ao resto do mundo, não é tão simples assim.

— É simples, sim. Você voltou para o antigo time. Os mesmos companheiros de infância que se apegavam um ao outro para derrotar os filhos falsos malvados da televisão. Mas você é uma auxiliar, você sabe. A *irmãzinha*. A que sempre está correndo atrás. Ele está se servindo da sua casa, da sua família, da sua paciência, aparentemente *infinita*, e também do seu dinheiro. O que você tira disso?

A pergunta me deixou paralisada, e não sei o que eu teria dito se não fosse interrompida por um berro terrível vindo do segundo andar — um grito tão profundo de abatimento que menos pareceu a reação a uma calamidade isolada que um lamento por uma vida inteira.

Eu disse ao Fletcher que ficasse onde estava. Depois que subi correndo, o uivo do Edison baixou para um gemido mais sustentável, que fez lembrar os lamentos desinibidos do luto nos noticiários do Oriente Médio. A porta do banheiro estava fechada. Água vazava por baixo. Uma poça crescente nas tábuas do piso do corredor, que ia tomando a direção da escada. Foi impossível não pisar nela quando bati na porta.

— Edison, tudo bem com você? O que aconteceu? Que água é essa?

Mais gemidos. Ele não parecia capaz de falar.

Tentei a maçaneta.

— Não quero invadir sua privacidade, mas você tem que abrir a porta. Seja qual for o problema, deixe-me ajudá-lo. Aqui fora está virando um lago.

Após uma pausa, o trinco destravou. Ao abrir a porta, deparei com uma dessas revelações que ultimamente as pessoas chamam de "excesso de informações": pelo visto, fazia um bom tempo que meu irmão não evacuava.

O vaso sanitário havia transbordado. Flutuando sobre uma camada de água de esgoto, havia cocôs espalhados por todo o piso — embaixo da pia, junto ao boxe do chuveiro, encostados na lateral da banheira e represados na porta, de modo que duas bolotas escaparam antes que eu conseguisse fechá-la. Com as calças levantadas apenas o bastante para nos poupar de mais

constrangimento, Edison estava arriado na borda da banheira, soluçando entre as mãos. Poderia ter sido uma cena engraçada. Não foi.

A solução era a eficiência rápida — aquele estado de ânimo alegre, bem-disposto e inalterado com que mamãe trocava nossos lençóis quando fazíamos xixi na cama.

É um talento feminino, essa capacidade de enfrentar efluentes depressa e com bom humor, assim minimizando a vergonha a ponto de reduzi-la ao desleixo rotineiro de um guardanapo caído no chão.

Assim, desentupi o vaso, o que foi uma trabalheira; uma boa quantidade de fezes e papel o haviam entupido. Depois de calçar luvas de borracha, recolhi rapidamente as fezes que vagavam e as joguei no vaso, puxando a descarga a intervalos.

É espantoso que, quando *agimos* com serenidade, nós nos *sintamos* serenos; até parecia que, tão habitualmente quanto recolhia meias, eu vivia catando pedaços de excremento, como rotina diária. Peguei um par de toalhas velhas para enxugar a água do piso, recuperei os dois fugitivos marrons e enxuguei o corredor. Quando o horror diminuiu, como no final de *O aprendiz de feiticeiro*, os lamentos do Edison estavam reduzidos a um ou outro soluço.

Virei-lhe as costas e sugeri que ele fechasse a braguilha. Tirando as luvas de borracha, sentei-me a seu lado na borda da banheira e pus um braço em volta dos seus ombros.

— Quando eu era pequena, esse era o meu medo mais profundo. Deve ser o pior medo de qualquer criança. Sempre que puxava a descarga, depois do "número dois", eu olhava para o vaso, apavorada. Primeiro a água subia. E eu sempre tinha a convicção de que continuaria a subir.

— Fletch tem razão — choramingou Edison. Duvido que eu tivesse visto meu irmão chorar desde os seus doze anos. — Eu só faço me humilhar.

Estreitei seus ombros.

— Quando você estiver em Portugal, isto aqui ficará reduzido a uma historinha hilariante, sobre a qual daremos risadas por telefone.

— Não existe Portugal.

— Bem, isso vai ser novidade para a moçada que vive em Lisboa — retruquei.

Havia assumido uma leveza de tom que era difícil abandonar.

— Não existe turnê.

— Ah. — Deixei-me absorver a informação. No fundo, eu devia saber que não havia turnê alguma. — Quer dizer que, se você voltar para Nova York na terça-feira... terá onde morar?

— Não.

— Então para onde estava planejando ir?

— Não sei.

— E todas aquelas apresentações... na primavera?

Com um ligeiro menear da cabeça, ele disse tudo.

— Eu não tinha como aparecer em Cedar Rapids e dizer: "Oi, é o seu irmão mais velho, vim passar o resto da vida aqui", tinha?

— Não importa o que tenha dado errado... Essa história de comer para compensar, ou esquecer, ou se esconder, ou seja o que for que você anda fazendo... você não pode continuar assim.

— Talvez eu não queira continuar.

Eu gostaria que ele houvesse pretendido dizer que não queria continuar a se matar de tanto comer. Mas a interpretação alternativa era mais provável: a de que o consumo exagerado e sistemático fosse proposital — um suicídio em câmera lenta, por meio de doces.

Capítulo Onze

Deixei que Fletcher acreditasse que os gritos angustiados que vinham do andar de cima, na tarde de sábado, tinham resultado apenas do seu envio daquela imagem para Travis — o que protegeu o orgulho do meu irmão e castigou mais o meu marido. Àquela altura, eu estava acostumada a controlar o fluxo das informações, o que é uma forma bonita de dizer que tinha me tornado cronicamente insincera com todo mundo.

Por sorte, nosso quarto de casal era uma suíte, e por isso Fletcher não usava o banheiro das crianças no corredor, que Edison dividia com elas. No dia seguinte, Tanner sentiu o cheiro de um cocô que eu havia deixado escapar — empoçado naquela área escura e difícil de limpar que fica atrás do vaso sanitário. Também por sorte, quando ele gritou "Ai, que troço *nojento*!", na tarde de domingo, Fletcher estava dando uma de suas voltas maníacas de bicicleta. Não mais fingindo que tinha estômago forte, em benefício de meu irmão, confesso que ter de recolher o excremento parcialmente desmanchado com a escova e a pá de lixo foi nauseante e joguei prontamente as duas na nossa lata de lixo do lado de fora.

Quando Tanner me pressionou para explicar como é que um monte de merda podia ter caído no chão, respondi que não sabia. É provável que Edison tenha levado a culpa, na falta de alternativa. Talvez isso não devesse importar, já que ele iria embora em dois dias, mas eu já não tinha certeza de que conseguiria enfurná-lo naquele avião — sem uma casa para onde voltar, com amigos cuja boa vontade ainda estaria em baixa e sem turnê europeia que o fizesse sentir-se importante. Tive medo de que seu voo de volta acabasse pousando realmente na Rua Houston, onde certa vez Edison e eu havíamos comido uns sanduíches, na Katz's Delicatessen, estufados por trezentos gramas de *pastrami* cada um. Mas eu não tinha contado a mais

ninguém que o movimentado itinerário dele era uma embromação, nem mesmo a Fletcher. Bem, principalmente não a Fletcher. Não que ele se importasse. Mas ficaria incomodado por eu me incomodar.

Naquela mesma tarde, também tive de lidar com uma ligação de Solstice, a quem Travis tinha encaminhado a imagem incriminadora. (Aliás, era provável que a tivesse enviado feliz a todos os seus contatos.) Numa postura atípica, minha irmã não pediu nenhuma atualização das novidades sobre as crianças e foi direto ao ponto:

— Faz dois meses que ele está aí. Como você pode não ter me contado?

— Contado o quê? — indaguei, em tom neutro.

— É disso que estou falando. É isso que me irrita. Essa inocência fingida. Você é capaz de parecer muito cabeça aberta e confiante e, de repente, descubro que não me conta nada.

— Não há muito para contar.

— Ah, é? Edison virou uma bola de praia, e é óbvio que está com um problema enorme, mas você nem o *menciona*, apesar de termos nos falado pelo menos umas duas vezes desde que ele se mudou para a sua casa. Isso é tão clássico! Acontece alguma coisa e é sempre um segredinho entre vocês dois. Vocês sempre foram assim, uma *unidade* fechada, hermética, hostil, e nunca me incluíram em nada...

— Como poderíamos incluir? Edison saiu de casa quando você tinha *quatro anos*.

— Depois que ele foi embora, vocês dois viviam pendurados ao telefone, cochichando, com a porta do seu quarto trancada. Acha que eu não ouvia? E depois, começaram a se encontrar em Nova York. A circular pela cidade, levando uma vida boa. Ninguém jamais *me* convidou para ir a Nova York!

— Aquela primeira viagem foi no verão que antecedeu minha ida para a faculdade. Você ainda era pequena.

— Eu cresci praticamente como se fosse filha única! E aí ele resolve visitá-la em Iowa por meses. Sabe quantas vezes rabisquei um convite nos meus cartões de Natal para ele vir passar uns tempos conosco em Los Angeles? Ele nunca chegou nem mesmo a me mandar um e-mail dizendo "não, obrigado". O último cartão foi devolvido pelo correio. Não saber o endereço do meu próprio irmão...

— Metade do tempo, *eu* não tenho o endereço de Edison...

— Agora você tem — ironizou Solstice. — É o seu. E, quem sabe, se você tivesse aberto o jogo comigo sobre os problemas dele, talvez eu pudesse ter ajudado...

— Como? Mandando um StairMaster para ele malhar? Lamento não ter presenteado você com as descrições, mas ele merece certa privacidade, e acho falta de consideração divulgar o fato de que ele está com um problema de peso...

— "Problema de peso" é eufemismo! É óbvio que ele precisa que as pessoas o ajudem. Também sou irmã dele, Pandora. Mas não sei se algum dia serei uma irmã de verdade para Edison enquanto você continuar a interferir e a se colocar entre nós.

Tornei a engolir em seco: *Pode ser que Edison tenha representado uma grandeza mítica na sua infância, nem que fosse pela ausência. Mas ele é indiferente a você, querida. Há décadas eu a protejo da indiferença do seu irmão*. Em vez disso, retruquei em tom lacônico:

— A sua relação com Edison não é responsabilidade minha. Se você quer se aproximar dele, ninguém a está impedindo.

Desliguei com a certeza de que ela não tomaria a iniciativa de estabelecer nenhum tipo de contato com o irmão. Ela sentia medo dele.

O fato de minha irmã ter nascido muito mais bonita que eu sempre me parecera uma ampla compensação por ela ter que lidar com um pouquinho de solidão enquanto crescia. Embora Solstice fosse a única beneficiária da descoberta que Travis fizera dos filhos reais no fim da vida, sua fachada bem ajustada era um disfarce precário do ressentimento, que ao menor pretexto estourava os limites da sua gentileza fabricada. Com a sensação constante de ser traída, ela só podia ter acumulado esse sentimento contundente de privação por não fazer ideia daquilo de que fora excluída, já que havia pouca coisa a invejar na era de *Guarda compartilhada*. Eu não me sentia próxima dela, que me dava a impressão de estar me caçando. Durante anos ela me mandara pacotes sedutores com presentes estranhos e obviamente inúteis, em nenhuma ocasião especial: um galo de tricô, de malha frouxa demais para ser usado como luva térmica para forno, um jogo de suportes para hashi de porcelana, um leque de renda tão frágil que não geraria uma brisa, nem

mesmo se um de nós fosse afetado o bastante para usá-lo. Com minhas superstições sobre jogar fora essas quinquilharias, eu vivia esvaziando gavetas da cozinha e deparando, digamos, com uma bolsinha de moedas furada, feita de veludo. Essa cascata de gentilezas não solicitadas cumpria seu objetivo, no entanto. Eu era ocupada demais para retribuir enviando outras bugigangas, de modo que os totens espalhados por toda a casa davam a sensação cumulativa de endividamento e ingratidão.

Ora, que amargura hilariante: aqueles dois meses de massa de panqueca respingada, círculos de café no pau-rosa e guimbas de cigarro por todo o quintal vinham desgastando o meu casamento a ponto de levá-lo à ruptura, e Solstice estava com *ciúme*. Eu era castigada por todos os lados, por ser camarada demais com um irmão que, como havia constatado nos últimos tempos, eu mal conhecia.

* * *

Na noite de segunda-feira, levamos Edison para um jantar de despedida no Benson's, que é o que mais se aproxima de um restaurante chique em New Holland. Jantamos cedo, pois meu irmão teria de fazer as malas depois disso. A noite começou mal porque nos colocaram numa mesa que ficava num recesso próximo à cozinha.

— Desculpe — disse Cody em voz alta —, mas preferimos sentar ali.

Quando o garçom resmungou alguma coisa sobre a mesa central estar reservada, ela não desistiu.

— A mesa ao lado daquela também seria ótima. Não há praticamente ninguém aqui. Não queremos ficar sentados num canto.

Ela encarou o sujeito com um olhar implacável, e ele foi incapaz de resistir a uma garota de treze anos. Depois de nos reacomodarmos, com uma grande comoção para se encontrar uma cadeira maior para Edison, o que aborreceu Tanner, Cody continuou furiosa.

— Vocês sabem por que ele nos colocou lá, não sabem?

— Isso foi supergentil da sua parte, garota, mas já estou acostumado — falou Edison.

— Não tenho vergonha de você, tio Edison.

— Legal — retrucou meu irmão, desanimado —, mas isso não é o mesmo que se orgulhar de mim, não é?

Cody pareceu alvoroçar-se.

— Eu não quis dizer...

— Sei o que você quis dizer, minha boneca. E estou comovido, de verdade. Mas eu não deveria colocá-la nessa posição, sacou? Você é só uma garota. Já é difícil o bastante ter que cuidar de si mesma.

— Você devia ter botado banca, Pando — comentou Tanner. — Como celebridade local, podia pedir para sentar onde quisesse. Caramba, você nunca usa isso pra nada!

— É que a minha irmã tem classe, cara.

Edison teve uma atitude discreta. Não saiu tecendo comentários sobre Charlie Parker e, desde a sua chegada, eu nunca o vira comer tão pouco numa refeição, cortando pedaços pequenos e sem entusiasmo da costela assada, a maior parte da qual levaríamos para casa numa embalagem para viagem, e mal tocou no vinho. Foi como se nos houvesse pregado uma peça durante todas aquelas semanas e a energia necessária para continuar houvesse acabado, um dia antes da hora. Decidida a poupá-lo de uma reprise dos seus planos fantasiosos, passei boa parte do jantar desviando a atenção com histórias sobre novas encomendas da Baby Monotonous, mas o clima estava tão desanimado que não fiz ninguém rir, e minhas imitações de um sujeito com fobia de germes foram chochas. Talvez o jantar desolador tenha sido uma homenagem, afinal. Edison estava de partida e nós — ou quase todos nós — estávamos tristes.

Quando chegamos em casa eram apenas nove horas. Edison pediu licença para ir arrumar as malas. Enquanto meu marido se preparava para dormir, deitei em cima da colcha, com um peso no peito.

— Sei que você *se acostumou com o rosto dele* — disse Fletcher, entre um estalo e outro do fio dental. — Mas tem que admitir que vai ser um alívio.

— É — concordei. — Mas o alívio faz com que eu me sinta culpada.

— Pois não devia. Você, digo, nós fizemos muito mais do que era nossa obrigação.

— Não dei a mínima para a obrigação. É você que vive me lembrando de que eu não ajudei. Que ele nunca esteve tão grande.

— E é você que vive *me* dizendo que não tem o poder de salvá-lo.

— Talvez estivesse ao meu alcance salvá-lo. Talvez eu tenha sido covarde. Talvez seja mais fácil fingir que o ajudo, hospedando-o preguiçosamente e deixando o tempo correr, em vez de ajudá-lo de verdade, o que seria difícil.

Fletcher jogou o fio dental no lixo.

— Lamento que o seu irmão esteja gordo. Lamento que ele continue gordo... ou "grande", como você disse, como se fizesse alguma diferença. Lamento que ele esteja infeliz, provavelmente. Mas isso não é problema seu. Você deve olhar para a frente. Temos uns consertos para fazer. Essa história toda foi uma tremenda confusão e, apesar de termos tido umas brigas, chegamos até o fim e, o que é incrível, eu não o assassinei. Deixe isso pra lá.

O peso no meu peito parecia figurativo: eu precisava desabafar uma coisa.

— No sábado. Ele confessou. Não há turnê por Espanha e Portugal. Nem apresentações na primavera. Ele está sem trabalho e não tem para onde ir.

Na porta do banheiro, a mão que segurava a pasta de dentes ficou imóvel.

— Isso não muda nada.

— Talvez não mude para você.

Fletcher aproximou-se da cama e me olhou fixo.

— Você não está pensando seriamente em convidá-lo a ficar por mais tempo.

— Não consigo suportar ter que mandá-lo de volta para nada.

— Consegue, sim. Ou, se não puder suportar isso, terá de suportar outra coisa.

— Isso está parecendo uma ameaça.

— A ideia era essa.

Dei um suspiro. Não queria que aquilo acontecesse. Recaí nos chavões banais.

— Quando a gente se casa, não recebe apenas aquela pessoa, mas todas as que vêm com ela. Os colegas, os amigos dela de que não gostamos e os parentes. Como eu acolhi Tanner e Cody. Com alegria, posso acrescentar.

— Não me casei com Edison Appaloosa. Dito isto, desafio você a achar qualquer outro homem que aguente um cunhado que é um gigantesco pé no saco por dois meses inteiros. Portanto, em linhas gerais, tenho sido bem tolerante. Mas estou no meu limite absoluto. Você não pode manter aquele

sujeito aqui em casa nem por *cinco segundos* depois do mágico horário das quatro da tarde de amanhã e continuar casada comigo.

Não éramos um casal que brandisse o divórcio como uma arma corriqueira. Em nossos sete anos de convívio, nunca tínhamos feito a menor referência à possibilidade de nos separarmos — embora a omissão talvez fosse um sinal de fragilidade nesse ponto. Duvidei que ele houvesse planejado enunciar seu ultimato em termos tão drásticos, se é que havia planejado alguma coisa. Mas Fletcher não era homem de fazer uma afirmação dessas e voltar atrás.

Tentei ganhar tempo.

— O que quer que eu faça?

— O que eu lhe disse no começo. Dê um dinheiro a ele. O bastante para ele arranjar um hotel e, depois, um apartamento. O bastante para arranjar um emprego, qualquer emprego. Ele pode trabalhar no Burger King se for preciso.

— Que imagem encantadora. Além disso... Se eu mandar Edison de volta para Nova York com um monte de dinheiro, ele não vai arranjar um apartamento com essa grana. Vai comê-la.

— Você não precisa virar as costas para ele. Telefone, mande e-mails, dê *apoio*. É o que fazem as famílias normais. Você vive me dizendo que não entendo nada de irmãos, mas sei que ninguém é obrigado a adotá-los.

— Telefonemas. E-mails. É claro que, *desmaterializado*, Edison é muito mais fácil de encarar. Que bom para mim.

— Você entendeu o que eu disse?

— Entendi.

Fechei os olhos.

— E está mesmo *dilacerada*?

— Dilacerada.

— Você ainda me ama?

Torci para ele não interpretar minha pausa como um insulto. Eu estava pensando em como admirava a natureza inflexível do édito do Fletcher: ou ele ou eu. Talvez houvesse um núcleo medroso em toda aquela história absurda de leite de soja e voltas de bicicleta, mas meu marido era um homem forte, um homem bonito, um homem másculo. E fazia móveis primorosos.

— Amo, sim — respondi com convicção, voltando a abrir os olhos para segurar a mão dele. — E adoro a nossa vida em comum, e os filhos que tento tratar como meus. Mas, depois que a Monotonous deslanchou, ficou tudo alegrinho e cheio de entusiasmo. Eu me pergunto se preciso de dificuldades. E a verdadeira dificuldade não é algo que a gente procure e ache, mas uma coisa ou alguém que nos encontra. Não a escolhemos. Isso é parte do que a torna difícil.

— Agora você me deixou desnorteado, parceira. Como devo entender isso?

Sentei-me na cama.

— Como um sinal de que você deve continuar a escovar os dentes. De que estou me sentindo péssima, com pavor de levar Edison ao aeroporto amanhã. De que estou com uma sensação incômoda, neste exato momento, enquanto ele faz as malas sozinho logo ali embaixo, e de que acho que devo ir lá para lhe fazer companhia, especialmente se esta for a última noite dele.

— *Se* for a última noite dele?

— Resumindo, não sei o que vou fazer. Não sei mesmo.

Por um instante, ao me arrastar para fora da cama, tive o vívido pressentimento do que seria, em termos físicos, ser Edison, arrastando dezenas e mais dezenas de quilos toda vez que atravessava um cômodo. Devia ser estafante.

* * *

Bati na porta do quarto de hóspedes; fechei-a depois de entrar. O quarto tinha pilhas de roupas dobradas. A surrada mala de couro do meu irmão, aberta no piso, já parecia cheia.

— Como está indo?

— Você comprou um monte de troços para mim — disse Edison, em tom afável.

— Você pode ficar com uma de nossas malas. Não vamos sentir falta. — Não fiz nenhum movimento para ir buscar outra mala. — Mas, Edison... para onde você vai?

— Ah, Slack aceitou me abrigar por um tempo. Eu o enlouqueço um pouco, mas nossa amizade é muito antiga. Tenho uma porção de amigos. A minha vida não é *toda* fantasia. Por isso, não se preocupe, eu me viro. Sempre consigo, de um jeito ou de outro.

Estávamos constrangidos um com o outro. Havia uma cadeira junto à escrivaninha, mas continuei de pé.

— E o trabalho?

— Ah, acaba pintando alguma coisa. — Era o tipo de garantia vaga que a maioria dos parentes aceita de forma acrítica, para poder desligar o telefone e voltar a separar a roupa lavada. Parecia artificial voltarmos àquele papo descontraído do "vamos manter contato", que significa basicamente que você está sozinho.

— Não entendo por que foi que não conseguimos fazê-lo tocar mais vezes. Antes quando vinha me visitar, você passava o dia inteiro tocando piano. Eu mal conseguia tirá-lo de casa.

— É complicado. — Edison enfiou mais uns artigos de toalete numa bolsa com zíper. — Leva mais tempo do que nós temos. Vou voltar a tocar na hora certa. São só, por enquanto, umas associações ruins.

— Com o piano? — Mas ele estava certo, não tínhamos tempo. Tivéramos tempo, é claro. Assim, desisti do assunto. — Ei, aposto que você está meio duro. Que tal darmos uma passada no banco amanhã, e eu lhe dou uma coisinha para tirá-lo do aperto?

— É constrangedor, se você quer saber a verdade. Mas é mais provável que Slack abra a porta com um sorriso se eu aparecer por lá com alguma grana.

O simples curvar-se para apanhar um maço caído de cigarros Camel deixou-o sem fôlego. No passado, eu adorava o jeito como os cachos louros e encaracolados de seu cabelo balançavam, quando ele deslizava os dedos pelo teclado; num homem magro e mais jovem, as madeixas até a altura do colarinho davam um ar sensual. Mas agora aquela auréola de arabescos deixava sua cabeça mais redonda e lhe conferia um aspecto de lordezinho livresco: com pernas e braços curtos em relação ao tronco, suas proporções eram as de um garotinho que dá os primeiros passos. Pelo que sei, eu nunca me sentira impropriamente atraída por meu irmão, mas sempre havia gostado que ele fosse atraente para outras pessoas. Na minha meninice, estar associada

a um sujeito musculoso e bonito, de calça jeans arriada sobre os quadris estreitos, tinha me proporcionado um trunfo social tão potente quanto um pai que era astro de TV.

— Escute — disse ele, guardando o maço de cigarros num pacote já aberto —, não sei como dizer isto. Você foi muito legal. Mesmo com essa sua empresa, digo, é você que está acontecendo, com todas as... entrevistas e sessões de fotos, essas merdas, todo mundo querendo um pedaço de você... sei bem como é isso, pode crer. — Por um momento, ele voltou à antiga fanfarrice, que havia abandonado por completo desde o transbordamento do vaso sanitário, onde tinha perdido sua presunção. Mas eu *queria* que ele voltasse a ser presunçoso. — Ou soube como era, lá pelos meus vinte anos. Eu era um gato de peso.

— Eu sei. Você ainda é um gato de peso.

— Muito engraçadinha.

— Estou falando nos dois sentidos, *sacou*?

— Está me zoando?

— Espero que não.

— Olhe, eu só estava dizendo que... você é ocupada, eu entendo. E sei que abusei um pouco da sua hospitalidade. Mas foi ótimo ter... um lugar para esfriar a cabeça. E aquela garota, Cody, ela foi... ela é muito legal, cara. Vai arrasar corações, um dia. Só estou querendo dizer...

— Você só precisa dizer "obrigado". E aí eu digo "de nada".

— É, vá lá.

De modo geral, Edison não era chegado a manifestar gratidão, e o fato de ter chegado tão perto disso me emocionou.

— Eu gostaria de poder convidá-lo a ficar um pouco mais. Só que Fletcher... — Eu não sabia ao certo como falar disso, mas queria que ele compreendesse o meu dilema. — Ele disse que, se você ficar mais "cinco segundos" aqui depois do horário do seu voo, amanhã, ele pede o divórcio.

— Caramba! Esse sujeito deve me odiar mesmo, cara. Embora eu não faça ideia do que fiz para ele. Não entendo como alguém pode ficar tão possesso por causa de uma porra de uma cadeira.

— Não é só a cadeira. Fletcher é filho único e, para ele, essa coisa de irmãos é suspeita. E ele e eu nos conhecemos já meio tarde. Ele não

participou de muitas coisas na minha vida, e toda essa história de *Guarda compartilhada* faz com que se sinta mais excluído ainda. Talvez ele ache que tenho de escolhê-lo ativamente em vez de você. Para provar alguma coisa. Levo você para o aeroporto e ele volta a ser o único homem da minha vida. Ou quase; ele também não gosta que eu saia com Oliver. É a mesma coisa. Um homem, uma mulher, é só isso que Fletcher entende.

Ao vê-lo empilhar revistas de jazz para o lixo reciclável, me lembrei de meu irmão aos dezessete anos, fazendo as malas exatamente assim, só que com mais vigor, correndo para lá e para cá, enchendo uma mochila com pilhas de fitas cassete amarradas com fita crepe, para não racharem na viagem. Havendo abandonado os estudos na penúltima série do ensino médio, ele estava no processo de me abandonar por Nova York, para arriscar a sorte como músico de jazz. Pela idade que ele tinha, eu poderia suportar que fosse embora após o fim do ensino médio. Mas nossa mãe tinha morrido no ano anterior, e eu não estava pronta para perder o único aliado que me restava. A faculdade, pelo menos, implicaria férias entre os períodos letivos, nas quais ele poderia voltar para casa, ao passo que sair pegando carona às cegas pelo continente era uma ameaça de exílio indefinido. Lembrei-me de ter passado muito tempo no quarto dele, desconsolada nos meus quatorze anos, sem saber direito a hora certa de lhe entregar seu presente de despedida, para ele se lembrar de mim — uma pulseira de fios trançados de latão e cobre, que eu tinha soldado na colônia de férias —, sem ter certeza sequer de que devia dá-la.

O seriado tinha sido renovado por mais uma temporada e acabaria indo ao ar por mais dois anos, durante os quais eu ficaria indefesa diante dos filhos alternativos da nossa família, aprimorados pelo roteiro, sem a ajuda do desprezo compartilhado com meu irmão mais velho. Esse foi o período do programa em que Mimi moveu o processo para obter a guarda plena dos dois filhos menores, usando todas as confidências que as crianças já haviam revelado sobre o pai contra ele, no tribunal. Maple foi pega especialmente no meio da confusão. Havendo passado anos "controlando as informações" com assiduidade, teve de decidir se sustentaria as declarações de ignorância sob juramento. Enquanto Edison se movia pesadamente pelo quarto de hóspedes, juntando pares de meias, e meu marido, na outra ponta do corredor, deitava-

se de costas, furioso e inteiramente desperto, reconheci o sentimento aflitivo que Floy Newport tinha evocado tão bem: espremida entre lealdades rivais, destinada a trair os dois lados, fadada a não agradar a ninguém, nem a si mesma — embora eu me perguntasse se era vergonhoso compreender meus sentimentos sob a égide de um personagem de televisão. Sabe, não pude deixar de recordar quanto Maple se sentira destituída na temporada anterior, quando seu irmão Caleb, ao atingir a maioridade, também tinha debandado, para tentar a sorte como pianista de jazz. Visto que Sinclair Vanpelt ainda tinha um contrato em vigor, o Caleb da ficção apenas se mudou para Seattle e continuou aparecendo no seriado, para dar conselhos a Maple, sua sofrida irmã, sobre o depoimento dela. Aos dezessete anos, o Edison Pessoa Real tinha mostrado ao Sinclair/Caleb o que fazer, de verdade, quando o sujeito levava o jazz a sério, *cara*: ele se mudava para Nova York, porra.

Mal tendo idade suficiente para fazer a barba, Edison havia partido para uma cidade perigosa na qual não tinha onde morar, numa odisseia que agora repetia pela segunda vez. Quando levantara acampamento e partira para Manhattan na adolescência, eu o tinha invejado, sentindo-me abandonada. Mas não havia temido por ele. Tinha plena confiança de que o meu irmão de dezessete anos aterrissaria em Nova York com os dois pés no chão. Soltar Edison naquele enorme mundo malvado aos quarenta e quatro anos era apavorante.

— Lembra-se da primeira vez que você partiu para Nova York? Naquele dia, você me pareceu tão másculo que não duvidei que fosse conseguir. Mas hoje reconheço que você tinha apenas a idade do Tanner e vejo como foi corajoso. Você não conhecia ninguém por lá. Só jogou a mochila nas costas e fez sinal com o polegar.

— É, Travis achou que era uma grande piada. Esperava que eu voltasse com o rabo entre as pernas em menos de uma semana. Mas aquilo me motivou, sacou? Eu tinha muita coisa em jogo.

— Naquele dia, não fiquei preocupada. Mas agora estou.

— Qual é a diferença?

Respirei fundo.

— Aos dezessete anos, você não tinha obesidade mórbida.

— Caramba, lá vem você dando uma de médica para cima de mim.

Puxei-o para que se sentasse a meu lado na cama.

— Até aqui, acho que não fui suficientemente clínica. Não preciso lhe dizer isto. Você está tomando o rumo do diabetes. Do derrame, da hipertensão. Das doenças cardíacas. Já tem apneia do sono, que também está relacionada ao seu peso.

Edison parecia entediado.

— E isso sem contar quanto você se torna infeliz e acaba com qualquer chance de que alguma mulher com amor-próprio ponha a mão no seu joelho. Todas as minhas amigas eram gamadas por você! Isso é um desperdício, uma atrocidade e tem que parar.

— Olhe, não me leve a mal, mas, como eu disse, isto é problema meu.

— Fletcher tem razão: o fato de alguém se matar é problema de uma porção de gente. Quanto a mim, continuar fingindo que isso não tem nada a ver comigo é errado, moralmente errado, se me permite ser tão brega assim.

Eu não fazia ideia do que ia dizer em seguida, até dizê-lo. Inventando tudo à medida que ia avançando, senti-me tomada por um sentimento de sacrifício, mas também de poder. Tal como o ultimato do Fletcher, uma hora antes, esta era uma fala que eu não poderia desdizer:

— Quero lhe fazer uma proposta. Você fica em New Holland. Eu lhe arranjo um apartamento... um apartamento para *nós*. Eu me mudo para lá com você. Cuido de você e lhe dou apoio financeiro. *Mas só se você emagrecer.*

Edison encolheu-se.

— Emagrecer quanto?

— *Tudo*. Até você ficar como aparece nas fotografias da sua página na internet.

— Qual é, cara, você faz ideia do tempo que isso levaria?

— Não tenho certeza, preciso fazer as contas. Muitos, muitos meses. Mas teria que ser radical. Não se trata de renunciar à segunda fatia de bolo.

— Você pelo menos sabe como?

— Eu descubro. Serei sua treinadora. Também preciso emagrecer. Além disso, na verdade, nós dois sabemos "como". Não é ciência espacial. É só não comer tanto, pombas.

— Mas e Fletch? E os seus filhos?

— Com as crianças eu posso manter o contato. Mas Fletcher... ele não vai gostar disto — declarei, proferindo o eufemismo da década. — Eu correria um risco.

Edison me olhou fixamente, em silêncio.

— *Você* faria *isso* por *mim*?

Empolgada e assustada com o que acabara de oferecer, fiquei tentada a dizer: *Na verdade, é melhor você me deixar pensar nisto até amanhã*, mas percebi que fazia algum tempo que vinha adiando exatamente isto para o dia seguinte.

— Faria.

— Puxa, cara. — Ele balançou a cabeça, perplexo.

Levantei-me e o segurei pelos ombros, olhando-o nos olhos.

— Mas a pergunta certa é: *você* faria *isso* por *mim*?

Não era bem a formulação correta. No devido tempo, eu me arrependeria dela.

— Caraca! — disse Edison, boquiaberto, e fiquei contente com a onda de gravidade que lhe passou pelo rosto. Não queria que ele se comprometesse com o projeto de forma leviana. Preferia que não assumisse compromisso algum. — O seu marido concordou com isso?

— Ele vai ficar meio surpreso.

— Ele vai ficar puto da vida! Você e eu, no nosso próprio canto? O sujeito vai me caçar e me matar, cara.

— Por sorte não temos armas.

— Só há uma coisa que deixaria aquele sacana mais irritado ainda do que eu ser gordo. — Os olhos do Edison ficaram frios como aço: — Seria eu *não* ser gordo.

— Não pode haver tapeação. Isto vai fazer a sua ida para Nova York, aos dezessete anos, sem um centavo no bolso e sem um único número de telefone, parecer uma ida à agência do correio. Porque vai ser, Edison, sem exagero, a coisa mais difícil que você já fez.

II. Menos

Capítulo Um

— Não dormi muito — disse Edison com a voz rouca, no emaranhado de cobertas, quando enfiei a cabeça pelo vão da porta.

Já eram dez horas e tínhamos muito o que organizar — ou eu tinha.

— Ótimo. Se você está inquieto, significa que está levando isto a sério. Agora, levante-se.

Eu não estava acostumada a dar ordens ao meu irmão. Depois de deixá-lo empanturrar-se por dois meses inteiros e ficar com a saúde cada vez mais perigosamente precária enquanto eu mantinha os olhos timidamente desviados, feito um "esfregão ressabiado", o tom autoritário era revigorante.

Fletcher tinha se refugiado no seu porão e as crianças estavam na escola, de modo que, quando Edison desceu bamboleando, ficamos com a cozinha só para nós — cozinha em cujo meio ele parou, perdido, confuso, virando de um lado para outro e, por fim, querendo saber:

— O que eu faço?

— Essa é a atitude certa — respondi. Eu havia elaborado o protocolo, deitada ao lado do corpo de varapau do Fletcher, discernindo o contorno tênue e cinzento das cortinas, enquanto minha cabeça disparava. — Por enquanto, vamos imediatamente para um hotelzinho. De lá acharemos um apartamento. O fim da comida como você a conhece só vai começar quando encontrarmos acomodações permanentes. Enquanto isso, você vai consultar o meu médico. Esse intervalo também lhe dará tempo para mobilizar sua determinação ou concluir que não está preparado para isto.

— E se eu não estiver?

Fiquei contente por ele reconhecer que o compromisso era tão atemorizante que talvez ele não fosse capaz de assumi-lo.

— Nesse caso, nada de apartamento, e é ir direto para o aeroporto.

— Você me odiaria — disse ele, taciturno.

— Eu não o odiaria. Ficaria decepcionada com você, só isso.

— Isso é o que mamãe dizia. E me feria fundo.

Havia mais do que um toque maternal naquele projeto todo, e eu teria de conviver com a ideia de ter arranjado não dois filhos, mas três.

— Mas e o café da manhã...? — Edison agitou os dedos. — Qual é a rotina?

— Tenho esperança de que possamos achar o nosso marco zero particular em uma semana. Durante este período, você pode comer. Mas quero que use esse tempo para pensar em por que você come e para refletir sobre o fato de que cada pedaço de comida que você puser na boca terá que ser efetivamente cuspido. Ou seja, tudo o que você comer, de agora em diante, terá que ser "descomido". Hoje sugiro café com torradas. Você pode devorar o pão todo e besuntá-lo com meio quilo de manteiga se quiser, desde que pense na fome adicional que cada dentada vai lhe custar. E pode ser que isso induza... o despontar da moderação.

Até as duas fatias o deixaram encabulado.

— Eu gostaria que você não me olhasse assim.

— Trate de se acostumar.

Fitei-o com o mesmo olhar fixo quando ele levantou a embalagem de leite cremoso acima da caneca. Sua proporção costumeira era uma parte de café para duas de creme, o que produzia um milk-shake espesso e morno que, no correr da manhã, ele bebia pelo menos quatro vezes. Sob o meu olhar severo, pingou apenas umas duas colheradas e franziu a testa para o resultado.

— Não é a mesma coisa.

— É melhor não ser. Você já viu o número de calorias desse troço? Vinte por cada colher. Eu não dizia nada, o que me envergonha muito, mas você vinha consumindo *quatro* litros de leite cremoso a cada cinco dias. — Rabisquei uns números no bloco de telefone da cozinha. — A 5.670 calorias, isso dá quase 1 kg de gordura por semana. Portanto, curta o seu café cremoso enquanto pode. Você terá que aprender a tomar café puro.

Isso significava que *eu* teria de aprender a consumi-lo puro. Não era só Edison que precisava de uns dias para "mobilizar a determinação". O café preto no estômago vazio me deixava enjoada.

Subi depressa ao meu estúdio para reservar quartos no Blue Cottages, um hotel com chalés separados de ripas brancas e venezianas azul-cobalto, situado a apenas uns dois quarteirões de casa; de início, eu seria praticamente vizinha das crianças, enquanto elas se acostumavam com a nova situação. Os meus sobressaltos com os ruídos que vinham do térreo lembravam a sensação de segredo e traição de quando eu havia comprado a passagem de avião para Edison, no começo de tudo. Eu ainda não havia falado com Fletcher.

Busquei as malas no sótão, uma grande para mim, outra para as sobras do Edison. Arrumei minha mala no quarto de casal, pé ante pé, e a simples retirada da minha escova de dentes do nosso copo em comum trouxe uma sensação de deslealdade. Para um olhar ingênuo, essa arrumação furtiva de roupas íntimas pareceria uma mulher rompendo seus votos matrimoniais — votos que eu tinha feito com extrema seriedade. Era meu desejo desesperado que Fletcher não me apanhasse nessa atividade esquiva de ladrão e não sentisse pontadas no coração por medo de que eu o largasse.

Que era o que eu estava fazendo. E mentindo para mim mesma. Não sabia ao certo se ia deixá-lo por uns dias ou muitos meses, mas, fosse como fosse, aquela partida era uma quebra do contrato.

Eu ajudava Edison com sua bagagem — ou seja, descia-a para ele — quando a porta do porão bateu. Fletcher veio do corredor e subiu a escada aos saltos para tirar a mala da minha mão, a elasticidade das passadas recuperada. Por mais quiméricas que fossem as viagens europeias de Edison, suas malas estavam feitas e era só isso que importava.

— Oi — disse meu marido, descendo sem esforço com a mala marrom estufada. — Pensei em subir para me despedir, antes de vocês irem para o aeroporto.

Apesar da pitada furtiva de leite cremoso que eu pusera no café, ainda me sentia enjoada.

— Houve uma mudança de planos — informei, seguindo-o até a saleta de entrada, onde ele arriou a mala do Edison. — Não vamos para o aeroporto.

Fletcher deu meia-volta.

— Você se lembra do que eu lhe disse, não é?

— Que se Edison passasse mais cinco segundos *aqui*, depois que o avião levantasse voo, você e eu... — não consegui enunciar as palavras — teríamos

problemas. Por isso, ele não vai ficar *aqui*. Quanto ao avião, você não disse que ele tinha de estar lá dentro.

— Isso está com jeito de legalismo.

— Se você quer dar ultimatos, tem que esperar que eu me atenha a eles ao pé da letra. Enfim, por enquanto fiz uma reserva para nós no Blue Cottages.

Fletcher tinha bom ouvido para os pronomes.

— Nós.

Edison vinha chegando logo atrás, trazendo a segunda mala, mais leve, com a qual ainda lutava. Deixei-o lutar. Pensei comigo mesma: já são outras vinte calorias a menos.

— Eu vou com ele. Depois, acho um apartamento para nós. Vou ajudá-lo a emagrecer.

Os olhos de Fletcher seriam capazes de furar um papel. Ele ficou perfeitamente imóvel. Com algumas exceções, como o desastre com a Bumerangue, ele tinha as conexões invertidas. O que desencadeava furor na maioria dos homens levava Fletcher Feuerbach a extremos de compostura.

— Emagrecer costuma ser uma atividade que se pode praticar sozinho — disse-me com enunciação precisa. — Tanto em Nova York quanto em Iowa, pelo que andei lendo.

— Você é atleta. Portanto, deve conhecer o conceito de treinador pessoal.

— Não tenho nenhum.

— Você não precisa. Edison, sim. Talvez eu também, aliás. Eu mesma seria de convívio muito mais fácil se perdesse alguns quilos.

— Deixe-me entender direito — falou Fletcher, olhando para um ponto entre mim e meu irmão, que entrara bufando na saleta. — Você vai *morar* com o seu irmão para que os dois possam ler um para o outro as informações nutricionais na embalagem do queijo cottage. Quanto tempo deve durar esse apoio recíproco?

— Se eu o pegar com um único bolinho industrializado — respondi, com um olhar de relance para Edison —, vai demorar o tempo de eu voltar direto para casa. A cento e trinta por hora, avançando os sinais. Mas, se ele mostrar determinação e seguir minhas instruções, minhas *ordens*, melhor dizendo, e a coisa parecer funcionar... Bem, não sei dizer quanto tempo até ele subir numa balança. Não pode usar a nossa; os números não chegam lá.

Eu havia parado de fazer rodeios em torno da obesidade.

Fletcher olhou direto para Edison e empregou uma agressiva terceira pessoa:

— Ele não consegue.

— Isso nós vamos ver, mano — retrucou Edison. — Você não me conhece tão bem quando pensa.

— Conheço o seu tipo. Antes de resgatar meus filhos de uma viciada mentirosa, ladra e agressiva, ouvi mais resoluções bombásticas do que as ceias quentes que você já comeu. É só mais uma balela autoenganadora. Basta deixá-lo sozinho num cômodo com um prato de batata frita que a batata vai sempre sair ganhando. A vontade é um músculo. A sua é tão flácida quanto o resto de você, *mano*.

— Você não faz ideia do que já passei. A minha versão de ser posto à prova não é dar uma voltinha ridícula de bicicleta. Quer apostar dinheiro nisso, cara?

— Para quê? Para você poder pagar a aposta com o dinheiro da minha mulher? Acho que vou dispensar. Não quero duplicar o seu constrangimento.

— Vamos ver quem fica constrangido, seu filho da puta.

Foi a primeira vez que Edison enunciou em público o que ainda devia ser uma jura bem hesitante. E foi uma visão fria do meu marido: Fletcher poderia revelar-se um instrumento útil. Edison não gostaria de fracassar diante de mim, mas *execraria* fracassar diante do Fletcher. No entanto, se o antagonismo do meu marido era benéfico para meu irmão, aproximava-se depressa o momento em que eu também deveria ficar de olho no que era bom para mim. Para que eu não pareça uma pessoa de um altruísmo improvável, eu já estava resguardando o meu *projeto*. Sempre fui obstinada, e esta concentração absoluta era uma forma de egoísmo, na verdade: o *meu* projeto.

— Você pode nos dar um pouco de privacidade, por favor? — pediu Fletcher a meu irmão, com rara civilidade.

— Bem, a única coisa que não está em discussão é que estou caindo fora daqui. Vou esperar no carro.

Edison saiu puxando a mala de rodinhas mais leve, com o porte tão rígido e ereto quanto sua massa permitia. Ficar a sós com meu marido me trouxe uma estranha sensação de medo.

— Você também vai abandonar os meus filhos?

De novo, os pronomes. Com os quais, vez por outra, Fletcher pegava os filhos de volta.

— Qualquer apartamento que eu venha a considerar ficará perto desta casa, a uma distância que dê para percorrer a pé. Eles podem nos visitar quanto quiserem.

Como não mencionei também a minha possibilidade de visitá-los, devia saber o que viria a seguir.

Fletcher não ficou com raiva; entristeceu. O que era pior. Mostrou-se terno e objetivo. Foi significativo para mim que as palavras viessem carregadas, e não houve malevolência em sua voz:

— Não posso prometer aceitá-la de volta de braços abertos.

Por mais gentil que fosse a formulação, doeu como um gancho de direita.

— Isto não é contra você.

— Você está abandonando seu marido e seus filhos pelo gordo idiota do seu irmão. Como pode não ser contra nós?

— Estou tirando algum tempo de uma família para cuidar de outra — retruquei, decidida. — Por que você quer me castigar por isso?

— Não estou ameaçando "castigar" o que você obviamente gostaria que eu visse como uma generosidade admirável. Não estou sendo vingativo. Sério. Mas, se você faz uma coisa dessas, há consequências. Em relação ao modo como eu me sinto. Não é diferente do mundo físico. Se você der uma martelada numa sanca, ela racha ao meio. E não é que ela *queira* rachar ao meio. É simples causa e efeito. A sua disposição de nos largar por essa causa perdida... isso faz com que eu me sinta dispensável. Dispensável a troco de nada.

Eu gostava do modo de meu marido falar. O que outras pessoas muitas vezes não percebiam, no seu jeito comumente taciturno, é que ele era muito atento — em geral, tanto no sentido de ponderado quanto no de atencioso, se bem que, nesse momento, apenas num deles.

— Não é uma causa perdida — retruquei, em tom débil.

— Aquele relaxado não vai emagrecer nada. Você o deixou todo empolgado com algum esquema grandioso, que o atrai principalmente porque significa não ter que *enfrentar a barra* em Nova York. Você vai continuar bancando a despesa, e ele não tem que resolver a vida. Mas, no minuto em que não puder comer um biscoito, acabou-se. *Por que* ele é tão importante para você?

— Ele tem que ser importante para alguém.

— ...E se eu a proibir?

— Não tente. Se bem me lembro, nós pulamos o pedaço do "honrar e obedecer".

— Eu a proíbo — disse ele, sem energia. Houve uma pitada de sarcasmo, mas ele quis oficializar a coisa.

— Tudo bem, eu o proíbo de me proibir. Xeque-mate.

— Ele é um bicão de quem você é parente por acaso. Eu sou seu marido por escolha. Se você "ama" aquele fanfarrão, isso é uma coisa genética instintiva; eu é que devo ser o verdadeiro amor da sua vida. Francamente, eu me sinto *insultado*.

— Você está optando por se sentir insultado, o que é perverso. Por que não consegue entender que eu preciso realizar algo mais significativo do que fazer *bonecos de corda* que torturam as pessoas com o que há de errado nelas? — perguntei, usando a expressão lisonjeira de Travis. — Que lhes jogam na cara quão repetitivas e cansativas elas são, que fazem as pessoas parecerem caricatas e ridículas? — Foi saindo tudo num jato impetuoso. — Porque tenho a forte convicção de que, se ninguém fizer nada, e eu sou a única que pode fazer alguma coisa, o meu irmão vai morrer.

Fletcher deu um suspiro.

— Ora, ora, mais um trunfo.

— Não estou brincando com isso. Já imaginou o que eu sentiria se, sei lá, ele pifasse com um infarto e eu nunca tivesse movido uma palha para ajudar?

— Ou seja, isso é uma grande expedição para prevenir a culpa. Uma apólice de seguro. Para você poder dizer a si mesma, quando ele pifar de fato, que você tentou.

Dito dessa maneira, não soava tão maravilhoso, mas admiti:

— O resumo é mais ou menos esse.

— Então, você vai mesmo fazer isso.

Fiquei surpresa por ele haver demorado tanto nessa longa volta para concluir pela perfeita inutilidade dos seus apelos. Ele me conhecia.

— Vou. Não sei se ele será capaz. Se não for, eu volto para casa.

— Se eu a quiser em casa.

— Sim.

— E você vai correr o risco de que eu não a queira.

— Se a alternativa é ir lá fora dizer a Edison que nós vamos mesmo para o aeroporto, se é deixá-lo sozinho, sem a menor esperança de perder um grama, caso não haja alguém para animá-lo, se é abandoná-lo ao ridículo e ao ostracismo, e deixá-lo cair morto em cinco anos, caso ele continue a comer no ritmo atual... sim.

Fletcher arriou o corpo, encostado no corrimão.

— Isso me coloca no meu lugar. Na sua lista de prioridades, meus filhos e eu ficamos em algum ponto entre o papel sanitário e o papel alumínio.

— Estar em qualquer lugar perto do papel sanitário torna a pessoa muito importante — retruquei.

A brincadeira foi um fiasco.

— Já tive uma mulher que não valorizava suas obrigações com a família.

— Não posso pôr o vício em metanfetamina no mesmo patamar que uma dieta intensiva.

Impasse: era a minha obstinação contra a incredulidade do Fletcher. Pelo menos, em seu estabelecimento subsequente das normas, detectei um vislumbre de reconhecimento de que aquilo estava realmente acontecendo.

— Não quero você passando por aqui o tempo todo por ter esquecido a escova de cabelo. Se estiver pronta para voltar de vez, podemos conversar. Mas, se precisar de alguma coisa, peça às crianças — a imagem de intermediação evocada por isso foi um lembrete mordaz de *Guarda compartilhada* —, porque não quero uma mulher que esteja metade dentro, metade fora. Não quero sofrer uma porção de pequenas despedidas. Prefiro enfrentar um grande adeus e só. Venha aqui.

Ele abriu os braços e nós nos abraçamos com força. Eu não queria ir embora. Nem sequer gostava da companhia de Edison como gostava da do meu marido, e, apesar de ter acabado de passar dez minutos dando

explicações, nesse momento eu não tinha ideia da razão de estar fazendo aquilo. Entreguei-me à breve e perversa esperança de topar com meu irmão atacando outra caixa de açúcar de confeiteiro, ali pelo Dia Dois, e poder voltar para casa.

Fletcher inclinou a cabeça e apoiou a testa na minha.

— Quer dizer que cabe a mim contar às crianças? Dizer a elas que a mulher bonita, atenciosa, meiga e dedicada que eu trouxe para casa há sete anos, que é uma cozinheira fantástica e nem é viciada em drogas, não vai mais morar aqui?

Sua voz embargou-se, o que era uma raridade.

— É essa a sua versão? — Pus a mão em torno do pescoço dele. — Prefiro interceptá-los na volta da escola. Nem que seja para lhes garantir que a mulher que você trouxe para casa não foi realmente a lugar algum, que os ama de paixão, ama o pai delas de paixão e vai voltar.

Fletcher insistiu em carregar as outras duas malas para fora e colocá-las na mala do carro. Quando estávamos prontos para ir embora, ele se debruçou sobre a janela do motorista e me beijou.

— Sabe, eu não quis dizer que não podemos nos falar.

— Obrigada — retruquei. — Isso é um alívio.

Edison agitou o punho fora de sua janela.

— Ei, vou ver você engolir o que disse, cara!

Nossa partida havia adquirido a alegria agitada e nervosa de quem embarca numa intrépida expedição ao Ártico. Apesar de estarmos indo para exatos dois quarteirões dali, a viagem provocou o mesmo amálgama de otimismo e nervosismo do percurso longo e mal equipado de uma distância assustadora, na qual era fatal que as condições do tempo se tornassem péssimas, os obstáculos imprevistos se revelassem insuperáveis e as rações — isso era certo — ficassem perigosamente escassas.

— Vamos combinar o seguinte, cunhado: você consegue isso e eu faço mais do que engolir minhas palavras — disse Fletcher, dando a volta para o lado do Edison. — O que a sua irmã o fez prometer? Qual é a meta?

— Setenta e quatro quilos. De volta ao que pesei durante anos, ou nada.

— Pois cruze essa linha de chegada, e *eu* como um bolo inteiro de chocolate de uma vez só. Mas você está muito longe dos 74 kg, parceiro, e

aposto que poderei continuar com a couve-flor.

— Combinado, parceiro. Eu passaria fome durante anos para ver essa sua cara de santarrão toda suja de cobertura de chocolate.

Enquanto nos afastávamos, pensei nesta disparidade: Edison estava apostando o orgulho, Fletcher estava apostando um bolo e eu estava apostando meu casamento.

* * *

Largando a bagagem do Edison junto à cama dele, anunciei:

— Reservei um chalé só para você, já que seria muito esquisito nós dois dividirmos um. Mas isso significa que não posso ficar de olho em você. Nada o impede de atacar os Doritos da máquina automática. Só procure se lembrar do que eu disse: qualquer peso adicional que você ganhar antes do sinal de largada será mais peso para perder. O pacote de Doritos Cool Ranch vai lhe custar muito mais que um dólar e cinquenta centavos.

— E o almoço? — resmungou Edison. — O café da manhã foi piada e estou morto de fome.

— Trate de se acostumar. Quando foi que você sentiu fome de verdade pela última vez? Fome física.

— Sinto fome o tempo todo.

— Sente uma ova. Você confunde fome com *tédio*. — Fui ríspida; também estava com fome. — Estou na porta ao lado. Tenho pesquisas para fazer. Há um mar de lanchonetes na avenida principal, a menos de um quilômetro daqui, mas você terá que andar. Aliás, falando em andar, vá se acostumando.

— Caramba! De Florence Nightingale a Mussolini em vinte e quatro horas.

— Você ainda não viu nada. Logo, logo, estará morando com Átila, o Huno.

Retirei-me para o chalé vizinho, um quarto pequeno e perfumado, com uma colcha de chenile cor-de-rosa e cortinas de *voile* de algodão com bolinhas azuis. Apesar do toque caseiro, qualquer quarto de hotel tem uma frieza circunspecta. É isso aí, afirmou o cubículo. Telhado. Cama. Luz. Televisão com canais limitados. Banheiro. Escrivaninha sem nada em cima, a

não ser um panfleto do I-Max de Cedar Rapids. Afora a comida, que estávamos prestes a praticamente abandonar, aquilo era tudo de que precisávamos, e precisar de tão pouco era meio terrível.

Felizmente, eu tinha o que fazer. Liguei para Carlotta, avisando que passaria pouco tempo na Baby Monotonous no restante da semana, e marquei um checkup para Edison com nosso médico da família. Liguei meu laptop e concordei com a taxa extorsiva de doze dólares e noventa e cinco centavos por dia pela conexão sem fio. Pessoalmente, eu não estava acostumada a ficar sem almoçar e batalhei contra o mau humor crescente, seguindo as instruções que dei ao Edison: *Observe*, recitei, parecendo um asceta sufista aloprado. A fome é uma experiência surpreendentemente branda. Seria difícil chamá-la de dor. Então, por que é tão irritante, tão insistente? Tão perturbadora. Ela teria que se tornar a norma. Teria que se transformar num prazer.

Meu estômago roncou: nem pensar.

Incapaz de me concentrar na lista de imóveis de New Holland, dei uma escapada até a máquina automática, com os tais Doritos como ideia fixa. Para nosso mútuo constrangimento, topei com Edison.

— Pensei em comprar uma barra de cereais — declarei, procurando dinheiro trocado, e meu irmão resmungou:

— Acho melhor você comprar duas.

Ao voltar para o computador, descobri que a barra de cereais tinha a mesma quantidade de calorias dos salgadinhos de milho.

Fiquei de olho no relógio. Tanner e Cody voltavam para casa a pé, e havia um cruzamento em que seus trajetos, vindo de escolas diferentes, se encontravam. Toda tarde, depois que seus amigos iam embora, Tanner esperava junto ao mesmo carvalho pela irmã, cujo trajeto era um pouco mais longo, para poderem percorrer calmamente, lado a lado, os últimos quinze minutos do caminho.

Era impressionante que Tanner houvesse mantido essa tradição até o último ano do ensino médio, decerto como um derradeiro vestígio de seu papel de protetor da Cody, da época em que Cleo se metamorfoseava, passando de mãe a bicho de estimação exigente e sem juízo — um desses filhotes de jacaré ou píton que acabam rastejando para o esgoto. Quando o liberei desse

dever de cuidador, Tanner mostrou-se aliviado e ressentido em doses iguais. A acolhida inequívoca que sua irmã deu à segunda mulher do pai o irritou. Embora eles continuassem a ser uma espécie de dupla, que se associaram prontamente, com grande indignação, quando Fletcher proibiu a pizza congelada, agora os dois levavam vidas drasticamente diferentes, o que exagerava sua diferença etária. Mas Tanner interpretava qualquer distância entre ele e a irmã como sendo toda culpa minha.

Enquanto a lembrança que Cody tinha da mãe real fora esmaecendo com bastante rapidez, Tanner tinha idade suficiente, por ocasião do segundo casamento do pai, para chegar à conclusão conveniente de que, entre escolher a antiga mãe ou a nova, ele não precisava de mãe alguma. Por isso eu me sentia especialmente nervosa com a perspectiva de falar com meu enteado sobre a minha "causa perdida". Embora ele nunca fosse de fato hostil, fazia muito tempo que me levara a crer que o meu papel na sua vida sempre seria eletivo. Isso o tornava incoerente de uma forma traiçoeira: — afetuoso num momento, gélido no seguinte. Tive medo de estar prestes a lhe dar um pretexto para descartar por completo a minha pessoa desnecessária.

Ao virar na Rua Pine, avistei o Sr. Desencanado no fim do quarteirão, as costas apoiadas no carvalho em cuja casca os irmãos haviam gravado suas iniciais, anos antes.

— O que é isso? — indagou, com a fala arrastada, enquanto eu encostava junto ao meio-fio. — Serviço de limusine? Não está *tão* frio assim.

Ele devia prezar o trecho final percorrido com a irmã; não queria carona para casa.

Desci do carro; Cody estava atrasada.

— Precisamos conversar.

— Não podia esperar quinze minutos?

— Não, não podia.

— Nossa, estou me corroendo de nervoso!

Infelizmente, ele estava no seu modo distante e sarcástico.

— É muita delicadeza você esperar a sua irmã desse jeito. Em Los Angeles, éramos levados de carro para toda parte, mas, não fosse por isso, quando eu era pequena, significaria muito para mim que Edison fizesse a mesma coisa.

— *Edison* não está em condição de acompanhar ninguém nem até a garagem.

— Era sobre isso que eu queria falar — emendei, entrando no assunto. — E talvez seja bom Cody ainda não ter chegado. Vou precisar que você cuide da sua irmã por uns tempos. Sabe, como você costumava fazer. Continuarei a ser um recurso, é claro...

— Quer dizer que você está deixando o papai — interrompeu ele, sem rodeios, com um toque de satisfação. — Acho que ele mesmo provocou isso. Pelo menos, vai ser o resmungão mais saudável da cidade.

— Não estou deixando ninguém — rebati, detalhando às pressas o meu plano grandioso e acrescentando, com toda a sensatez, que não tinha a menor certeza de que ele viria a funcionar.

Tanner me ouviu até o fim.

— Quer dizer que você está deixando o papai.

Ao revirar os olhos, exasperada, avistei Cody do outro lado da rua. Tinha um ar assustado. Eu nunca aparecia assim, de carro. Obviamente, alguém havia morrido.

Fiz-lhe um aceno com a mão e ela se aproximou da Árvore do Encontro com o andar arrastado, carregando uma mochila quase do seu tamanho.

— O que está acontecendo? — perguntou, desconfiada.

— A Monotonous não basta para ela — disse Tanner. — Pando vai abrir um spa.

— Você está ajudando bastante — falei. Não era essa a conversa tranquilizadora que eu havia imaginado. Repeti a história toda, que soou implausível, autodestrutiva e delirante aos meus próprios ouvidos, e dessa vez terminei dizendo: — Mas *continuo* a ser mãe de vocês, *não estou* deixando nenhum dos dois e *não estou* deixando o seu pai!

Cody franziu a testa; era muita coisa para ela assimilar.

— O papai está de acordo com isso?

— Não tanto quanto deveria — admiti.

— Você disse que podemos visitar vocês. Por que não podem nos visitar também?

— Porque o seu pai acha essa ideia muito irritante e, para ser sincera, está muito zangado. Enfim, ele acha que o seu tio não tem disciplina para

emagrecer.

— E *você*?

Eu não podia mentir para ela.

— Talvez não tenha. Mas a única maneira de descobrir é tentar.

— Então... — disse Cody, com tristeza — nada de macarrão de verdade, vai ser só aquele tal de sobá. Nada de comer brownies fresquinhos, escondido, quando o papai estiver no porão. Vai ser como viver num campo de concentração. Não vai mais haver nem a carona para o treino de natação, porque você estará impedindo o tio Edison de atacar panquecas. Se é que vai conseguir.

— É, eu é que não queria me meter entre aquele cara e a geladeira — disse Tanner. — É como ficar no caminho de um búfalo no cio.

Intuí que ao menos eles fariam uma caminhada maravilhosa, no resto do trajeto para casa, à minha custa.

* * *

De volta ao Blue Cottages, mergulhei no meu curso on-line acelerado de emagrecimento. Uma busca sobre "dietas" resultou em 43 milhões de respostas. Reconheci os regimes com grande publicidade — as dietas de South Beach, Atkins, dias alternados, índice glicêmico, Dukan, Vigilantes do Peso, Scarsdale e The Zone —, mas isso foi só o começo. Dietas do repolho, do iogurte batido com frutas, do tipo sanguíneo e dos enemas de café. De baixo teor de gordura, de baixos carboidratos e de baixas calorias; dieta 2-4-6-8, "a dieta preferida". Dieta do açaí, da canja, da toranja e da limonada. A coisa ficava cada vez mais maluca: havia dietas da batata frita, dos biscoitos, da pizza, dos doces, do creme de amendoim e da pipoca. Dietas do cachorro-quente, do vinho tinto, do vinagre, dos Twinkies; do chocolate, do sorvete ou das papinhas infantis, e havia uma que recomendava solitárias. Fiquei cética diante da dieta das "calorias negativas", embora achasse que a "dieta do ar" talvez tivesse algum valor e que a "dieta do cigarro" pelo menos seria atraente para Edison.

Navegar pelos labirintos da internet era perigoso, já que muitas dessas páginas eram apelos comerciais que instituíam o tipo de cookie que não leva

pedaços de chocolate. O que me impressionou na imensa indústria em que eu havia esbarrado foi que todos esses planos, programas, suplementos e produtos farmacêuticos alardeavam o único produto que os consumidores norte-americanos queriam desesperadamente e não conseguiam comprar: aquele pacotinho de determinação para aderir ao programa, como uma embalagem de molho de salada com baixo teor de gordura. Nem mesmo procedimentos caros, como a lipoaspiração, podiam proteger o indivíduo de comer até cair, depois de cicatrizados os furos do artroscópio, não podiam impedi-lo de sorver todos os quilos daquela gosma amarela que o cirurgião bombeava para um balde do lado da cama. Nenhum nutricionista altamente remunerado podia *deixar de comer* um bolinho no lugar do obeso. Apesar do leque estonteante de produtos enganosamente embalados como tais, a verdade é que o corpo esguio não estava nas prateleiras. Eu havia acabado de tropeçar numa mina de cascalho com 43 milhões de pedrinhas de estimação.

Após três horas disso, senti-me suja e só conseguia pensar em comida.

— Acho que nenhum dos métodos que pesquisei é a resposta — contei ao Edison durante nosso jantar desconsolado no Olive Garden. — Eles só fazem elevar a obsessão a uma potência maior. Portanto, aproveite o seu bolo de carne enquanto pode. Acho que teremos de sumir com a comida.

— Se bem me lembro, isso se chama "morrer", cara — disse Edison, comendo seu brioche; só o meu olhar furioso o impediu de cobri-lo com um terceiro pacotinho de manteiga. — Que tal seguir a receita local? Metanfetamina.

— Para você poder ficar magro e desdentado, coberto de feridas e com danos cerebrais.

— Cirurgia bariátrica?

Contendo-me para não devorar correndo o meu salmão assado, eu estava tentando fazer uma reflexão profunda sobre a experiência de comê-lo, e não respondi de imediato à pergunta do Edison. Amassei as lascas rosadas na boca, sentindo sua textura granulada pelo excesso de cozimento e o sabor inquietantemente doce. Na melhor das hipóteses, o filé era levemente saboroso, mas só quando eu prestava uma atenção feroz, o que eu não costumava fazer. Essa deve ter sido a hora em que comecei a formular minha teoria sobre o caráter fugidio dos alimentos. Eu havia passado a tarde inteira

ansiando pelo jantar; talvez rememorasse essa refeição com saudade, depois que tirassem do cardápio qualquer coisa tão substancial quanto o salmão; mas, naquele exato momento, com o peixe na boca, era como se eu mastigasse em busca de algo que não estava ali, assim como, na infância, ficava furiosa ao vasculhar uma caixa de cereal que não continha o prêmio anunciado. Quanto mais mastigava, mais eu me intrigava com o tanto que esse prazer fugaz, impossível de apreender, escravizava meus conterrâneos, a ponto de muitos de nós nos dispormos a nos desonrar por causa dele; a nos deprimir por causa dele; a demolir uma porção de outros prazeres por causa dele, como correr, dançar e fazer sexo; a *destruir esse próprio prazer* na sua busca, pois cada guloseima que eu havia consumido desde que começara a engordar tinha sido contaminada por um resquício amargo de autorrecriminação; e até, em casos extremos como o do meu irmão, a morrer por causa dele. Era um mistério opressivo.

— Acho que não — respondi, enfim. — A cirurgia bariátrica é um procedimento cirúrgico importante, e as coisas podem correr muito mal: infecção, derrame. Até a morte, que é justamente o acontecimento que a operação pretende evitar. Amarrar o estômago para fazê-lo virar uma bolsinha de moedas pode impedir que você coma mais de um quarto de xícara de cada vez, mas você continua tendo que passar fome. A única coisa que a cirurgia faz é eliminar o processo decisório. Mas o problema é exatamente o processo decisório. Mesmo com o anel cirúrgico do desvio gástrico, a pessoa pode trapacear; acaba conseguindo tolerar quantidades maiores, e aí volta para o ponto de partida. Além disso — soltei meu argumento decisivo —, eles fariam você parar de fumar.

— Esqueça — disse Edison.

— Lamento citar Fletcher, mas ele tem razão: a vontade é um músculo. Temos de fazer flexões mentais — acrescentei, usando assiduamente a primeira pessoa do plural. — E sabemos que você gosta de comer, e eu também. Portanto, a verdadeira pergunta é: de que outras coisas você gosta?

Edison arriou os ombros.

— É duro admitir, boneca, mas, a esta altura, não tenho certeza de que haja outra coisa.

— Ah — retruquei, com delicadeza. — Então, esse é o xis do problema.

Perguntei-me se não seria essa a resposta para o mistério no país inteiro. Não era que comer fosse tão fantástico — não era —, mas é que nada era fantástico. Sendo apenas bom, comer ainda ficava muito acima de qualquer outra coisa que fosse decididamente menos que boa. Se era assim, eu estava cercada por milhões de pessoas incapazes de extrair prazer do que quer que fosse, afora um *doughnut* com geleia.

Capítulo Dois

O Dr. Corcoran era de uma franqueza categórica e sem rodeios, da qual eu sempre havia gostado. Dava informações confiáveis com uma neutralidade prática. Havia me tratado de uma queimadura de segundo grau, causada pela água fervente do macarrão, impedindo que ela infeccionasse. Dera pontos tão bem-feitos num corte que eu fizera ao retirar sem cuidado um caroço de abacate que eu lamentava a invisibilidade da cicatriz; por causa do trabalho no bufê, minhas mãos eram um xadrez de valiosas tatuagens tribais. Com a discreta inexpressividade que Corcoran cultivava, tinha esperança de que ele fosse benéfico para Edison, que não precisaria sentir-se submetido a mais nenhum julgamento severo.

Entretanto, na nossa consulta conjunta, notei que agora uns sulcos em forma de *V*, rápidos como relâmpagos, marcavam a fronte do médico, sugerindo que, nas horas de folga, ele abria mão daquela inexpressividade e franzia muito a testa. No fim da consulta, eu viria a interpretar sua neutralidade de outra maneira. Era fatalismo. Para haver comprado para seu consultório uma balança tão robusta, capaz de pesar massas tão elevadas, ele devia atender um número suficiente de pacientes obesos para compensar o investimento.

— Você está pré-diabético — declarou Corcoran, num tom entediado de obviedade, depois que Edison se vestiu na sala de exames e ocupamos as cadeiras diante da escrivaninha. O tom monocórdio do médico foi quase desrespeitoso. — A sua pressão sanguínea está alta. Com um índice de massa corporal superior a cinquenta e cinco, a sua probabilidade de ter a maioria dos tipos de câncer aumenta de forma significativa. Você tem edemas nas extremidades: isso é retenção de líquidos, por causa da má circulação. Sua

capacidade pulmonar está reduzida e, se você continuar a fumar, um enfisema será quase inevitável...

— Um problema de cada vez — interrompi-o. — Ele tem saúde suficiente para começar uma dieta severamente restritiva, sem cair morto?

— É provável que sim — respondeu Corcoran, com ar descontraído. — Podemos baixar a pressão sanguínea com medicamentos. O coração dele está melhor do que se poderia esperar, embora ainda seja um forte candidato a doenças cardiovasculares. O que você tem em mente?

— Pelo que andei lendo, acabaríamos tendo de aumentar as calorias para oitocentas, depois para mil e duzentas. Mas, para começar, ficaríamos entre quinhentas e seiscentas por dia.

Como Edison não soltou nenhum arquejo, não devia ter a menor noção do baixo valor nutritivo a que isso correspondia: dois terços de um pãozinho de canela. Quanto a Corcoran, juro que me lembro de tê-lo visto rir. Talvez não tenha sido uma grande gargalhada, mas foi uma risada clara.

— Isso é ambicioso.

— Com o tanto que Edison está pesando, não adianta fazer isso se não formos ambiciosos. O senhor pode me dizer o peso dele?

O médico olhou de relance para o paciente, solicitando sua permissão.

— Não é nenhum segredo de Estado, cara — falou Edison.

— Cento e setenta e cinco quilos.

Meu irmão acrescentou:

— Mas isso inclui a cueca.

Podia ser pior. Peguei emprestado lápis e papel e fiz os seguintes cálculos: 175 – 74 = 101 kg a perder; 101 x 7.716 calorias por quilo = um total aproximado de 780 mil calorias para queimar. Calculei por alto que meu irmão queimaria em média umas 3 mil por dia — mais no começo, menos no final. Portanto, considerando 3 mil menos uma média de 800 calorias de consumo, digamos, teríamos uma redução de 2.200 calorias por dia. E 780 mil divididos por 2.200 dava 354,54.

Dias. Fiquei apavorada de contar ao Fletcher. Mesmo que Edison seguisse o programa à risca, seríamos companheiros de quarto por um ano.

* * *

Optei por procurar um apartamento não mobiliado, imaginando que me sentiria grata com a tarefa de tornar o local habitável. Antes mesmo de a maratona ter início, eu havia captado o desafio especial desse projeto para mim, em particular. Até então, tudo o que eu havia enfrentado, desde as cortinas do quarto até a Baby Monotonous, implicara, bem, fazer alguma coisa. Esse projeto era sobre não fazer determinada coisa, o que contrariava minha natureza. O projeto em si não exigia tempo, mas liberava uma quantidade grotescamente maior dele — porque foi forçoso ter que pensar na grande parte do dia que costumava ser ocupada por fazer compras, preparar as refeições, consumi-las e cuidar da limpeza e arrumação depois delas. A tarefa de comprar colchões seria uma bênção.

Três proprietários seguidos soaram positivos ao telefone, mas ao colocarem os olhos em Edison nos informaram que, infelizmente, o imóvel já fora alugado. Ah, todos se desmancharam em desculpas — "Puxa, eu sinto muito, muito mesmo, que vocês tenham vindo até aqui! É uma grande coincidência, porque este apartamento estava no mercado há semanas!" —, o que, aqui neste estado, já era a dica; com sua cadência lenta e marcada, os nativos de Iowa eram propensos a uma nasalidade que se acentuava quando se mostravam lamuriosos. Acho que os proprietários tiveram medo de que quebrássemos coisas. Eu me perguntei se haveria alguma questão de direitos civis que pudéssemos levantar. Esse pessoal das imobiliárias ficaria muito mais nervoso ao bater a porta na cara de Edison se ele fosse negro. Mas, fazendo umas verificações, descobri que a Lei dos Americanos Portadores de Deficiência não abrangia os obesos. Os proprietários que se recusavam a alugar imóveis aos gordos estavam perfeitamente dentro da lei.

New Holland tem uma população pequena, com cerca de dezesseis mil habitantes, mas assim mesmo tem limites amplos, e limitar nossa busca a meia hora de caminhada da Alameda Solomon era restritivo; tive medo de ficarmos sem opções. Circulando de carro com Edison, fiquei contente com alguns marcos conhecidos que poderiam servir de referência para meu irmão e fazê-lo sentir-se em casa: o moinho decorativo de madeira no centro da cidade; a Confeitaria De Vries, que ainda vendia "letras holandesas", aqueles biscoitos amanteigados em forma de S, com recheio de pasta de amêndoas; o Parque Norman Borlaug, com seu arco de deselegantes tulipas de corte na

entrada; o imponente silo branco num dos extremos da cidade, que sempre indicou que a interminável viagem de quatro dias, iniciada em Los Angeles, tinha enfim acabado. Enquanto eu me acostumara com a dimensão do moinho na idade adulta, Edison ainda o achava incomodamente pequeno. A confeitaria logo se transformaria numa tortura. Mesmo inclinados a fazê-lo, já não podíamos subir com alegria no caminhão aposentado dos bombeiros, porque os pais contemporâneos, esses desmancha-prazeres, haviam jogado no lixo aquele trepa-trepa que era uma "armadilha mortal". Com a modernização do Abatedouro Himmel, seu telhado já não exibia o porco de gesso cor-de-rosa que fora sua marca registrada.

Quase enterrados nos destroços das histórias em cadeia que enchiam toda a região como detritos de uma enchente, esses vislumbres oníricos das visitas infantis a nossos avós só pareciam irritar meu irmão. Em síntese, Edison não sabia como explicar a si mesmo o que estava fazendo ali, e toda vez que cruzávamos a cidade inteira surgia uma expressão em seu rosto que dizia "*É só ISSO?*". A amplitude do céu e os espaços ao ar livre pareciam torná-lo claustrofóbico, como se ele pudesse afogar-se em todo aquele nada. E admito que o começo de dezembro também não contribuiu para exibir a região de forma vantajosa. Os campos eram pura terra. O céu estava cinzento.

Por fim, fomos recebidos num condomínio chamado Portais de Praga por um homem afável, que também era muito obeso. Dennis Novacek tinha um jeito reservado e ficou visivelmente mais animado ao deparar com um candidato a inquilino ainda maior do que ele. Com pelo menos cinquenta anos, era provável que já fizesse algum tempo que ele fosse gordo; sua barriga se deslocara para baixo, centrando-se nas imediações da virilha, e chacoalhava independentemente do seu andar, rolando para a esquerda quando ele dava um passo com o pé direito. Em Edison ele reconheceu um aliado, e por isso deixei meu irmão se encarregar do bate-papo. Os dois levaram o mesmo tempo prolongado para batalhar escada acima enquanto Novacek observava que um único lance fazia o sangue correr, mas não esgotava a pessoa. Chamou nossa atenção para a proximidade de uma loja Dunkin' Donuts e de um bufê livre com preço fixo, a cinco minutos de carro. Edison não desfez as suposições equivocadas do proprietário, mas fez o contrário, aliando-se a ele no entusiasmo de ambos pela "pizza com a borda

recheada de alho e manteiga" da Pizza Hut. Fiquei contente de novo; se meu irmão estava sendo cauteloso ao fazer proclamações para estranhos, é que começava a reconhecer a sinistra proximidade do compromisso — isso porque, na primeira manhã depois de recebermos as chaves, acabaria a festa. Engraçado, a única coisa que me incomodou um pouco foi ele não ter corrigido a suposição errônea do Novacek de que éramos casados.

O apartamento de dois quartos era mais atraente no interior do que seu exterior genérico poderia sugerir, com um janelão panorâmico que dava para uns carvalhos altos e finos, que haviam perdido quase todas as folhas. Fiquei pensando que, se essa dieta prosseguisse conforme o planejamento, eu veria aquelas árvores desfolhadas e cobertas de neve, depois brotando e carregadas de folhas. Com tudo branco e limpo, o apartamento tinha um despojamento apropriado: a mesma austeridade do motel, que fazia o estilo a vida é assim e não há muito mais que isso. Era como partir do zero. A cozinha, simples e funcional, não escondia vidros de calda açucarada nos armários nem caixas de açúcar de confeiteiro. Como as instalações eram recém-reformadas, as paredes brancas e o carpete bege não traziam qualquer mancha dos fracassos de terceiros. Sua aura vagamente medicinal e punitiva lembrava uma clínica de reabilitação, e era exatamente nisso que transformaríamos aquele lugar. Assinei o cheque.

Enquanto esperávamos que ele fosse compensado e que Dennis levantasse o cadastro do meu crédito na praça, deixei Edison no hotel e fui a um endereço nos limites da cidade, não muito longe da Baby Monotonous. Era uma empresa de Iowa chamada Grandes Presentes em Pacotes Pequenos, ou GPPP; embora eles imitassem uma marca nacional popular, gostei da ideia de apoiar outra firma local. Seu site incluía fotos de antes e depois que deviam ser difíceis de falsificar. Eu verificara antes com o Dr. Corcoran, que havia supervisionado pacientes no programa deles e não os descartou como charlatães. Eu precisava obter um suprimento imediato, embora pudesse fazer as próximas compras pela internet. Ao entrar apreensiva na loja de aparência inofensiva, lembrei-me dos livros infantis que eu costumava ler para Cody, nos quais tocas de coelho ou armários enganosamente despretensiosos revelavam-se portais para outro mundo.

— Olá, como posso ajudá-la?

Com menos de trinta anos, mas já instalada numa meia-idade de blusa de florzinhas, a recepcionista de proporções generosas não era uma grande propaganda dos produtos de seu patrão — se bem que, tendo esbravejado ainda recentemente contra a discriminação dos gordos, eu não podia ter dois pesos e duas medidas. Ela me levou ao mostruário envidraçado.

— Bem, agora estão todos doidos pelo cappuccino — disse-me ela. — E há quem deposite grande confiança no de banana, embora, na minha opinião, ele tenha um sabor meio artificial. A senhora prefere cítricos? É que também temos uma boa linha.

— Não é só para mim, e o meu irmão é... é um grande projeto. Acho que faz sentido levar uma variedade, para não enjoarmos do mesmo sabor, não é?

A risada involuntária da mulher me lembrou a de Corcoran.

— Acho que a senhora vai descobrir, depois de bem pouco tempo, que a "variedade" não faz muita diferença.

— Com os seus outros clientes... isso funciona?

— Funciona, é claro, se a pessoa seguir o programa — respondeu ela, animada.

— E... elas o seguem?

— A maioria das pessoas faz disso uma religião, no começo. Mas é preciso ser de um tipo especial para continuar firme. E há também os reincidentes. — Ela me olhou nos olhos, com um tênue meio sorriso. — Temos uma porção de clientes que voltam repetidas vezes.

Inferi que aquela não era uma empresa cujos empregados recebessem parte dos lucros.

— Eu mesma passei um tempo tentando de tudo — prosseguiu ela enquanto ia empilhando meu pedido. — Só consegui me deixar infeliz. Meu marido gosta de mim do jeito que sou e, hoje em dia, acho que não faz sentido lutar contra a natureza. A vida é muito curta.

— O encurtamento excessivo da vida do meu irmão é que é o problema — retruquei.

— Dê notícias! — exclamou ela, erguendo seu copo Big Gulp num brinde. — É sempre útil termos mais depoimentos para atualizar nosso site.

Com a mala do carro cheia, liguei do estacionamento para Fletcher.

— Um ano — repetiu ele.

— Provavelmente.

Eu não faria favor algum a mim mesma se diminuísse os números.

— Dizem que uma semana é tempo demais na política. Um ano é demais em qualquer coisa.

— Com certeza.

— Eu ficaria zangado, só que não vai demorar um ano. Não vai demorar nem uma semana.

— Não ajuda você torcer para fracassarmos.

— Ele vai magoá-la, Pandora.

Perguntei pelas crianças e ele me deu uma descrição fria. Tanner fora pego matando aula. Sim, estava sendo punido, mas Fletcher não disse como. Todas as suas respostas foram curtas. Era como se ele respondesse a uma pesquisa de mercado.

Edison e eu nos mudamos para o condomínio Portais de Praga dois dias depois. Quando Dennis Novacek nos recebeu no imóvel, com as chaves, fez uma série de ofertas para que alugássemos aparelhos — máquina de lavar, secadora, lava-louça, equipamento completo de som e imagem, tudo em que pôde pensar, provavelmente objetos deixados por inquilinos anteriores —, dirigindo-se a mim, não a Edison, com uma nova postura obsequiosa. Certo: tinha pesquisado no Google o nome que vira no cheque. Sem dúvida, devia estar fulo consigo mesmo por não ter pedido um preço maior pelo aluguel. Fazia muito tempo que eu deixara de tomar o mero reconhecimento por um elogio. Cobiçava o anonimato nessa empreitada, e o fato de haver passado de pessoa a personagem com nosso novo senhorio foi uma grande chatice.

Nossas três malas causaram pouco impacto em todo aquele espaço. Ocupamo-nos com o trabalho de desfazê-las, mas não havia onde colocar nada, de modo que montamos pilhas no carpete de nossos respectivos quartos. As camas que eu encomendara haviam chegado de manhã e a montagem das armações consumira umas duas horas; o peso de Edison tinha ajudado a pôr os encaixes no lugar certo. Afora isso, nem sequer tínhamos uma mesa — como não devia haver refeições, não fazia mal. A cena lembrava dois recém-casados sem grana, numa casa pré-fabricada caindo aos pedaços, onde eles fariam um tímido piquenique no chão, com pão, queijo e vinho — uma imagem espartana da qual se lembrariam com carinho, tempos

depois: veja como éramos felizes quando não tínhamos nada. Eu não tinha certeza de que fosse funcionar assim para Edison e eu: veja como éramos felizes quando não comíamos nada.

— Tem alguma coisa neste lugar, cara — disse meu irmão, inspecionando aquele espaço desolado.

— O quê? — perguntei, embora também o sentisse: um pavor borbulhante.

— Ele torna a coisa real. Acho que não vamos encher a geladeira de cerveja.

— A geladeira não vai ficar abarrotada. Mas pense por este lado: nunca precisaremos limpá-la.

Mais uma coisa para *não* fazer me deu a sensação de ter sido roubada.

Havíamos planejado para aquela noite "A Última Ceia" e, entregando-nos justamente ao tipo de pensamento que logo teríamos de nos livrar, passamos horas discutindo restaurantes. Por fim, depois de esfregar bancadas que já estavam limpas, ficou escuro o suficiente para sairmos. Partimos num clima de enterro para mais uma refeição que, na outra ponta deste projeto, Edison teria que "descomer". Digo Edison porque deixamos de abordar uma questão incômoda: muito antes de também perder 101 kg, eu, a Incrível Irmã que Encolheu, estaria esgrimindo um alfinete contra aranhas. Mas teríamos tempo de sobra para resolver essa disparidade nos próximos meses e, naquele momento, eu queria que entrássemos na empreitada como um time.

Depois de decidirmos ir a um pequeno bistrô que, pelo menos, não fazia parte de uma cadeia, eu havia telefonado para avisar que o meu acompanhante era um "homem grande", para que eles fizessem a delicadeza de providenciar uma cadeira amplamente proporcional. Para garantir uma mesa decente, eu tinha feito a reserva no nome da minha empresa. Tanner tinha razão. Ter me submetido a todas aquelas sessões humilhantes de fotos devia servir para alguma coisa. Quando chegamos, os funcionários foram devidamente gentis, e era provável que a poltrona luxuosa e larga do Edison tivesse sido trazida do escritório do gerente.

Eu disse a meu irmão que ele podia pedir o que quisesse. A única regra daquela noite era que nosso consumo deveria ser lento e reflexivo — consciente.

— Você engole a comida como se tivesse medo de que alguém fosse levá-la embora — expliquei. — Alguém como você, na verdade. É como se comesse pelas suas próprias costas. Mas hoje você tem permissão. Pessoalmente, acho que come tanto por *não* apreciar a sua comida, e não por ela ser tão satisfatória que você não consiga parar. Já que é óbvio que recorre à comida para que ela lhe forneça algo que não pode fornecer, a quantidade que você come é infinita. É como se abrisse a torneira da pia para encher a banheira. Assim, você vai abrindo cada vez mais as torneiras da pia, só que isso nunca encherá a banheira.

— Depois do outro dia, com aquela droga daquele vaso sanitário, você pode guardar as metáforas de banheiro para si, boneca — disse ele, distraído, examinando o cardápio com a concentração que os alunos das *ieshivot* dedicam ao Talmude. — O que você acha: a torta de cogumelos silvestres com queijo de cabra ou a "flor de cebola" frita?

Aquelas cebolas inteiras, imersas em massa, atingiam mil calorias por unidade.

— *Eu* acho que você deveria pedir um peru frio.

— Onde está isso...? — Ele finalmente levantou os olhos. — Ah.

Enquanto consumíamos o couvert e a entrada, procurei ensinar-lhe o que havia aprendido com meu filé de salmão, dias antes. Peguei um pedacinho do pão de nozes e o *fletcherizei*.

— Pense nisto para valer — recomendei. — No que isto é. No que não é. No que você extrai dele. E procure guardar a lembrança para depois. Para ter uma referência do sabor. Grande parte do ato de comer é a expectativa. Repetição e memorização. Em tese, a pessoa deveria poder comer quase inteiramente na cabeça.

— Está profundo demais para mim, maninha.

Mesmo assim, ele fez como eu disse. Embora houvesse pedido uma segunda entrada, quando terminou a torta, pedacinho ponderado após pedacinho ponderado, cancelou toda a cebola frita.

— Ei — disse ele enquanto esperávamos o prato principal. Eu pedira à cozinha que prolongasse ao máximo essa refeição —, você ainda não me falou como vamos fazer isto.

Tamborilei na mesa.

— Você concorda que tem uma tendência a ser *extremado*?

— Como assim?

— Bem, olhe para você, Edison. Se resolve comer demais, você não arranja só uma barriguinha: vira uma rotunda humana. Acho que podemos usar essa sua tendência em nosso benefício. Se você tem um botão de "ligar", também deve ter um de "desligar".

— Não sei por quê, menina, mas você está me deixando nervoso.

— Todos aqueles projetos de cardápios da internet, com suas regras e porções exigentes. Aquilo é uma tortura. Acho mais fácil, em vez de tomar dezenas de pequenas decisões de autoprivação, todos os dias, tomar logo uma grande decisão. E depois dela, não haverá mais nada para decidir.

Expus os parâmetros. Superando o choque, ele prometeu confiar em mim.

A Última Ceia durou quase quatro horas, e extraímos dessa refeição cada gota de sabor disponível, como quem torce uma esponja de lavar louça. Dividi um dos meus camarões-tigre ao molho de pimenta-malagueta e dissecamos juntos os crustáceos, enfiando a faca nos pequenos triângulos de casca na cauda, para tirar de dentro deles os últimos pedacinhos de carne. Trocamos porções de nossas entradas, fatiando tão fino o filé mignon malpassado do Edison que a carne ficou translúcida e cobrindo cada fatia com uma camada de molho *béarnaise*, acentuado por um grão solitário de pimenta rosa. Cortamos cada uma das minhas vieiras-gigantes em seis fatias, como se elas fossem pequenos bolos, e montamos garfadas com uma lasca de chouriço, uma folha de rúcula e um pedacinho de aipo-rábano, como se fosse um haicai comestível. Durante a sobremesa, esmaguei entre os dentes incisivos as pequenas bagas do *clafoutis* de amoras; o chocolate do *fudge cake* de Edison parecia sombrio em todos os sentidos — desmontando de tão cremoso, infinito e cheio de malícia, embora levássemos tanto tempo catando cada migalha escura com a ponta do garfo que o sorvete derreteu. No fim, havíamos devorado tudo, desde o *grissini*, a caponata e a manteiga até as balas de menta, e, embora eu tivesse deixado Edison tomar a maior parte da garrafa, porque não queria ficar tonta justamente naquela noite, bebemos o Mourvèdre-Cabernet escuro e sutilmente granuloso até a última gota. Comer podia não ser tudo aquilo que diziam, mas também não era de se desprezar, e fiquei fula comigo mesma por ter passado a maior parte da

vida transferindo a comida do prato para a boca, às cegas, alegremente, como quem alimenta de carvão uma fornalha. Eu chuparia aquela bala memorizada durante meses, rolando-a no fundo da mente até reduzi-la a um fragmento.

* * *

Tenho menos saudade da manhã seguinte.

Edison devia estar de ressaca — havia tomado um conhaque com o bolo — e se arrastou até a cozinha, onde eu enchia a máquina de café espresso que havia trazido da Alameda Solomon. (Àquela altura, já havendo renunciado à cafeína, Fletcher não sentiria falta dela.) Eu mesma estava meio azeda, com pavor do café preto no estômago vazio, mas meu irmão era uma bola intratável de ressentimento e má vontade difusa.

— Não tem nem onde sentar, cara!

— Vamos cuidar disso. Até lá, sem o leite cremoso para suavizar, devemos comer alguma coisa antes do café.

— Isso eu toparia, se você estivesse falando de uma pilha alta de panquecas com lascas de chocolate.

— Cujo segredo, pelo que você me disse — levantei um envelope de GPPP —, é a baunilha, certo?

— U-hum — resmungou Edison, erguendo o corpo na bancada. — Cara, aquele jantar de ontem foi um *arraso*. Aposto que eles fazem um *brunch* bárbaro de filé com ovos.

Eu havia surrupiado dois copos de água do hotel. Derramei um envelope da GPPP em cada um: proteínas, vitaminas, sais minerais e eletrólitos. Dissolvi o pó com água da bica e mexi.

— Hum, nham, nham!

— Corta essa de animação, Ursa Panda. — Edison tomou o primeiro gole. — Porra!

Bebi um gole. Tive de admitir que era bem aguado.

— Vamos torcer para que o de morango seja melhor.

Circulamos a esmo com nossos copos, olhando desanimados pelo janelão para os carvalhos novinhos lá embaixo, cujos ramos frágeis eram uma metáfora da estreiteza da nossa determinação. Meu sentido recém-descoberto

do paladar não se estendia à proteína em pó sabor baunilha, e virei o resto num gole só. Como era previsível, mesmo os dois dedos de café com que acompanhei nosso banquete líquido acionaram uma reação de acidez. Em muitas ocasiões, eu havia pulado por completo o desjejum, mas aquela manhã era diferente, e me senti dolorosamente desprivilegiada, sem nenhuma sensação compensatória de realização. Eu nem sequer tinha pulado por inteiro o café da manhã e continuava tão acima do peso quanto na noite anterior. Aparentemente, não havia almoço por que ansiar, muito menos um jantar. Todo o meu senso de ordem fora virado de cabeça para baixo: minha vida não tinha protocolo nem estrutura e, ainda por cima, eu era obrigada a lidar com meu irmão mais velho, rabugento e resmungão feito um bebê.

— Isto é uma idiotice do cacete, cara — choramingou ele repetidas vezes, fumando um cigarro atrás do outro numa janela entreaberta. — Estou com uma puta fome.

— Ontem à noite você prometeu que ia confiar em mim. Prometeu não tapear e entendeu que, se fizer alguma trapaça, eu largo este projeto mais depressa do que você consegue pedir um Quarteirão com Queijo. Você se lembra das regras: pode tomar refrigerante diet, água com ou sem gás e chá de ervas, mas só com limão e adoçante artificial. Pode ser que eu compre umas balas sem açúcar. Mas, afora isso, são quatro copos desta laminha por dia, ponto final. Agora vamos sair daqui, que eu não estou mais aguentando.

Senti tanto alívio por haver alugado acomodações não mobiliadas que teria sido capaz de beijar minha própria mão. Uma coisa para fazer! E eu já estava repensando uma decisão anterior, tomada no delírio estonteante de um estômago cheio. No começo, todo ascetismo me parecera oportuno e, com o nosso histórico familiar, era compreensível que eu tivesse querido renunciar à fonte de tanto descaso durante a nossa infância. No entanto, depois de apenas meia hora de carpete bege e proteína em pó sabor baunilha, jurei que, além de um sofá, duas poltronas e uma sala "de jantar", mesmo que apenas no nome, nós compraríamos, antes de qualquer outra coisa, uma televisão.

Capítulo Três

Não adianta enfeitar. Aqueles primeiros dias foram terríveis. Nós nos sentimos bobos. A retirada da comida pareceu arbitrária e, na ausência de qualquer resultado imediato, inútil. A escala da nossa ambição era tão assustadora que parecia loucura, e temi que Fletcher tivesse razão: não chegaríamos a completar uma semana. Embora aqueles copos magros de proteína batida atenuassem um pouco o incômodo, eu continuava com uma fome corrosiva e persistente, que fazia o tempo se arrastar e impregnava todos os momentos de uma sensação cinzenta. Apanhei-me pensando que, na verdade, eu não me incomodava por haver engordado "um pouquinho"; como dizia Fletcher, eu era uma mulher na casa dos quarenta, e um tantinho de enchimento era previsível. Não precisava atrair um parceiro, porque já era casada — e ali estava, pondo em risco justamente essa segurança, em nome deste exercício inviável.

Ainda assim, sou uma pessoa teimosa e, como discerniram os meus enteados, mais orgulhosa do que fingia ser; a perspectiva de voltar rastejando para a Alameda Solomon, agarrando com as mãos lambuzadas um pãozinho e um pote de cream cheese, era um anátema. Assim, confiei na altivez, de um lado, e na afeição, do outro — recitando com frequência a longa lista de doenças letais que a massa do meu irmão convidava. Embora o caráter abstrato delas fosse problemático, a última coisa transmitida pelo Dr. Corcoran à porta do consultório havia acertado o alvo: "Sr. Appaloosa", dissera ele, em tom grave, "não tenho nenhum paciente gordo que seja idoso."

Se o que me fazia atravessar um dia atrás do outro era Edison, somente em retrospectiva é que posso inferir o corolário: o que fazia meu irmão atravessar um dia após o outro era eu.

Ora, na noite do primeiro dia, ele estava em prantos, o que significava que eu o vira chorar duas vezes em dez dias; o rochedo de Gibraltar que era o irmão com quem eu havia crescido tinha desmoronado num aterro. Os móveis que compráramos à tarde ainda não tinham sido entregues, de modo que nos ajeitamos no chão da sala, encostados na parede, parecendo pufes humanos. Ele já havia desgastado a minha paciência, pois a ida às compras não se revelara a distração bem-vinda que eu tinha planejado. Edison havia alternado entre um preciosismo inútil e uma indiferença igualmente inútil, saindo da loja de cinco em cinco minutos para fumar. Animara-se um pouco com a minha proposta de passarmos no Hy-Vee, mas a melhora de humor havia durado pouco: só precisávamos de artigos e utensílios de papel, louça barata, pacotinhos de chá, refrigerante diet, adoçante e balas sem açúcar. Em momento algum ele manifestou o menor reconhecimento do fato de que eu também estava passando fome. Fazia menos de vinte e quatro horas que dividíamos a casa, e ele já estava me dando nos nervos.

Quanto a mim, o que tornava o incômodo tão debilitante era o próprio fato de ele ser de tão baixo grau. Sentir fome quando se está com excesso de peso é uma forma nitidamente burguesa de sofrimento e, quando ninguém mais tem pena de nós, é difícil termos pena de nós mesmos. Edison, porém, não compartilhava da minha dificuldade com a autocomiseração.

— Por que não posso comer só um sanduíche? — choramingou. — Que diferença faz?

Arriei a seu lado no carpete.

— Um sanduíche é a porta para dois. Sei que você não está acostumado a sentir fome. Mas não é assim tão ruim. O seu corpo foi feito para usar a gordura como combustível. Está fazendo o que é para fazer.

— Não me interessa! Olhe para mim. Continuo a ser um merda gordo. Agora, sou um merda gordo e infeliz. Não posso fazer isto. Não aguento, Panda. Não aguento um ano inteiro disto.

— Psiu... — Afastei os cachos louro-escuros do seu rosto. — Esta é a parte mais difícil. O primeiríssimo dia.

Dar-lhe força fez com que eu me sentisse mais forte e, depois de buscar para ele um chumaço de papel higiênico para que assoasse o nariz, fiz um chá de limão e gengibre para nós, tentando parecer ágil e vigorosa ao

espremer até a última pobre gota de sabor dos saquinhos infames. Quanto mais me concentrava no meu irmão, menos eu sofria, e me perguntei se, com o tempo, a solução para Edison também não seria preocupar-se um pouquinho mais comigo.

— E agora, fazemos o quê? — perguntou ele, franzindo a testa para a caneca que lhe era oferecida. — São só oito horas, cara!

O televisor ainda não tinha chegado também.

— Bem... — Tornei a me acomodar a seu lado, segurando o chá entre as mãos como Edison fizera com seu conhaque na noite anterior, que já parecia ter sido semanas antes. — Faz mais de dois meses que estamos perto um do outro, e você ainda não conversou comigo.

— Besteira. Eu falo pra cacete, e você sabe disso.

— Você não explicou o que aconteceu. Para ter acabado assim. Aí tem mais coisa do que pão de centeio com carne enlatada.

— Qual é? Você está esperando uma confissão completa?

— Pela simples vontade desesperada de ocupar o tempo? Estou. Quero saber o que o fez ficar tão deprimido.

— Vamos ver. Eu tive uma mulher que era um tesão e se mandou. Tenho um filho que não vejo desde que ele tinha quatro anos. Não transo há séculos. Não tenho dinheiro nem emprego e, aos quarenta e quatro anos, dependo da minha irmã nacionalmente famosa para ter uma mesada. Para mim, parece um bocado deprimente.

— Essa versão abreviada de *Reader's Digest* só nos fez chegar às oito e treze. Não entendo. Eu tinha a impressão de que, logo que saiu de Tujunga Hills, você havia tomado Manhattan de assalto.

— Talvez isso seja uma forçada de barra. Mas toquei durante três anos com Stan Getz! Toquei nuns lugares importantes, cara. No Vanguard, na Blue Note. Toquei...

— Com uns caras de peso — interrompi, impassível. — E por que não continua tocando com caras de peso?

— Olhe, não é que eu fosse um lixo. Os caras modificam o som. E, mais ou menos quando comecei a ter problemas com Sigrid, pode ser que eu tenha ficado... meio difícil. Sabe, eu era uma puta estrela, cara...

— Como Travis — comentei, em tom abatido. — Foi um modelo bastante perigoso que você arranjou. Travis, o Babaca Profissional.

— Pode ser que eu tenha herdado isso dele. Não pegou muito bem. Eu, tipo assim, me retirei algumas vezes. No meio das apresentações. Quando a plateia não calava a boca, ou quando o baixo estava amplificado demais.

— Foi por ele fazer isso que você fez um alarde em relação ao Keith Jarrett.

— É o roto falando do esfarrapado. Mas Jarrett consegue fazer isso e se dar bem...

— Razão por que ele lhe dá raiva.

— Com o tempo, entrei nos eixos, sacou? Acabei entendendo que dar aquela de ou é assim ou eu me recuso a tocar não era profissional. Mas eu já tinha feito fama. Os músicos ficavam desconfiados na hora de tocar comigo, e aí pararam de me chamar para os melhores trabalhos. E eu nunca toquei com Miles! Todos os sujeitos que só chegaram a carregar o trompete do cara estão numa boa até hoje. Esses caras podem criar caso quanto quiserem, insistir em becas de seda e desancar a plateia por causa dos celulares...

— Mas você gravou todos aqueles CDs — interrompi. Já tinha ouvido aquele refrão do *se ao menos eu tivesse tocado com Miles*. — Sei que você não os inventou, porque me mandou as cópias.

— Qualquer um pode gravar CDs, cara. Garantir um distribuidor, receber uma crítica do Ben Ratliff, aí são outros quinhentos.

— Mas você continuou a tocar.

— É, só que num nível inferior da hierarquia. No café Cornelia Street. Na Small's. Na Fat Cat. O pessoal reparou. Eu estava enveredando pelo caminho errado. Na verdade, nunca lhe contei isso, mas...

— O quê?

Intuí que havia tantas outras coisas que ele nunca havia contado que, em vez de matarmos uma ou duas horas, poderíamos ficar acordados a noite inteira.

Edison bebeu um gole grande do chá morno como quem virasse um uísque duplo, e eu me perguntei se o fundamental ao se encher a cara era aquele acessório — não o que havia dentro, mas o copo em si.

— Houve um período — disse ele. — Em meados dos anos 1990. *Guarda compartilhada* só tinha saído do ar fazia o quê? Uns doze, treze anos? Muitos frequentadores de boates tinham crescido assistindo ao seriado. Assim, passei uns tempos tentando veicular minha imagem como "o Verdadeiro Caleb Fields". Cheguei a ser listado no *Voice* como Caleb Fields.

Pelo menos, ele pareceu sem graça.

— E funcionou?

Edison deu de ombros.

— Atraiu uns curiosos. Ei, a gente usa o que tem, certo? E nós, você sabe... não somos um zero à esquerda. Travis pode nos deixar malucos, mas foi um astro de TV em rede nacional. Somos especiais, garota.

Quase não a enunciei, mas guardar comigo justamente esse tipo de observação era a razão por que, depois de tantos anos e de dois meses na mesma casa, meu irmão e eu ainda não nos conhecíamos bem.

— Você quer dizer que *você* é especial.

Quando Edison me olhou, o fogo em seus olhos não veio do choro.

— Olhe aqui, eu *dei um duro* do caralho. Pode ser que agora eu esteja enferrujado, mas você viu: na maior parte da vida, pratiquei seis a sete horas por dia. Forcei umas barras, já que ninguém se aproxima de você na rua e simplesmente lhe oferece um trabalho porque você tem cara de gente boa. Escutei e estudei a escala toda, de Jelly Roll Morton a Monk, a Chick, a Bley. Numa época em que não se podia obter no iTunes tudo o que é gravação obscura que existe, como se faz agora, eu fiz o levantamento de toda a música deles, tudo o que aqueles caras tinham gravado...

— Você já preparou um jantar para setenta e cinco pessoas? — perguntei, abstendo-me de propósito de jogar o trunfo da Baby Monotonous. — Passou três noites seguidas em claro, picando cebolas e esticando massa de tortas...?

— Não fale em comida, cara. Por favor.

— Também trabalhei duro. Se o parâmetro é esse, muita gente é "especial". E há uma grande diferença entre sentir-se especial e sentir-se privilegiado. Cheio de direitos.

— Talvez eu seja *cheio de direitos*. Eu tenho uma coisa, eu...

— Você tem *talento*, e eu não.

— Ei, garota, isso não está levando a lugar nenhum.

— Está, sim, só não está levando ao lugar a que você quer ir.

Passamos um minuto em silêncio.

— A minha vida é uma merda. Você está nas alturas e eu estou em 175 kg de merda. Não entendo por que você quer fazer com que eu me sinta ainda pior.

— Não quero — abrandei-me. — Crescemos raciocinando mal, Edison. Tentei transmitir isso a Tanner e Cody, também sem muito sucesso. Toda essa obsessão com... É só que você se importa demais com o que os outros pensam a seu respeito!

Eu não imaginava que fosse possível Edison arriar ainda mais junto àquele rodapé, mas ele arriou.

— Os outros não pensam coisa alguma de mim, boneca, não hoje em dia. Sabe quando tentei me apresentar como "Caleb Fields"? Parte do público sempre se retirava, bufando. Eles achavam que tinham ido ver Sinclair Vanpelt. Dá para acreditar? Aquele merdinha que achava que arpejo era um tipo de massa italiana.

Eu ri.

— É, essa é ótima. — Dei um tapinha no joelho dele e me levantei. Tínhamos reservado o "jantar"; embora, naquela manhã, eu não fizesse ideia de como se poderia aguardar com interesse a hora de comer proteína em pó, entrei animada na cozinha. — Como está se sentindo? — perguntei enquanto mexia os copos.

— Zonzo. Irritado. Gordo.

— Com o seu tamanho, amanhã de manhã você já terá perdido mais de meio quilo.

— E você vai poder notar a diferença?

— Uma longa caminhada começa pelo...

— Engula as suas homilias, mana.

— Pois então, homilias — palavra que parecia uma coisa feita de milho — de sobremesa.

* * *

Na manhã seguinte, Edison estava atônito por haver sobrevivido durante vinte e quatro horas com um quarteto de envelopes dissolvidos em água, e a rabugice arraigada foi contaminada pela autocongratulação. Tomada de alívio por já não estarmos no primeiro dia, eu havia programado umas tarefas para o segundo. Mas cuidar de afazeres fora de casa era constantemente impedido pelo fato de um de nós ter que urinar. Esperava-se que bebêssemos no mínimo dois litros de líquido por dia, além dos shakes, e, sem comida, a água passa direto pelo corpo. Tivemos de fazer o retorno duas vezes para nosso banheiro nos Portais de Praga, antes de finalmente chegarmos ao Walmart — quando Edison se recusou a se mexer e permaneceu no carro.

— Nunca ouviu a expressão "a ignorância é uma bênção"? — brincou o sujeito parrudo atrás de mim, na fila da caixa, apontando com a cabeça para a embalagem da minha balança poderosa, grande o bastante para exigir um carrinho plataforma.

— É, meu bem — interpôs a mulher à minha frente, em tom amável. — Eu prefiro não saber.

— Bem, uma coisa é a gente ignorar — admiti —, outra é se enganar.

— Enganar a si mesmo torna a vida suportável — disse o filósofo atrás de mim, pondo sua caixa de Budweiser na esteira rolante. — Faça-a enxergar-se com muita clareza no espelho, e a raça humana inteira pula de uma ponte.

Dei uma risada.

— Meu irmão e eu acabamos de iniciar uma dieta horrorosa, só de líquidos. E, se não começarmos a registrar um pouco de progresso — dei um tapinha na caixa —, decididamente vamos saltar dessa ponte.

Carregando a cerveja no ombro, o homem saiu atrás de mim e se ofereceu para pôr a balança na mala do carro. Agricultor, pensei, e musculoso o bastante para que, se a agricultura não tivesse sido tão mecanizada, virasse um pedaço de mau caminho.

— Mantenha a fé, moça — disse ele, fechando a mala; deve ter vislumbrado a silhueta enorme do Edison no banco do carona. — Mas não se esqueça: o direito de mentirmos para nós mesmos é o que faz disto aqui um país livre!

— Será que nunca ninguém por aqui *cala a boca*? — resmungou Edison, depois que o homem se foi. — Em todo lugar a que vamos, em cinco

segundos um roceiro vira seu melhor amigo. Caramba, pelo menos em Nova York um completo estranho não fica tagarelando em cima de você.

Em alguma ocasião eu poderia defender a simpatia dos habitantes de Iowa como aquilo que tornava ricas, pessoais e satisfatórias as transações mais corriqueiras, mas esse não era o momento.

* * *

Telefonei para casa no fim da tarde e Cody atendeu:

— Não me importa o que papai e Tanner acham — disse ela, em voz baixa. — Para mim, é maravilhoso o que você está fazendo.

Pus Edison ao telefone e, para quebrar a monotonia, foi Cody quem mais falou. Ao desligar, ele estava sem graça e sem saber o que dizer. Perguntei o que ela havia falado.

— As adolescentes nunca deveriam ter acesso à porra da internet — resmungou ele. — Ela andou fazendo pesquisas. Sobre a obesidade. E aí, foi toda essa história de "Amo você, tio Edison" e "A mamãe está lhe dando essa grande chance e, se você não aproveitar, você vai morrer". Eu tinha ouvido falar na perseguição que a garotada faz quando os pais fumam. É a mesma coisa. Insuportável. É uma puta chantagem.

Às seis horas, fomos assistir a um filme, e não me lembro do que vimos. Só consigo me lembrar do ar abafado pelo cheiro da pipoca artificialmente amanteigada. Quando se segue o programa da GPPP (que tínhamos começado a chamar de "Grandes Pês"), os cheiros ficam tão intensificados que tive medo de podermos ingerir pelo nariz uma fração das 1.500 calorias da embalagem grande de pipoca. Incapaz de decidir se inalar a infusão salgada do cinema era uma alegria ou uma tortura, logo concluí que, se a pessoa tivesse uma escolha entre as duas, ficaria com a alegria.

Nessa noite, o televisor — um pequeno aparelho LED de vinte e quatro polegadas, embora Edison houvesse torcido por uma monstruosa TV de plasma de sessenta e cinco polegadas — ainda não tinha sido entregue. Pelo menos as duas poltronas reclináveis haviam chegado, e não precisamos nos esparramar no chão para retomar a história do meu irmão onde a havíamos deixado.

Nesse segundo dia, quando não estivera inventando receitas mentais — acrescentando *cranberries* ao pão de milho, ou temperando hambúrgueres de carneiro com funcho e páprica —, eu havia pensado no pouco que Edison me contara até então. No campo profissional, ele havia batalhado mais do que jamais deixara transparecer. Eu tinha sido comodista. Queria reverenciar meu irmão e, a serviço dessa reverência, passara anos aceitando sem maior análise a fanfarrice dele.

Na época havia parecido sorte, mas o fato de ele haver conseguido suas grandes oportunidades quando tinha apenas vinte anos não fora sorte alguma. Quando as coisas correm tão bem nessa idade, o indivíduo acha que é só o começo, por ter sido instantaneamente reconhecido como um dos Eleitos. Eu me opunha cada vez mais a essa designação, não apenas com respeito ao Edison, mas a mim mesma e a meus filhos. Não, não havia nada de errado em nos sentirmos valiosos de alguma forma, se isso fosse merecido. Mas Edison sempre se considerara excepcional, de um jeito indolente e presunçoso. Na casa dos vinte anos, seu caráter poderia ter se beneficiado, digamos, do trabalho na linha de montagem de uma fábrica de aparelhos de ar-condicionado. Eu nunca trabalhara tanto quanto na época em que dirigia a Breadbasket e, quando suava para preparar dezesseis litros de molho de tomate, havia passado a valorizar o trabalho árduo dos outros que me cercavam — os entregadores, os padeiros, os empregados do correio, aqueles cuja labuta quase nunca era enaltecida. Ninguém jamais lhes dizia que eles eram especiais.

Tanner esperava o mesmo reconhecimento instantâneo, no momento em que legasse suas dádivas literárias a Steven Spielberg. Essa arrogância ignorante só tinha uma cura: passar uma década servindo copos de café *lattes* e virando as noites batalhando na criação de roteiros que, a essa altura, teria percebido que ninguém queria ler. Somente aos poucos é que ele se daria conta de que a profissão a que aspirava era mais difícil do que supunha, de que era inesgotável a oferta de outros jovens únicos, autoconsagrados, e de que ele próprio não era tão talentoso quanto imaginava. Com certeza, essa é uma arte afetiva delicada — extinguir a arrogância oca sem apagar por completo a chama dentro do peito —, mas os garotos que a dominam saem

tinindo em suas profissões, além de se transformarem em seres humanos toleráveis.

Devia haver um equivalente jazzístico de pagar o preço, o qual meu irmão estava quitando agora, na meia-idade, e ele teria obtido um resultado melhor se a inexperiência tivesse sido expulsa a tapas quando ele era jovem o bastante para se recompor. Em todas as gerações, pessoas num número surpreendentemente grande se imaginam gênios à espera de serem descobertos, e a ratificação dessa autoapreciação infundada na penumbra da idade adulta pode ser destrutiva. Detesto dizê-lo, já que me lembro dos tempos de colégio como lastimáveis, além de termos perdido nossa mãe na adolescência, mas a verdade é que Edison e eu crescemos mimados, deleitando-nos com o brilho lançado por um pai que todos os nossos colegas de turma reconheciam fora do set de gravação. O que faltou a meu irmão, quando ele se aventurou sozinho aos dezessete anos, foi um bom pontapé no traseiro, e pude estabelecer uma conexão entre nossa criação mimada e a continuação ininterrupta dessa paparicação, quando ele obteve convites de alto nível na época em que era um músico iniciante, e seu peso atual.

Eu me lembrava do Edison daqueles tempos quando, aos dezoito anos, visitei-o pela primeira vez em Nova York. Ele tinha energia, e os músicos mais velhos se alimentavam do seu sentimento de descoberta no teclado. Aquele vigor era eletrizante e contagiante; percebi por que todos queriam tocar com ele. Só mais tarde eu viria a formular a pergunta pérfida: será que o sobrenome lhe havia aberto portas? Com o seriado em suas últimas temporadas na ocasião, ele devia ter levantado sobrancelhas intrigadas com o "Appaloosa". Eu não descartaria o talento do meu irmão, porém uma revelação que nos é negada, quando as águas se abrem para nós com muita facilidade na juventude, é que muitas pessoas são talentosas. Até uma novidade irrelevante pode separar uma delas do bando.

De qualquer modo, devia ter sido um choque quando, em vez de continuar a subir feito um foguete pela estratosfera do jazz, aos trinta anos ele começara a afundar. (Fiquei estarrecida por ele haver apelado para o uso do nome Caleb Fields, ainda que por um breve período.) Nunca invejei as pessoas que chegam cedo ao cume, eternamente condenadas a rememorar um passado estelar que, como novos-ricos, não tiveram compreensão

suficiente para apreciar. Pode-se argumentar que teria sido melhor Edison cair de cara no meio da carreira, o que o obrigaria a buscar o sucesso em outra coisa. Em plena casa dos quarenta, ele não podia imaginar-se fazendo outra coisa senão ser pianista de jazz e, durante todos aqueles anos, havia encontrado apenas a conta certa de trabalho para permanecer no jogo. Era uma armadilha. Eu já vira esse tipo no mundo do entretenimento em Los Angeles: gente que avançava até certo ponto e não ia adiante, fervilhando de ressentimento nas imediações de pessoas que dirigiam filmes de verdade em Hollywood ou atuavam em peças de verdade na Broadway. Muitas vezes, esses quase fracassos obtinham recompensa suficiente, aqui e ali, para não desistir, mas seus pequenos sucessos ocasionais, de certo modo, eram piores que nada. O fracasso permite a libertação.

— E então — comecei, ao consumirmos o último envelope de Grandes Pês do dia, que tínhamos aprendido a tomar aos golinhos, em ritmo contemplativo. — Quando paramos, você tinha se tornado uma prima-dona presunçosa e sofrido as consequências. O que aconteceu depois?

— Bem, isso não está na ordem certa... Só me prometa que não vai pirar.

— Com 580 calorias por dia, não tenho energia para pirar.

— Sigrid. Quando estava grávida. Tipo, de uns oito meses. Enfim, um dia ela entrou num dos meus ensaios e eu estava doidão.

— Com o quê?

— Não estou falando de erva, o que daria uma historinha sem graça. Era coisa da pesada.

— Você usou *heroína*?

— Você prometeu que não ia pirar! E não estou dizendo que eu era viciado. Leva em média *dez anos* para a pessoa ficar *fisicamente* viciada naquela merda, o que ninguém entenderia aqui em *Iowa*.

— Temos um dos piores problemas com metanfetamina no país, portanto, não venha botar banca.

— Enfim, grande coisa, eu experimentei. Você sabe por que Bird foi tão genial, não sabe? Ele ficava chapado. Por isso, a gente tem que tentar ficar doidão para entender a música. Ele conseguia tocar daquele jeito porque não ligava a mínima para nada. Você quer que eu "não me importe tanto com o que os outros pensam de mim"? Me arranje um pico.

— É impossível você imaginar que vou engolir essa história de que consumir heroína é uma obrigação da sua profissão, como praticar escalas.

— É, pois é, Sigrid também não engoliu. Eu já tinha abusado, por ser... você sabe, nem sempre ser o que se chamaria de atencioso. Com o bebê a caminho, a heroína foi a gota d'água. Ela virou as costas naquela tarde e fez as malas.

— E você continuou a usar a droga?

— Não. Era meio bom *demais*, se é que você me entende. Me deixava nervoso. Você acha que eu não tenho disciplina...

— Eu nunca falei isso, foi Fletcher quem disse. E olhe só para você: dois dias com oito envelopes de lama.

— Foi um flerte rápido, de uns meses, no máximo. Nunca mais toquei naquilo. Para Sigrid, era tarde demais. Fiz um último grande apelo, depois que Carson nasceu, mas cometi o erro de primeiro encher a cara de Jack Daniels. Porque estava nervoso. Não foi a melhor maneira de apresentar minha defesa. Ela não se impressionou.

— Você... você bebia muito?

— Por uns tempos. Mas também parei com isso. De porre não dava para tocar muito bem. Eu ficava todo piegas.

— Está me dando a impressão de que sempre houve alguma coisa.

— Por favor, não venha me dizer que tenho uma "personalidade propensa ao vício".

— Eu não disse. Você, sim.

— Uma pizza grande de pepperoni, no panorama geral, pareceu a opção menos ruim. Eu continuei a poder tocar a porra do piano.

— Mas quando foi que você parou de comprar fatias e passou a pedir a pizza inteira? E mais importante que isso: por quê? Quatro anos atrás, quando nos visitou, você estava magro como sempre.

Edison esfregou o rosto.

— É difícil acertar a cronologia. A última vez que vim visitar você, eu podia não estar tocando na elite... por exemplo, talvez fizesse uns dez anos que eu não entrava no Vanguard. Mas isso era, sobretudo, porque a dona nunca me perdoou por ter saído do palco quando uns palhaços no bar ficaram matraqueando durante toda a primeira parte do show. E eu estava

totalmente dentro dos meus direitos; e se tivesse sido Jarrett? Ela teria apoiado os músicos e jogado aqueles roceiros broncos no olho da rua, pelas orelhas.

— Edison. Você ia explicar por que começou a comer demais.

— Estou tentando, cara, estou tentando! Mas tenho que pôr a mesa, por assim dizer. A questão é que eu ainda tinha contatos, ainda tinha uma reputação. Uma porção de músicos, incluindo caras mais jovens, ficavam *gratos* por tocar comigo. Mas você tem alguma ideia do que *paga* um lugar como o café Cornelia? Tipo assim, num fim de semana, talvez uns cem paus. E isso sem contar o jantar e a despesa do táxi. A Jazz Gallery não paga porra nenhuma. Em boates como a Barbès, no Brooklyn, eu tinha sorte quando saía com quarenta dólares. Eu vinha tocando em toda porcaria de show em que conseguia pôr as mãos, mas estava ficando para trás, cara. Sem dinheiro para o aluguel. Uma vez, atrasei três meses e, se não fizesse alguma coisa, iam me despejar. Aí, não vi outra saída, cara. Simplesmente não vi outra saída.

Edison estava balançando a cabeça, com o queixo na mão. Dei-lhe tempo.

— Assim — recomeçou —, vendi a porra do piano.

— Ah, não! — O Schimmel de Edison tinha sido sua primeira grande compra com o dinheiro daqueles primeiros anos mais lucrativos, e era o seu bem mais precioso. Com pouco menos de dois metros, não chegava a ser de cauda, mas havia infernizado todas as mudanças do meu irmão. — Pensei que você tivesse dito que ele estava num depósito.

— Eu o *depositei*, não foi? Na casa de outra pessoa.

— Qual era o valor dele?

— Mais do que recebi. Foi a resposta amarga. — Juro que o dia em que tiraram aquela doçura de instrumento da minha casa foi pior do que quando Sigrid me largou. E o *momento* foi meio sombrio. Sabe, depois que os homens da mudança foram embora, saí para comprar cigarros. E o que é que estava na banca de jornais, saindo fresquinha naquele dia? A revista *New York*. Com a minha irmã sorrindo na capa. Um pouco mais *arredondada* do que eu me lembrava, por isso levei um segundo para reconhecê-la.

— Você devia ficar contente por eu ter que perder um ou dois quilos — retruquei com frieza —, caso contrário, não teria companhia alguma nesta dieta.

— Ih, você está muito sensível! Se eu me chamo de gordo filho da puta, você pode lidar com *arredondada*.

Eu *estava* sensível — e irritadiça. Invejava os cigarros do Edison, a distração, a ocupação das mãos dele. As balas de hortelã sem açúcar não resolviam. Sem ser interrompida pela passagem do macarrão de um conviva para outro, a conversa a seco era um dreno. Pelo menos, a drenagem literal do chá de ervas e do refrigerante diet significava que eu tinha de ir a toda hora ao banheiro. Nesse momento, eu ansiava por urinar: era alguma coisa para fazer.

— Eu lhe perguntei o que desencadeou essa comilança exagerada — retruquei —, e você fica falando sobre outras coisas.

— Não, *não estou* falando de outra coisa. Naquele dia... eu estava vendendo meu piano para continuar vivo, o que era canibalismo, cara, como comer o próprio braço para não morrer de fome. Na mesma hora, a minha irmã mais nova estava nadando em dinheiro, era uma espécie de... magnata da indústria! Isso é que é esfregar os problemas na cara! Bem, até onde consigo apontar, foi aí que começou. Tracei uma reta na direção da espelunca da esquina, que servia uma costela sensacional. Bolinhos de milho, purê de batatas. Assim que abati a primeira, pedi outra. Aí, comi a torta de chocolate. Acho que também foram dois pedaços. Parecia... era como se eu merecesse, como se um bom rango fosse o mínimo que eu podia pedir. Nem me lembro de ter me sentido saciado.

— Não entendi. O que uma reportagem sobre bonecos de corda tinha a ver com você?

— Não é possível que você seja tão burra. É óbvio que está achando isso incrivelmente prazeroso, portanto, vá em frente. Divirta-se. Um de nós deve tirar alguma coisa disso, e não serei eu.

Encolhi-me.

— Você não está colocando a culpa por ter engordado em mim, está?

Edison revirou os olhos.

— Não tem a ver com você, tem a ver comigo em *relação* a você, sacou?

Tudo bem, eu não queria bancar a inocente a ponto de parecer idiota. Os irmãos realmente usavam uns aos outros como parâmetros. Mas eu nunca me ressentira das conquistas de Edison, a quem venerava tanto que, durante anos, tinha fechado os olhos de propósito para o fato de que ele estava batalhando.

Se algum dia eu me gabara de dirigir meu próprio serviço de bufê, fora apenas para impressioná-lo. Eu ficava pasma, sem saber por que ter nascido três anos depois fazia tanta diferença.

— Eu não estava tentando *superar* você.

— Bem, pois superou. E, se fez isso sem tentar, é pior ainda.

— Que benefício isso me trouxe? Travis me odeia. E fica fingindo que não passo de uma dona de casa. Você, pelo jeito, me odeia...

— Ora, dá um tempo! Talvez eu não me divertisse horrores fazendo bonecos. Mas dizer que ficar na crista da onda em todas essas revistas, como *empresária* de fama nacional, faturando sei lá quanta grana nesse processo, dizer que isso não lhe trouxe "nenhum benefício"... Ora, boneca, isso é simplesmente ridículo. O fato de Travis detestá-la, no sentido que você diz, bem, eu gostaria que ele *me* detestasse assim. Esse grau de ressentimento é um elogio. Você o deixa com raiva. Eu o faço rir.

— Se você quer mesmo impressionar Travis, ou fazê-lo "ressentir-se" de você, o que eu acho que é a segunda melhor opção, perca esse peso.

— Ora, porra, qualquer um pode fazer *dieta*.

— Não, não é qualquer um. Esta é a coisa que a maioria das pessoas não consegue fazer. Não foram difíceis estes últimos dois dias? Foram difíceis para mim. Não suporto isso. Só consigo pensar em comida.

— Ser o cara mais magro do ano nunca foi a coisa pela qual eu quis ser famoso.

— Talvez ninguém sonhe ser um ex-gordo quando crescer. Mas, com certeza, não sonha ser gordo quando crescer. Nem que seja porque, quando a gente anda na rua, isso é tudo o que as pessoas veem. Você é do tamanho de uma casa, mas, em qualquer sentido significativo, é invisível.

— Talvez eu goste assim.

— Ah, isso faz muito sentido. Um pianista de jazz com ambições de fama internacional procura, acima de tudo, passar despercebido.

— Faz sentido, sim, se você me compreender minimamente.

Edison acendeu outro cigarro. Eu começava a me arrepender de tê-lo deixado fumar no apartamento, que já estava fedendo, e o consumo dele havia disparado. Mas arrancar-lhe essa última muleta seria como maltratar um deficiente.

— ...Você não a comprou, não é.

Não foi propriamente uma pergunta.

— Comprei o quê?

Ele sabia muito bem.

— A *New York*. Sua própria irmã na capa, e você pegou seu maço de Camels e foi embora.

— Custava cinco dólares!

— Você não a teria comprado nem se custasse dez centavos. — A chacota teve um matiz doloroso. — Mas, voltando ao piano. Não entendo por que você não me procurou, antes de vender o Schimmel.

— Você não faz ideia. Está tão acostumada a ser a filha do meio na família que não consegue conceber o que é estar no meu lugar.

— Se eu estivesse numa situação dramática, não hesitaria em procurá-lo, se achasse que você poderia ceder o dinheiro.

— Exatamente.

— Não entendo.

— Não, não entende.

— Isso tudo é algum... alguma besteira da ordem do nascimento?

— Chame do clichê que quiser. Eu sou seu irmão mais velho. Isto significa que *você* compra a revista *New York* em que *eu* apareço. Que *você* procura a *mim* para pedir dinheiro, e também o consegue. Que eu não acabo sendo um caso de instituição beneficente, vivendo à custa da grana da minha irmã mais nova.

Curiosamente, qualquer reserva que Edison pudesse ter tido sobre apelar para os meus recursos tinha evaporado. Isso ficara patente na véspera, pela insistência dele na compra da TV de plasma de tela plana de sessenta e cinco polegadas. Como os lucros da maioria das pessoas com uma empresa de sucesso, os meus eram finitos — o dinheiro é sempre finito —, e grande parcela da grana fora reaplicada no negócio. Mas acontece uma coisa sinistra sempre que as pessoas colocam o sujeito na categoria dos ricos. É como se o dinheiro dele, inesgotável por princípio, não fosse real, de modo que a sua generosidade também não é real.

— Além disso — acrescentou Edison —, só me dei conta de que você poderia ajudar depois de já ter vendido o Schimmel e de ver aquela matéria

de capa. Aquela empresa de bufê mal conseguia ficar no azul. Pelo que você disse ao telefone sobre esse negócio da "Baby Maluco"...

— *Monotonous*.

— Isso me pareceu maluquice. Achei que você tinha pirado completamente. Assim, quando um saxofonista mencionou que havia comprado um boneco para o aniversário da mulher, não fiz a ligação.

— Isso é porque, toda vez que eu lhe conto o que está acontecendo comigo, a sua mente vagueia. Sempre notei isso. Os seus grunhidos e hum-huns ficam todos fora de lugar.

— Não me leve a mal, mas aquela parada de bufê... Você se mudou para *Iowa*... Depois, casou com um vendedor de sementes caladão, que tinha virado carpinteiro e com quem eu não tinha nada em comum... A única razão para eu achar isso fascinante era você ser minha irmã.

— Isso não basta?

— É claro que sim. Mais ou menos. Só que vivemos em mundos completamente diferentes, cara. Eu fico tocando improvisos até altas horas em Manhattan, e você corre para lá e para cá no meio de todo esse... milho.

Se, durante tanto tempo, eu tinha aspirado a ser insípida, parece que havia atingido meu objetivo. Então, qual era o meu problema? Bem, eu estava com dor de cabeça. Sentia fraqueza. Não conseguia captar a razão de estar me submetendo àquela privação. Estava com saudade do meu marido, e Edison não era a única pessoa capaz de se entediar com um irmão ou irmã. Eu não conseguia permanecer focada no que estava fazendo naquele apartamento insosso e mal mobiliado, e desconfiava que essa imprecisão recíproca era o motivo de Edison e eu parecermos incapazes de fazer a história dele fluir de um modo compreensível. Fiz força para me concentrar.

— Voltando ao tema principal. O Schimmel devia valer milhares de dólares. Isso deve ter lhe comprado algum tempo.

— Ele comprou alguma coisa — resmungou Edison.

— E isso quer dizer...?

Ele cobriu o rosto com as mãos.

— Eu o comi, cara. Comi meu piano.

— Ah, *Edison*. — Soei como minha mãe falando.

— Eu vivia na cidade, não ia aquecer uma lata de sopa de dois dólares e sessenta nove, ia? Foi aí que a coisa começou a ficar pesada. Ou eu comecei. E comida de restaurante custa caro.

— Eu só... — Joguei as mãos para o alto. — Estou perplexa! Você era um astro das corridas na escola!

— Você poderia entender se fizesse um esforço. Pois é, antigamente eu era bem bonito. Depois, deixei de ser. A questão é essa. Depois que fiquei meio gordo, uma costeleta de porco a mais não tinha importância. Sabe, quando a sua aparência é boa, você tem algo a proteger, um investimento para preservar, um poder para conservar. Mas, quando já está gordo, não há nada a perder por ficar mais gordo. Agora, engordar não me ajudou profissionalmente, admito. Sobretudo para a garotada mais nova, aquele gordão de meia-idade ferrava com a imagem deles. E assim, de repente eu notei, no *Voice*, que bandas com que eu havia tocado por cinco anos estavam admitindo outros pianistas. E isso me fez comer mais. Porque servia para passar o tempo. Porque eu sentia fome. Porque estava fulo da vida.

"Então, eu tocava em casamentos e..." Edison fez uma pausa. "Houve um em especial, em Long Island. Acontece que não era para a banda comer o bufê. Devíamos receber um prato na cozinha, feito os negros, você sabe. Ninguém disse isso com todas as letras. Assim, resolvi arriscar e, num intervalo, ataquei a mesa. E o rango era bom, camarão, lagosta e rosbife, de modo que pode ser que eu tenha feito uma pilha meio alta. Um *pouquinho* alta. E aí, todos levamos uma bronca quando estávamos guardando os instrumentos, e o *feliz casal* tirou duzentas pratas do nosso pagamento, um rombo que a banda passou para mim. Duzentos dólares! E era um quinteto, de modo que, multiplicando por cinco, seriam apenas trezentos por cabeça, *antes* da minha dedução por mau comportamento, o que me deixou com uma nojenta nota de cem. De forma alguma eu comi duzentos paus da droga da comida deles. Mas bastou uma olhadela para mim, e todo mundo presumiu que eu tinha comido o porco assado inteiro. É como os tsc-tsc que me fazem nos restaurantes, balançando a cabeça, quando estou lá sentado comendo um sanduíche comum de peru, igual a todo mundo, sabe? Dá pra ouvir os outros caras no balcão de refeições pensando: *Essas jamantas vivem se*

queixando de problemas glandulares, mas, toda vez que a gente vê uma delas em público, está afundada até o pescoço em anéis de cebola...

"Enfim", continuou ele, "depois daquele fiasco do casamento, minha reputação levou outra paulada, e os músicos começaram a me avisar, antes de me chamar para uma apresentação: 'Não sei se você está interessado, porque nessa a gente não tem direito ao jantar', ou então, 'Você não pode mexer na comida'. Um puta desaforo. Não era como se eu não pudesse passar cinco minutos sem um cheeseburger.

"Está captando a imagem, Ursa Panda?", perguntou-me. "O dinheiro ficou muito curto. Caras que deviam agradecer pela sorte de estarem se associando a alguém com o meu currículo começaram a me evitar. Eu estava engordando... é, é claro que eu *notei* que estava, e isso também foi um porre. Aí é que está: engordar leva a gente a ficar mais gordo. O peso em si é uma aporrinhação tão grande que joga você direto nos braços de um *shawarma* de cordeiro. O excesso de *shawarmas* traduziu-se em menos trabalhos, mais comilança para esquecer meus problemas, um número ainda menor de trabalhos. Era, como é que se chama, um *círculo vicioso*, entende? Enquanto isso, o Schimmel pode ter pago as contas atrasadas, mas, depois que comi todo o resto daquela grana, voltei à estaca zero. Não pude manter o apartamento, nem mesmo em Williamsburg. Aliás, um lugar que está ficando muito metido a besta, mas deixe para lá.

"Assim", continuou, "coloquei tudo num guarda-móveis. Slack ajudou, alugando um furgão. Milhares de CDs. Caixas cheias de partituras. Toda uma biblioteca de biografias de jazz. Eu tinha uma caixa com doze LPs do Miles, a *Chronicle*... todas as gravações que ele fez na Prestige. Edição limitada, numerada, só tinham prensado dez mil. Linda, toda marrom e macia, com capas poderosas. Biografia, fotos, anotações em todos os discos. Eu devia tê-la vendido quando tive chance, mas não consegui, cara. Simplesmente não pude me separar dela.

Ele pareceu tão desolado que fui obrigada a perguntar:

— Mas as suas coisas ainda estão no guarda-móveis, certo?

Edison olhou pela janela para as luzes do Burger King, vislumbradas por entre as árvores.

— Também atrasei esses pagamentos. Voltei à Box My Pad na última primavera, pensando em tentar negociar os aluguéis atrasados. Eles já tinham feito um leilão da minha unidade. A menos que o afortunado arrematante tenha sido alguém viciado em jazz, deve ter jogado a maioria das minhas coisas no lixo. Dezenas de cartazes emoldurados de shows, uns em alemão, francês, japonês. Meu equipamento de som. Meus discos de vinil, inclusive o *Magnolia Blossoms* da mamãe, acho. Todas as minhas fotografias, fora algumas que eu tinha carregado no meu site. Roupas... não que eu ainda pudesse usar a maioria delas.

— Então, foi isso que aconteceu com a sua capa de couro — comentei baixinho.

— Fico vendo aquela caixa do Miles em algum colchão mofado. Com a chuva caindo em cima. Os LPs partidos ao meio. E todos aqueles CDs. O meu laptop é bem antigo, tem pouco espaço de memória. Eu só tinha transferido uma parte daquelas músicas para o computador.

— Você perdeu *tudo*?

Edison abriu os braços.

— O que você está vendo é o que eu tenho.

Não costumo pensar em mim como uma materialista incorrigível, mas essa revelação me atingiu duramente. Às vezes, é muito difícil termos certeza de quem e o que somos, pois é muito precário e provisório o senso que temos de nós mesmos, e esses totens físicos são uma espécie de guias. Os cartazes de Edison tinham sido emblemas que ele podia segurar, uma confirmação segura de que nem todas as turnês europeias haviam sido fruto da sua imaginação. Havendo-o acompanhado em visitas a muitos empórios musicais de Nova York, eu sabia com que rigor ele havia trabalhado para compilar *aquela* biblioteca seleta de CDs, que agora abarrotava o porão fétido de algum lixeiro decepcionado, ou se espalhava sob as gaivotas. Aquela era a última cópia de *Magnolia Blossoms*. E chorei a perda daquela capa.

— Então, foi aí que você começou a dormir nos sofás dos seus amigos?

— Não. Você tem que entender que é verdade, que alguns músicos tomaram chá de sumiço. Mas havia um núcleo de amigos que faria qualquer coisa por mim, cara. Correu a notícia de que eu estava com dificuldades para

manter meu canto e eles me arranjaram um lugar. Aquela boate em Red Hook...

— A Three Bars in Four-Four (no número 44 da Visitation Place, um endereço inquietante de que eu me lembrava). Aquela em que você era o gerente.

— Bem, não exatamente. Nunca cheguei, tipo assim, a ser o gerente, embora entenda que, por telefone, sabe como é, você possa ter tido essa impressão.

— Sim. Eu tive essa impressão.

— Havia um quarto acima da boate. Sabe, a Three Bars era uma casa que funcionava muito na base da improvisação, não podia bancar um serviço de limpeza, e a ideia toda do funcionamento era ela ficar aberta até altas horas, e aí os empregados já estavam doidos para ir para casa. Então, o trato era que eu cuidaria da limpeza depois que as portas fechassem e, em troca, poderia morar de graça no quarto do segundo andar. É claro que ele não estava dentro das normas em vigor, não era muito mais que um armário com um bocal elétrico. Só uma janela, coberta por teias de aranha. Mas eu não precisava de muita coisa e podia usar o banheiro da boate para tomar banho. Durante o dia, quando a Three Bars ficava fechada, eu podia praticar no piano da casa e, por estar logo ali em cima, também me tornei uma espécie de tecladista de lá. Slack e outros músicos davam uma passada depois das suas apresentações, porque, àquela altura, praticamente todo mundo tinha se mudado para o Brooklyn. Era um lugar maneiro, muito bacana. Ainda é, pelo que eu saiba. Para ser sincero, as coisas por lá não foram tão ruins durante algum tempo.

— E por que você não continuou morando lá? Está longe de me parecer um luxo, mas você podia tocar.

— É, bom. A Three Bars vendia comida, certo? Não era só hambúrguer, mas peixe, uma salada de galinha com manga e castanha-de-caju e outros lances. Batata frita bem-feita...

Não gostei do rumo que a história estava tomando. Edison não olhava para mim.

— E aí, eles notaram que havia umas coisas sumindo — continuou, com relutância. — Da cozinha.

— Ah, Edison — falei, de novo com aquele tom maternal. — Parece que os seus amigos realmente se arriscaram por você. Só um pouquinho de autocontrole...

— Sei, sei, já ouvi isso de várias pessoas, obrigado. Mas não era fácil eu me movimentar nos últimos tempos, e varrer a boate me deixava esgotado. Ao levar aqueles copos todos para a lavadora de louça, eu já ficava na cozinha. Em cima não havia geladeira, e tinham me avisado para não guardar nem alimentos secos por lá, por causa dos ratos. Assim, às seis da manhã eu estava faminto, e ainda não havia nada aberto em Red Hook. Eu sempre guardava tudo no lugar, com as tampas de plástico bem fechadas. E aquela salada de galinha era um arraso.

— Com certeza ela arrasou alguma coisa.

— É. Minha última chance.

Bati meu copo de Grandes Pês sabor cappuccino no dele.

— Sua penúltima chance — afirmei, e matamos o restinho.

Capítulo Quatro

Depois de deixar sua massa opressiva dentro da caixa, junto à porta, finalmente desembalamos a balança, no Dia Quatro. Para evitar o reles drama da leitura digital, eu havia escolhido o modelo antiquado, com um grande mostrador redondo e um ponteiro vermelho. Arrastamos nossa sentinela para junto da janela panorâmica, onde ela ficou em posição de sentido, encostada na parede, a cabeçona redonda numa vigilância severa, enquanto eu batia até o último pozinho do terceiro par de envelopes do dia. Já havíamos formado opiniões firmes sobre os sabores. Edison gostava do de caramelo; eu estava chegando à conclusão de que apenas o de baunilha seguiria até o fim do projeto.

Era hora de nossa primeira pesagem. Resolvi não tomar meu shake primeiro: para que acrescentar mais duzentos e trinta gramas ao que poderia ser um cálculo sinistro? No futuro, sempre teríamos de medir o nosso progresso no mesmo horário do dia, já que o peso pode variar uns bons 2,5 kg ao longo de vinte e quatro horas, e eu não queria que ficássemos desanimados depois de passar um dia inteiro sobrevivendo à base de Grandes Pês — abreviatura já metamorfoseada em Golfada —, e pesássemos ainda mais. A essa altura, Edison já estava bastante necessitado de alguma conquista demonstrável a que se agarrar. Dado o seu tamanho, não conseguíamos realmente ver diferença alguma após quatro dias de fome, o que me fez começar a entender de que forma nefasta funcionava esse processo no sentido inverso. A pessoa comia um cheesecake inteiro, olhava-se no espelho e, grande coisa: não mudara nada.

De minha parte, eu havia iniciado o experimento sem uma linha de base. Na agitação e na náusea crônica dos anos da Breadbasket, eu havia minguado para 53 kg: uma consagração eterna. Durante a maior parte da vida, eu tinha

girado em torno de 59 kg, o que, com 1,70m de altura, deixava meu IMC em impecáveis 20,4, e era assim que eu pensava em mim mesma: *eu pesava 59 kg*. No entanto, desde que decidira mostrar a Fletcher que ele não podia me dar ordens com uma cabeça de brócolis, eu havia me distanciado bastante da balança do nosso banheiro.

Uma forma especialmente moderna de covardia. Talvez meus compatriotas houvessem conspirado para ampliar as pretensas proporções normais, reduzindo os manequins das roupas com o mesmo desvario com que os diplomas universitários inflavam na direção oposta. (Eu tinha acabado de ver na CNN que a Levi's planejava criar os tamanhos de bumbum *miúdo*, *semi* e *ousado* e ainda considerava talvez um quarto tipo: *curva suprema*. Como era fácil imaginar a comicidade daquela reunião de vendas.) Mas será que com isso havíamos introduzido uma era de absolvição em relação ao perímetro da cintura? Longe disso: agora, a pesagem ficava sujeita à mais implacável das interpretações. Eu achava — e não conseguia entender por que, já que não acreditava mesmo nisso — que o número naquele mostrador seria um veredicto sobre o meu próprio caráter. Ele avaliava se eu era forte, se tinha autocontrole, se era uma pessoa que alguém tivesse a possibilidade de querer ser. Visto que eu andara evitando meu confessor no banheiro da suíte, em casa, a balança dos Portais de Praga também daria um valor numérico exato da minha tendência para o que o meu amigo agricultor do Walmart dissera "tornar a vida suportável": o autoengano.

Assim, Edison e eu enfrentamos nosso árbitro com o sentimento de mau presságio de quem foi mandado para o gabinete do diretor. Com virilidade, ofereci-me para ser a primeira. Tirei os sapatos. Tirei o suéter. E também as moedas e até o pente dos bolsos. Apresentando-me como um sacrifício humano, subi na plataforma. O ponteiro vermelho oscilou, gracioso, e subiu de forma inexorável: 76 kg.

Minhas bochechas arderam. Desci da balança como se estivesse fisicamente quente. Minha cabeça me dizia que não havia razão alguma no mundo para eu me afligir com aquele número. Ainda que ausente por ora, eu era uma boa mãe. Pelo menos para Edison, era uma irmã dedicada; se Fletcher deixasse, continuaria a ser uma esposa dedicada. Eu havia comandado duas empresas, a segunda um sucesso estrondoso. Eram esses os aspectos da minha

vida que importavam. Além do mais, já estava fazendo alguma coisa a respeito dessa situação e, quanto maior o meu peso no começo, por mais tempo eu poderia acompanhar Edison em sua missão exaustiva. No entanto, nada dessa tranquilização ponderada e racional moderou minimamente o meu sentimento candente de vergonha.

— Nossa! — exclamei, alvoroçada. — Isso foi um choque.

— Talvez agora você avalie melhor o que é chegar aos 175 kg.

— É só um número — retruquei. Um número que mostrava que eu tinha ganhado o dobro do peso que havia suposto nos últimos anos. — Agora, mande ver.

Edison tirou os sapatos e subiu na plataforma de olhos fechados.

— Leia você, boneca. Se todos aqueles shakes miseráveis não servirem para nada, seja gentil na hora de dar a notícia.

— Cento e setenta e um! Edison, você perdeu 4 kg em apenas quatro dias!

— Nada mau, hein?

— Nada mau? É fantástico! Aquela porcaria das Golfadas funciona! — Depois que ele desceu devagar do palco de sua apresentação estelar, segurei-lhe as mãos e comecei a pular. — Precisamos comemorar!... E não sei como.

De fato, nossa abstinência eliminava todos os meios tradicionais de marcar uma ocasião importante. Não podíamos estourar um champanhe nem reservar uma mesa. Tornei a bater debilmente as nossas bebidas e brindamos com o elixir granuloso e aguado da nossa salvação.

Mas conseguimos certa sensação de festa naquela noite, ligando o computador do Edison no nosso novo equipamento de som e dançando pela sala, com o iTunes sintonizado no "*shuffle* de festa" — expressão que acolhemos de bom grado, porque precisávamos de qualquer sugestão de folia que pudéssemos arranjar. Dizer que meu irmão "dançou" seria forçar a barra, mas eu sim, enquanto ele gingava pela sala, fazendo movimentos manuais sarcásticos à moda do Oriente Médio, como uma dançarina do ventre. Tendo negado um dos sentidos, os outros, inclusive o olfato, estavam se tornando mais acentuados; além disso, meu ouvido para o jazz ficara mais educado, sem querer, durante o curso intensivo com meu irmão na Alameda Solomon. Em vez de a música se chocar numa algazarra de frases musicais dissonantes — que antes eu imaginava como móveis de jardim enferrujados e

jogos de tabuleiro incompletos, atulhando uma garagem desarrumada —, ela soava mais melodiosa e ordeira. Quando fizemos a brincadeira do quem é esse, consegui finalmente identificar Charlie Parker.

No entanto, o que mais me lembro é de haver parado de repente.

— Edison. Pare um segundo. Você, eu não sei, mas eu *não estou com fome*.

Edison contemplou sua barriga.

— Hum. Tem razão, boneca. Nem eu.

— Você está com um gosto engraçado na boca?

— Agora que você falou... é como se um bicho tivesse morrido aqui dentro.

— É cetose! Eu tinha lido sobre isso, mas não havia acreditado de verdade!

Ao que então aquela noite tornou-se oficialmente a nossa Festa da Cetose: o momento mágico em que nossos corpos desistiram de um dia voltar a ver comida para viagem e se resignaram a comer em casa.

* * *

Mas nosso projeto ia muito bem! Edison ficou muito menos resmungão e admitiu ter mais energia do que quando se empanturrava, mesmo se recusando a reconhecer que os baratos inebriantes da cetose podiam muito bem ser comparados aos da heroína. Éramos Edison e Pandora contra o mundo, igualzinho a quando éramos pequenos. Em nossas caminhadas — o exercício também matava tempo —, compartilhávamos uma superioridade crescente em relação a nossos irmãos que ainda rastejavam na sarjeta dos deleites mundanos, e levantávamos a cabeça com uma inclinação imperial ao passar pelo desafio das lanchonetes. Enchendo os pulmões, fazíamos a amostragem salgada das batatas fritas, discernindo com nossos narizes de perfumistas a diferença entre o óleo de coco e a banha, detectando o aroma picante do ketchup ou o adocicado da maionese. Mas passar pelas lojas do KFC era como olhar vitrines sem ter uma carteira, e nunca nos sentimos tentados. Éramos invencíveis, como super-heróis; tínhamos poderes especiais. Embora eu me imaginasse pouco interessada em status, sobreviver com quatro envelopes pequenos de proteína por dia enquanto todos à minha volta refestelavam-se em baldes de frango extracrocante foi minha mais rematada

experiência de aristocracia. Essa sensação de *elevar-me acima do mundo* intensificou-se especialmente no Natal, quando, no Hy-Vee, passamos indiferentes por perus pré-temperados e tortas de frutas e nozes, para juntar com altivez as nossas compras austeras de papel-toalha e pacotinhos rosados de aspartame.

Tínhamos nossos dias negros, é claro — dias que prefiro não recordar. Não sei ao certo o que os desencadeava, mas havia manhãs em que eu acordava pensando *ah, não, isso de novo não* enquanto tateava por minhas roupas, num miasma de misantropia. Tudo em que eu colocava os olhos me enfurecia: os saquinhos frios e úmidos de chá na bancada; o saco de lixo reciclável virado ao contrário, com as garrafas espalhadas de refrigerante diet babando no linóleo; a pasta de dentes que Edison deixava que formasse crostas na pia do banheiro, e os riscos de fezes no bojo do vaso sanitário, que ele nunca limpava; e acima de tudo, o meu irmão gordo e indolente, em especial quando ele tecia o menor comentário que soasse *animado*. Como não podia abandonar a minha empresa indefinidamente, eu tinha voltado a trabalhar, e empregados por quem eu julgava ter enorme afeição não me inspiravam nada além de ódio. Quando me procuravam para pedir orientação sobre uma encomenda, eu respondia com rispidez que aquela não passava de uma companhia de brinquedos glorificada, e nada do que fazíamos tinha importância, de modo que ao menos eles poderiam tomar algumas decisões banais sozinhos. Eu olhava para o relógio com uma *indignação* incrédula, por só haverem passado dez minutos.

Nessas noites, nos Portais de Praga, tudo o que passava na televisão parecia idiotice, e eu preparava um chá que não queríamos e acabava jogando-o quase todo fora, na pia. Inclinada, de hábito, a achar os ritmos repetitivos da vida cotidiana calmantes como uma canção de ninar, eu nunca me sentira tão enfadada. E digo agressivamente enfadada, maldosamente enfadada, como se o meu tédio não fosse um mero padecimento, porém uma arma; quando eu a virava contra Edison, com um olhar enfurecido e fulminante, era como se mirasse uma bazuca. Eu me entediava com a cantilena dele sobre músicos que ninguém em seu juízo perfeito ainda ouvia. Entediava-me com sua choradeira sobre sua vida terrível, quando quase tudo o que dera errado nela fora por sua própria culpa, droga. E as músicas do seu computador soavam

dementes — maníacas, arranhadas como uma unha num quadro-negro. Ele havia aprendido a não tomar esse meu azedume como uma ofensa pessoal, já que tinha sua própria versão: arriar em sua poltrona reclinável, totalmente inerte por horas a fio, caindo e acordando de um semiadormecimento rancoroso. Esses dias negros duravam uma eternidade e, passada a tempestade, o restabelecimento de uma calma fluente e de uma supremacia cheia de si, em relação a todas as pessoas insignificantes e seus probleminhas alimentares, trazia uma sensação ainda mais vitoriosa.

Foi por isso que o acontecido na primeira semana de janeiro pareceu tão inexplicável. Havíamos pegado o ritmo. Eu já o deixara sozinho por um dia de semana inteiro e, ao voltar, encontrara-o placidamente sentado, assistindo ao *30 Minute Meals* e bebericando uma Coca Diet. Um dia, eu havia comentado: "Esse lhe parece o melhor programa para você assistir?", e ele tinha respondido, em tom bem-humorado: "É pornografia alimentar. Pelo menos você não me pegou batendo punheta." Achei o programa inofensivo.

Além de desfrutar de várias visitas alegres da Cody, eu havia mantido contato telefônico regular com minha família, e a conversa do Fletcher era tão vaga e fria que, quando ele propôs conversarmos por um tempinho cara a cara, agarrei a oportunidade com unhas e dentes. Disse ao Edison que ia me encontrar com Fletcher depois do trabalho, na nossa cafeteria favorita, no centro da cidade, e a reação do meu irmão foi estranha.

— Vai se encontrar com *ele* para quê?

— Ele é meu marido, idiota. Uma pergunta melhor é para que estou morando com *você*.

Talvez de modo meio proposital — essa era a nova eu, que caminhava por toda parte —, cheguei à Java Joint a pé, ainda que, com a escassez de calçadas em New Holland, isso significasse contornar de forma trôpega umas poças de gelo nas beiradas e recuar de caminhões que passavam chacoalhando. De modo igualmente proposital, Fletcher chegou de bicicleta e roupa de lycra, para a qual estava frio demais. Esperei-o trancar o cadeado e retirar o farol. Nós nos abraçamos sem jeito e entramos depressa.

— Sabe, quando o tempo melhorar, talvez eu queira pegar minha bicicleta — comentei.

— Ora, é claro — disse ele, pego desprevenido.

Aninhamo-nos em lados opostos de um reservado enquanto Fletcher esquentava as mãos no pescoço. Ele pediu um copo de leite de soja e um muffin de banana e trigo integral, sem lactose, o que, nos velhos tempos, teria contrastado puritanamente com o que eu costumava pedir naquele café — um pão doce dinamarquês com recheio de queijo e cobertura crocante —, mas assumiu um toque mais indulgente ao lado da minha xícara solitária de chá preto.

— Quer provar? — ofereceu ele.

— Não, obrigada.

Declinar alimentos não exigia esforço. Eles não tinham nada a ver comigo.

— Esse troço é enorme — falou Fletcher.

Debruçado sobre o muffin, enfiou um pedaço na boca com ar constrangido. Eu estava familiarizada com esse fenômeno. Quando me juntava a meus funcionários no almoço, apenas para ser sociável, servindo-me de uma água mineral com uma fatia de limão, eles comiam com uma dissimulação engraçada, mantendo o prato bem perto e protegendo a comida com as mãos.

— Sabe, você está com uma aparência... melhor — admitiu Fletcher, abandonando o muffin.

— Perdi quase 7 kg. Faz só um mês. Mas Edison perdeu *dezoito*. Quando se tem aquele excesso, o peso despenca que é uma maravilha, no começo.

— Tenho de admitir que nunca pensei que ele fosse capaz.

— Agora ele está animado. Ou *nós* estamos, devo dizer.

— Antigamente, quando você dizia "nós", isso se referia a mim e a você.

— Ainda pode se referir. Este é um projeto com prazo definido, orientado para uma meta, não é uma nova normalidade.

— Isso está claro para ele?

— Óbvio!

— O Natal — disse Fletcher. — Foi deprimente. Não consegui aguentar.

— Olhe, conversamos sobre isto. As festas giram em torno da comida. Mesmo que você tivesse suspendido o meu exílio, Edison e eu teríamos estragado a comemoração da família. As pessoas se sentem esquisitas quando comem perto de nós. Além disso, o Natal é implacável. Eu gostava de dar presentes às crianças, mas, afora isso, foi um alívio pular um ano.

— Aquilo me lembrou demais de logo depois que me separei da Cleo. Aquela sensação vazia de cumprir uma formalidade. Sinto saudade de você — acrescentou ele com esforço.

Pus a mão em cima da dele.

— Também sinto saudade de você. Sei que estou pedindo muito, mas este negócio com Edison está funcionando e estou feliz com isso. Sinto que estou fazendo diferença, uma grande diferença, pelo menos para uma pessoa...

— Mas eu também sou uma pessoa. Você faz diferença para mim.

— Você não precisa de mim do mesmo jeito. Não é para sempre. É só você não deixar esse lado machão do "cadê minha mulher" tomar conta de tudo.

— O negócio é o seguinte: eu queria lhe pedir... *implorar.* Volte para casa, por favor. O seu irmão parece estar no caminho se você me disse a verdade. Então, por que você não pode ser a personal trainer dele lá de casa? Pode visitar, telefonar, conversar com ele para dar força, tudo o que está fazendo. Essa separação não pode prestar. Não quero me acostumar com a sua ausência. Você pode bancar a Madre Teresa se for preciso, mas a uns três quilômetros de distância.

Vinda de Fletcher, uma proposta que incluísse qualquer envolvimento do Edison na nossa vida era uma grande concessão. E fiquei tentada. Minha cama nos Portais de Praga era grande e fria. A dupla fraterna com meu irmão proporcionava o tipo de nutrição afetiva, mas faltava um mineral vital, cuja ausência era cumulativa; se demorasse muito mais, meu cabelo ia cair, ou coisa assim. Por outro lado, senti-me abalar pela imagem do Edison sozinho naquele apartamento sem graça, desoladoramente sentado nas noites sem refeição.

Fletcher preencheu o silêncio.

— Eu disse *implorar.*

Os homens não dão o braço a torcer com facilidade, embora eu me pergunte por quê; colocar-se à mercê do outro é muito mais eficaz do que a intimidação e a força. Fletcher tinha me amolecido tanto ao se debruçar sobre as pobres migalhas de um muffin de aspecto ressecado que se arrependera de ter pedido — nos Estados Unidos de hoje, até uma porcaria

de um muffin podia expor a uma desvantagem social deprimente — que não consegui dizer um não categórico.

— Deixe-me pensar nisso — propus.

Engrenamos no assunto das crianças, e ficou patente que as coisas entre ele e Tanner estavam indo de mal a pior. Durante anos eu havia funcionado como um amortecedor, controlando as brigas em torno da comida por meio de uma válvula de escape para as crianças, sob a forma de um macarrão com queijo gratinado. Atenuei a rebeldia deles numa gozação comunitária com meu boneco do Fletcher. Para desestimular as duvidosas ambições do meu enteado, eu contava histórias de manipulação da minha infância ingrata enquanto Fletcher partia para os imperativos: você *vai* fazer faculdade. Eu já vira esse filme entre Travis e Edison, quando meu irmão tinha dezessete anos, a idade exata em que os rapazinhos fazem a espantosa descoberta de que não têm que obedecer a tudo o que a gente manda. Pobre do pai ou da mãe que entra em guerra com um garoto adolescente: sai perdendo.

— Insisti para que ele fosse nos visitar, a mim e ao Edison, mas ele me ignorou. Chego quase a ter a impressão de que é só a solidariedade pela idiotice desta minha gracinha com a dieta que ainda mantém vocês dois do mesmo lado.

— Talvez haja alguma verdade nisso. Ele acha que você não vai voltar. Está treinando viver sem você. Acho que tenho feito a mesma coisa... sem muita sorte. Mas não é que Tanner não se importe. O verdadeiro problema é que ele se importa.

Quando nos despedimos, ao lado da bicicleta, estava frio demais para demorar, mas, enquanto prendia o capacete, Fletcher não conseguiu resistir a um último pronunciamento, que azedou um pouco as suas súplicas caprichadas de dentro do café.

— Isso de você morar com seu irmão, Pandora, com quarenta e poucos anos... é meio esquisito. E é um retrocesso. Como se você voltasse a ter treze anos, e sua mãe tivesse acabado de morrer, e o seu pai a ignorasse, e você se agarrasse ao seu irmão mais velho para ter um porto na tempestade. Isso foi há quase trinta anos. Acho que não é saudável.

— Ao contrário, houve uma virada no jogo. Está mais para um retrocesso de quarenta e quatro anos, tendo nascido a primogênita. Agora quem manda

sou eu. Digo para fazermos uma caminhada e Edison faz uma caminhada. Toma seus quatro envelopes por dia e não trapaceou *nem uma vez*. Talvez esteja cansado de ser o "irmão mais velho". Acho que gosta de receber ordens. Quanto a não ser "saudável" nós morarmos juntos, é impossível que seja menos saudável do que Edison um mês atrás.

— Meu bem, detesto lhe dizer isto, mas andei fazendo umas pesquisas na internet. Sabe quantas pessoas que perdem mais de 14, 15 kg, mantêm essa perda depois de cinco anos? *Cinco por cento*. Até aqueles infelizes que fazem cirurgia bariátrica e vivem com duas colheradas de tapioca. Que às vezes perdem mais de 100 kg. Você sabe quanto, em média, eles mantêm reduzido, a longo prazo?

— Não tenho certeza de que quero saber.

— *Três quilos*.

— Por que você está sendo tão... — busquei o jargão do Edison, que era contagioso — tão *mórbido* a respeito deste projeto?

— Estou tentando protegê-la.

— Você está tentando me desanimar.

— Então, desculpe. Não foi minha intenção. Só achei que você devia saber dos fatos.

— A estatística não é o destino pessoal, senão você teria 2,2 filhos.

— Tem razão. — Fletcher recuou. — É claro que você tem razão.

Ao se inclinar para me dar um beijo, ele bateu com a viseira na minha testa e nós rimos.

— *Por favor*, volte para casa — implorou ele, depois de nos beijarmos com mais sucesso. — Não vou interferir no seu curso de emagrecimento. Mas quero você de volta na minha cama.

Na corrida de volta aos Portais de Praga, tive de confessar: parecia um pedido razoável.

* * *

Quando entrei, Edison enxugava febrilmente a nossa mesa de laminado branco com papel-toalha.

— Oi, garota. Estou só fazendo uma faxinazinha na casa, beleza? E aí, como foi o café com o maridão? Alguma novidade no front doméstico? Alguma ideia de quando Cody vai tornar a aparecer? Baixei umas duas músicas para ela. Ela precisa mesmo ser apresentada ao Monk.

Descobrir reservas de energia surpreendentes durante um episódio de cetose era uma coisa, mas agir de modo sobressaltado e hiperativo era outra bem diferente. Um aroma denso e picante misturava-se à fumaça habitual do tabaco, como se eu estivesse sofrendo alucinações nasais.

— O café foi bom — respondi, desconfiada. — Sabe, não pode haver nada nessa mesa além de umas marcas de chá de hortelã. Não entendo por que você está se esforçando tanto.

— Se é para fazer alguma coisa, é melhor fazer direito. Fiquei bem treinado em limpar mesas na Three Bars, antes de me mandarem para a rua.

Apesar desse furor de limpeza, ele descartou o papel-toalha no balcão da cozinha, acima da lata de lixo. Lavou as mãos com a minúcia de Macbeth, salpicou água no rosto e esfregou a boca com um pano de prato.

— Edison — perguntei, num palpite —, como está o seu hálito hoje?

— Xi, você não deve nem chegar perto de mim! Acho que andei sendo descuidado com a ingestão de líquidos. Sabe como é: que nem rato morto. E aí, qual é a programação de hoje? Palavras cruzadas? Pôquer aberto? Vai passar uma comédia romântica com Jennifer Aniston às oito e meia, que não é a minha praia, mas sei que você tem uma queda por essa titica e é provável que eu consiga aguentar.

Se Edison estava se oferecendo para assistir a um filme da Jennifer Aniston, havia alguma coisa suspeita. Dirigi-me devagar à cozinha, mas ele bloqueou minha passagem.

— Com licença — pedi, esticando o braço atrás dele para enfiar o papel-toalha pela abertura móvel da lata de lixo. Encontrei resistência. Puxei a tampa e as poucas coisas que eu havia jogado no saco novo que usara para forrar a lata naquela manhã — pacotes vazios de GPPP, uma caixa vazia de laxantes e a embalagem de um par de livros gloriosamente grandes que eu tinha encomendado na Amazon — estavam estufados no alto do recipiente. Tirei o saco de lixo. E, dito e feito, havia outro saco esmagado embaixo dele,

anguloso por causa do papelão dobrado. Foi então que identifiquei o cheiro: pepperoni e borda recheada de alho e manteiga.

— Edison, como você pôde?

— Como pude o quê?

Não consegui decidir se gritava ou chorava.

— Amanhã será nosso aniversário de um mês. Por que você quis estragar isto? Depois de *18 kg*?

— Não sei do que você está falando — retrucou ele, já passando de inocente a hostil.

— Pare com isso! — exclamei, furiosa. — Você deixou a caixa. Por que destruir um período impecável de vitórias por uma mísera pizza?

Edison cruzou os braços e estreitou os olhos, reduzindo-os a frestas.

— Bem, o que você acha? *Fiquei com fome*.

— Mas é esperado que você sinta fome! Depois de tudo o que sacrificamos... valeu a pena? Por uma gulodice gordurosa e sorrateira, que você provavelmente devorou em menos tempo do que levou para encobrir o seu ato?

— Sim, se você quer saber a verdade, foi *ótimo*! Foi a porra da pizza mais gostosa que eu já comi!

— Não acredito nisso. Acho que fui contaminada por um ressaibo de *estupidez*, *ódio de mim mesma* e TRAIÇÃO!

— Você quer dizer traição a *você*. Isto tudo foi ideia *sua*, e eu tenho que me adaptar ao *seu* programa e ser um menino bonzinho o dia inteiro, porque a maninha mandou! Bem, eu posso ser gordo, mas ainda sou homem, e se *eu* quiser pedir uma pizza, eu peço uma pizza!

— É muito atrevimento! Você acha que é assim que eu *quero* passar a minha vida? Dissolvendo envelopinhos de pó, imaginando atividades divertidas para preencher noites intermináveis e bancando a babá do meu irmão mais velho? Posso estar ligeiramente acima do peso... na verdade, tecnicamente, já alcancei um IMC aceitável para a minha altura... mas eu não precisava entrar nesta dieta maluca! Podia ter cortado os carboidratos e pulado a sobremesa, como uma pessoa normal, e conseguido a mesma coisa sozinha, não podia? E, sobretudo, podia ter ficado na minha casa! Você acha que não sinto falta do meu marido? Acha que gosto de dormir sozinha todas

as noites, quando tenho um homem bonito e caloroso esperando por mim, a dois bairros daqui? Acha que gosto de me tornar uma mãe ausente, como se já não tivesse a guarda das crianças, e Fletcher e eu já estivéssemos divorciados? Arrisquei TUDO por sua causa, e você joga tudo isto fora por uma pizza! Eu me sinto muito ofendida! Você é um BEBÊ ingrato e egoísta e completamente ASQUEROSO!

Eu andava irritadiça, mas, puxando pela memória, não tenho certeza de algum dia haver perdido a paciência com meu irmão. Pensando bem, eu quase nunca perdia a paciência com qualquer pessoa.

— Você me deixou sozinho — disse ele, macambúzio. — Tive uma crise, e não havia ninguém aqui para me ajudar.

— Tenho que poder deixá-lo sozinho! Afinal de contas, tenho uma empresa para comandar. Se tiver que ficar segurando sua mão vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, só para a eventualidade de você ser dominado por um zumbi assassino que queira um cheeseburger, isto nunca vai funcionar!

Caí numa poltrona reclinável. A adrenalina estava diminuindo e me deixando fraca.

— Sabe — continuei —, agora mesmo eu estava me gabando de você. Fletcher nem conseguiu acreditar. Em quanto peso você perdeu. Em como você tem sido leal. E agora, volto para casa e deparo com *isso*. Fletcher sempre disse que você não tinha estofo para isso, e tinha *razão*.

— Ele disse que eu não aguentaria uma semana. Isso ele não acertou.

— Como assim? Quer dizer que, agora que você provou que pode suportar uma semana, não tem importância? O combinado era que você voltasse a pesar *74 kg*. E você se lembra do que mais eu disse no começo, não é?

— O quê?

Ele sabia o quê.

— Eu disse que, se algum dia você trapaceasse, eu encerraria o experimento e cairia fora daqui. Quando encomendou aquela pizza, você não pode ter se esquecido desse pequeno detalhe. Logo, ou está querendo fazer isso sozinho, ou quer continuar gordo. Qual dos dois?

Edison olhou para as mãos. A perda de 18 kg havia reduzido a gordura do pescoço, mas ele ainda tinha as proporções de um menino.

— Não foi minha intenção jogar tudo para o alto. Tive um deslize, só isso. Amanhã volto para a porra dos shakes. Prometo.

— Você já prometeu antes. Além disso, não precisa de mim. É óbvio que está desenvolvendo o seu próprio método: a Dieta da Pizza Hut. Portanto, vá em frente. Não há necessidade de duas pessoas para pedir pepperoni e pimenta-jalapenho.

— Preciso de você, sim — resmungou ele. — Não posso fazer isso sozinho. Eu fiz merda. Desculpe.

— Você está achando que a sua cuidadora é uma manteiga derretida crédula, que não está falando sério? Afinal, é a minha irmãzinha de olhar embevecido. Que sempre vai correr atrás do irmão, não importa a maldade diabólica e secretamente sedutora que ele cometa.

— Não é que eu não tenha levado você a sério, cara. Mas, poxa, quando a gente vai ao AA e confessa que deu uma escorregadinha, eles não chutam a gente para fora. Não dizem: é óbvio que você não é nenhuma porra de santo, e por isso vamos lavar as mãos a respeito dessa sua porcaria de imperfeição mortal. A coisa está mais para: somos todos pecadores e vamos apoiá-lo um dia de cada vez. Não vejo por que você não pode tirar uma página do manual deles.

— Não posso fazer isso se não puder confiar em você. Não quero voltar para cá todo dia e ter que vasculhar o lixo.

— Não vai ser assim, cara. Vamos lá, Ursa Panda! — Ele se ajoelhou junto a minha poltrona, assumindo uma postura de pretendente da qual teria dificuldade para se levantar. — Faça um chá para nós. Depois, podemos ver o filme da Jennifer Aniston.

Como se houvesse espionado o meu *tête-à-tête* com Fletcher, ele pareceu estar fazendo uma sincera tentativa de *superar os rogos* do meu marido. Mas havia um sorriso perpassando sua exagerada encenação de culpa. Ele sempre havia conseguido arrancar a permissão da mamãe para ir a um show do Roy Orbison quando estava de castigo, assim como Caleb Fields havia controlado Mimi Barnes por meio da sedução; até onde eu sabia, Edison havia dominado a técnica de vencer a resistência das mulheres assistindo a *Guarda*

compartilhada. Além disso, ele sabia que a perspectiva de haver chegado àquele ponto apenas para jogar a toalha me deixaria doente.

— Pense nisso assim, querida — persuadiu-me —, foi como aqueles suicidas deploráveis que deixam vidros vazios de Percocet espalhados pelo quarto. Eu não precisava deixar a caixa na lata de lixo, não é? Podia tê-la jogado nos latões lá dos fundos e cometido o crime perfeito. Mas eu queria ser pego! Foi, como é que se diz?, um *grito de socorro*...!

Embora meu irmão desse todos os sinais de estar começando a se divertir, de repente seu rosto empalideceu e ficou brilhando de suor. Sua expressão aflita não pareceu montada para impressionar, ainda que um mal-estar físico pudesse ter sido um estratagema inteligente.

— Puxa, cara, não estou passando muito bem. Panda, você tem que me ajudar. Preciso ir já ao banheiro.

Quando o ajudei a ficar em pé, ele já tinha desabotoado o cinto. Com a calça jeans escorregando, arrastou os pés num passinho acelerado para o banheiro. Quando saiu de lá, dez minutos depois, teve de se deitar no sofá. Levei uma Coca Diet para ele.

— Não se pode sair de um mês de dieta líquida devorando uma pizza de pepperoni.

— É, sei, não diga! — resmungou ele. — Está satisfeita agora? Tive o castigo merecido. E tenho a nauseante sensação de que o castigo ainda não acabou.

Depois de mais duas idas dele ao banheiro, acabamos assistindo a *Amigas com dinheiro* naquela noite enquanto ele se recuperava, deitado. Depois da minha vez no banheiro — que ainda cheirava mal —, ele me deteve a caminho da cama.

— Ei, Panda, estamos numa boa? Eu estou nessa, cara, tipo quatro shakes por dia e fim de papo. Mas preciso de apoio moral. De alguém com quem passar o tempo. E até então, você sabe, tem sido bem maneiro. As caminhadas e essas merdas todas. As idas ao shopping, onde nunca pensei que fosse comprar um cinto menor. Não é que eu desmereça você, garota. Sei que a estou tirando da sua família. Mas, se você quebrar meu galho desta vez, tipo assim, se me der só esse descontinho, *juro* que não vai acontecer de novo.

Gostei de ele não tentar fingir que estava tudo de volta à normalidade, sem reconhecer a minha concessão.

— Tudo bem — concordei. — Mas você usou o seu único passe de Saída Livre da Cadeia. Mais uma caixa de pizza naquela lata de lixo e você fica por sua conta, entendeu? A mamãe era uma fracote. Eu não sou.

— Sim, senhora!

— E vá escovar os dentes. Você está com hálito de rato a três metros de distância. Pior, rato com uma porção extra de queijo.

* * *

Liguei para Fletcher no dia seguinte.

— Para mim, o fato de você querer que eu volte para casa significa muito. Inclusive você considerando que eu continuasse a cuidar do Edison. Mas é que...

— Você não vai voltar.

— De alguma forma, toda esta estufa montada aqui... Controlar as coisas a distância não seria a mesma coisa. Para ele, ter alguém com quem conversar e com quem comemorar seu progresso, ter uma companhia no projeto, pelo menos por enquanto, isso ajuda.

— Você está me dizendo, sinceramente, que aquele seu irmão preguiçoso e sonso não comeu nada além daqueles shakes de proteína durante um mês inteiro. E você não o pegou atacando os bolinhos Twinkie e disse: "Tudo bem, amorzinho, vou fingir que não o vi enchendo essa sua cara gorda, como de hábito, mas só dessa vez."

— Isso mesmo. Eu já lhe disse: se algum dia ele trapacear, está tudo acabado.

Desliguei, me sentindo mal. Não era só a mentira. Na volta da Java Joint, eu me permitira considerar seriamente o retorno à Alameda Solomon: poderia telefonar com regularidade, passar pelos Portais de Praga, me encontrar com meu irmão para nossas caminhadas. Além disso, ele já não havia entrado na rotina? No entanto, quando achei aquela caixa na lata de lixo, entendi que o envolvimento a meia distância nunca daria certo. Talvez

tivesse sido para haver esta revelação que a caixa fora plantada lá, para começo de conversa.

Capítulo Cinco

Ao reexaminar a espiral descendente do Edison em Nova York — que eu havia relatado ao Oliver com detalhes, na esperança de que verter as confidências do meu irmão num recipiente tão hermético não fizesse de mim uma dedo-duro —, não consegui obter uma única resposta para a indagação do ovo ou da galinha sobre se ele havia ficado deprimido por estar gordo ou vice-versa. O peso havia reduzido as suas oportunidades profissionais, o que era deprimente, o que o fazia comer, o que o deixava mais gordo. Reduzia suas oportunidades românticas e sexuais, o que era deprimente, o que o fazia comer, o que o deixava mais gordo. A gordura em si era deprimente, o que o deixava mais gordo. A contragosto, reconheci que, quando o sujeito passa por uma fase tão difícil que é obrigado a vender a ferramenta principal de sua ocupação, e então sua insignificante irmã mais nova, que ele nunca imaginou de fato que viesse a dar em alguma coisa — que, ao contrário, considerava como sua chefe de torcida particular —, de repente faz sucesso em escala nacional, bem, está certo, isso é difícil de aceitar.

No entanto, o "minha irmã é famosa e eu não sou ninguém" foi um pequeno impulsionador de uma espiral maior para o abatimento. Edison não tinha uma família de verdade e sua carreira havia derrapado. Talvez tivesse amigos, mas, havendo abusado da boa vontade deles nos últimos anos, mais havia perdido do que feito amizades. Como eu disse ao Oliver, já perdendo a esperança, ao colocarmos os pés para cima no meu escritório, depois do expediente:

— O problema é que ele não tem nada por que ansiar.

— Com uma exceção — retrucou Oliver. — Que foi uma ideia inteiramente sua. E, se um dia ele chegar mesmo a 74 kg, a única coisa pela

qual ainda anseia terá desaparecido.

— Eu sei — concordei, fechando meu computador e encerrando minhas atividades do dia. — No início, quando assumi esse projeto, tive medo de que ele fosse mais do que eu poderia enfrentar. Mas o verdadeiro projeto vem a ser muito, muito maior. Tenho que fazer nada menos do que dar ao meu irmão uma razão para viver.

— Não se pode fazer isso por ninguém — retrucou Oliver, no mesmo instante.

— Posso empurrá-lo na direção certa.

— Como assim? Animá-lo a ressuscitar a carreira? Promover o currículo dele? Sugerir que grave um CD solo? Instigá-lo a voltar a se gabar de todos os astros que reconheceram o seu talento ímpar?

A fala foi enunciada com o rosto impassível. Embora Oliver tivesse guardado para si suas graves reservas quanto à minha loucura dos Portais de Praga, fazia quatorze anos que éramos íntimos, e sua diplomacia foi perda de tempo.

— Certo — respondi, seca. — Escorar justamente a vaidade que desencadeou essa obesidade do "se não posso ser famoso, foda-se tudo", para começo de conversa. Reconstruir do zero o mesmo egomaníaco que ninguém conseguia suportar, incluindo você.

— Eu nunca disse que não o suportava — retrucou Oliver, com ar inocente.

— Ok. Quer dizer que fazê-lo voltar a ficar todo arrogante sobre a sua carreira não é a solução. Afinal, o sucesso não foi a solução para mim — comentei, meneando a cabeça para meu escritório desarrumado. — Digo, claro que foi bom poder dar espaço ao Fletcher para ele fazer seus móveis. Eu nunca poderia ter uma clínica particular de reabilitação sem um dinheiro extra. E por algum tempo, é verdade, a Monotonous foi um prazer. Mas, cedo ou tarde, com certeza esses bonecos se tornarão uma velharia, e, de repente, quando ninguém mais quiser ser encontrado morto com um deles, será um alívio. A grande surpresa, para mim, foi descobrir que obter sucesso profissional não é tão importante assim. Não é uma razão para viver.

— E qual é a resposta? *Amor?*

— Se for esse o caso, ele está ferrado. Não sou grande coisa como casamenteira.

— Mas, Pandora, o que esse sujeito *faz* o dia inteiro?

Dei de ombros.

— Umas comprinhas. YouTube. Muita televisão. Quando chego em casa, nós conversamos.

— Sobre quê?

— Fazemos uma espécie de exame de consciência — respondi, com cautela, sem querer que Oliver se sentisse suplantado. — Mas ninguém pode cavar fundo assim o tempo todo, e começamos a ficar sem histórias. É embaraçoso, mas, no resto do tempo, falamos principalmente de comida.

Oliver riu.

— Como assim?

— Você sabe, rememorando nossos pratos favoritos da infância... o "talharim à espanhola" da mamãe, com queijo parmesão Kraft e um monte de migalhas de pão gordurosas. Discutindo qual dos cereais ficava mais empapado, se os Choco Krispies ou os Cocoa Puffs, e a cor em que os Fruit Loops transformavam o leite.

— Parece estimulante.

— E é, acredite se quiser. As lembranças em que viajamos são alucinógenas. E você sabe que tenho lido muito, não é? Mais do que lia desde a faculdade. Acho que, se fosse mais ambiciosa, eu estaria encarando *Guerra e paz*. Em vez disso, devorei *How to Cook Everything*, do Mark Bittman. Todas as 1.056 páginas. Assim, quando Edison tem problemas para dormir, leio receitas para ele. Quando eu era pequena, ele leu *A galinha dos ovos de ouro* para mim. Agora eu leio para ele o "Frango frito sem mistérios".

— Escute, por que ele não arranja um simples emprego? Você se amarra em trabalhar duro. Não há nada pior para os tremeliques existenciais do que ter tempo livre nas mãos.

— Quem vai contratar Edison?

— Você. Bote-o para trabalhar aqui.

— Rá! Não consigo pensar em nada que ele quisesse menos que isso.

— Ele não *queria* emagrecer e, até aqui, essa dieta aloprada tem sido a única salvação do sujeito. O problema é que ela é temporária.

— Vou pensar no assunto. Mas continuo achando que a verdadeira resposta é de uma sutileza infernal. De algum modo, ele precisa aprender a gostar da vida comum.

Eu sempre havia resistido a essa expressão. Não havia nada de comum nos prazeres aparentemente pequenos, mas secretamente vastos, a que ela aludia.

— Como o quê? A torrada na cor perfeita? — sugeriu Oliver, malicioso. — O primeiro gole de um vinhozinho ácido, um Sauvignon Blanc, ao final de um dia muito cansativo?

— Obrigada. Pois é, acabei com essas emoções, por enquanto. Mas tem que haver mais coisas na vida do que comer e beber.

* * *

Havia mais, e eu me dediquei a encontrá-las. O estalar seco e esganiçado da neve virgem, quando eu me recusava a deixar o tempo inclemente impedir as nossas caminhadas. A descoberta de que, apesar da temperatura de quase dez graus negativos, caminhar depois de uma nevasca produzia um ligeiro suor e, ao chegarmos em casa, estávamos com calor. Abrir a caixa de DVDs de *Guarda compartilhada* que eu pedira que Cody buscasse no meu escritório e rolar de rir no tapete. Ligar para Travis, anunciar que agora Edison havia perdido 30 kg e obter uma tênue satisfação com a falta de sinceridade transparente do incentivo do nosso pai.

No mais, concluí que Oliver tinha razão: Edison poderia vir a apreciar os prazeres do puro trabalho árduo, daquele tipo que, quando termina, ninguém irrompe em aplausos. Como era previsível, meu irmão resistiu a que eu me tornasse sua dupla supervisora. No entanto, depois de uma experiência indecisa na Baby Monotonous, sentiu-se aliviado por sair do apartamento, e os dias corriam mais depressa quando ele estava ocupado. Assumindo uma humildade de mulher, aprendeu a costurar. Também o usei nas gravações, pois seu vozeirão sonoro era perfeito para os fanfarrões cujas famílias lhes preparavam uma justa sobremesa. Os outros empregados acabaram gostando do Edison, admirando seu impecável celibato dietético — não havia aparecido nenhuma outra caixa de pizza na nossa lixeira — quando ele discorria com a paixão dos convertidos sobre os malefícios dos

pãezinhos Cinnabon. Costurando jaquetas de brim em miniatura, ele contava com ar festivo suas comilanças mais extravagantes de costelinhas de porco e costelas de carneiro, histórias especialmente populares antes do almoço.

Ao se atirar no abraço macio e empapado de um supersanduíche de almôndegas e mozarela, perder nesse processo tudo o que tinha, desde a posição profissional até a edição de colecionares da obra de Miles Davies, e enfim aterrissar na borda de uma banheira, com a braguilha aberta, enquanto sua irmã recolhia suas fezes como se fossem ovos de Páscoa, meu irmão havia imitado o notório pré-requisito da recuperação dos alcoólatras: chegara ao fundo do poço. Mas não acho que o fundo do poço seja terapêutico porque finalmente se chega ao ponto em que as coisas não podem piorar. As coisas sempre podem piorar. Tem mais a ver com o fato de que o sujeito bombardeia tudo em volta que parece mantê-lo vivo e acorda no dia seguinte perplexo, admirado e, quem sabe, até furioso por ainda estar vivo. Com um ou outro retoque superficial, a maldição e a bênção da própria existência estão simplesmente nisso. Para Edison, essa descoberta só pode ter sido acompanhada pela intuição de que, enquanto ele "construía um nome para si", quando já possuía um, tinha sido um mero extra, uma cereja ao marasquino no alto de alguma coisa momentosa. Não gorda, *momentosa*.

No entanto, um dos prazeres da vida "comum" era a música. Não digo sair em cartazes nem citar colegas renomados, mas música, e, para Edison, isso significava tocá-la. Eu tinha um palpite de que ele havia perdido o contato com a exultação de tocar piano apenas por tocar. Assim, aluguei um instrumento — um piano de armário cujo próprio caráter medíocre fomentaria, eu esperava, uma atitude descontraída.

Eu havia combinado com Novacek que deixasse os carregadores do piano entrarem no apartamento à tarde, e assim, ao chegarmos da Monotonous, encontramos o instrumento posicionado em ângulo reto com a balança. Fiquei decepcionada com a reação do Edison. Ele não pareceu exultante. Pareceu preocupado.

— Sei lá, querida — disse, examinando o piano a uma distância segura. — Estou bem enferrujado.

— Isso aí é um cacareco. E não quero que você "pratique". Pense nisso como musicoterapia. Deve ter havido alguma época em que você *gostava* de tocar piano. Então, não quero que aperfeiçoe as suas habilidades e fique todo frustrado ao ver que a sua destreza se deteriorou, ou que planeje um retorno estupendo aos palcos de Nova York. Sempre achei você bastante bom, mas ser bom não vem ao caso. Sinceramente, Edison, não sei se algum dia você voltará a ser um pianista de jazz de fama internacional. — Tentei ser gentil ao dizer isso. — Acho importante você ser capaz de conviver com a possibilidade de não ser famoso. Mas ninguém pode tirar de você a música em si, ou a alegria de tocar.

Ele se aproximou do teclado com apreensão. Tocou um acorde com uma das mãos, uma coisa em tom menor e meio complicada, e deixou sua angústia ressoar por algum tempo.

Ele não queria plateia, nem mesmo a irmã. Edison Appaloosa não querer plateia era novidade, e não necessariamente ruim.

— O chá de arando e laranja acabou — comentei. — Vou rapidinho até o Hy-Vee enquanto vocês dois se apresentam.

No começo, ele só tocava quando eu não estava em casa, e eu inventava mais tarefas na rua para lhe dar privacidade. Depois de uns dez dias, porém, voltei da Java Joint, onde havia encarado outro café lacônico e extremamente difícil com Tanner, que ao menos se dispunha a me encontrar em território neutro. Edison estava no meio de "Bridge Over Troubled Water".

— Não pare, por favor — implorei.

E ele não parou.

Um conselho de amiga: quem estiver numa dieta só de líquidos deve tocar um instrumento, e lamentei que eu mesma não tocasse nenhum. O piano era mais envolvente que a televisão, e Edison partia para o teclado depois do trabalho como antes costumava partir para a despensa. As frases musicais tristonhas e reflexivas de meu irmão enchiam de vida o apartamento, compensando os mantimentos jamais postos na bancada, os talheres que nunca batiam na mesa, as tortas no forno que nunca perfumavam o ar. Aos poucos, a execução dele tornou-se mais leve, mais psicodélica, mais segura, porém eu praticamente não queria admitir isso, por ter afirmado logo de início que tocar bem não era o objetivo.

Como eu não o estava estimulando a aprimorar suas habilidades no teclado para mergulhar de novo na refrega de Manhattan, mas só para nos divertir, com o tempo Edison relaxou a adesão ao nicho que o tinha definido, alargando-o com alegria para abarcar o ragtime, clássicos da lista dos quarenta melhores, como "Tiny Dancer", de Elton John, sucessos como "Rocket Man", de David Bowie, e pot-pourris de canções do Queen, do R.E.M. e de Billy Joel. Ele aceitava pedidos e produziu versões pessoais improvisadas do repertório sentimental com que eu havia crescido: Crosby, Stills e Nash; James Taylor; Carole King. Tocou canções de musicais! Números de *Chess* e de *Sweeny Todd*. Minha crescente afinidade com o jazz era genuína, mas nem sei expressar o alívio de ter uma folga.

Cody começou a ir até o apartamento para ter aulas, embora, com a nova abordagem universal da música empreendida por seu tio, as aulas tenham funcionado nos dois sentidos, ela apresentando-o a Lyle Lovett como ele a havia apresentado a Thelonious Monk. As aulas de piano deram uma estrutura bem-vinda às visitas da Cody, que até então sempre foram meio carentes, em termos sociais, por só podermos servir refrigerantes dietéticos. Mesmo assim, as tardes e noites livres das distrações da hora de comer tinham a austeridade do básico, mas também uma intensidade da qual hoje tenho lembranças saudosas. Erradicar o frufru da hospitalidade também eliminava a conversa banal — sobre o clima ou os sapatos novos. Como também devem ter aprendido as pessoas amontoadas como reféns e providas de um penico, é incrível a rapidez com que se lida com as realidades afetivas quando não há absolutamente nada a fazer senão falar.

Cody tornou-se mais franca a respeito de suas inquietações sobre a escolha da carreira e do número alarmante de distúrbios alimentares entre seus colegas de turma. Compartilhou sua humilhação por ser forçada a ter aulas de "Aptidões sociais", por ser de um retraimento inaceitável.

— É uma coisa retardada — disse. — Outros seis rejeitados e uma professora que acha que é maneira por ter tatuagens de borboletas nos tornozelos. Todas as manhãs, temos de preencher um relatório sobre "Como me sinto hoje". Depois, a Srta. Hannigan, perdão, *Nancy*, para diante da turma e grita "Eu amo vocês!", ao mesmo tempo que agita o punho e fecha a cara. Com isso, nós devemos ter, tipo assim, a revelação de que às vezes o

que as pessoas dizem e as suas "pistas não verbais" não concordam. Bem, se a pessoa tem que "aprender" isso, devia ser fuzilada. Agora, todo mundo sabe que estou metida com esses inúteis, e nunca vou conseguir superar esse vexame. Qual é o problema de ser "retraída"? Grande coisa! Às vezes, não tenho nada para dizer, então não digo nada. Ao contrário da maioria das pessoas.

Em tempos idos, essa "maioria das pessoas" poderia ter parecido uma cutucada em seu tio, mas Edison já não se inclinava a fazer monólogos sobre jazz. Partilhava mais detalhes sobre seu casamento fracassado e alguns outros romances que tinham sido um completo fiasco. Por fim, confessou um ponto crítico especial da sua compulsão alimentar, ocorrido no ano anterior: ser obrigado a mandar cerrar a pulseira de metal que eu lhe dera de presente de despedida em sua partida para Nova York, aos dezessete anos, porque o metal estava cortando seu pulso, cada vez mais estufado. Quando o tio começou com sentimentalismos a propósito do filho distante, Cody o interrompeu no ato: com que empenho ele havia de fato tentado assegurar o seu direito de visita? Edison admitiu que, no início, fora adiando essa providência, com medo de que Sigrid houvesse feito a cabeça do menino com mentiras a respeito do pai (ou pior, com a verdade). Depois, nos últimos anos, quando Carson já tinha idade suficiente para decidir sozinho, meu irmão sentira vergonha demais do seu tamanho para marcar um encontro.

— Vai ver que o cara sempre fantasiou sobre enfim conhecer o pai e fazer caminhadas com ele, ou pesca submarina. Que interesse vai ter o garoto quando descobrir que seu velho pesa quase 200 kg? Eu não podia lidar com isso, cara. Abrir a porta para o meu único filho e ver sua expressão de profundo desapontamento.

* * *

Mais que qualquer pessoa, eu percebia que o emagrecimento do Edison era gradual, já que enfrentávamos juntos a sentinela ao lado do janelão panorâmico todas as manhãs, às nove horas, e registrávamos os veredictos com uma esferográfica preta de ponta fina numa folhinha pendurada ao lado. A redução, curiosamente, não era sistemática; ele empacava por uns dois dias,

desolado, e de repente perdia quase um 1,5 kg de uma vez. Mas era um processo de lentidão extenuante e, à medida que meu irmão foi saindo do declive íngreme das primeiras semanas, seu progresso ficou ainda mais lento. Depois de perder 18 kg no primeiro mês, Edison não pôde evitar calcular que perderia o total de 101 kg em meio ano. Errado. A própria gordura requer calorias para se manter, e por isso a pessoa queima menos energia à medida que emagrece. "É como um algoritmo", eu havia explicado. Mas Edison nunca foi bom em matemática.

Apesar da prolongada demora do processo, minha experiência de enfim reconhecer o irmão com quem eu fora criada se deu de forma estranhamente repentina.

No fim da tarde de um sábado de março, eu tinha ido mais uma vez ao Hy-Vee, para comprar papel higiênico e chá. Edison havia ficado em casa tocando piano, ao qual estava sentado quando cheguei. Numa inclinação mais morna e primaveril pelas frestas da persiana, um feixe de luz do sol caía sobre sua cabeça, incidindo sobre bochechas cujos malares altos, em certa época, tinham sido a estrutura definidora do rosto. Combinadas com os cabelos rebeldes e luminosos, aquelas maçãs altas, elevando-se sobre as faces encovadas, haviam ajudado a explicar por que tantas das minhas amigas do ensino médio ficavam ansiosas por passar na nossa casa, em Tujunga Hills — na esperança de que meu irmão mais velho, descolado demais para frequentar a escola, com seu andar desenvolto, a calça jeans de cintura arriada e a camisa aberta até o peito, lhes desse um olá no corredor com um meneio da cabeça.

Desde que essa impostura de irmão havia entrado pesadamente no Aeroporto Cedar Rapids, as maçãs do rosto do Edison estavam escondidas feito o caroço na ameixa. Apesar de eu ter aprendido a reconhecê-lo, é claro, a verdade é que não reconhecia o irmão que eu conhecia da infância. Em vez disso, treinara-me em reconhecer uma pessoa diferente, que, por mera coincidência, atendia pelo mesmo nome inusitado.

Mas, nesse momento, o vigoroso sol de primavera desencavou seus ossos malares como os tesouros de uma escavação arqueológica. Abaixo deles, a face afundou na sombra enquanto o franzido de concentração em sua testa enfim formou rugas nítidas, em vez de grumos ondulados. E eu o vi. Vi Edison, o Edison de que eu me lembrava. Foi como se só nesse momento o

homem com quem eu tinha morado na realidade durante meses me fosse devolvido, depois de desaparecer por muitos anos. Incapaz de me conter, soltei uma exclamação absurda:

— É você, estou vendo você!

Intrigado, Edison levantou os olhos de um acorde de uma das músicas favoritas da Cody, "Quitting Time", dos Roches.

— Joia — disse, inseguro. — Que bom que ainda sou tridimensional.

Aproximei-me por trás dele e o abracei. Os ombros mais firmes desencadearam antigas lembranças de ser carregada em suas costas e facilmente jogada no sofá. Eu nunca havia imaginado que o irmão com que cresci ficaria gordo. Em tentativas persistentes, não conseguia compreender por que isso parecia tão importante. Tinha procurado agarrar-me às implicações da obesidade para a saúde, mas sabia que não era isso; eu não havia embarcado nesse projeto para evitar o diabetes. Queria meu irmão de volta.

— Estou muito orgulhosa de você.

— Pelo menos, posso ficar famoso por alguma coisa. Se bem que, pelos programas que vi na televisão, querida, tenho uma concorrência braba, até naquele jogo do "já fui um peso morto".

— Agora você está no patamar superior do que se tornou o esporte nacional.

— Ainda não chegamos à final.

Qualquer sugestão de que dali em diante seria moleza, de que ele poderia levar na flauta, ou até trapacear um pouco, era um anátema. Cada dia era uma dificuldade; não havia essa de ter que perder "só" mais 56 kg.

— Você leu os folhetos — arrisquei. — Portanto, sabe que eles recomendam fortemente que você suspenda a dieta depois de três meses...

— Não.

— Só por uma semana. Comendo coisas saudáveis, com muito cuidado...

— *NÃO*.

— Mas depois você pode voltar para ela!

— Qual foi a parte do "não" que você não entendeu?

— Isso já virou um clichê horroroso.

— Adivinhe se estou me importando.

Por ter eu mesma rotulado de "extremas" as tendências do meu irmão, eu havia demorado a levantar a questão da pausa recomendada, até se passarem duas semanas do prazo limite, porque sabia o que ele ia dizer. Sem conhecer ao certo os riscos de violar as regras do programa, não me dera o trabalho de pesquisá-los, por ter certeza de que enfrentaria uma muralha, de qualquer forma. Se Edison tinha uma "personalidade propensa ao vício", agora se viciara na Golfada.

Capítulo Seis

Oliver Allbless era o meu guru da tecnologia. Quando meu computador cuspia mensagens de erro ou eu precisava da senha do meu roteador, eu ligava para Oliver. Eu o contratara, inicialmente, para ajudar nos preparativos iniciais da Breadbasket, na época em que ele precisava de uma grana extra enquanto cursava engenharia na Universidade de Iowa. Em algum momento durante esse período, saímos por uns seis meses, e, quando concluí que meus sentimentos por ele eram meio certinhos demais, insossos demais — muito plácidos e sem arestas, não muito afiados, tensos ou resistentes, o que, tempos depois, encontrei de sobra em Fletcher —, ele aceitou a rejeição com a mesma equanimidade natural que, para começar, provavelmente havia fomentado meus sentimentos chochos. Éramos amigos desde então. À medida que as exigências tecnológicas da vida moderna continuaram a aumentar, por algum tempo comecei a me sentir culpada por lhe telefonar com demasiada frequência, só para ele resolver mais uma crise com a minha impressora. Não queria que ele se sentisse usado, ainda que Oliver gostasse de ter valor prático. Quando o contratei como consultor da Baby Monotonous, ao menos ele passou a receber alguma coisa por ficar à disposição, embora tivesse protestado que me daria orientação de graça para atualizar a tecnologia dos bonecos de corda. Se Oliver ainda tinha uma quedinha por mim — esse funcionário alto, magricela e cativantemente desengonçado da área de telecomunicações que nunca se casara —, eu tinha me acostumado com isso, e ele também. Havia uma possibilidade remota de que eu fosse o amor da sua vida, embora, pelo bem dele, eu esperasse que não.

Quando a Baby Monotonous deslanchou, Oliver ficou muito mais empolgado do que eu. Quanto ao meu projeto seguinte, meu melhor amigo

ainda tinha reservas. Amável quando se tratava de ele mesmo ser explorado, era sensível a qualquer sugestão de que Edison pudesse estar se aproveitando da minha generosidade. Depois que lhe expliquei os parâmetros do nosso regime, Oliver passou horas pesquisando a Grandes Presentes em Pacotes Pequenos, para ter certeza de que não havia histórias de terror à espreita na internet. Eu tinha um casamento sólido e não havia criado nenhuma expectativa razoável de que isso viesse a mudar, de modo que o fato de ele assumir o papel de anjo da guarda na minha vida brotou de um desprendimento tão puro que ultrapassava a minha compreensão. O único receio que ele se permitiu expressar, quando passei a residir nos Portais de Praga, foi que esse arranjo poderia alienar Fletcher.

Vínhamos tendo dificuldade com a retração da corda num lote de mecanismos digitais — houvera algumas devoluções, o que era novidade —, e pedi ao Oliver que desse uma passada na empresa para diagnosticar o problema. Enquanto desmontava um boneco defeituoso, ele ficou me espiando, e sua chave de fenda fazia pausas de um segundo. Antes de ir embora, perguntou:

— Você tem tempo para uma bebida, ou seja qual for o nome que dá a uma desculpa para conversar, enquanto faz essa dieta biruta?

— Talvez, mas me deixe checar com Edison.

— Você tem de pedir permissão ao seu *irmão*?

— Costumamos pedalar juntos para casa — respondi em tom frio.

Agora que o tempo havia esquentado, eu tinha mandado Cody trazer minha bicicleta e comprado uma *mountain bike*, para que Edison e eu pudéssemos ir e voltar juntos do trabalho.

— Sem problema — disse meu irmão enquanto terminava de costurar uma miniatura de um Macintosh. — Eu seguro a "janta" até você chegar.

Empurrei a bicicleta ao lado do Oliver até uma lanchonete próxima, onde, pensativa, pedi uma água mineral gasosa com limão. Embora estivesse evitando comer perto de mim havia quase quatro meses, dessa vez Oliver pediu um sanduíche triplo de bacon, alface e tomate com fritas.

— Tome — ofereceu ele, segurando um quarto do sanduíche. — Coma um pouco.

Recuei.

— Você sabe que eu não posso.

— Por quê?

— Eu nunca trapaceio. Isso foi uma descoberta e tanto: é mais fácil ser perfeita do que só um pouquinho ruim. Estou começando a perceber os atrativos dos mosteiros. É menos estressante ser um santo completo do que um pecadorzinho de meia-tigela.

— Comer não é pecado. É o que os mamíferos fazem para sobreviver.

— Ao que parece, é desnecessário — retruquei, displicente. — Foi mais uma descoberta.

Oliver baixou o sanduíche com ar sério.

— Quanto você está pesando?

Ocupei-me pingando adoçante artificial na minha água. O gosto incessante de níquel que vinha das minhas gengivas me irritava, e eu seria capaz de tentar qualquer coisa para disfarçá-lo.

— Nunca se deve fazer essa pergunta a uma mulher.

— Muito bem, vamos começar assim: quanto você pesava, no começo?

— Para meu horror, eu estava com 76 kg, e isso, depois de quatro dias passando fome. O mais engraçado é que ainda escondo do Fletcher a que ponto a coisa andava ruim, quando não era segredo nenhum, pois ele podia *ver*...

— E quanto você perdeu? — interrompeu Oliver.

Sua impaciência me surpreendeu. Descobrir as minúcias da dinâmica do meu casamento era um esteio da nossa amizade.

— É uma pergunta traiçoeira — respondi. Mas ele sabia que eu não conseguiria resistir à oportunidade de me gabar. — Vinte e três quilos, se você quer saber. Mais perto de vinte e quatro, com o que eu tinha perdido antes de tomar coragem para...

— Quando foi a última vez que você pesou tão pouco?

— Quando eu tinha quinze anos — respondi, baixinho.

— Isso *tem* que *parar*.

— Bem, eu acho que logo...

— Pare *já*. Eu li o site da Grandes Presentes. Faz quatro meses, e era para você ter largado os envelopes depois de três, durante pelo menos uma semana. Você os largou?

— Não consegui fazer com que Edison desse uma pausa. Ele tem medo...

— Até Edison terá que voltar à terra dos que se alimentam, um dia, e terá de aprender a comer porções de tamanho normal e parar. Você disse que ser "perfeita" é mais fácil do que ser pecadora, mas essa é uma versão deturpada de perfeição, Pandora. Perfeito é comer o necessário, não mais, e também *não menos*.

— Para você é fácil falar. Nem todos têm o seu metabolismo.

Oliver era uma dessas raridades que comiam quanto queriam, mas cujas dimensões alongadas não tinham mudado de forma perceptível desde os seus dezoito anos. A única coisa que esse equilíbrio lhe custava era não ser compreendido por mais ninguém.

— A sua concentração está um horror — disse ele. — Quando tentei lhe explicar o problema dos mecanismos de retração, percebi que você não estava absorvendo nada. Duvido que pudesse recapitular o que lhe falei, nem mesmo se a sua vida dependesse disso.

Declinando a aceitação desse testezinho, apertei mais o casaco em volta do corpo. Foi um gesto defensivo, embora eu também estivesse com frio.

— Essa é outra coisa. — Ele apontou para a jaqueta acolchoada que, de modo geral, eu não estaria usando mais com o advento da primavera. — Tenho certeza de que você não percebe, mas aqui dentro está fazendo *calor*. Está superaquecido, exatamente como a Baby Monotonous. Você aumentou o termostato. Está fazendo trinta graus lá fora, e os seus empregados estão indo trabalhar de manga curta.

— Grande coisa, eu sinto frio.

— Você está parecendo miúda em todos os sentidos. Tímida, além de macérrima. O seu cabelo está ralo e seco. O caimento da sua roupa dá a impressão de que ela está pendurada num cabide. O seu rosto parece cinco anos mais velho. A pele está cinzenta, você está da cor da calçada. E está fraca. Só para subir os poucos degraus desta lanchonete, teve de se segurar no corrimão e se puxar.

O modo como Oliver me descreveu não combinava nem um pouco com a minha experiência do meu novo corpo, animado e leve como uma pluma. Eu tinha a sensação de que a qualquer momento poderia voar. Ele não estava

sendo justo e queria tirar algo de mim. Roubar uma coisa que não tinha preço, e que era particular e minha.

Ele levantou as mãos.

— Você sempre foi tão equilibrada! Agora virou uma doida! É esse negócio de passar fome. Você já não está raciocinando direito. E, *por não estar* raciocinando direito, *não sabe* que não está raciocinando direito. No começo, você me disse que é claro, é claro que teria de voltar a comer de verdade muito antes do seu irmão. Agora, esqueceu tudo isso. Ainda há pouco, disse ter descoberto que comer é "desnecessário", e pode ser que tenha falado em tom de brincadeira, mas não é brincadeira. Você acredita nisso.

— Eu estava planejando suspender os envelopes quando Edison e eu tivéssemos de comer alimentos sólidos, ao completar três meses. — Tentei soar moderada e segura, embora, no passado, estas tivessem sido qualidades que eu nunca precisara fingir. — Mas, quando ele se recusou... a oportunidade natural se perdeu.

— Quando você perde a saída para New Holland na interestadual, você faz o retorno na saída seguinte; não continua dirigindo até a Califórnia. Você se transformou, sei lá, numa viciada. Está até com cara de dopada.

— O viciado é Edison — apressei-me a objetar. — Eu não faço esse tipo.

— Tudo bem, pois então, prove. — Ele segurou nossa garçonete, que estava passando. — Moça! A minha amiga gostaria de... uma sopa. Sopa de tomate.

— Não! — exclamei, em pânico. — Eu não posso!

— Traga a sopa — Oliver me contradisse com rispidez, numa agressividade que não tinha nada a ver com ele. Era um homem discreto, simpático e inteligente, com quem eu gostava de trocar ideias porque sempre concordava comigo. — E não pode *por quê*?

— Não estou pronta — enrolei.

— Você está mais do que pronta. Já passou completamente dos limites.

Resisti vivamente a essa descrição. Era Edison que tinha a "personalidade propensa ao vício". Edison é que tinha aqueles problemas. Eu era simples como arroz branco. A minha própria insipidez me vacinava contra ficar perturbada demais ou fazer alguma idiotice. Eu não tinha talento para desenvolver um distúrbio alimentar.

A sopa chegou. A garçonete olhou para cada um de nós e, não querendo se envolver, colocou-a no centro da mesa. Oliver a empurrou para mim. O cheiro me deixou zonza. Eu estava acostumada a me extasiar com aromas, porém não com aquela proximidade do contrabando, que desencadeou uma ansiedade tão grande que disparou meu coração. Baixei os olhos. Era uma sopa rosada de lata, provavelmente cheia de açúcar. Apetitosa e repulsiva, ao mesmo tempo. Empurrei os croutons para os lados com a colher, como se mandasse navios para o porto. O simples fato de me sentar diante daquele lixo parecia uma perfídia.

— Sabia que eu não como mais nem nos meus sonhos? — comentei, tímida. — Vivo sonhando com comida, mas ela é sempre tirada de mim, ou eu a olho comprimindo os lábios. Na verdade, tenho um pesadelo recorrente, no qual estou sentada a uma mesa e ponho um pedaço de alguma coisa na boca e começo a mastigar. No sonho, eu simplesmente esqueci, me distraí, baixei a guarda. Mas sempre me repreendo antes de engolir e cuspo a garfada.

— O que você está descrevendo é mentalmente doentio. Agora, pegue uma colherada de sopa.

Cruzei os braços.

— Depois de termos falado tanto disso, fico surpresa que você não perceba a profundidade do compromisso que há entre mim e Edison. Comer pelas costas dele seria traição. Da pior espécie.

— Destruir a sua saúde é trair a si mesma. Por enquanto, Edison não precisa saber.

— Mas... não houve nenhuma cerimônia! — protestei.

É que eu passara meses imaginando aquele momento. Sabia que existiam regras sobre como sair de uma dieta líquida; regras às quais, como era do conhecimento de Oliver, essa sopa se submetia. Mas, dentro desses limites, havia imaginado uma variedade de pratos suntuosos com que eu finalmente romperia meu jejum, como uma *vichyssoise*, com uma pitada de hortelã e algumas gotas de limão. Um dedinho de vinho branco borbulhante, servido numa taça elegante, comprada para a ocasião. Eu nem ao menos *gostava* de sopa de tomate em lata.

— Não estamos na igreja — disse Oliver. — Desde que nos sentamos aqui, você está oscilando para a frente e para trás, como se fosse desmaiar. O que está fazendo é perigoso, em termos de saúde. Se não tomar essa sopa toda, juro que vou arrastá-la para o hospital.

Enchi a colher com um pouco do creme, levantei-a até o nível dos olhos e a encarei como se fosse cicuta. Os pesadelos acudiram à minha lembrança, aqueles que com frequência me faziam acordar suando frio, por medo de engolir até mesmo um fantasma de *comida sólida*. Essa simples colherada me apavorava. E talvez tenha sido isso que resolveu a questão.

Apavorei-me por ficar apavorada.

Terminei a sopa.

* * *

Ao voltar aos Portais de Praga naquela noite, fiquei batendo papo quando tudo o que queria de verdade era correr para o banheiro e escovar os dentes. Tive medo de que Edison ouvisse o barulho da escovação, e não era comum que eu fosse lavar o rosto e as mãos antes da nossa Golfada noturna. Assim, tomei meu copo na cozinha, na esperança de que o sabor de malte mascarasse a sopa. Como não pudera resistir aos croutons, saborosamente meio encharcados e meio crocantes, que flutuavam nas bordas do prato, eu havia cruzado oficialmente o limite e me embebido de comida sólida.

Não me senti apenas uma traidora. Senti-me exilada, expulsa do Éden, de um jardim imaculado para sempre, no qual Eva fica para sempre sem a difamação por ter comido a maçã, porque ela não come nada. Desde o primeiro livro da Bíblia, o alimento correlaciona-se com o diabo, e eu me senti contaminada. Rebaixada à condição de mais uma idiota que tem que decidir se come ou não um segundo biscoito, deixei de ser especial, justo eu que havia repreendido Edison por sua dependência de sentir-se eleito. Eu havia destruído um histórico impecável e, se um dia quisesse superar de novo meu melhor desempenho pessoal na fome, seria obrigada a recomeçar pelo Dia Um — a reviver aquelas primeiras vinte e quatro horas torturantes e terríveis de escolher móveis, quando tudo o que eu queria de verdade era comprar um sanduíche.

Desolada, dei uma desculpa para não jogar palavras cruzadas e fui me deitar cedo, alegando cansaço, embora, na verdade, estivesse lutando contra a náusea. Assim que me deitei, examinei aquela sensação que eu não tivera durante tanto tempo que, a princípio, não reconheci. Eu não estava prestes a vomitar. Estava com fome.

* * *

O que mais me lembro sobre voltar aos alimentos sólidos é a decepção. Eu havia erigido as refeições propriamente ditas numa bênção tamanha que, quando recomecei a comer, achei a comida banal de maneira desconcertante. Ora, eu havia comido durante a vida inteira e sabia como era. Ansiava por isso como quem anseia por se apaixonar ou ter o primeiro filho. Mas peito de frango era peito de frango. Não demorava muito para despachar, e não fazia diferença se vinha acompanhado de um molhinho pesto ou de um molho tailandês de curry. Nenhuma refeição, por mais cuidadosamente preparada que fosse, resolveria o que fazermos com a vida, antes ou depois de comer.

De modo ainda mais chocante, essa experiência sem graça estendia-se à magreza, que eu tinha elevado à condição de renascimento e transformação que todos os evangélicos de Iowa promoviam através das preces. Ah, quando a minha disposição voltou, adorei a leveza, a possibilidade de dar uma corrida até o carro antes que estourasse o tempo do parquímetro, sem perder o fôlego. E no começo, é claro, foi empolgante ver os grumos que tinham se grudado em mim feito sanguessugas perderem aos poucos sua força e derreterem, desaparecendo na caverna de onde haviam brotado. Mas, durante os anos em que fora engordando, eu tinha me treinado a fechar os olhos para essas expansões e só quando perdi a gordura foi que realmente a notei pela primeira vez.

Após uns dois meses de Golfada, eu havia tomado coragem para instalar um espelho de corpo inteiro no meu quarto e, desde que voltara para 59 kg, tinha parado de olhar na direção oposta ao passar por ele. Quando pude suportar o confronto com a imagem, olhei para aquele espelho de cima a baixo, nua, com uma frequência constrangedora. E assim, uma noite, antes

de me deitar, quando fazia um ou dois dias que eu voltara a ingerir alimentos, fechei a porta do quarto para avaliar meu organismo.

Foi um alívio não sentir mais vergonha, e é provável que esta tenha sido a emoção mais intensa que o meu novo corpo provocou em mim: uma não emoção. Mas eu estava com quarenta e poucos anos e, gorda ou magra, isso transparecia. Agora que tinha ido longe demais com a dieta, gostei da "margem de segurança" que tinha invejado nas fotografias da época da Breadbasket — mas essa "margem de segurança" se traduzia em seios pequenos e caídos, com estrias franzidas cercando os mamilos. Quando eu respirava fundo, havia uma extrusão de trilhas paralelas de costelas no peito, mas, em matéria de conquistas, essa não fazia grande coisa por mim. Em termos estéticos, eu reconhecia os méritos de ossos da bacia que davam a impressão de que uma concha de sorvete fora retirada de cada um, mas a pele extra que emurchecia na parte inferior dos meus braços e na parte interna das coxas estava longe de ser atraente. Embora eu fosse uma criatura razoavelmente simétrica, nunca seria um pedaço de mau caminho, pois não tinha sido assim nem mesmo naqueles poucos anos privilegiados em que as mulheres fazem os homens virar a cabeça para olhá-las. O único aspecto da minha circunferência reduzida que eu de fato achava agradável era a simples sensação de que, em termos físicos, eu era eu mesma. Alguns meses antes, parte do meu corpo parecera pertencer a outra pessoa. Mas até essa satisfação era tênue. Portanto, o corpo esguio juntava-se ao sucesso na carreira em seu "e daí?". Haveria alguma coisa na vida que realmente compensasse?

Na esteira desta revelação, temi por Edison. O anticlímax da perda de 24 kg era desconcertante; o da perda de 101 poderia revelar-se destrutivo para o espírito. Isto porque, depois que superei minha própria meta, o que me afetou foi a multiplicidade de outros problemas que ser um pouquinho mais magra nem chegava perto de resolver. Por telefone, houvera momentos em que Fletcher e eu parecemos tão distantes que não éramos nem mesmo antagônicos. Era estranho sentir falta da hostilidade dele, mas, sem isso, estávamos perdendo aquela tensão crucial por cuja falta eu tinha parado de sair com Oliver. A poucos meses da formatura, Tanner passara a matar aulas sem parar e, se não fosse aprovado, teria de fazer aulas de recuperação no verão ou repetir o semestre no ano seguinte. Eu estava ficando ativamente

entediada com minha empresa, mas, se fosse à falência ou a vendesse, não tinha ideia do que faria depois. E Edison... Bem, meu irmão nunca fazia referência a sua vida quando o projeto de emagrecimento chegasse ao fim. Qual seria o cataclismo se todas as bolas que ele deixara no ar em Nova York desabassem depois que ele atingisse sua meta e descobrisse que estar 101 kg mais magro na verdade não resolvia nada?

* * *

Desconfiado e, por isso mesmo, insistindo em supervisionar pessoalmente a minha reabilitação, Oliver passou na Monotonous em todos os finais de expediente da semana seguinte. Edison achou isso tão curioso que me pressionou para saber se Oliver e eu estávamos tendo um caso. Assustei-me com a acidez que temperou sua acusação. Se ele estivesse sendo protetor em relação ao Fletcher, tudo bem, mas eu não me deixava enganar. Fletcher tinha sido implacável quando meu irmão fora nosso hóspede e, nos meses seguintes, Edison tinha feito muitas piadas vingativas sobre "Feltch". Em tese, a ideia de eu chifrar o seu cunhado fazia Edison ganhar o dia.

Menti e disse que vinha consultando Oliver sobre como poderíamos refazer o projeto do mecanismo que usava pen drives, o que permitiria que os clientes substituíssem as gravações que tivessem ficado cansativas por novos conjuntos de frases (o que não era má ideia, aliás). No entanto, era cômico o que eu estava escondendo: não um romance fumegante e ilícito, mas uma refeição fumegante e ilícita.

Oliver e eu retornamos à mesma lanchonete em todos os fins de tarde. Eu tivera um episódio explosivo de diarreia, mas, afora isso, voltei a consumir alimentos sólidos sem outros incidentes. Levava uma escova de dentes comigo e corria para o toalete para escová-los, antes de voltar para o local que, confusamente, tinha começado a parecer minha casa. Lá, eu dividia um shake proteico com Edison, o que servia de disfarce e proporcionava uma nutrição adicional que me faria bem.

Apenas alguns dias antes, eu havia ansiado muito por aquela gororoba! Mas agora, virava o rosto para o outro lado ao engolir a minha, por medo de que Edison me visse ter ânsias de vômito. Antes apaixonada pelos sabores dos

chás de ervas, estoquei num armário as infusões antes dispostas na bancada, só para não ter que pôr os olhos naquelas caixas repugnantes. É claro que a aversão repentina àqueles símbolos de autotortura era racional: levado muito adiante, aquele exercício punitivo poderia ter me matado. Mas a comida de verdade também me perturbava, independentemente do fato de eu a estar escondendo do meu irmão. Depois de subsistir com quatro míseros envelopes todos os dias, eu não tinha mais uma convicção profunda, como notou Oliver, de que precisasse de sustento sólido para viver. Mesmo que eu aceitasse de forma resoluta essa premissa, a comida tinha se tornado arbitrária e assustadora. Minha primeira reação, ao me sentar para uma refeição qualquer, era uma sensação de pânico.

E eu não estava sozinha nessa histeria. Podia-se ver o mesmo frenesi em toda a internet: diatribes contra o açúcar, boas dicas sobre o uso de minúsculos pratos ou copos para água, perfis de celebridades que afirmam fazer "oitenta refeições por dia", mapas listando o índice glicêmico do nabo e das batatas. Podia-se vê-lo na demanda crescente de caixões extragrandes, verdadeiras montanhas-russas reforçadas com suportes de aço, e de elevadores redesenhados para transportar o dobro da carga. Podia-se vê-lo no crescimento das vendas de confecções para "avantajados" no varejo, ou na volta do espartilho. Podia-se vê-lo no mercado de extensores de cintos de segurança de aeronaves, assentos sanitários "Big John", cadeiras para banho com capacidade para 360 kg, e "LuvSeats" para *casais de peso* manterem relações sexuais. Podia-se vê-lo em sites populares da internet, como o BigPeopleDating.com, bem como na prestigiosa denominação das calças jeans manequim zero e na profusão de colegas de turma da Cody que tinham sido hospitalizadas por inanição ou crises de vômito. Era impossível deixarmos de nos perguntar que bem terreno poderiam fazer o microprocessador, o telescópio espacial ou o acelerador de partículas, quando havíamos perdido a mais animalesca das habilidades. Para que nos darmos o trabalho de descobrir o bóson de Higgs, ou de resolver a economia dos carros movidos a hidrogênio? Já não sabíamos comer.

* * *

No domingo que iniciou a segunda semana de meus banquetes furtivos, eu estava com remorso por deixar meu irmão sozinho. No jantar com Oliver, comi às pressas um frango à *cacciatore* picante, com toda a negligência que em dezembro havia jurado evitar, a propósito do salmão, e corri para o toalete. Não consegui encontrar minha escova de dentes e não tinha tempo de passar numa farmácia; eu havia prometido ao Edison que voltaria a tempo de assistirmos ao seriado *Mad Men*, no qual, nem que fosse para aborrecer Travis, tínhamos ficado viciados. Assim, usei um palito para tirar o pimentão verde dos dentes, bochechei com água e torci pelo melhor.

Nos Portais de Praga, preparei nossos shakes, desviando o rosto para evitar o cheiro. Edison me observou da banqueta do piano, com uma imobilidade irritante, que provocou em mim surtos de hiperatividade: ligar a televisão, embora ainda faltassem dez minutos para o início do programa, afofar as almofadas, repassar o que aconteceu no episódio anterior, embora ambos nos lembrássemos bem dele. Quando faltavam cinco minutos, eu estava buscando nossas Golfadas quando Edison veio direto até mim, com a precisão de um míssil de interceptação. Inclinando-se para fungar, anunciou:

— Chouriço.

— Você está sonhando!

Ele foi até nossa lata do lixo e levantou a tampa.

— O que está procurando?

— Uma caixa de pizza. Ou coisa parecida.

Eu não fora tão descuidada assim.

— Saquinhos de chá e embalagens de Senokot. Como sempre.

— Foi isso que me deu a dica, cara — disse Edison, cutucando meu peito. — Você está com desarranjo.

— Não estou!

— Este apartamento não é tão grande assim, benzinho. Eu *escuto* você. E *ninguém* tem caganeira com esta dieta. — Avultando diante de mim, repreendeu-me com aquela decepção parental cortante: — Ursa Panda, como você pôde?

— Como eu pude o quê?

— Depois de todo o nosso sacrifício! — disse ele, gesticulando e andando de um lado para outro. — Diga, valeu a pena? Por uma porcaria de pedaço

de linguiça?

Acabara a brincadeira. Baixei a cabeça e comecei a chorar.

— Desculpe!

— Você é um BEBÊ ingrato e egoísta — gritou Edison — e uma ASQUEROSA completa!

— A ideia não foi minha! Oliver me obrigou!

Mas meu irmão não conseguiu continuar e desatou a rir — uma enorme e sonora gargalhada que fazia séculos que eu não ouvia.

— Você engoliu mesmo a isca, com linha, anzol e todo o resto! Só estou zoando você, garota. Você não tem que explicar. Olhe, você está um arraso. Magra e bonita de verdade. É claro que não pode continuar vivendo com 580 calorias por dia. Você ia morrer, cara! Mas por que ficou se escondendo por aí? Caramba, era tão óbvio, eu só estava esperando você abrir o jogo.

— Eu abandonei você — retruquei.

Eu não conseguia parar de chorar.

Edison estava ficando mais forte. Quando me abraçou, finalmente me levantou. Colocou-me no chão com delicadeza e bagunçou meu cabelo.

— Olhe, eu curti o seu companheirismo. Mas está na hora de você deixar o barco. Só não coma em segredo, está bem? Puxa, seria melhor que o Food Channel. Pelo menos eu ficaria olhando.

Enxuguei os olhos.

— Isso soa um bocado obsceno.

— Eu não acabei. Ainda falta perder 54 kg. Então, a minha proposta é a seguinte: eu cozinho para você. Faço o seu café da manhã e embrulho o seu almoço e, toda noite, preparo um jantar de arrasar.

— Você suportaria isso?

— Eu *adoraria* isso, cara. Poder comprar os ingredientes e picar, mexer, cheirar, e juro por deus que não roubo. Você estava começando a ficar meio pálida, parceira. Agora, ligue aí. — Jogou-me o controle remoto. — Já perdemos cinco minutos, e sei que você tem tesão pelo Don Draper.

E assim, a partir daí Edison passou a cozinhar. Cozinhou horrores. Convidamos Cody, convidamos Oliver e, uma noite, finalmente convencemos Tanner a jantar conosco, ocasião em que Edison o presenteou com histórias da sua fuga para a Costa Leste aos 17 anos — e percebi que a

longa batalha do meu irmão para cair nas graças do sobrinho oficial começava a lograr êxito, pois, pela primeira vez em anos, meu enteado ficou palpavelmente impressionado: "Não *brinca*!", exclamava, ou "Você saiu só com *vinte pratas*?". As refeições eram leves e nutritivas, e em momento algum flagrei o cozinheiro pondo um pedacinho na boca, quando pensava que não tinha ninguém olhando. Ora, tal como o meu pretendente bem-sucedido de outros tempos, agora, para não pingar água no chão, ele sacudia instintivamente as mãos molhadas na pia, antes de pegar o pano de prato. Edison sentia enorme prazer em seu novo papel de mestre-cuca da casa, e não era só pelo voyeurismo calórico. Depois de se privar durante tantos meses, estava explodindo de necessidade de satisfazer *alguém*. Seria o exercício aeróbico? Sua circunferência diminuiu, mas o coração ficou maior.

Capítulo Sete

Dessa vez eu não tinha sido convidada para ir à Java Joint. Fora intimada.

Chegamos ao mesmo tempo. Após tirar o casaco, parei por um instante antes de me sentar, na minha versão de um giro exibicionista. Nas seis semanas decorridas desde a última vez que Fletcher e eu tínhamos nos visto, eu havia perdido mais 5,4 kg, antes de estabilizar meu peso. Era a primeira vez que meu marido via o produto final. E mais, o meu gosto para roupas ficara mais ousado, pelo menos para mim: calça jeans preta, justa, blusa azul-turquesa decotada. O fato de meu novo contorno no espelho ter se revelado uma tremenda decepção pessoal tornava ainda mais importante essa única recompensa — a admiração do meu marido.

Quando ele me deu uma rápida olhada de cima a baixo, captei em seus olhos uma expressão que eu não via fazia séculos. No entanto, meu visual tanto o excitou quanto o aborreceu.

— Vejo que você está de roupa nova.

— As antigas não servem mais.

— Você está...

Esperei. Eu merecia isto. Era minha recompensa.

— Está parecendo meio frágil.

— *Obrigada*.

Nem consegui acreditar que ele pudesse ser tão mesquinho. Era óbvio que queria ser o magro. O sarado. A pessoa perfeita, que precisava de uma desleixada falível a seu lado para efeito de contraste.

Fletcher se absteve de outras críticas, mas os elogios que eu tinha previsto não vieram.

— Deixe para lá, por enquanto. Temos de falar sobre Tanner.

— Tudo bem. Pode começar.

Eu detestava soar tão concisa, mas ele me magoara.

— Ele largou a escola.

— Isso é ridículo. Faltam dois meses para ele se formar.

— Foi de propósito. Ele se acha *excepcional*. Do seu ponto de vista, está saindo na hora exata, imediatamente antes de se tornar um velho e simples formando do ensino médio, como todos os outros.

— Este país está repleto de desistentes.

— Eu disse isso. Mas ele também quer me irritar e, nesse aspecto, a manobra está saindo de acordo com os planos.

— O que querem pedir? — perguntou a garçonete.

Fletcher havia aprendido a não pedir muffins.

— Chá verde descafeinado, sem açúcar — disse ele, e acrescentei: — São dois.

Empate.

— Tem mais — prosseguiu Fletcher. — Há dois dias, quando eu estava no porão trabalhando numa encomenda urgente, ele fez as malas e foi embora. Sem deixar bilhete. O computador dele sumiu, assim como todas as camisetas favoritas. Ele largou até o celular, para que eu não pudesse entrar em contato nem rastreá-lo. Nenhum dos amigos teve notícias dele. Fiquei tão desesperado que cheguei a ligar para *Cleo*. Nenhuma informação, a não ser por eu ter ficado sabendo que ela renovou seus votos de fé, acredite ou não.

— Era previsível. Mais um vício. E para onde você acha que ele foi?

— Para onde mais? Para a *Califórnia*. Igualzinho àquele idiota presunçoso do seu pai. Tanner levou pau em história norte-americana, e em todo o resto. A única história que absorveu foi a da *sua* família. Antes de ir embora, ele começou inclusive a se identificar como "Tanner Appaloosa". *Feuerbach*, ao que fui informado, "não é comercial".

— Ele tem algum dinheiro?

— Deve ter raspado o pouco que tinha na poupança. E a minha carteira.

— Sinto muito — declarei.

Mas não me sentia próxima o bastante dessa história. "Sentia muito" como quem consolasse um vizinho ou um funcionário.

— Há mais coisas em jogo do que o diploma dele. Quero um filho que trabalhe. Que não fique à toa por aí, à espera de uma herança ou de alguma dádiva divina. Que compreenda que a vida não é apenas algo que recebemos, mas algo que construímos. Mas as crianças hoje em dia ouvem na escola que são os anjinhos de Deus, que são maravilhosas, pelo simples fato de existirem, e engolem essa lorota. E assim, partem para o mundo esperando que todos se curvem a elas. Isso é perigoso, Pandora. Essa história de "Sou o Sr. Maravilha" as deixa estúpidas e as transforma em presas.

Fletcher estava começando a ficar com a voz embargada, mas também havia fúria nela, e era dirigida a mim.

— Estamos em completo acordo quanto ao nosso filho, e não entendo por que você continua a agir como se estivéssemos tendo uma briga.

— Ele não tirou isso apenas do Facebook, ou de *Keeping Up with the Kardashians*, ou dos professores. É você, você e o seu irmão. Vocês dois zombam do Travis, mas isso é só uma oportunidade para lembrarem a todos: nosso pai foi astro de televisão. É essa a herança que Tanner está esperando, e isso é pior que esperar por dinheiro. Se bem que, depois de ver aquelas capas de revista com a sua empresa, ele acha que cedo ou tarde você vai enchê-lo de grana.

— Nunca balancei pote de ouro algum no fim do arco-íris dele. Também nunca enalteci o fato de ter sido criada como "Appaloosa". Por acaso não sou conhecida por Halfdanarson? Na verdade, fiz de tudo para explicar a essas crianças que qualquer fama que eu tenha mendigado ou conquistado não foi nada de especial, não serviu nem mesmo como tranquilizante.

— Elas não acreditam em você.

Entendi o que ele queria dizer. É impossível convencer pessoas impotentes e obscuras — como as crianças — de que é melhor elas serem impotentes e obscuras. Soa suspeito, como a classe dominante procurando garantir seus privilégios. Durante anos, Travis tentara nos convencer de que não gostaríamos daqueles abacates "pegajosos", porque queria ficar com todas as frutas maduras.

— Não estou entendendo como você espera que eu o ajude nisso — observei.

— Quero que os meus filhos tenham *solidez*. — Atipicamente, Fletcher não estava interessado em aspectos práticos. — Não quero que pensem que existem atalhos fáceis. Quero o tipo de filhos que ninguém mais tem. Filhos que se esforçam, que fazem a sua parte, que não esperam que alguém lhes dê um empurrãozinho ou uma esmola. E agora, o seu irmão encheu os ouvidos deles com toda essa bosta. Sobre honrar o "talento", e sobre como ele correu o mundo sem se deixar estorvar por uma coisa tão frágil quanto um diploma escolar, muito menos um diploma universitário. De onde você acha que Tanner tirou a ideia de abandonar os estudos? A porra do gordo do seu irmão também largou a escola aos dezessete anos.

— Neste momento, Edison é um modelo melhor para os nossos filhos do que qualquer um de nós. Não está pegando nenhum "atalho". Não optou por uma redução do estômago nem pela lipoaspiração. Vem pulando uma refeição após outra, há meses, e isso é exatamente o tipo de trabalho árduo e de humildade que você está enaltecendo.

— Isso é exagero. Fazer uma coisa de uma estupidez incrível, como engordar dezenas de quilos, e depois desfazê-la. Isso está longe de ser um modelo de comportamento construtivo. É como carregar uma pilha de tijolos para um lado do quintal e, depois, levá-la de volta.

— Goste você ou não, Cody está embasbacada.

— Cody está resfriada e não tem mãe para cuidar dela. Uma mãe que eu pensava ter arranjado para ela, há sete anos, mas parece que não. Em vez disso, parece que tudo o que instalei na nossa casa, por algum tempo, foi a *irmã* de um parasita.

Terminei o chá. Aquilo era inútil. Já havíamos rodado continuamente por esse círculo: você nos traiu, sua verdadeira lealdade deveria ser para com a sua família, por que o seu irmão é tão importante?, só estou fazendo isso por um curto período e vou voltar, mas Edison precisa de mim. Para que fazer novos sulcos num disco quebrado?

Assim, prometi avisá-lo se Tanner entrasse em contato e assinalei que, sem que ele nos desse uma notícia, não havia nada que pudéssemos fazer. Esse encontro não trouxera nada palpável, mas Fletcher não havia me procurado em busca de uma pista sobre o paradeiro do nosso filho rebelde. Ele me

arrastara para aquela cafeteria para ter alguém a quem culpar. E, em certo nível, eu não tinha certeza de que estivesse errado.

* * *

— Quando se tem dezessete anos, isso não se chama "fugir" — disse Edison, lavando a alface. — Chama-se "sair de casa". É o que os tiras também lhe diriam. Tan não é uma pessoa desaparecida. É alguém que se mandou. Com um pai daqueles, é de admirar que não tenha caído fora há anos.

— Ele é um jovem imaturo de dezessete anos, e Fletcher tem razão. Assim que ficar sem dinheiro, aquele garoto será uma presa fácil para um pervertido.

— Ele vai se dar conta rápido. Aposto uma grana que não demora muito para que uma raposa um pouquinho mais velha o ponha sob a sua proteção e banque tudo.

— Mas ele não tem a menor compreensão de como é difícil...

— *Não cabe a você* — Edison cutucou meu peito com um dedo molhado — ficar *previamente decepcionada* com ele, sacou? Você e Feltch vivem falando sem parar de como "o mundo" é grande e terrível. Bem, pode ser. Mas, nesse caso, cabe ao mundo ser grande e terrível, não a vocês. Ficam repetindo para o menino que ele não vai conseguir, que não tem a menor chance. Que tem de ser "realista". Acham que o estão protegendo. Mas vocês o insultam. Acredite no que eu digo, é assim que Tanner vê as coisas: vocês estão com o pé no pescoço dele.

— É para protegê-lo, para garantir que ele ao menos conclua o ensino médio.

— Para quê? Em termos do Tanner? Além disso, você pode ser toda maternal com o cara, e talvez ache que está pensando nos interesses dele, mas Feltch, cara... Feltch só quer que aqueles dois façam o que ele manda. Ele é um cê-dê-efe autoritário e inflexível, e nunca entendi o que você tinha visto naquele sujeito.

Fiquei menos alarmada com a caracterização feita pelo Edison do que com sua última escolha do tempo verbal.

— Fletcher Feuerbach é franco, leal, diligente e, quer você queira ou não, é um homem bom.

— Bom! Já está na hora de você perceber que Tanner e Cody não são os únicos que o cara quer controlar.

— Ele não me controlou. Não queria que eu me mudasse para morar com você, e eu me mudei.

— Ele facilitou as coisas? Deu *apoio*? A um projeto que você mesma me avisou que seria a coisa mais difícil da nossa vida?

Não me dei o trabalho de responder.

— Pois então está bem. — Edison baixou o cutelo numa perna de galinha. — Caso encerrado.

* * *

— Eeee-di-SON! — chamou Cody, oferecendo-lhe a mão espalmada no ar para que ele batesse nela.

Fazia meses que não o chamava mais de "tio", preferindo a ênfase cantarolada com que as multidões impacientes exigem a presença dos astros de rock. Encostou sua bicicleta antes desprezada nas nossas, no corredor, por ter se tornado evidente que, depois que Edison e eu também começamos a pedalar, o pai dela não havia se apoderado dessa forma eficiente de transporte. Cody estava meio abatida, e reconheci os sintomas taciturnos e letárgicos como um mal de que eu havia sofrido na mesma idade.

— Se alguém perguntar — começou ela, largando a mochila na abertura entre a cozinha e a sala —, não estive aqui. Eu disse ao papai que ia fazer um trabalho com a Hazel e almoçar com a família dela.

— Você não deve mentir — observei.

— Mamãe, não vale a pena. O papai fica todo ofendido quando sabe que venho aqui. Diz que aqui é "o clube". Fica todo calado, andando todo duro, aos arrancos... — Então ela fez uma demonstração que era uma mistura de Charlie Chaplin com o monstro de Frankenstein, e nós rimos.

— Você pode convidá-lo para vir aqui também — falei.

— O único jeito de o papai vir aos Portais de Praga é com um galão de gasolina e um fósforo. Tipo assim, corra para as saídas, cara. — O recente

pendor da filha para o uso de *cara* e da gíria jazzística e para chamar casa de *berço* devia estar levando Fletcher à loucura. — E, agora que Tanner foi embora, ficou pior. O papai me faz me sentir uma traidora. E detesto deixá-lo sozinho. Com aquele arroz integral gosmento e uns brócolis tão malcozidos que é como mastigar uma árvore. É superdeprimente.

— Ei, a culpa não é sua se o sujeito não sabe cozinhar — disse Edison, cortando a ponta de dez vagens de uma vez só. Íamos comer filé de bacalhau com uma caponata de berinjela, azeite e alcaparras, uma das especialidades do meu irmão. Eu não tinha ideia de como ele fazia aquilo sem provar nada.

Cody desabou numa poltrona reclinável.

— Nem tenho palavras para falar do alívio que é arriar numa cadeira que não seja uma espécie de *obra de arte*. Os móveis do papai não são, tipo, totalmente desconfortáveis nem nada, mas, assim que a gente se senta num treco daqueles, ele começa a olhar todo desconfiado, para ter certeza de que a gente não vai colocar um copo molhado no braço nem arranhar a madeira com os sapatos. Então, só de sentar lá eu tenho ataques de angústia. Metade das vezes, não aguento e fico sentada no chão, sacou?

— Nem me fale — concordou Edison, tirando do forno uma berinjela assada inteira.

— Ele finalmente consertou a Bumerangue, sabe? — falou Cody.

— Uma salva de palmas para a supercola — disse Edison.

— Não exatamente — retrucou ela. — Mas nem sei por que ele se deu o trabalho. Acho que a cadeira escureceu com os anos, e por isso a madeira nova não é da mesma cor. Ele fica passando a mão no cachaço do espaldar e franzindo a testa, ou mexendo em alguma junçãozinha em que as peças não se encaixam de jeito nenhum.

— Você sabe que o seu pai é perfeccionista — observei, pondo a mesa.

O que me fizera mais falta nos tempos da Golfada não tinha sido a comida, mas o evento da alimentação, todas essas atividades circundantes, como guardar mantimentos em armários e dobrar guardanapos. Agora, eu adorava pôr a mesa.

— Imagino que isso seja um elogio — disse Cody —, mas o que há de tão genial em ser perfeccionista? A pessoa nunca está feliz. Tem um trabalho danado, e aí só faz se irritar com aquilo que fez.

Desde que começara a ter aulas regulares com Edison, Cody tinha ficado mais blasé, parecendo mais durona, porém não havia mudado tanto assim e se conteve:

— Enfim, o mais importante é que a Bumerangue está legal, certo, Edison? Ela está de volta. Você não estragou tudo. Ou, quer dizer, quem a estragou... não estragou.

Era uma oportunidade perfeita para Edison admitir sua responsabilidade de uma vez por todas, mas Cody não era a única que não tinha mudado tanto assim.

— Nas ocasiões em que você disse ao seu pai que vinha aqui, o que você falou sobre este lugar? — perguntei.

Ela desviou os olhos.

— Não sei. Acho que eu digo que é deprimente.

— E foi exatamente assim que descreveu como é estar em casa.

— Bem, eu não acho que *seja* deprimente. Aqui, quero dizer. Você sabe que é bem legal para mim. Os meus improvisos estão melhorando, e nós jogamos Fictionary quando Oliver vem...

— Você conta ao seu pai quando Oliver vem aqui?

— Hum... — disse ela, desanimada. — Em geral, não, acho que não.

— E conta ao seu pai que nós jogamos Boggle e Banco Imobiliário e que fazemos caminhadas? Que distribuímos os papéis, lemos peças de Tennessee Williams em voz alta e treinamos nossos sotaques sulistas de roceiros? Ou que construímos aquele boneco de neve enorme em fevereiro, aquele realmente gigantesco, que fizemos parecido com Edison antes de ele começar a dieta, usando umas roupas velhas dele que não servem mais? Foi muito divertido.

— Até mesmo em Iowa pensei que fôssemos ficar sem neve! — gritou Edison da cozinha.

— É claro que não! — respondeu Cody, impaciente. — Eu digo a ele que só fazemos ficar sentados, vendo televisão. É isso que ele quer ouvir, então é isso que vai ouvir, entende?

— Sim, entendo — retruquei. — Mas você não deveria ter que disfarçar que se diverte aqui e não deve achar que também tem que nos dizer que o seu pai está péssimo. Não é justo com você.

— Quem falou em justiça? Só estou tentando me virar. Que maluquice, parece aquele seriado idiota em que o vovô trabalhou. Aquelas crianças nunca diziam a verdade a nenhum dos pais. O que é, tipo assim, uma grande surpresa, aliás, já que os filhos não contam a verdade aos pais nem quando eles estão juntos.

— Fletcher e eu *estamos* juntos — corrigi, em tom ríspido.

— É, claro.

Ao nos sentarmos para comer, narrei um dos primeiros episódios daquele "seriado idiota", no qual Caleb, Maple e Teensy entram em conluio para retratar ao pai a vida desoladora da mãe, e para a mãe a vida desoladora do pai, quando, na verdade, os pais divorciados vinham levando uma rotina esplêndida. Movidos pela piedade mútua, os dois se encontram e trocam ideias sobre sua situação, mas só depois de uma conversa cômica, na qual ambos se equivocam por completo quanto ao estado de espírito um do outro.

Edison serviu a mesa, usando um avental de chef cujo cinto agora dava a volta inteira na cintura e era amarrado na frente com um nó — uma proeza realizada apenas na semana anterior. O peixe veio decorado com raminhos de alecrim, e nosso cuscuz de trigo integral veio pontilhado de avelãs tostadas e fatias finas de damasco seco.

— E você? Está com saudade do seu irmão? — perguntei a Cody.

Era o que ninguém havia me perguntado, no passado.

— Estou — disse ela, com ar cauteloso.

— E... vocês têm se falado?

Ela tentou se safar com um dar de ombros.

— A garota não vai dedurar o próprio irmão — falou Edison, sentando-se com a sua Golfada e um canudo; chocolate maltado, constatei.

— Não estou pedindo que dedure. Seria reconfortante saber se Tanner está bem.

— Tenho um palpite de que ele vai bem — comentou Cody.

— Quando Edison fugiu para Nova York, na mesma idade, fui muito pressionada para dizer ao papai aonde ele tinha ido.

— Embora Travis não quisesse me achar por *preocupação* — interpôs Edison. — Queria confirmar que eu tinha caído de cara numa poça. Feltch

não é diferente, aliás.

— E você disse? — Cody me perguntou.

Pensei em contar uma mentira. Se Cody desse com a língua nos dentes, minha localização do esconderijo do Tanner me faria ganhar uns pontinhos relutantes com Fletcher.

— Falei que não fazia ideia de onde ele estava, que ele não me dissera nada antes de ir embora, e também não entrara em contato comigo.

— Não faço ideia de onde Tanner está — insistiu Cody —, ele não me disse nada e também não entrou em contato comigo.

— Opa, está aí o tipo de maninha que eu curto! — exclamou Edison.

— É, somos todas iguais — retruquei. — Nós lhes damos cobertura, mentimos por vocês, aguentamos as críticas por vocês. Limpamos a sua sujeira e amolecemos nossos pais para vocês. Nunca deixamos de oferecer nossa adoração eterna, quer vocês a mereçam, quer não, nem de longe conseguimos levar a nossa vida tão a sério quanto a de vocês. Catamos as migalhas da sua mesa, nas raras ocasiões em que vocês notam que estamos vivas.

Edison apontou para o nosso jantar.

— Ei, mas até que as migalhas não são nada más!

Minha caracterização foi do seu agrado.

O telefone fixo tocou. Atendi.

— Panda-mônio! O seu irmão ainda está longe dos salgadinhos?

— Faz cinco meses que ele não olha para um pacote de salgadinhos. Não se pode nem chamá-lo de cheinho. Ele está com uma aparência ótima, bem-humorado e fazendo exercícios todos os dias. Pratica piano sem parar e recuperou toda a sua técnica.

Eu também não havia mudado. Continuava a ser a sócia fundadora do Fundo de Defesa de Edison Appaloosa.

— Ora, que maravilha! — disse Travis, radiante de alegria, como sempre, ao ter boas notícias do único filho varão. — Mas me responda uma coisa: um professorzinho de química de ensino médio, patético, dominado pela mulher e todo tomado pelo câncer, de repente vira um tremendo traficante de drogas. Que plausibilidade tem uma premissa *dessas*? Esse palhaço do "Walter

White" é um infeliz tímido e medroso, e não dá para engolir. Aquela merda não terá uma segunda temporada.

Eu não tinha a menor ideia do que ele estava falando.

— A que devemos a honra desta ligação? Se você pegasse o telefone toda vez que se enfurece com a programação da TV, teríamos notícias suas todos os dias.

— Tropecei num dos seus pertences, que você deixou se *extraviar* — respondeu Travis, exagerando a encenação. — Parece um descuido. Eu lhe ensinei a guardar os seus brinquedos.

Com Edison na sala, fui mais corajosa com meu pai.

— Isso é uma forma bem ruinzinha de você se referir ao seu próprio neto.

— Neto *adotivo* — retrucou ele.

Na minha família, todos só se serviam desse adjetivo distanciador quando era do seu interesse.

— Então ele está na sua casa?

— O garoto se pôs à mercê da minha hospitalidade, e eu não ia jogá-lo na rua, não é? Se bem que devo dizer que, para uma criança abandonada e sem teto, isso é que é garoto metido a besta. Não sei qual é o tipo de educação chique que vocês têm por aí, mas ele com certeza se acha o máximo. É um tremendo *Por favor, o senhor pode me dar mais um pouco?*.

— Aposto que, na idade dele, você também repetia a comida. Ele está bem?

— Ainda está com os dedos das mãos e dos pés. O garoto quer fazer um estágio, aprender os truques da mídia. O problema é que os mentores com créditos na escala dos meus podem cobrar preços do tipo o céu é o limite, e o meu novo hóspede espera um desconto familiar.

Percebi a jogada: quando Tanner havia aparecido na porta de Travis — um rapaz bonito, convenientemente informado *a priori* sobre a história dos Appaloosa —, meu pai ficara envaidecido, razão por que tinha guardado segredo sobre o paradeiro do jovem durante a semana anterior. Como por um milagre, Deus enfim legara a esse ícone subvalorizado da televisão inovadora um fã adequado de carne e osso. Infelizmente, como esse novo acólito residente era um adolescente do sexo masculino, isso significava que ele não fazia compras, não arrumava suas coisas, não se oferecia para pagar a

conta da comida nem lavava a própria roupa — se bem que, sendo meio manipulador e não podendo usufruir de outra hospedagem grátis na Califórnia, sem dúvida Tanner estaria jogando uma boa dose de conversa obsequiosa no avô, de modo a compensar o aluguel.

Falar com meu pai costumava me levar à catatonia, mas, fugindo à regra, consegui reagir com uma resposta rápida:

— Nesse caso, faça-o trabalhar pelo prato que come. Você sempre quis escrever aquele livro de memórias. Ponha-o para separar os seus papéis. Faça-o reunir toda a sua correspondência antiga dos fãs, porque eu *sei* que você não jogou nada fora. Deixe-o organizar os roteiros, já que ele diz que quer escrevê-los. Tanner poderia melhorar o seu site, também.

— Talvez você esteja dando uma boa ideia... — A perspectiva de extrair qualquer inspiração da sua filha do meio, insossa e medíocre, era absurda. — Mas, mesmo que eu instigue o garoto a atacar aquelas caixas no porão, minhas despesas estão subindo. Até agora, os únicos beneficiários da chegada do seu enteado foram a Taco Bell e a In-N-Out Burger. Bem, estou leiloando uma coleção preciosa de acessórios no eBay, *memorabilia* de primeira do *GC*, mas, até o momento, os colecionadores estão puxando os valores para baixo de uma forma escandalosa. — (Depreendi que ele não tinha vendido nada.) — Diabo, se a economia anda tão fraca que objetos de valor inestimável, como as partituras do Caleb Field, não estão sendo arrematados por uma grana alta, eu ficaria preocupado com aquela sua firma de bonecos de corda...

— Eu mando um cheque — interrompi —, em troca de um favor: ponha meu filho ao telefone.

Como se o longo silêncio que se seguiu não bastasse, o "E aí" macambúzio do Tanner eliminou qualquer ambiguidade: ele fora obrigado a falar comigo.

— Escute — comecei —, quero que se empenhe de verdade por aí. O vovô pode estar meio fora do circuito, mas entende um bocado dos bastidores da televisão. Pode lhe ensinar muita coisa. Portanto, não perca tempo dormindo até tarde e batendo perna pelas ruas para ver se consegue cruzar com Tom Hanks. Se você está pensando a sério nessa carreira, aja com seriedade. Aprenda os macetes. Conheça os contatos dele. Faça o que o vovô lhe pedir para fazer, está bem? Ele precisa de um pesquisador de primeira

para o seu livro de memórias, o que implicará a colocação dos arquivos dele em ordem, talvez entrevistas com os produtores e outros atores sobre as lembranças que eles têm de *Guarda compartilhada*. Pense nisso como um estágio. E os estagiários dão duro de verdade, por longas horas, sem qualquer remuneração. Você é pago em experiência. Está entendendo?

— Hum... estou, é claro. — Ele parecia zonzo. — Tipo, era isso mesmo que eu tinha em mente, você está pensando o quê?... Mas e o papai?

— O primeiro impulso dele será pular na caminhonete para arrastar você de volta para New Holland. Farei o que puder para mantê-lo longe daí. Afinal, você simplesmente iria embora de novo, não é?

— Pode crer.

Esta frase foi dita com convicção.

— Nós amamos você; compreendemos que a vida é sua para fazer dela o que quiser; e ambos queremos que você seja feliz. Também queremos que tenha sucesso no que escolher fazer, ainda que agora lhe pareça difícil acreditar nisso. Fico aliviada principalmente por você estar em segurança. Lembre-se de que sempre pode ligar para cá se tiver qualquer pergunta, ou se apenas sentir vontade de pôr a conversa em dia. Se concluir que a Califórnia não é lugar para você, não há nenhuma vergonha em vir para casa. Mas você não vai fazer isso, vai?

— Não mesmo.

— Assim é que se fala. Então, dê um abraço no seu avô por mim e trate de trabalhar.

Quando voltei para o meu peixe frio, Edison e Cody tinham os olhos cravados em mim, incrédulos.

— Você não tentou convencê-lo a voltar — observou Cody.

— Não — confirmei.

— Não criou caso com ele por causa da superimportância de ele terminar a escola — disse ela. — Não houve nada daquela história de "você está entrando na classe dos escravos", como disse Oliver.

— Não — retruquei, em tom animado —, embora fosse óbvio que era isso que ele estava esperando. — Pus um pouco da caponata em cima de um pedaço de bacalhau. — Ah, Edison, escute essa: Travis pôs as partituras do Caleb Field no eBay.

— Partituras que aquela fraude filha da puta do Sinclair Vanpelt nem ao menos sabia ler — disse Edison.

— O que me mata é isso. Depois que você foi para Nova York, Travis transformou o seu antigo quarto num home theater, lembra?

— E para que ele queria um home theater? — perguntou Edison a Cody.

Ela não titubeou.

— Para assistir a reprises de *Guarda compartilhada*.

— À primeira da turma — brindou Edison.

— Ele pôs todas as *suas* coisas no lixo — continuei. — Incluindo as partituras... de uma pessoa *real*, que era o *filho* dele e que realmente *sabia* tocar piano. A música de um filho falso, com um falso talento, essa ele guardou por trinta anos. Caramba, Edison, não admira que a sua cabeça seja ferrada.

— *Au contraire*, benzinho: nestas circunstâncias, sou bem-ajustado pra cacete.

Peguei uma avelã do cuscuz.

— Pelo menos você ficou livre do aperto, Cody. O vovô *dedurou*. Todas as relações entre as gerações são intrinsecamente traiçoeiras.

Ela pensou sobre o que falei.

— Mas será que isso significa que também não posso confiar em você?

— Exato.

— Então, por que você não atormentou Tan para ele voltar para casa? — intrigou-se meu irmão. — Pensei que o garoto fosse "um jovem imaturo de dezessete anos". Não está pronto para o horário nobre.

— Foi você quem me alertou a não ficar "previamente decepcionada" com os meus filhos. E, depois, pense bem: se Tanner começar a vasculhar aquele porão, vai exumar roteiros que já na época deixavam muito a desejar, e que, em retrospectiva, são um horror. Qualquer correspondência dos antigos fãs será de garotas de onze anos e escrita a lápis. E ele fatalmente tropeçará nos restos de uma dúzia de iniciativas fracassadas de negócios que vieram depois do programa, como aquele protótipo imbecil de uma casa de brinquedo que deveria recriar o bangalô ecológico do Emory Field, e que Travis nunca arranjou ninguém para comercializar. E há também os vídeos e DVDs de todos aqueles comerciais pavorosos exibidos na madrugada no Nick at Nite:

espanadores eletromagnéticos de 9,99 dólares, "tampas de pressão" para latas de alumínio e "pegadores da vovó" para quem está velho demais e gordo demais para puxar as próprias meias para cima, com dois pegadores para prateleiras altas incluídos como brinde, *mas só se você pedir agora*! Enquanto isso, ele terá de ouvir Travis esbravejar o tempo todo sobre quanto odeia William Shatner. Isso é que é o máximo da história cautelar! Sem querer ofender seu irmão, Cody, mas Tanner e Travis se merecem.

Capítulo Oito

Eu estava ressabiada com a possibilidade de outra briga na Java Joint e, por isso, para uma reunião conjugal no começo de junho, sugeri um passeio de bicicleta. Assim, Fletcher poderia dar aqueles palpites condescendentes sobre consertos de bicicletas, mesmo que a visão dele pisando sem firmeza com os pés para dentro, por causa das sapatilhas de ciclista, não fosse lá muito sensual. Fui logo pedindo desculpas por ser lenta, na esperança de afastar qualquer sugestão de competição.

Sendo assim, o que foi que deu em mim? Será que eu era mesmo tão burra?

Foi o eterno dilema entre a cruz e a espada, suponho. A chuva tinha sido implacável durante toda a primavera, e eu detestava a ideia de deixar meu irmão sozinho no que prometia ser, pela primeira vez em semanas, um domingo ensolarado e ameno. Protetor em relação ao nosso esconderijo e meio desamparado quando ficava fora do seu meio jazzístico, ele nunca levara ninguém para casa; sua dieta era antissocial. Além disso, ele também estava se aproximando do seu sexto "mesversário" de Golfada, o que certamente era tempo demais para se viver todos os dias com quatro envelopes de pó. Entre os exercícios e o não ter mais que arrastar o próprio peso morto feito um cadáver, ele havia parecido robusto no início da primavera, mas essa força renovada tinha diminuído. Edison andava com falta de ar. Ao piano, suas mãos haviam desenvolvido um tremor. Sua concentração era tão precária que, no trabalho, às vezes ele costurava bainhas com o lado direito do tecido virado para fora. Quando pedalávamos para a Baby Monotonous, eu tinha de ir freando a bicicleta para não disparar na frente. Com isso, talvez eu tivesse a esperança de demonstrar que qualquer prosseguimento daquela dieta debilitante, totalmente líquida, estava fora de

cogitação. Ah, e não há dúvida de que também fui influenciada pela costumeira diretriz de Maple Fields, aquela primordial diretriz sentimentaloide de filha do meio: por que nós todos não podemos nos entender?

Em suma, agindo de forma idiota, perguntei ao Edison se ele também queria ir ao passeio de bicicleta. Ele agarrou a oportunidade sem pestanejar, lubrificando nossas correntes, enchendo os pneus e correndo ao Hy-Vee para comprar alimentos para um piquenique. Se eu tivesse avisado antes a Fletcher que levaria meu irmão a reboque, seria provável que meu marido dissesse não e, nesse caso, eu teria que *des*convidar Edison, o que seria um resultado pior do que nunca tê-lo chamado, para início de conversa... Pelo menos, simplesmente aparecer com "você sabe quem" seria um fato consumado.

Naquela manhã, Edison estava pesando 103,7 kg, apenas 100 g menos que na véspera. Já tinha experiência suficiente com a irregularidade do progresso para lidar com essas pequenas decepções temporárias. Dessa vez, porém, ele estourou:

— Porra, cara! Não estou curtindo isso, cara, nem um pouquinho!

Apontei para a foto da família no meu aniversário, presa com fita adesiva ao lado da balança, para fornecer uma imagem da linha de base dele.

— A diferença é assombrosa. Pare de se preocupar com essa porcariazinha do dia a dia.

Ao se aprontar, Edison trocou de roupa três vezes. Por fim, apareceu com uma bermuda cheia de bolsos, camisa de raiom de manga curta e tênis Nike de um branco ofuscante, tudo isso arrematado por uns óculos escuros chamativos. Eu o via diariamente usando um quimono esmolambado, roubado anos antes de um hotel em Tóquio, de modo que não era para mim que ele estava se arrumando.

— Você só vai andar de bicicleta, não está indo se casar — comentei. — Arrume os cestos, senão vamos nos atrasar.

E não deu outra: quando chegamos, Fletcher estava encostado na cerca.

Ele não via Edison Appaloosa desde a nossa despedida conturbada na Alameda Solomon, quando partíramos animadamente para a nossa missão improvável como quem planejasse conquistar o Polo Sul de blusão e chapéu de palha. Eu tinha fornecido atualizações regulares ao meu marido sobre o

emagrecimento do meu irmão, mas os números são abstratos e, provavelmente, ele achava que eu estava exagerando. Com pouco mais de 103 kg, Edison era um sujeito substancial, mas, nas cafeterias, ninguém mais saía correndo para ir buscar uma cadeira extragrande. Em termos norte-americanos modernos, ele era bonito — o que, de repente, me pareceu lamentável.

Edison estendeu a mão por cima do guidom.

— E aí, quanto tempo.

Fletcher apertou-lhe a mão com displicência.

— Quer dizer que somos um trio, é?

— Está fazendo um dia lindo — falei. — Achei que o ar puro faria bem a todos nós.

Fletcher me deu uma olhadela.

— Quantos quilômetros você tem em mente?

— Não sei... uns trinta?

— Eu faço trinta em menos de uma hora. Pensei que você quisesse aproveitar o dia todo.

— Não estamos no seu nível — ponderei. — Uns quarenta, cinquenta, então? Perto do retorno, podemos parar para almoçar. Edison preparou um piquenique para a gente.

— Ótimo — rosnou Fletcher. — E então, prontos? Alguém precisa fazer xixi?

Ele já foi saindo enquanto eu bebia um gole d'água, quando o alcancei, eu estava bufando. Embora meu ritmo fosse certamente mais lento que a velocidade solo dele, tive de me esforçar muito para ficar à distância de uma pedrada do seu pneu traseiro. Esse esforço, que levava à hiperventilação, contrastou com a perambulagem caprichosa que eu havia imaginado: pedalar ociosamente lado a lado, os três trocando histórias. Faríamos pausas para observar os patos, jogar pedrinhas, pegar um pouco de sol... Mas Fletcher estava fazendo uma *corrida* e, quando fazia uma *corrida*, ele não parava.

Seu estreito pneu traseiro afastou-se um pouco mais. Quando gritei "Ei! Espere aí!", duvido que ele tenha me escutado. Foi nessa hora que dei uma olhada para trás por cima do ombro e não vi Edison em parte alguma. Dei

meia-volta. Encontrei-o com a bicicleta encostada numa árvore, uns cinco quilômetros atrás, fumando.

Ele estreitou os olhos para a trilha.

— E onde está Feltch?

— Em algum lugar além do arco-íris.

— O que ele tem que provar, além de ser um pentelho? Isso eu já sabia.

— Ah, talvez ele esperasse se fosse só eu. Mas com outro cara... Ele tem que se exibir. Você ainda está a fim de fazer isso?

— Claro. Desde que você se disponha a pegar leve.

— Prometo — retruquei. — Eu *pego leve*.

Subimos de volta nas bicicletas e fomos avançando lado a lado.

— Sentei com a calculadora um dia desses — comecei, guiando sem pressa pela faixa branca do meio — e fiz uns cálculos sobre aquela sua contagem mensal do emagrecimento. Também sei que você a decorou: "dezenove, quinze, doze, nove, sete."

— Sete *e quatrocentos*.

— Mas este mês, você mal vai chegar a 6,3 kg. A diminuição só pode ser explicada por você estar queimando menos energia, porque está mais leve. O seu metabolismo vai ficando mais lento, quase se arrastando. Em tese, você queima 33 calorias por cada quilo de peso. Mas só dá para obter esses resultados reduzindo esse número para 31, 29, 26... No momento, você se estabilizou em torno de 22.

— O corpo acha que está morrendo de fome.

— Ele calculou que 580 calorias em envelopinhos são tudo o que vai conseguir. Teremos que dar uma sacudida no organismo. Portanto, vá se preparando para retornar aos alimentos sólidos.

— As Golfadas podem não estar funcionando tão bem quanto antes, mas ainda funcionam, menina.

— Não é seguro — retruquei, em tom gentil.

Isso era a mera preparação do terreno para o confronto que viria depois, e usávamos um tom agradável. Passamos a outros assuntos, como o fato de Edison estar convencido de que Oliver era "totalmente vidrado" em mim — uma convicção da qual ele gostava — e como a minha admissão de que, se o meu melhor amigo acabasse se casando, eu sentiria um ciúme indecente. Ou

como Edison retratou Tanner subindo do porão do Travis de um jeito meio parecido com o daquele garoto de *Sweeny Todd*, emergindo das entranhas da fábrica de tortas da Sra. Lovett, com o cabelo embranquecido pelo pavor. Achei graça. Aquele era o passeio pela margem do rio que eu havia esperado, sociável e sem compromisso, com a pequena exceção do pessoal envolvido.

— Se voltarmos a encontrar Fletcher — recomendei —, não fale sobre o filho pródigo. Eu posso achar que Travis é a melhor vacina possível contra uma vida de sonhos californianos, mas, na opinião de Fletcher, Tanner foi abduzido por alienígenas. Eu o dissuadi de sequestrá-lo de volta, mas é um assunto delicado.

A trilha afastou-se do rio, e não é verdade que Iowa é totalmente plano. Na subida de uma ladeira desgraçada, desmontamos e fomos andando. O que não deve ter nos feito parecer intrépidos aos olhos do Fletcher, que descrevia círculos estreitos no topo.

— Eu ia perguntar por que demorou tanto — disse ele —, mas agora ficou óbvio.

— Não estamos com pressa — retruquei, descontraída. — Você acha que consegue desengatar desses pedais? Este lugar é bonito, e um descanso me faria bem.

Fletcher girou rapidamente um dos pés e desmontou. Nada de abraço nem beijinho no rosto. Ele não tocara em mim o dia inteiro.

— E então, qual foi a quilometragem, cara? — Os olhos do Edison faiscaram. — Você deve ter feito pelo menos sessenta.

— O meu hodômetro diz vinte e sete — respondeu Fletcher com desdém.

Edison sabia perfeitamente que não havíamos percorrido mais de sessenta quilômetros.

Estendi uma manta embaixo de uma árvore enquanto Edison fumava. O cigarro deve ter provocado repulsa em Fletcher, mas ele não podia censurar o conteúdo dos nossos recipientes de plástico: camarão com molho de iogurte de baixo teor calórico, limão e cebolinhas. Tomates-cereja com hortelã e apenas umas gotas de azeite, que Edison havia assado no forno em fogo brando. Salada de algas marinhas com *hijiki* e sementes de gergelim. Para a sobremesa, mirtilos da estação, abarrotados de antioxidantes. Nossa mesa farta aderia ao pé da letra ao catecismo dietético do próprio Fletcher, que, em

resposta, arrancou dentadas raivosas do damasco seco. Edison esbravejava sobre o fato de Fletcher ser um tirano, mas, às vezes, a coisa mais exasperante que se pode fazer com os tiranos é obedecer.

— Não estou com muita fome — disse Fletcher.

— Estou chocado — comentou Edison.

— Bem, eu estou faminta — intervim, prendendo os guardanapos com pratos de papel. — Ah, Edison, agora a Golfada tem um *novo sabor*! Chocolate com cereja, que nem o sorvete Cherry Garcia. — Edison aceitou a garrafa térmica, girando o conteúdo como se fosse um vinho fino. — Espere! Eu me lembrei de trazer o seu copo favorito — anunciei.

Desembrulhei o copo facetado, no estilo dos usados nas máquinas de servir refrigerantes, e o poli com o pano de prato.

— Você trouxe um copo de *vidro* para um passeio de bicicleta — observou Fletcher, participando como espectador.

Edison serviu um pouco do shake e fez um brinde.

— Apresentação, sacou?

Pôs um CD no aparelho de som portátil e Fletcher contraiu o rosto. Já devia fazer meio ano que meu marido não ouvia jazz, mas não parecia ter sentido falta.

— Não me diga — falei, desviando o rosto da capa do CD. — ... Sonny?

— É, mas essa é fácil demais — retrucou Edison. — Quem está na bateria?

Franzi a testa.

— Philly Joe? Não, espere! Max Roach.

— Nada mau, garota. Agora, qual é a melodia que Sonny está usando no refrão?

Para me ajudar, Edison cantarolou as notas do início de cada frase de quatro compassos.

— "Sweet Georgia Brown"!

— Nem dá para acreditar — disse Fletcher.

— *No gal made has got a shade* — cantei junto com a música — *on SWEET Georgia Brown!*

Sinceramente, eu não estava tentando criar caso. Buscava perpetrar ao menos a ilusão de um passeio jovial e despreocupado com duas das minhas pessoas prediletas. Pelo amor de Deus, era um piquenique!

— Por que é que a sua turma nunca toca a melodia? — perguntou Fletcher. — É como se vocês estivessem acima da música.

— A *minha turma*? — indagou Edison. — Nós estamos acima e abaixo da música, cara. É uma dança. Uma corte. Um romance.

— Não, é como se vocês fossem bons demais para a melodia, qualquer melodia. Como se não acreditassem na ideia de melodia. E aí se perguntam por que nenhuma pessoa normal continua escutando a música de vocês. Que espécie de músico não gosta de músicas?

— Por que você não faz cadeiras comuns? — rebateu Edison.

— Você devia explicar a ele — intervim. — Contar que a indústria fonográfica pressionava os músicos de jazz a tocarem o mínimo possível da melodia original, para que as companhias não tivessem que pagar royalties.

Apertando o freio dianteiro, Fletcher não estava escutando.

Eu me sentia geometricamente desconfortável. Edison havia abaixado ao meu lado e se encostado numa árvore. Fletcher continuava de pé, segurando a bicicleta. Pensei em levantar e lhe dar um abraço, mas o gesto pareceria artificial. Mesmo quando se é casada, não se pode, em termos físicos, fazer o que se acha que poderia ajudar num dado momento. Tem que ser algo viável; é preciso encontrar um acesso. E não era viável.

Fletcher lançou um olhar desejoso para a comida, mas havia fixado sua posição — não estava com fome — e, agora, via-se emperrado nela, recusando as provinhas que eu lhe oferecia com o garfo de plástico. Era constrangedor ser a única que estava comendo, mas a minha farsa de um grande apetite fazia parte do teatro. Eu pretendia forçar aquela expedição a ser alegre, nem que isso acabasse comigo.

— Você está tentando me dizer que preparou esta comida toda — disse Fletcher a meu irmão em tom acusatório — sem provar, digamos, nem um mísero tomate-cereja?

— Isso seria violar o nosso juramento de lealdade — falei. — *Juro fidelidade à flacidez…*

— *Das cinturas ridicularizadas da América* — emendou Edison.

— *E à repulsa que ela representa…*

— *Uma nação abaixo do peso* — recitamos juntos —, *praticamente invisível, com infelicidade e empáfia para todos*.

Então Edison e eu tocamos as palmas das mãos.

Fletcher assistiu à encenação com tolerância, mas não abriu um sorriso.

— Quer dizer que em nenhum momento você lambeu o azeite dos dedos.

— Seria tão difícil pôr dedos sujos de azeite na boca quanto enfiá-los numa tomada. — Edison espreguiçou-se. — Quando cozinho, sei dizer se o camarão está pronto pressionando-o. Mas a ideia de comer um deles é revoltante. Todo este barato do jejum tem sido profundo para caralho. Finalmente saquei por que Gandhi parou de comer.

— De gordo a filósofo — comentou Fletcher, apoiando-se no quadro da bicicleta com ar cético. — Por que será que Sócrates e todos aqueles sujeitos tiveram tanto trabalho? Em vez de se angustiarem com o sentido da vida, deviam só ter pulado o almoço.

— Bem, às vezes a pessoa acaba ficando com as ideias meio vagas — falei —, mas, em outras, concentra-se profundamente. Nós lemos dezenas de livros, alguns de uma vez só. Há uma pureza... até um alto...

— Quer dizer — interrompeu Fletcher, impassível — que vocês passaram fome a ponto de ver o rosto de Deus.

— Eu nunca disse nada sobre *Deus* — protestei.

— É só que... claro, talvez seja gratificante perder uns quilinhos — Fletcher não desistia —, mas, quanto a dizer que uma dieta da moda tem alguma coisa a ver com *sabedoria*, não sei, não.

Eu também não pretendia desistir. Não sabia com clareza o que era, mas meu marido parecia impelido a tirar algo de nós — algo duramente conquistado, uma coisa pela qual tínhamos nos sacrificado de verdade, talvez uma simples questão de *mérito*.

— A maioria das religiões de fato associa a revelação ao jejum — afirmei. — Quando Jesus passou quarenta dias no deserto, não levou sanduíche algum.

— *A fome é meu pastor e nada me faltará* — entoou Edison, reclinando-se. — *Faz-me deitar com longos romances. Guia-me mansamente a beber águas tranquilas...*

— *Pular o almoço refrigera a minha alma* — emendei, entrando na brincadeira e agradecendo pelas poucas aulas de catequese a que tínhamos sido arrastados, antes de mamãe desistir. — *Guia-me pelas veredas da retidão, por amor à evitação do diabetes tipo 2.*

— *É, ainda que eu andasse pelo vale da sombra dos Doritos* — prosseguiu Edison —, *não temeria engordar...*

— *Porque tu, minha Golfada, estás comigo. Os meus laxantes e o meu chá de ervas com adoçante artificial me consolam.*

Edison franziu o cenho.

— Não tem uma merda sobre uma mesa...?

— *Preparas uma mesa diante de mim* — lembrei.

— *Que é minha inimiga!*

— *Unges os meus dedos com azeite, mas não os lamberei* — falei. — *O meu cálice transborda com pó de proteína sabor chocolate com cereja e com enzimas essenciais.*

— *Decerto a bondade e a misericórdia me seguirão por todos os dias da minha vida* — recitamos juntos —, *e habitarei na casa do...*

— Da fome?

— Da privação?

Foi uma solução engraçadinha, mas, em retrospectiva, eu gostaria de ter proposto outra ideia.

— Dos Portais de Praga! — gritei, vitoriosa.

— *E habitarei na casa dos Portais de Praga* — recomeçamos, em uníssono — *para sempre!*

Rolamos de rir sobre a manta estendida no chão. Distraída por estar me divertindo mesmo, e não apenas fingindo, demorei muito para notar que Fletcher não só não ria conosco, como também estava pálido.

No começo, achei que tivesse ficado irritado por nos havermos apropriado da sua gozação contra nós, por termos roubado sua piada, na verdade. Mas era pior do que isso, mais gramaticalmente profundo. Não era a piada, era o *nós*. E era o *nós* errado.

— Você quer ficar no seu clubinho *para sempre*? — indagou meu marido, passando uma perna por cima da bicicleta e prendendo o pé com força no pedal. — Pois então fique.

Nessa hora, quando me levantei de um salto, não houve nada de artificial.

— Ora, vamos, não estávamos falando sério! — Tentei pôr a mão no ombro dele. — O *Senhor*, os *Portais* de Praga, foi só porque soava bem!

— É, é evidente que soa bem para vocês. Tenho certeza de que serão muito felizes juntos.

— Não seja ridículo, querido, só estávamos de palhaçada! Vivemos fazendo isso!

No entanto, não importava o que eu pensasse em dizer, era sempre *nós* isto e *nós* aquilo, e meu marido não estava incluso nesse pronome.

— Eu a avisei desde o começo sobre esse projeto sem pé nem cabeça. — Com as mãos firmes no guidom, Fletcher empregou aquela enunciação hipercontrolada e serena que me enregelava o sangue. — Você larga marido e família por seis meses... um *ano*, foi para isso que me preparou, depois de fazer as suas contas. Bem, isso tem consequências. Eu lhe disse: os sentimentos mudam. Não pelo que alguém decide sentir. É pela causa e efeito. Como um martelo numa sanca. Lembra?

— Sim, eu lembro — respondi, começando a entrar em pânico.

Aquilo estava indo depressa demais. Era só um passeio de bicicleta, um piquenique, e depois eu poderia pedir desculpas por ter levado Edison, o que talvez não tivesse sido uma ideia brilhante. Poderíamos discutir todo aquele assunto, e eu poderia explicar que, dado o papel de pacificadora com que eu não só tinha nascido, mas que fora duplamente gravado em mim por Maple Fields, eu vivia tentando de modo compulsivo convencer meu marido e meu único irmão a darem uma trégua...

— Você se sente próxima de mim? — perguntou Fletcher à queima-roupa.

Se ele tivesse indagado se eu o amava, eu teria dito "é claro" no mesmo instante, razão por que, provavelmente, ele não decidiu questionar isso.

— Porque, com certeza, não age como se o sentisse — completou ele.

Minha hesitação tinha sido resposta suficiente.

— É óbvio que como não temos passado muito tempo juntos...

— Você optou por não passar seu tempo comigo. Optou por passar um ano, um ano inteiro, com o seu irmão em vez de comigo. Sabe, quando se está na casa dos quarenta, e estamos falando de anos de qualidade, ainda com saúde, ainda com energia, entende? *Não há tantos anos assim*.

— Não falta tanto tempo assim, e você está vendo, olhe para Edison, veja como a aparência dele melhorou. Está funcionando...

— Se eu desaparecesse por um ano inteiro, estaria no olho da rua para sempre.

— Isso dependeria da razão de você ter desaparecido.

— Conversa. Desaparecer é desaparecer. Você deixou muito claro quem é mais importante para você. Em geral — deu uma olhada no Edison —, não gosto de lavar roupa suja diante de plateias. Isto é particular, é um assunto nosso. Mas acho que você já não tem mais nenhuma compreensão do que seja um "assunto nosso". Portanto, posso muito bem dizer essas coisas na frente de vocês dois, nem que seja para você não voltar correndo e contar tudo o que falei, quase palavra por palavra, mas ligeiramente errado, de modo a me tornar um pouquinho mais ridículo e um pouquinho mais vilão. Acha que não sei como os *irmãos* funcionam? Não sou tão burro assim.

— Por favor, meu bem, nós realmente devíamos discutir isto quando estivermos sozinhos...

— *Eu quero o divórcio*.

Nem mesmo ao proferir seu ultimato, dizendo que Edison teria que sair da nossa casa no dia em que tinha reservado o voo de volta, Fletcher havia usado essa palavra.

— Isso não é justo — murmurei. — Eu só estava tentando...

— Tentando ter tudo. Isso não é possível. Às vezes, é preciso escolher. A pessoa escolhe. Lida com as consequências. Ah, e só para constar: eles são meus filhos e ficam comigo.

— Diga isso a Tanner — gritou Edison da manta estendida no chão, e desejei que por favor não se metesse.

Também desejei que não tivesse acendido outro cigarro, como que para apreciar melhor o espetáculo.

Fletcher se virou.

— Já que tocamos no assunto, Travis me disse que um certo ex-gordo de merda tem falado com meu filho o tempo todo por telefone. Pare com os conselhos *paternos*. Você já encheu a cabeça daquele garoto com besteira suficiente.

— Ele fala conosco porque se recusa a falar com *você*, cara. Então, talvez você deva considerar, tipo assim, por que ele prefere desse jeito.

— Querido, isso é maluquice — falei. — Francamente, acabar com tudo assim, isto é importante demais para ser decidido de uma forma tão impulsiva...

— Eu não chamaria de impulsiva. O dia de hoje só fez confirmar o que eu já sabia. Como eu disse, não sou tão burro.

Fletcher arrancou, acelerando ainda mais na ciclovia — para uma corrida *de verdade*, sem ser estorvado por molengões. Recolhi os recipientes do piquenique em silêncio, porque, de repente, toda a amistosa camaradagem fraterna desapareceu e, quando eu disse ao Edison para desligar a porcaria da música, senti um traço de acrimônia real, de antipatia por toda aquela droga, e por meu irmão também. Tal como acontece com os ativos fiscais, devia existir um valor líquido afetivo, e a conta do Edison havia acabado de mergulhar no vermelho.

Capítulo Nove

A volta arrastada para casa realmente deu a impressão de ter mais de sessenta quilômetros, porque, mais uma vez, tinha começado a chover. Depois de um longo banho quente, deixei minhas roupas encharcadas e enlameadas numa pilha no chão do banheiro. Desembrulhei o que restara do nosso piquenique e joguei fora as sobras com uma desenvoltura rancorosa, sem querer saber se as algas marinhas se conservariam ou não.

Nessa noite e por vários dias sucessivos, fiquei taciturna e rabugenta; Edison me deixou entregue ao meu mau humor. Tinha a expectativa de que eu o superasse, como se um casamento de quase oito anos e a adoção de dois filhos estivessem no mesmo nível das paixonites do início do ensino médio que ele vira implodirem em torrentes de lágrimas, nos tempos em que era um entediado astro das pistas de corrida na escola. Enquanto isso, eu deixava recados telefônicos suplicantes para Fletcher. Mandava e-mails e mensagens de texto implorando atenção, sem conseguir uma única resposta. Foi um inferno me impedir de usar Cody como intermediária.

Edison soltou umas promessas pouco convincentes de que Fletcher e eu ajeitaríamos as coisas, depois que a raiva dele passasse, mas eu conhecia meu marido — um homem de poucos gestos fortes, que, ao arrumar as malas dos filhos e largar Cleo, nunca tinha olhado para trás. Além disso, meu irmão não conseguia reprimir sua animação efervescente com essa guinada no rumo dos acontecimentos e não *queria* ser persuasivo.

Para mim, porém, tudo o que antes fora denso havia aguado, do mesmo jeito que um creme de maisena requentado pode desfazer sua emulsão e desandar. Como acréscimo à minha família, Edison era uma coisa; como minha família inteira, era outra bem diferente. Admito que há uma estabilidade reconfortante nos laços fraternos; salvo um ou outro arranca-

rabo, como o da caixa de pizza em janeiro, Edison e eu íamos tocando a vida com o sobe e desce suave do som dos grilos. Mas eu sentia falta dos crescendos e glissandos mais orquestrais do casamento e nunca havia imaginado envelhecer ao lado do meu irmão. Sabia que existiam casais como esses, com cuja lealdade os outros se deslumbravam, mas, na maioria dos casos, as pessoas sentiam pena dos irmãos adultos que moravam juntos, que haviam se conformado com algo menor e levemente errado. Sem uma conclusão intrínseca da nossa coabitação problemática, o projeto de emagrecimento se arrastava para o horizonte, não mais como algo finito e dotado de um ponto culminante, mas como interminável e um verdadeiro fardo. A chuva incessante fazia com que me sentisse presa numa gigantesca e patética falácia — como se eu estrelasse um denso filme noir.

Havendo-me preparado aos poucos para um confronto a respeito dos alimentos sólidos, perdi a disposição para isso depois daquele passeio fatídico de bicicleta. No aniversário de seis meses desde que Edison prestara o juramento da GPPP — e agora eu me recusava a me referir aos envelopes da empresa como "Golfada", achando amistoso demais o nosso jargão caseiro —, deixei de lado toda a adulação prefacial que vinha preparando fazia semanas e, sem a menor piedade, fui direto ao ponto:

— Chega de dieta líquida — anunciei, ao chegarmos da Monotonous, empresa cujo nome agora me parecia apropriado, pois, de repente, o tédio de fabricar *bonecos* vinha me irritando tão radicalmente quanto o meu parceiro da vida inteira, surgido da noite para o dia. Tínhamos voltado de carro; eu não ia andar de bicicleta naquele tempo horroroso. — Está na hora de comer.

— Não estou nem perto dos 74 kg — protestou Edison, como eu sabia que faria.

— Você já pulou a semana de alimentos de verdade no meio do período. Os folhetos são inequívocos. Seis meses no máximo.

Meu tom era punitivo, como se eu planejasse enfiar-lhe um mingau cinzento e encaroçado goela abaixo, usando um êmbolo.

— Só mais uns dois meses, então — arriscou Edison.

— Nem mais um dia. Você vai começar pela sopa, incluindo um amido macio e digerível, como batata bem cozida, acompanhada de sucos de frutas

e purês de legumes.

Ele se encolheu na poltrona e cruzou os braços.

— Parece ruim pra cacete.

— Não me interessa.

Originalmente, eu havia pensado em lhe preparar a *vichyssoise* fresca e magnífica que tinha imaginado para minha própria quebra do jejum, mas, nesse momento, não estava nem aí para isso e entrei na cozinha para abrir uma lata de creme de galinha enlatado. Não estava nem um pouco interessada em saber se ele ia gostar.

Despejei suco de laranja num copo e bati na tigela de sopa na mesa. Sentia-me sádica. Era uma sensação nova, da qual talvez eu viesse a gostar.

— Agora você vai consumir 810 calorias por dia, durante o próximo mês.

— Isso é maluquice — objetou ele. — Não podemos simplesmente...

— Eu sei. *Mas não vai haver cerimônia nenhuma*. Bem, tenho uma notícia para lhe dar: depois de toda esta preparação, a comida é uma grande chatice. Não toma muito tempo. Não é interessante. Nunca foi interessante. Portanto, tome a porcaria da sua sopa, beba a porcaria do seu suco, e depois ainda teremos que descobrir uma porcaria de um filme que suportemos ver na televisão.

— Eu não quero.

— É uma pena. O simples fato de você ter destruído o meu casamento não quer dizer que eu esteja presa neste apartamento. O trato é o mesmo de sempre: faça o que eu mando, senão caio fora daqui.

— Eu tenho medo — disse ele, baixinho.

— E daí? Se você tinha algum juízo, deve ter sentido medo na primeira vez que tocou piano diante de uma plateia ao vivo. Pode pelo menos enfrentar um creme de galinha.

Edison levantou-se com cautela da poltrona reclinável, espiando a irmã à meia distância, como quem avaliasse um animal de estimação exposto à raiva.

— Ande logo, está esfriando.

Edison acomodou-se à mesa, com a cadeira afastada da tigela.

— Eu já disse, cara, eu não quero. E não *quero* querer.

— *Eu não ligo a mínima*. — Juro que por pouco não bati nele ou lhe atirei a sopa na cara. — Você acha que estes seis meses foram a parte difícil? Pois

pode tirar o cavalinho da chuva. Não comer nada é fácil. Comer alguma coisa, mas não muito, é uma aporrinhação permanente. Você tem razão, ainda não acabou, não chegou ao seu peso-alvo. Mas adivinhe só: não vai acabar nunca. Você pensa que é uma questão de chegar aos 74 kg, e aí vai poder relaxar. Grande surpresa, *maninho*. Você não poderá relaxar nunca. Terá de reaprender a comer. E sabe qual é a má notícia? Depois de ter metido os pés pelas mãos do jeito que fez e de ter transformado a comida numa armadilha pessoal, e em seguida numa fonte gigantesca de angústia, e de passar por toda essa comoção obsessiva dos envelopinhos, bem... Comer nunca mais será a mesma coisa. Sempre o deixará nervoso e jamais será uma grande diversão. Você destruiu isso. Entendeu? Portanto, os *próximos* seis meses serão *ainda piores*.

Pintar a sopa dele como um desafio, em vez de um favor, foi astuto. Edison aproximou a cadeira para mais perto da mesa e se inclinou para cheirar a comida. Amarrou a cara.

— Tem um cheiro horroroso.

— *Coma* — ordenei.

Eu tinha futuro como guarda presidiária.

Ele pegou uma colherada. A sopa ficou ali, congelando. Como Oliver devia ter ficado impaciente comigo naquela primeira vez na nossa lanchonete! Sob o meu olhar severo, Edison provou um gole.

— Pronto — falei, com virulência. — Graças a uns fiapos de galinha e uns ciscos de batata derretida, você perdeu a virgindade. Está de volta à partida. É mortal de novo. Apenas um sujeito comum que tem de perder 30 kg. Nada de especial, chato como uma lavadora de louça.

Edison terminou a colherada e fez um ar infeliz.

— Que tal o sabor?

Foi uma pergunta maldosa.

— Parece... — Ele mergulhou a colher e agitou as mãos. — Tem gosto de não estou nem aí.

— Eu falei — rebati, vitoriosa. — Agora, como a sua irmã vai derramar o resto dela pelo seu nariz com um funil se for preciso, é melhor você terminar o que está aí.

Marchei para a cozinha, a fim de preparar a droga do meu pequeno peito de frango, com a droga do montinho de arrozinho e a droga da saladinha.

— Isto é deprimente, cara. — Foi o comentário que veio da mesa.

— É duro.

Um pouco depois:

— Não foi legal, cara. O que você disse. Sobre destruir tudo.

— É verdade. Você destruiu a comida, provavelmente para sempre. É o que acontece quando o sujeito engorda mais de 100 kg por autocomiseração, sem razão alguma.

— Não. Aquela tirada sobre o seu casamento. Não entendo por que o fato de o Feltch ter lhe dado o cartão vermelho é só culpa minha.

Não pude me controlar.

— É fato: se você não tivesse aparecido feito um caso perdido na minha porta, neste exato minuto eu estaria me sentando para jantar com meu marido e minha enteada, conversando sobre as histórias do dia. Sem o gordão do Edison, nada de divórcio.

— Nunca tive a intenção de separar vocês, tive? E tentei ser legal com o cara. Foi Feltch que ficou procurando briga *comigo*.

— Você conseguiu o que queria. A irmãzinha a seu serviço, buscando os chinelos, sem o estorvo de nenhuma das relações inconvenientes que os *adultos* têm. Agora podemos ser um casal de irmãos que moram juntos, felizes para sempre, do tipo sobre o qual as pessoas cochicham e se perguntam se não estaria acontecendo alguma coisa estranha. Exatamente do jeitinho que eu queria que ficasse a minha vida. Mas que importância tem a minha vida se o maninho mais velho enfim emagreceu um pouco?

Veio-me um fragmento de lembrança de como eu tinha sido terrível com Solstice ao convencê-la, aos quatro anos, depois de uns fios se soltarem no pente, de que o cabelo dela iria cair todinho e que seria melhor ela se acostumar a usar chapéu, quando, na verdade, eu estava com raiva por minha mãe ter morrido, e descontar na parte mais fraca não ia mudar isso.

— Olhe, sinto muito, cara — disse Edison, que tinha começado a chorar. Talvez estivesse fragilizado, após a decepção esmagadora daquela sopa e seu humilhante rebaixamento à condição de pessoa comum fazendo dieta, tudo numa colherada só. Além disso, nunca subestime os efeitos da inanição no

cérebro. Dias antes, ele havia chorado por não conseguir soltar a fita adesiva da embalagem de uma encomenda da Amazon. — Eu não devia ter deixado você fazer isso, cara. Não quando Feltch não achava legal. Devia ter ido para algum lugar, sozinho feito um monge, sei lá, e só tornado a aparecer quando não fosse um puta constrangimento.

Tudo bem, não consegui sustentar a brutalidade, mesmo sabendo, à medida que ela foi escapulindo, que sentiria sua falta. Saí da cozinha arrastando os pés, pus meu prato na mesa e apertei a mão do Edison.

— Não foi realmente culpa sua — declarei, abatida. — Tudo isso foi ideia minha. Fletcher me avisou desde o começo. Não o levei muito a sério. Só o estou culpando porque você está aqui. Os irmãos se tratam feito bosta. Deve estar, sei lá, na Constituição. Como um *direito humano*. E no fim, continuamos a ser irmãos, porque *você* não pode me dizer que quer o divórcio. Estamos presos um ao outro. Isto é o que há de ruim em nós, mas é também o que há de bom. Talvez me ajude ter alguém com quem gritar.

— Pois então berre até não poder mais, porra. — Eu não me dera o trabalho de lhe dar um guardanapo e, por isso, ele assoou o nariz na fralda da camisa. — Se isso fizer você se sentir melhor.

— Mesmo no outro dia. O do passeio de bicicleta. Eu sabia que estávamos sendo muito íntimos. Deixando Fletcher de fora. Sabia que aquilo iria irritá-lo. Mesmo assim, continuei com você. Porque era mais fácil. Agora temos esta relação. É mais difícil eu me aproximar do Fletcher. Eu não devia ter convidado você, para começar. Mas estava inquieta quanto a passar o dia com ele. Achei que estivesse chamando você porque um dia ao ar livre lhe faria bem. Mas é óbvio que o convidei por minha própria causa. Para me sentir segura.

— Eu faço você se sentir segura?

— Faz. — Dei uma mordida na comida insossa e mastiguei. — E Fletcher percebeu. Que eu estava como que me agarrando a você. Foi a última gota, eu acho — concluí, afastando o prato.

— Não sou só eu que tenho que comer, garota.

Ele empurrou meu prato de volta, fechando minha mão no cabo do garfo.

Azeda, espetei uma folha de alface.

— Desculpe pela sopa. Eu poderia ter caprichado mais na sua primeira refeição.

— Não faria a menor diferença. É só que a gente não pode se impedir de fantasiar...

— Tentei descrever essa grande decepção em abril, mas percebi que você não acreditou.

— E então, qual é a moral da história? É tudo uma bosta?

— Nem tudo. A comida é uma bosta. Mas você sabe. Nós, aqui. Às vezes. Nem tudo foi uma bosta completa e absoluta.

— Ponha isso na minha lápide — disse Edison. — *Nem tudo foi uma bosta completa e absoluta*.

— É mais do que a maioria das pessoas pode dizer.

— Mas você se arrepende? — perguntou ele. — Se tivesse que fazer tudo de novo, você me colocaria naquele avião?

Pensei um pouco. Não queria dar uma resposta banal.

— Não — concluí. — Eu faria tudo outra vez, acho. Talvez alguma coisa saísse dos trilhos com Fletcher, mesmo sem os Portais de Praga. Talvez houvesse algum problema mais profundo. Pelo menos... — minha voz falhou um pouco — pelo menos, não estou completamente só.

Ser francamente emotiva com meu irmão sempre fora meio constrangedor. Acho que se espera que os irmãos vejam um ao outro como algo garantido, o que tem uma fama ruim; mas o mundo lá fora é precário, como eu descobrira havia pouco tempo, e é uma alegria e um alívio poder contar com alguém, qualquer pessoa como algo garantido.

* * *

Muitos vizinhos meus achariam isso inexplicável, mas talvez eu não seja a única a relembrar o restante daquele mês com uma saudade meio ambígua. Pessoalmente, estava aflita por uma distração e me senti grata por ser arrancada de mim mesma — para praticar boas ações num panorama mais amplo que a barriga do meu irmão. Não é à toa que essas coisas são chamadas de "desgraças", é claro, e até hoje a reconstrução ainda não foi concluída. Mas me emocionei ao ver como Edison se atirou por inteiro no

esforço comunitário. O irmão que havia chegado nove meses antes teria posto os pés para cima e assistido com alegria ao espetáculo pela televisão.

New Holland situa-se numa área elevada, embora muitos porões tenham se enchido de água. Lamentei que a minha situação de persona non grata significasse minha impossibilidade de dar uma ajuda a Cody e ao Fletcher na transposição do estoque de móveis do porão para o térreo; a serra de mesa era pesada demais para eles carregarem e, pelo que sei, a mais preciosa ferramenta de trabalho do meu marido distante foi destruída. Nos Portais de Praga, estávamos no segundo andar, de modo que não tivemos que nos preocupar com o piano de armário do Edison, o que nos liberou para oferecermos nossos serviços voluntários em Cedar Rapids. No trabalho, depois de protegermos nosso estoque em prateleiras altas, fechei a Monotonous até segunda ordem, para que meus empregados pudessem calçar botas de borracha e prestar auxílio. Foi a pior enchente já registrada em Iowa, numa escala que o estado não esperaria enfrentar mais de uma vez a cada quinhentos anos.

Pela primeira vez, descobri um tipo de trabalho mais cansativo do que o serviço de bufê: fazer barreiras protetoras com sacos de areia. Para esgotar conjuntos diferentes de músculos, mesclei as tarefas — levantar pazadas de areia, passar os sacos de mão em mão na fila e empilhar paletes —, embora tentássemos reservar para as crianças o trabalho de manter os sacos abertos enquanto outra pessoa manejava a pá e a areia, já que famílias inteiras apareceram aos montes. (Cody juntou-se a nós numas duas tardes, mas é claro que isso era um problema e, na maior parte do tempo, ela deu uma mãozinha mais perto de New Holland, com o pai. Sua tarefa primordial era determinar onde estávamos trabalhando, para que Fletcher pudesse atuar em outro local.) Durante cinco dias inteiros, sem interrupção, milhares de voluntários daquela área — e um punhado de sobreviventes do Katrina, que vieram da Louisiana trazendo tachos de frango à moda *cajun* e uma atitude ligeiramente entendida de "já passei por isso" que deu nos nervos de algumas pessoas — empilharam fileiras e mais fileiras de sacos de areia ao longo do rio Cedar e nas entradas dos prédios comerciais do centro da cidade. Dispusemos pilhas em volta da Biblioteca Pública de Cedar Rapids enquanto outro grupo de voluntários arrumava livros em caixas de papelão para levá-

los para o segundo andar, além de fortificar o térreo do Mercy Medical Center, a fim de proteger os geradores no porão do hospital.

Edison e eu demos graças por ter começado cedo a participar do esforço, porque, em pouco tempo, o grande problema foi a resposta excessiva ao pedido de voluntários feito pela KCRG, e o canal de televisão logo teve de solicitar aos bons samaritanos que não se aproximassem. Os residentes que tinham enfrentado toda sorte de dificuldades para prestar ajuda e então ouviram que não eram necessários foram as únicas pessoas que vi mal-humoradas — como se alguém as estivesse tapeando, e desconfio que, de certo modo, estava. É que não há nada como uma catástrofe para despertar um caloroso bom humor nas pessoas, e o espírito de hilaridade animada era contagiante. Lembro-me de haver comentado com Edison: "Sabe, você certamente não teria muita serventia aqui com 175 kg", e ele retrucou: "Ei, seis meses atrás, eu *seria* um dos sacos de areia, garota."

Meu irmão foi um consolo para os trabalhadores que tinham sido remanejados para a Prairie High School e estavam tentando tirar da cabeça todas as posses que haviam perdido em seus bairros evacuados. A maioria havia resgatado fotografias e uma muda de roupas, mas os móveis, eletroeletrônicos e armários inteiros de vestimentas tinham se perdido, e era comum um voluntário robusto e estoico ficar imóvel por um momento, na fila em que eram passados os sacos de areia, dar um suspiro profundo e arriar os ombros: "Ah, não, aquela colcha da minha bisavó." E o pior de tudo era que, como o rio estava avançando para áreas que antes não tinham feito parte da planície aluvial, a maioria desses exilados não tinha seguro contra enchentes.

— É duro — dizia Edison. — Um tempo atrás, eu mesmo perdi tudo o que tinha, exceto umas roupas que não serviam mais e um computador velhíssimo. Ninguém imagina, mas é uma coisa purificadora. Deixa a gente mais leve, cara. Tipo assim, nem dá para acreditar na quantidade de porcarias sem a qual a gente pode viver. Aquilo é um peso em cima da pessoa — e ele levantava outro saco para passar pela fileira, à guisa de recurso audiovisual —, e não é só por fazer a gente ter que arrastá-lo de um lugar para outro. Aquela tralha nos faz ser o tipo de pessoa que tem aquela tralha. E, de repente, a gente pode vir a ser alguém que tem uma tralha totalmente diferente. Ou

não tem merda nenhuma. De repente, a gente pode ser qualquer pessoa. Isso liberta.

Era o tipo de situação que trazia à tona o que havia de melhor no Meio-Oeste e, embora alguns velhotes fizessem piadas autodepreciativas sobre a dor nas costas, nunca ouvi ninguém se queixar de verdade — nem mesmo no início, quando ainda estava chovendo. A despeito do martelar constante que vinha do céu, o verdadeiro problema era ficar encharcado de suor. No entanto, mesmo depois que o sol saiu, o rio Cedar continuou a subir.

Nos dois primeiros dias, Edison havia pesado o peru defumado do almoço ínfimo que preparara para levar, mas, no terceiro dia, acabou a nossa carne para sanduíche e, ao final do nosso turno, um comerciante local agradecido nos levou pizzas. Meu irmão ficou horrorizado.

— Sou sua treinadora, e você acaba de gastar mil e quinhentas calorias na areia. Coma a pizza. É uma ordem — afirmei. Era de massa fina, embora ele em geral preferisse o estilo mais grosso de Nova York, porém mais tarde ele me disse que, ao contrário da pizza proibida de janeiro, esta tinha sido, de verdade, a melhor que ele já havia comido.

O esforço de proteção contra a enchente era uma iniciativa social, de onde talvez fosse previsto que, enquanto comia a pizza, Edison convidasse a sua parceira no enchimento dos sacos — uma mulher mais jovem, que eu ficaria tentada a chamar de "garota" — para "uma xícara de café" no nosso apartamento. Era um trajeto longo para um café, razão por que eu deveria ter percebido o verdadeiro propósito, mas, desde que meu irmão havia engordado, envergonha-me dizer que eu não tinha pensado nele como um ser nem remotamente sexual. Por isso, fiz certo papel de boba, demorando-me na sala com os dois, bem depois de haver esfriado o café que ninguém queria. Esgotada pelo trabalho do dia, eu estava esperando com impaciência que a moça pedisse uma carona para casa, até me dar conta de que, com impaciência consideravelmente maior, eles estavam esperando que *eu* fosse embora. Sem graça, fui me deitar.

Acordei toda dura e com meu primeiro mau humor de verdade desde que tivera início a distração do dever cívico. A garota — Angie, ou algo assim — ainda estava lá, e o fato de ela ter vindo no nosso carro — e de, portanto, ser evidente que ainda estaria lá — não minorou minha irritação. Ela saiu do

quarto do Edison com aquele senso lânguido de direito territorial que o contato físico íntimo concede a perfeitos estranhos, ainda que temporariamente. Esguia e com o cabelo castanho bastante sedoso, mesmo assim não me pareceu muito atraente, e tive a intuição de que "Angie" se oferecera como voluntária em Cedar Rapids, para começo de conversa, apenas para ter o direito de se gabar. Nessa manhã, ficou se enroscando nos ombros do Edison enquanto ele tocava piano e eu fazia café, num horário do dia em que as pessoas de fato querem bebê-lo. Depois de se desmanchar em elogios sobre como meu irmão tocava, desfiou uma série de dicas de dieta de revistas femininas, quando a alimentação do Edison era meu departamento, muito obrigada, e achei um tantinho impróprio que, conhecendo aquela mulher fazia menos de um dia, ele já houvesse aberto ingenuamente o verbo sobre a sua história, como um documentário ambulante da Lifetime. Podia ter sido um pouquinho mais reservado.

À noite, fiquei sem jeito por não ter sido mais amável, se bem que esse brando remorso foi facilitado pelo fato de Edison ter se privado de convidá-la pela segunda vez. Ele estampava um pouco do andar empinado de sua adolescência lasciva, e fiquei contente ao vê-lo.

— Pô, cara — comentou, espreguiçando-se ao lado da balança de cuja grande tolerância já não precisava —, fazia séculos que eu não deixava ninguém me ver pelado. Dá para acreditar? Ela me achou um arraso.

— Você é — retruquei, acanhada. — Tirando certos anos, sempre foi.

Quando olho para trás, considerando quanto aquele encontro aumentou a confiança do meu irmão, vejo que devia tê-lo incentivado a continuar a sair com a garota e não entendo muito bem por que senti tanto alívio, na época, por ele não ter feito isso.

No dia 13 de junho, a Cruz Vermelha e a Guarda Nacional resolveram que tínhamos feito o que era possível e estava na hora de cairmos fora. Nossa dispensa foi devastadora. Não queríamos desistir e, para sermos francos, aquilo vinha sendo uma esplêndida distração. Pelo noticiário local, em casa, Edison e eu vimos o rio atingir seu nível máximo enquanto usufruíamos do luxo de ter eletricidade, ao contrário da maioria dos moradores que fôramos forçados a abandonar. Nas filmagens feitas de helicóptero, os telhados pareciam nenúfares. Mais tarde, calculou-se que a inundação havia coberto

mil e trezentos quarteirões. A ilha no meio do rio, na qual se situava a prefeitura de Cedar Rapids, ficou totalmente submersa, e o teto da biblioteca que tanto havíamos trabalhado para salvar mal se erguia daquele mar cinzento e turvo. As placas de sinalização das ruas elevavam-se alguns centímetros acima da água, como se identificassem vias públicas da Atlântida.

Nenhuma das pessoas envolvidas naquela mobilização gosta de admitir, mas a maioria das nossas barreiras de sacos de areia não teve grande serventia.

* * *

Guardo daquele verão uma lembrança agridoce. Com o passar das semanas e sem nada além um silêncio pétreo emanando da Alameda Solomon, fui compreendendo, numa sucessão de angustiantes doses homeopáticas, que Fletcher falava sério — e o mais doloroso foi nosso aniversário de casamento, em julho, que meu marido se recusou a lembrar até mesmo com uma mensagem de texto. Eu não estava tirando uma licença da minha vida doméstica para orientar o emagrecimento do meu irmão; estava separada e vivia o pavor cotidiano de que um oficial de justiça batesse à minha porta para me entregar os papéis formais do divórcio. Pelo menos Cody continuou a me tratar como sua mãe, fazendo-nos visitas persistentes e indo conosco ao cinema. Embora eu a desestimulasse de acentuar a tristeza de seu pai com a minha ausência — "Já vi esse seriado, meu bem, inclusive as reprises", eu dizia —, ela bancava a intermediária, assim mesmo. Achava-se esperta, mas há um limite para a sutileza de uma menina de quatorze anos.

Comumente, no verão, Iowa realiza o seu potencial — o ar fica bolorento por causa da terra revolvida, o milho cresce a cada dia que passa, elevando-se alto à beira das estradas e trocando de lugar com áreas alternadas de campos de soja, mais azuladas, até a linha do horizonte. Eu associava essa época do ano aos períodos mais felizes da minha infância, quando Edison e eu éramos ritualmente despachados para visitar nossos avós paternos por um mês inteiro. (Iowa em julho ficara gravado na minha memória de forma tão indelével, que minha primeira experiência de um inverno nesse estado foi um choque. Antes de me mudar para cá, eu imaginava o Meio-Oeste sempre quente, farto e verde.) As lembranças que meu irmão tinha dessas

temporadas não eram tão bucólicas quanto as minhas; ele se ressentia de que o fizessem trabalhar nas férias e, ao ficar mais velho, passou a permanecer em Los Angeles, para frequentar boates de jazz e praticar piano. Mas eu adorava ajudar meus avós na fazenda. Comprazendo-me com o trabalho físico desde cedo, era para mim uma alegria alimentar seus poucos porcos, limpar o celeiro e colher vagens sob o sol causticante.

Mas aquele verão desafiou o estereótipo dos tempos felizes da estação, e a zona rural arrasada espelhou a sensação obscura que todo dia me causava um peso no estômago. As áreas desoladoras da nossa devastada lavoura local de milho eram lembretes zombeteiros de que também a minha vida era agora um fracasso: eu já não era uma mulher que, após um longo e solitário período como jovem adulta, havia enfim encontrado um homem confiável e serenamente passional, com dois filhos animados e já prontos — uma mulher que enfim tinha vida própria —, e sim uma divorciada na expectativa, entrando na meia-idade com o irmão mais velho como ajudante. As fileiras de talos mortos, que cobriam feito restolho aqueles campos negros e escorregadios, pintavam uma paisagem de promessas atrofiadas, de esperanças destroçadas. Para onde quer que olhasse, eu via uma destruição sem sentido, uma harmonia doméstica devastada, meios-fios com pilhas de sofás cheios de manchas e freezers inundados, e os lixeiros da região sobrecarregados com símbolos por demais tangíveis de perda, resignação e tristeza. Naquele junho e julho, as paisagens à beira de estradas e ruas — o próprio macadame, muitas vezes rachado e coberto por uma crosta de sujeira, a sarjeta cheia de lixo empastado e de detritos desfigurados de móveis de jardim, limpadores de para-brisa e trepa-trepas, tudo uniformemente recoberto por um lodo pútrido e diarreico — refletiam o interior desordenado e escuro da minha própria cabeça.

Justo na estação do meu desalento, do estrago do meu idílio em Iowa, Edison agarrou-se com renovada ferocidade à terra do nosso pai. O recuo das águas da inundação deixou em sua esteira um luto que ele aspirou como se fosse o aroma do solo fértil — pois, se o luto tem cheiro, ele é argiloso, com um toque de podridão, como esterco de boi. A tristeza presente no ar proporcionou a meu irmão uma densidade, um arraigamento, uma gravidade e profundeza que o simples contentamento não consegue fornecer.

Ora, ele abandonou por completo todas as piadas sobre nosso estado como buraco de fim de mundo e também sobre os matutos que penduravam "colhões de touro" prateados sob as placas de suas picapes de rodas duplas e carroceria elevada, com adesivos dizendo VAMOS, HAWKEYES nos para-choques. Meu irmão não estava tão fissurado a ponto de haver contraído a mania local de torcer pelo time de futebol americano da Universidade de Iowa, mas começara a se encantar com o ritmo tranquilo da vida daqui — a vastidão, a serenidade e o espaço. Raras vezes mencionava Nova York, muito menos se referia a qualquer intenção de voltar para lá. Antes, ele se inquietava com o silêncio, mas agora saboreava o aumento sutil do som dos grilos, o canto do galo, o balir das cabras. Em vez de revirar os olhos quando os caixas do Hy-Vee conversavam amavelmente sobre o sucesso de uma oferta especial de manteiga, ele próprio batia papo com o empacotador, ainda admirado por ver que ninguém na fila atrás de nós jamais se portava com impaciência. Já não chateava os carregadores com notas de cinco paus por colocarem nossas sacolas na mala do carro, ciente de que eles se sentiriam insultados; uma caçoada alegre a caminho do carro era todo o pagamento que queriam. Edison começava a perceber o sentido das pessoas que conversavam entre si, mesmo quando não havia muito a dizer, e se compadeceu dos vizinhos desalojados ou com as finanças arrasadas, com um espírito que transmitiu a ideia de que a inundação não havia acontecido com *eles*, mas *conosco*. Não mais detectei nele nenhum indício de desprezo ou inquietação neste lugar imenso e desinteressante, e mais de uma vez o escutei ao telefone com Tanner, *defendendo* o estado natal do meu enteado, cujos encantos raras vezes se evidenciavam para os jovens nascidos aqui. Sinceramente, comecei a suspeitar que, no que dizia respeito a Iowa, Edison tinha se convertido.

Com mais energia, graças à comida adequada — com a chegada de julho, aumentei sua ingestão diária para 1.200 calorias —, ele se tornou mais aventureiro, indo dar uma espiada no Festival de Jazz da Cidade de Iowa e dirigindo até a cidade universitária, nos fins de semana, para participar de *jam sessions* na boate The Mill. Muitas vezes eu ia com ele, e ficava admirada com sua recusa absoluta a citar nomes famosos. Nas ocasiões em que eu o acompanhava em suas apresentações em Nova York, ele batia papo com a

plateia nos intervalos e sempre dava um jeito de insinuar que era filho de Travis Appaloosa. Nos últimos tempos, ao se apresentar, era praxe ele estender a mão anunciando apenas seu prenome. Também nunca mencionava os "caras da pesada" com que havia tocado. Chegava como um sujeito qualquer que por acaso tocava piano nas horas vagas e, em consequência disso, deixava-os de queixo caído.

Meu irmão enfrentou seu pavor contínuo dos comestíveis tornando-se obsessivamente científico. Depois de consultar um cartaz com valores calóricos, que agora ficava preso com um ímã à porta da geladeira, ele pesava cada tomate numa balança digital, até o último miligrama. Calculava o valor energético total de seus ingredientes numa calculadora, e nunca o apanhei arredondando números. Na verdade, a cozinha ficou cheia de blocos com páginas repletas de colunas de números. Senti-me tentada a exortá-lo a relaxar um pouco — meia cenoura a mais dificilmente seria o fim do mundo —, mas ele não se permitia sair nem um pouquinho da linha, e, se toda essa pesagem e essa redução de pedacinhos de vitela o ajudavam a se sentir sob controle, ótimo.

Embora num ritmo mais lento, a etapa de alimentos sólidos do projeto continuou a produzir um progresso sistemático. No Mês Sete, Edison perdeu 5,5 kg, apenas um a menos que no mês anterior, quando ainda estava tomando os shakes de proteínas. É verdade que a pesagem final do Mês Oito foi uma decepção especial, pela qual ele me culpou, reclamando que nunca deveria ter iniciado a tal ingestão diária de 1.200 calorias. *Eu* lhe disse que a maioria das pessoas ficaria muito feliz se perdesse 4 kg num mês e que, com seus 95 kg, ele estava com o aspecto melhor do que nunca. (Sei que essa coisa numérica parece árida, mas não dá para imaginar a comoção trazida por esses confrontos com a balança; para Edison, a queda de 5,5 kg para 3,6 kg em um mês foi devastadora.) Pelo menos, os totais seguintes demonstraram que eu estava certa: ele tinha que comer mais para queimar mais calorias, e seu metabolismo vinha acelerando.

Apesar de nossa geladeira estar cheia de produtos agrícolas comprados em barracas de produtos de fazenda que ficavam à beira da estrada, eu estava triste por perder a nossa horta na Alameda Solomon e me apanhei calculando a distância de que tamanho estariam as abobrinhas, quando

viriam os pimentões verdes e se as ervilhas-de-cheiro tinham chegado à maturação. Continuei a examinar minha caixa de entrada, infrutiferamente, à procura de fletcher.feuerbach@gmail.com, e a recuperar minhas últimas mensagens do celular, com o coração pesado. Ao cuidar de afazeres de rua em New Holland, eu era torturada por vislumbres familiares, apenas para descobrir que o ciclista era coreano. Numa ocasião, realmente avistei Fletcher; assustada, dei meia-volta. O efeito estonteante da adrenalina apagou qualquer informação útil: o que ele estava fazendo, se parecia animado ou tristonho.

O desencontro entre o estado de ânimo do Edison e o meu foi uma revelação, ai de mim: ao que parece, por mais que um ente querido esteja satisfeito, por mais próximo que seja o seu prazer, por mais drástico o contraste entre a alegria atual dele e o abatimento do seu passado recente, ou por mais que a pessoa se sinta abstratamente gratificada por ter desempenhado um papel substancial na recente recuperação dele, não há felicidade alheia que possa ocupar o lugar da nossa. Combatendo uma tristeza perniciosa, muitas vezes eu me sentia como se observasse meu irmão de uma grande distância, quando ele estava apenas no quarto ao lado.

Mas é melhor observar a distância um irmão barulhento, diligente e atencioso do que ver de perto um irmão abatido e suicidamente gordo. Depois de sermos atacados por mais um pacote de lembranças da Solstice — contendo um burrinho de corda, uma pequenina foto emoldurada do Dalai Lama e uma elegante esferográfica esmaltada que não escrevia —, Edison conduziu com a irmã caçula um par de longos telefonemas cujo ligeiro tédio valeu a pena; acolhida pelo lendário irmão, ela parou de achar que nós dois nos escondíamos dela. Uma vez que eu havia instituído um salário para ele na Baby Monotonous, Edison já não me pedia dinheiro para as despesas pessoais e vivia dentro dos seus recursos. A princípio relutante em trabalhar para a irmã e tão ressentido com o sucesso da minha empresa que tivera o desplante de acusar aquela matéria de capa da *New York* de haver desencadeado sua compulsão alimentar, agora meu irmão fazia campanha para se tornar gerente geral da fábrica, liberando-me para a exploração mais criativa de novos produtos. Enquanto, ao mobiliarmos originalmente o apartamento dos Portais de Praga, ele se retraíra em seu mau humor,

fumando, agora havia começado a procurar na internet uma mesa de jantar mais imponente, uma vez que tínhamos posto algo mais divertido na mesa laminada do que chá de ervas — embora eu achasse interessante ele nunca sugerir que nos mudássemos para um apartamento melhor ou uma casa adequada; talvez tivesse medo de que o fato de nos mudarmos juntos abrisse a possibilidade de também nos mudarmos para lugares separados.

De algum modo, como por milagre, e não sei ao certo como isso aconteceu, Edison Appaloosa tinha se adaptado à ideia de uma vida normal. Talvez isso pareça uma realização modesta, mas, para qualquer pessoa da nossa família, era monumental. Na interminável pastagem temporal por onde se vagueia numa dieta inteiramente líquida, talvez ele houvesse reexaminado os pontos altos da sua carreira — como acompanhar Harry Connick numa *jam session* improvisada — e concluído, como eu tinha feito em relação à minha, que esses não eram os pontos altos de sua vida, num sentido mais amplo. Como quer que ele o tenha feito, abraçar com alegria uma vida discreta e serenamente produtiva requer muito mais maturidade espiritual do que a busca insaciável das manchetes, e, nesse sentido, meu irmão mais velho enfim estava crescendo.

No entanto, uma conversa com Oliver destaca-se na minha lembrança. Tinha sido difícil encontrarmos uma data para nos reunirmos a sós, sem excluir Edison de um modo tão enfático que isso o magoasse; meu irmão vivia preenchendo as nossas horas de folga com idas aos cines IMAX, ao Museu de Ciências e a fazendas onde era possível colher com as próprias mãos as framboesas que íamos comprar. Enfim, quando Cody pediu para passar um dia inteiro sozinha com o tio na Feira Estadual de Iowa, em Des Moines — Edison ficou tão emocionado que seus olhos se encheram de lágrimas —, convidei meu velho amigo para jantar.

Fazia algumas semanas que Oliver não visitava nosso apartamento, o qual inspecionou com uma apreciação constrangida.

— Puxa, isso está começando a parecer... instalado.

Embora, no começo, o lugar tivesse exibido aquele ar impessoal de produto em série que têm os apartamentos-modelo, agora as paredes estavam cobertas por fotos emolduradas, em preto e branco, de ícones do Edison — Bud Powell, Art Tatum, Herbie Nichols e Earl Hines. A mesa de jantar, feita

de uma madeira de demolição de celeiro, já havia chegado, com extravagantes cadeiras rústicas. Os cômodos ganhavam calor com pequenos toques — um suporte maluco para guarda-chuvas, um engradado antigo de leite transbordando com exemplares antigos do *Jazz Times*, begônias na abertura entre a sala e a cozinha. O mostrador redondo da nossa grande balança vermelha era encimado por um chapéu Stetson, comprado num brechó caseiro, que conferia à nossa sentinela um jeito emproado de caubói, e a boneca Pandora sentava-se com ar malicioso e empilecado no alto do piano. Uma fotomontagem aprimorava a solitária foto de aniversário em que meu irmão aparecia com 175 kg: Edison e eu na Monotonous; Edison e eu enchendo sacos de areia; e o nosso acréscimo mais recente: Edison anotando seu peso na folhinha, na primeira manhã em que ficou abaixo do "excesso de peso". Ao ver nossa toca com os olhos do Oliver, percebi que ela já não era uma clínica de reabilitação. Era um lar.

— Fiquei surpresa ao descobrir o lado caseiro do Edison — comentei. — Sempre pensei nele como o tipo de pessoa que nunca tem leite na geladeira. Mas, depois de perder tudo para aquele guarda-móveis, talvez ele esteja pronto para lançar âncora de novo em alguma coisa.

— Ele está pronto para lançar âncora de novo em alguma coisa — disse Oliver, com ar cauteloso.

Foi até minha sósia e puxou a cordinha: *Ah, não, não OUTRA sessão de fotos!*

— Nada como nos esfregarem a falsa modéstia na cara para nos mantermos humildes de verdade — observei, servindo taças prudentes de vinho branco. — É bom para Edison estar *instalado*. Eu jamais acreditaria, mas talvez ele fique de vez em Iowa.

— Isso não me surpreende. *Você* vive em Iowa.

— E daí? O fato de eu morar aqui não influenciou a residência dele durante vinte anos.

— Não... — Oliver sentou-se à mesa. — Ele está saindo com alguém?

— Não que eu saiba e tenho certeza de que ele me contaria. Não trouxe ninguém aqui desde aquele encontro na época da enchente. Foi como se quisesse ter certeza de que o equipamento ainda estava em ordem, como quem faz a vistoria anual do carro. Talvez ele não esteja pronto.

— E por que haveria de ficar pronto algum dia? O que ele encontraria numa estranha que já não tenha agora?

— Sexo, é óbvio. Nosso relacionamento não é tão pervertido assim.

— É bem pervertido.

Ocupei-me das coisas na cozinha. Tinha ansiado por nosso tête-à-tête, mas a conversa estava me deixando tensa.

— Afinal, uma irmã mais nova dá uma esposa perfeita, de certo modo — continuou Oliver. — Não faz exigências. É conhecida, íntima, porém não de um modo que assuste. É reverente. Fica sempre em segundo plano, pois não acha que umas ordenzinhas quanto à dieta dele superem a sólida ordem de nascimento. Com Cody, você lhe proporcionou uma família, na prática, e por acaso ele não continua a dar conselhos ao seu enteado por telefone?

Aparei a gordura do nosso lombo de porco. Agora que Fletcher havia falado em divórcio, eu tinha certa expectativa de que Oliver fizesse uma nova investida. Além disso, já havia se passado um período respeitoso, mas ele não se aproximara — como se eu ainda fosse casada, só que não com Fletcher.

— É, continua — respondi, em tom leve. — Detesto admitir isso, mas Edison é a única pessoa que leva a sério as ambições de roteirista do Tanner. É um grande defensor de sonhos absurdos, já que ele próprio foi atrás de um.

— O que estou querendo dizer é que o seu irmão tem tudo de que precisa. Talvez não uma vida sexual, mas aposto que, quando o sujeito passou anos com todo aquele peso, acabou se acostumando a viver sem sexo. Uma namorada estragaria tudo. Ele teria que se arriscar com alguém que não conheceu desde a primeira infância, que não seria estruturalmente subserviente e que se sentiria à vontade para romper a relação.

— Lembre-se, em termos oficiais, este nosso arranjo é só por um ano.

— Vai fazer um ano daqui a três meses. Quando foi a última vez que você disse ao Edison que, no começo de dezembro, ele terá de encontrar outro apartamento?

— Eu não disse.

— Logo, essa história de morar junto... ela *é* permanente.

— Eu também não disse isso.

— Não. Você não tem dito muita coisa.

Levei nossa salada para a mesa e me sentei de frente para Oliver.

— Você *gosta* do Edison?

Estranhamente, eu nunca lhe fizera esta pergunta sem rodeios.

Ele refletiu.

— Eu *me solidarizo* com Edison — concluiu.

Era escrupuloso com os sentimentos, tomando o cuidado de ser tão exatamente sincero a respeito deles quanto seria sobre fatos externos. Essa era uma das coisas de que eu gostava em Oliver: ele nunca escolhia a primeira palavra insossa que estivesse à mão, por preguiça — nesse caso, "sim".

— Entendo a "solidariedade" um ano atrás. Mas não agora.

— Sobretudo agora.

— Por quê? Eu nunca o vi mais feliz na vida.

— Exatamente.

A conversa estava me perturbando, eu não sabia direito por quê.

— Ele ainda não aprendeu a comer como uma pessoa normal, não é? — prosseguiu Oliver. — Ainda mede cada porção, pesando até o último grama.

— Isso mesmo. Está chegando perto, mas ainda não alcançou a meta. Isto não é uma mudança de assunto?

— Não é uma mudança de assunto. E ele continua não comendo fora?

— Não confia em restaurantes, nem mesmo quando eles exibem a tabela de calorias.

— E você disse que ele também foi viciado em heroína, por algum tempo.

— Outra mudança de assunto que não é mudança? Ele diz que não foi viciado. Só experimentou.

— Todo esse projeto. Com você. Isso é tudo por que ele vive. É sua heroína mais recente. Mas não se pode ficar numa dieta intensiva para sempre. A única coisa que ele terá para fazer, quando o projeto acabar, será recuperar o peso todo.

— Você está parecendo Fletcher! Em vez disso, Edison poderia passar a fazer algo mais *interessante* do que comer ou não comer, e não sei por que todo mundo é tão cético, caramba!

— Calma. Eu disse que me solidarizava. Mas toda essa medição e anotação e pesagem. Este arranjo aqui, esta brincadeira de casinha com você, aparentemente sem prazo marcado. Ele é frágil. Não tem autocontrole. Só

exerce controle sobre o controle. Uma vez retirados os controles, ele não controla nada.

— Não entendi nada.

Oliver tentou de novo.

— Exercer o controle não é o mesmo que estar no controle. É o contrário. Quando você controla de verdade, só faz aquilo que quer. Não há dois de você.

A coisa continuou nebulosa para mim e, felizmente, mudamos de assunto.

Ao fazer a arrumação, depois que Oliver se foi, ponderei que, se uma irmã mais nova servia de esposa ideal, eu estava menos convencida de que um irmão mais velho desse um marido ideal. Eu me afligia com o próprio companheirismo que Edison valorizava, com uma ausência de atrito que eu associava ao sexo de má qualidade. No entanto, uma das colocações do Oliver fora bem absorvida: meu irmão dava mesmo todos os indícios de esperar que nosso arranjo prosseguisse por tempo indefinido. Perguntava-se em voz alta se "devíamos" pensar em comprar um carro novo, considerava se eu devia aceitar pedidos de entrevistas de publicações locais, como o *Des Moines Register*, como se aspirasse a ser meu empresário, além de gerente da minha fábrica, e havia proposto, recentemente, uma excursão de bicicleta pelas trilhas e pelos campos do Meio-Oeste, quando ele estivesse bem adaptado a uma dieta calórica de manutenção, no verão seguinte. Considerava líquido e certo que fizéssemos compras juntos, pedalássemos juntos para o trabalho, jantássemos juntos e frequentássemos juntos as boates de jazz da cidade de Iowa. Essas suposições de companheirismo eram uma gracinha, mas em mim começara a se acumular uma angústia que, contrariando a previsão de Fletcher de que seria inevitável que Edison me "partisse o coração", eu estava mais propensa a fazer isso com o dele.

Capítulo Dez

Naqueles últimos três meses, observei a visão concentrada do Edison com uma mistura de admiração e desassossego. Determinado a cumprir o objetivo no nosso aniversário de um ano, ele se tornara um estranho duplo do meu marido, como se eu tivesse o cármico destino de viver com o Sr. Perfeito. Ao pedalarmos para o escritório, era ele que me dizia para acelerar. Também havia começado a correr, ansioso por resgatar um simulacro de sua adolescência de astro das pistas de atletismo. Vivia tão concentrado no ponto final em que marcaria exatos 74 kg que nunca aludia a nenhuma ocasião que pudesse precedê-lo, nem mesmo ao Natal.

O que achava que ia acontecer — ele se transformaria numa borboleta? Subiria aos céus para se sentar à mão direita de Deus? Para onde canalizaria toda aquela energia obsessiva depois de atingirmos nossa meta? Eu não quisera dar o braço a torcer, na ocasião, mas Fletcher tinha razão no nosso desastroso piquenique: emagrecer era como uma religião bem ordinária, nem que fosse porque, para seus adeptos fiéis, tinha prazo de validade; só era possível continuar a praticar o culto, no altar da restrição de comestíveis, para quem descumprisse cronicamente os seus votos. Eu ainda me lembrava de como tinha sido ultrapassar a minha meta. Emagrecer não me fizera feliz. Ao contrário, eu me sentira perdida, entediada e roubada, além de assustada e perplexa com algo tão banal como refeições regulares. Além disso, ao olhar para trás, o mais destrutivo para a alma tinha sido manter o controle: dar um passo atrás na privacidade do meu quarto, encarar o espelho e confrontar o fato de que ser um pouco mais magra era uma banalidade. Numa multiplicidade de níveis, desde a saúde até o amor-próprio, eu achava importante que Edison não provocasse mais comentários cruéis no setor de retirada de bagagem, por parte de pessoas ressentidas com o fato de terem se

sentado ao lado dele. Mas não fazia a menor diferença que ele pesasse 74 ou 75 kg, e eu temia que essa descoberta o fizesse mergulhar nas trevas. Ficava pensando em por que as pessoas tentavam realizar fosse o que fosse, já que a consecução de qualquer objetivo trazia implícito um desolado *Bem, e então? O que vem agora?*.

— Você tem noção de que a parte *realmente* difícil vem *depois* de ter atingido o seu objetivo, não é?

Eu o havia alertado, em meados de novembro, quando ele se secava depois de uma corrida.

Edison deu uma gargalhada.

— Você é mesmo um barato. Ora, um ano atrás, perder esse peso seria "a coisa mais difícil que eu já tinha feito". Acertou. Mas depois, os alimentos sólidos seriam "a parte realmente difícil", e agora ser uma pessoa com um peso normal é "a parte realmente difícil". Cara, isso é que é alvo móvel. Não importa o que eu faça, "a parte realmente difícil" ainda continua me ameaçando lá na frente. Você tem que pegar mais leve, menina. Como treinadora, talvez pudesse descobrir uma estratégia motivacional melhor do que o pavor implacável.

— Está bem. Então, vamos planejar alguma coisa pela qual possamos ansiar. Devíamos dar uma festa. Para comemorar. Uma Festa da Chegada ao Manequim Certo.

— Agora sim!

Consultamos o calendário. No Mês Onze, ele havia perdido 4,6 kg. Se aumentasse a queima calórica para 5,4 kg, praticando mais exercícios, deveria alcançar a marca pretendida exatamente no dia do aniversário de um ano.

— Você não quer se fazer uma pequena concessão? — propus.

— Ursa Panda, antes de cair no seu colo, eu me permiti uma vida inteira de *concessões*. A data combinada é 6 de dezembro. Temos três semanas e uns trocados, a conta certa do tempo para mandar os convites. Por falar nisso, você acha que o seu quase ex-marido é um sujeito honrado?

— Não sei o que há de *honrado* em despachar a mulher só por ela ser leal ao irmão — respondi, meio azeda. — Mas, até o mês de junho, eu diria que sim, bastante honrado. Por isso é que aquele acesso infantil de impaciência foi tão chocante.

— Nesse caso, você tem que convidar Feltch. Ele está me devendo, cara, um bolo inteiro de chocolate, engolido de uma vez só.

— Você se lembra disso.

— Eu me lembro todo dia daquela aposta condescendente e ridícula.

— ... não posso prometer que ele a cumpra. As coisas mudaram.

— O que não mudou é que ele me ofendeu, cara. Toda aquela merda quando a porra da cadeira quebrou, sobre eu não ser capaz de enxergar meu pau. Sobre eu ser um sem-teto fracassado, me aproveitando da minha irmã e só "fingindo" ser um músico de jazz respeitado. E aí, quando nós saímos, falou que eu nunca seria capaz, que a minha vontade era "mole". Pois ele que se foda. Quero que seja obrigado a reconhecer o erro. Que engula o orgulho com o bolo.

A postura do Edison se tornara tão benevolente nos últimos tempos que sua acidez me assustou. Em algum lugar, ele ainda guardava o orgulho ferido que o tinha metido naquela encrenca e que também o fizera sair dela. No entanto, por mais que eu temesse em igual medida a perspectiva de Fletcher recusar o convite e a de que o aceitasse, eu devia ao Edison mandá-lo. Era a conquista dele, sua festa, sua lista de convidados.

* * *

A única satisfação duradoura da minha dieta tinha sido poder me reconhecer: a imagem no meu espelho tinha uma relação comigo, substituindo uma impostora inchada que havia feito o duplo papel de caricatura e repreensão. Para mim, a transformação do Edison, ao longo do nosso ano de convívio, tinha sido marcada por uma sucessão de reconhecimentos, o mais dramático deles ocorrido naquela tarde de março em que a fresta de sol entrando pela janela enfim desencavara as suas maçãs do rosto.

As últimas semanas do seu afinamento resultaram numa mudança limítrofe ainda mais dramática. A perda do último punhado de quilos retirou conchas de carne de suas bochechas, cinzelou-lhe o queixo e o nariz e dissolveu a pequena gordurinha que caía sobre o cinto. Por conseguinte, seu largo sorriso passou a consumir uma parte maior de seu rosto, parecendo mais amplo, mais reluzente, mais perigoso. Em termos geométricos, Edison

recuperou os contornos dos anos da adolescência — os quadris estreitos, as coxas musculosas graças às corridas, os ombros alinhados. Eu sabia que ele andava consternado com o excesso de pele que se franzia em seu tronco, de modo que não saía do quarto sem camisa, e havia sugerido que talvez pudéssemos remover o excesso cirurgicamente se continuasse a incomodá-lo. E não havia nada que ele pudesse fazer a respeito da compressão da espinha dorsal: tinha ficado uns cinco centímetros mais baixo, em caráter permanente. Ainda assim, durante o último mês, ele chegou até a exibir um andar diferente, o trote flexível e desenvolto com que havia flanado pelos corredores da Verdugo Hills High School, assobiando "Summertime". Com a aproximação do dia 6 de dezembro, meu irmão voltou a fazer as cabeças se virarem na rua, e não por ser gordo.

Até aqui, minimizei os prazeres da redução da minha circunferência humana no eixo horizontal, por não querer parecer uma reles escrava das revistas femininas. Mas voltar a ter uma assustadora admiração por meu irmão, bem, isto não pareceu banal. Talvez seja impossível habitarmos nossas próprias realizações, por nos prendermos à busca em si, a seu ímpeto, a sua viciadora carga de anfetamina e a seu potente senso de propósito, de modo que o cumprimento de qualquer missão traz uma sensação de perda, na qual toda essa energia e direção são substituídas por uma calma em cujo halo os esforçados logo se inquietam. Mas talvez seja possível nos regozijarmos com as realizações das pessoas queridas — por exemplo, com o fato de a beleza do meu irmão, sempre perceptível para mim em alguma medida, ter voltado a se tornar patente para todas as outras pessoas.

* * *

— Ele disse que vem. — Fechando a porta ao entrar, Cody não conseguiu conter a empolgação. Dessa vez eu tivera de usá-la como interlocutora, por não ter tido confirmação alguma de que Fletcher houvesse lido meus e-mails ou escutado meus recados na caixa postal. E eu fizera uma promessa a meu irmão. — Ele não vinha, mas eu o lembrei daquela aposta. Você sabe, ele é rigoroso.

— É, ele sempre aderiu à lei ao pé da letra — concordei, já nervosa, embora ainda faltassem dias para a festa.

— É, mas, se o cara é "rigoroso" — observou Edison —, não posso pesar nem um ducentésimo de grama a mais que 74 kg, senão, nada de bolo.

— Bem, você não pode engordar por ler — retruquei. — Porque temos de achar uma receita, a mais perversa possível.

Nessa noite, examinamos os livros de receitas que eu havia guardado enquanto vivia de pó de proteína, e por fim nos decidimos pelo "Bolo de entulho de chocolate", cuja sonoridade me agradou muito. O nome tinha um peso agressivo, quase como um baque, o *catabum!* de um doce colossal arriando no jardim, direto da traseira de um caminhão. Na noite seguinte, Edison levou para casa dois tabuleiros retangulares tão grandes que mal cabiam no forno.

— Você não está exagerando? — perguntei. — Não pode estar esperando que Fletcher coma sozinho um bolo confeitado de duas camadas.

— Ele disse "um bolo". Não disse o tamanho, cara. Agora, quem é o rigoroso?

— Mas você vai fazê-lo passar mal! Vomitar as tripas!

Edison riu.

— Escute. Não podemos receber esse pessoal todo, servir uma porra de um bolo sensacional de chocolate e só deixar um convidado prová-lo. Então, será que eu quero fazer o sacana se borrar de medo? É claro. Mas, depois que ele se empanturrar com um puta pedação, estará aberta a temporada de caça.

* * *

Considerando-se que fazia pouco mais de um ano que Edison estava morando em Iowa, fiquei surpresa com o número de pessoas ansiosas por ajudá-lo a comemorar seu sucesso na feitura de uma fotocópia dele mesmo com uma redução de 42%. Todos os meus funcionários disseram que não perderiam a festa por nada no mundo. Frequentador habitual da boate The Mill, um grupinho de estudantes implorou por convites; essa turma tratava meu irmão como uma celebridade, por sua habilidade ao piano, sem ter ideia de que ele já havia tocado na Village Vanguard. Um punhado de

confirmações veio de funcionários e trabalhadores com quem Edison nunca teria se relacionado em outras partes do país: nosso proprietário, um caixa de banco, um empacotador de compras, uma garçonete da Java Joint, o sujeito da Barnes and Noble que fazia encomendas especiais de revistas de jazz. O Dr. Corcoran aceitou prontamente a chance de comemorar uma de suas raras histórias de sucesso.

Ao planejar o cardápio da festa, Edison evitou frituras e doces — com a única exceção do Bolo de Entulho de Chocolate, cuja preparação exigiu uma torre instável de embalagens de manteiga, duas dúzias de ovos e tanto chocolate amargo que ele foi obrigado a limpar as prateleiras de mais de um supermercado. Nessa primeira semana de dezembro, porém, Edison não deixou que as compras ou os preparativos atrapalhassem a sua corrida diária, cujo percurso aumentou para alarmantes 16 km. Além disso, depois de se pesar e constatar que estava com 76 kg, ele vinha evitando a balança todas as manhãs, e a folhinha passara duas semanas em branco. É difícil encontrar dramaticidade nesse jogo, e Edison queria que a primeira pesagem em que atingisse o alvo, ou ficasse abaixo dele, servisse como destaque teatral da nossa comemoração. Considerando os riscos e a grande luva achocolatada e pegajosa que ele pretendia jogar no seu bicho-papão, admirei sua coragem de jogador.

Na véspera da festa, ele não quis dar chance a nenhum risco. Aumentou a extensão da corrida para dezenove quilômetros (o que foi ridículo: voltou mancando com tanto cansaço que, apesar de tagarela, não conseguiu falar) e, nessa noite, tomou uma dose dupla de sene, o que o fez ficar meia hora no banheiro na manhã seguinte. Após uma xícara de café puro, ele se recusou a comer ou beber durante o dia inteiro, embora estivesse de pé desde o raiar do sol e eu soubesse quanto trabalho físico fazia parte da preparação de uma festa para 35 pessoas. Infelizmente, toda essa abstinência dobrou seu consumo de cigarros, com o qual eu já havia começado a implicar, mas Edison disse:

— Olhe, meu bem, é preciso ceder em alguma coisa. Uma transformação heroica de cada vez, falou?

Ah, ele nunca pararia de fumar. Meu irmão achava que os modelos de virtude "davam arrepios", e agora, apenas aqueles cigarros Camel sem filtro o separavam de Fletcher Feuerbach.

Eu havia tirado o dia de folga no trabalho para fazer a limpeza, arrumar as bebidas, dispor a louça alugada e, vez por outra, abrir uma fresta de janela para deixar sair toda aquela fumaceira. Sem saber muito bem que decoração fazer para uma Festa da Chegada ao Manequim Certo, pus uma gravata festiva em volta da balança e prendi uma pluma no seu Stetson. Coloquei um par de envelopes de GPPP que haviam sobrado nas mãos da boneca Pandora, em cima do piano. Na única parede da sala que não estava coberta por ícones de jazz, pendurei as volumosas calças jeans que tínhamos usado no boneco de neve em fevereiro. Acima delas, drapeei o cardigã amorfo com que Edison havia circulado com frequência, parecendo um molambo, na Alameda Solomon. Depois disso, peguei minha câmera.

— Xiiis!

Quando ele levantou os olhos dos cogumelos que estava picando, captei um pouco da antiga fome, e não era de batatas fritas. Seu sorriso cintilou com aquela voracidade dos velhos tempos, um apetite de vida que o meu nunca conseguira igualar. Embora a expectativa em seus olhos devesse concernir à festa que começaria dentro de algumas horas, aquele era também o rosto do músico de jazz que tinha ido ao Brasil, ao sul da França e ao Japão e que ficara acordado até as cinco da manhã, incansável, martelando os teclados em *jam sessions* de Manhattan. Com a luz dourada da tarde atenuando as rugas nascidas do arrependimento, da obscuridade e da vergonha, aquela fotografia quase poderia ser confundida com uma foto de rosto tirada no seu quarto de Tujunga Hills, levantando o queixo da mochila, quando ele se preparava, aos 17 anos, para sua viagem seminal para a cidade de Nova York. Embora eu tivesse prendido a cópia impressa 20 x 25 centímetros acima do espantalho de roupas colossais, ela era tão tocante que o efeito de comédia que eu havia pretendido se perdeu.

Despachada a preparação da comida e com o computador do Edison pré-programado, já com uma sucessão de músicas escolhidas com antecedência — carregada de piadas particulares, como "Aint' Misbehavin", interpretada por *Fats* Waller, e "I'm Livin' Right", cantada por *Fats* Domino —, nós nos vestimos, pegando as roupas estendidas nas camas com toda a solenidade de quem veste os mortos. Como preparativo para sua pesagem ritual, Edison havia escolhido tecidos leves — calças pretas finas demais para a estação e

uma camisa creme leve, de mangas curtas, estampada com pautas musicais. Coloquei um vestido preto de gola creme, para combinar — presente do Edison no meu aniversário de 42 anos, no mês anterior, mais curto e mais revelador do que eu jamais me atreveria a usar um ano antes. Formávamos um belo casal.

Por sorte, dispúnhamos de quase uma hora só para nós dois, antes da chegada dos convidados, às oito. Eu precisava colocar a cabeça no lugar antes que Fletcher chegasse e queria dar ao Edison, em particular, o seu presente de Pessoa Oficialmente Magra.

Ele levantou o embrulho.

— Opa!

— Sei que é muito pesado, e você não precisa usá-lo quando for se pesar. Mas vai sentir frio com essa roupa fina, com toda aquela gente abrindo a porta. E... — sorri — quero ver você vestindo isso.

O que ele tirou do embrulho tinha me custado horas de buscas na internet para ser localizado.

— Cara! Isto me faz acreditar na vida após a morte! O que você fez? Achou um colecionador de pechinchas do guarda-móveis Box My Pad?

— Demorei um pouco para descobrir onde e quando, mas, às vezes, colocar algum dinheirinho resolve.

Como se vestisse os paramentos de um ofício religioso, Edison enfiou cuidadosamente os braços nas mangas forradas, ajeitou a pala dos ombros e levantou a gola no ângulo misterioso que ela sempre tivera em Nova York.

— Puta merda! — exclamou ele. Alisou a frente e aninhou as mãos no fundo dos bolsos, indo com muito cuidado para o espelho de seu quarto. — Juro que é o mesmo casaco, Ursa Panda.

— É italiano. Pelo preço, o couro deve ter vindo de gado Kobe. Mas vou lhe contar, valeu a pena. Você está fantástico. Está parecendo você mesmo.

— *Valeu* a pena? Não me refiro só ao casaco.

— Eu fiz uma coisa boa. Talvez seja isto que eu queira na *minha* lápide.

Edison me abraçou com aquele couro macio como casca de figo, que, por um instante, pareceu ser mesmo a reencarnação do seu antigo casaco: tinha o mesmo cheiro. Não sei quanto tempo teríamos permanecido daquele jeito se a campainha não tivesse tocado.

— Desculpem por ter chegado antes da hora — disse Cody, entrando depressa com uma caixa embrulhada para presente e um bloco de partituras embaixo do outro braço —, mas quis vir mais cedo para o caso de vocês precisarem de ajuda. E também queria dar uma checada nessa nota musical em que andei trabalhando para o refrão de "The Boxer". Sabem, todos aqueles *lai-la-lais* soam meio idiotas, mas os intervalos têm possibilidades.

Ela tirou os tênis e pegou na mochila um par de deslumbrantes sapatos de salto alto.

— Você vai tocar hoje? — perguntei.

Antes do Edison, Cody jamais se apresentaria para uma plateia.

— É claro! E Edison e eu temos trabalhado num dueto. O que mais poderia ser? — indagou ela, calçando os sapatos. — "He Ain't Heavy, He's My Brother"! — Tocou a palma da mão do tio e, em seguida, deu um passo para trás. — Ei, você está bonito pra caramba, cara! Beca genial! E esse casaco é do cacete!

— Você também não está nada mal, parceira.

O vestido justo de festa, todo enfeitado de *strass*, me pareceu meio adulto demais para ela, mas, afinal, era a minha opinião. Ao menos ela ainda gozava de uma impaciência de menina, insistindo em que o tio abrisse seu presente na mesma hora: uma caixa gorda com doze LPs do Miles, edição numerada e limitada, incluindo uma biografia, fotos, livretos com notas de capa e envelopes de proteção de papel macio e pesado. Edison ficou radiante. Se aquela coleção descartada e subestimada, na qual Cody ficara animadíssima por tropeçar num bazar de garagem, não era igual à caixa que ele havia perdido para o tal guarda-móveis, meu irmão não deixou transparecer.

— É melhor você não ter escondido nenhuma barra de chocolate, cara — anunciou ela, acomodando-se na banqueta do piano. — Porque eu mal posso esperar para ver a cara do meu pai toda suja de cobertura de chocolate. Ultimamente o coitado está numa de *comida crua*, e a única coisa que eu o vejo comer é cenoura. Consegui enfim que ele admitisse que não aguentava mais.

* * *

Bem, ao longo dos anos, fui obrigada a concluir que a maioria das comemorações não funciona. Quanto maior o cuidado com que se planeja uma ocasião especial, maior a probabilidade de ela escoar numa versão aguada de boas intenções. Os Natais, aniversários, cerimônias de premiação e de casamento são engolidos pelo planejamento e preparação, de um lado, e pela limpeza e arrumação, do outro, e quase nunca parecem haver realmente acontecido. Discursos, aplausos, abertura de presentes, oferecimento de cartazes, de algum modo, todos esses gestos aflitos fazem os tributos serem um fiasco ainda maior, servirem apenas para enfatizar que, de um modo misterioso, um evento não *aconteceu*. Não sei direito qual é o problema, além de uma incapacidade de aproveitar o dia que é característica da espécie, ou de uma impossibilidade universal de prever que ficar circulando com uma bebida na mão nunca será tão legal assim.

Às vezes, porém, as estrelas se alinham e um grupo reunido para um objetivo se faz plenamente presente. Se recortarmos direitinho o final daquela noite — façamos isto —, a Festa da Chegada ao Manequim Certo de Edison Appaloosa foi uma dessas ocasiões. Não me lembro de outra reunião que tenha pulsado com tanto prazer por outra pessoa. Não nos esqueçamos de que nossos convidados não se congregaram no vazio, mas num local particular e num ponto exato do tempo, e que, no estado norte-americano de Iowa, no começo do século XXI, não havia nada que se admirasse mais do que a perda de 101 kg num único ano. Foi uma dessas raras reuniões sociais em que os convidados cumprimentaram o anfitrião à porta com um "Nossa, você está ótimo!", e falavam sério.

A maioria das pessoas levou comida — lasanhas, as famosas *enchiladas* da Carlotta —, até quase ficarmos sem espaço na mesa rústica, e quase todos apareceram com presentes. Oliver comprou um belo cinto preto de 85 centímetros, no qual faltava ostensivamente algum furo adicional. O Dr. Corcoran apareceu com uma caneca de café com os dizeres "Melhor Paciente do Mundo". Novacek, infelizmente, ofereceu um carnê de cupons de duas pelo preço de uma na Pizza Hut, baseado na premissa de que agora o seu inquilino magrela poderia se acabar na pizza com borda recheada de alho e manteiga. Uma das nossas caixas de banco, que havia tentado, ela própria, todas as dietas existentes na face da terra, quase sem resultado, levou uma

roupa de ginástica espalhafatosa de veludo de lã com que Edison não gostaria de ser encontrado morto, mas ele apreciou o elogio à recuperação do seu porte atlético. Seu pequeno fã-clube de estudantes da cidade de Iowa havia descoberto a discografia do meu irmão na internet, e apareceu não só com uma garrafa de *single malt* da mais alta qualidade, mas também com CDs do próprio Edison, os quais queriam que ele autografasse.

Esperamos até depois das nove para lhe entregar o presente dos funcionários da Baby Monotonous. Eu estava decidida a não me deixar perturbar pelo fato de Fletcher ainda não ter aparecido.

— Olhe, cara, o rumo que eu estava tomando — dizia Edison, recebendo seus estudantes em audiência majestática junto à balança. — E não faz diferença se você se dopa cheirando, enchendo a cara ou se entupindo de cachorro-quente. O legista que fez a autópsia achou que o Bird tinha 60 anos, cara. O pobre infeliz tinha 34.

Bati uma palma.

— Escutem! — Cody terminou "Mrs. Robinson" com um floreio e o grupo abriu espaço. — Lamento que isto seja tão previsível — entreguei a caixa —, mas tivemos medo de que, se *não ganhasse* um destes, você ficasse desolado.

Edison reconheceu as proporções da embalagem, já que ele mesmo havia preparado muitas delas.

— O que mais seria? Edison Appaloosa — comentou ele, antes de erguer a tampa — dizendo besteira.

Eu dera uma dica aos meus funcionários sobre o casacão — com o qual Edison permanecera vestido a noite inteira —, e eles haviam costurado uma miniatura com um couro preto suntuoso, a mesma gola levantada e o cinto de amarrar. Um cigarro fora costurado entre dois dedos, reconhecendo que esperar que meu irmão abandonasse seu último mau hábito era ir longe demais. Fiquei especialmente satisfeita com o cabelo, espinhado em arabescos louro-escuros, como se o boneco tivesse sido eletrocutado, e que conferiu ao nosso modelo mais magro um jeito maneiro de astro de rock, assim como no corpo mais esguio do Edison o cabelo real já não transmitia aquela impressão de menino mimado de *O pequeno lorde*. Ele puxou a cordinha e o boneco começou a falar:

Eu fui um *cara da pesada*!
Toquei com uns *caras da pesada*!
Este lance de Iowa é *irado*, saca o que eu quero dizer?
Metheny é uma embromação, cara.
Wynton é uma embromação, cara.
Jarrett é um tremendo idiota. Bley é que é o cara.
Steely Dan não é *nada* sem Wayne Shorter.
Cadê seu ouvido, Ursa Panda? Não pode ser Ornette, isso é sax *tenor*!
O problema é que eu nunca toquei com *Miles*, cara.
A *educação* no jazz tem a ver com seguir regras, o jazz tem a ver com *rompê-las, SACOU*?
Vivi com quatro envelopes de pó por dia durante seis meses. Supera essa, seu sacana.
Esses milharais são do cacete!

Oliver tinha se esbaldado com a gravação superavançada, mas eu tivera uma dificuldade desconcertante para escrever o roteiro. Apesar de haver incluído as frases sobre os *caras da pesada* e sobre Miles, como um reconhecimento do irmão pedante e às vezes amargo que chegara de cadeira de rodas ao Aeroporto Cedar Rapids, no ano anterior, a Versão 2 do Edison não tinha o hábito de exibir colegas célebres nem de choramingar o tempo todo, dizendo que, se tivesse conseguido associar-se ao ícone supremo da sua área, teria alcançado o estrelato. Já não deplorava não ter nascido negro. Enquanto o boneco do Edison que eu faria no ano anterior teria zombado dos matutos de Iowa, ultimamente ele havia comentado quanto era apropriado falar do Meio-Oeste como o "coração" dos Estados Unidos, e o dissera de cara limpa. Na Alameda Solomon, ele tinha sido um relaxado; nos Portais de Praga, ansioso por atividade, tornara-se fanático por arrumação. O cerceamento da incontinência verbal o havia apresentado ao vasto mundo da escuta de terceiros. Depois dos nossos diálogos confessionais, altas horas da noite, ele tendia muito menos a alardear uma entediante enxurrada de afirmações sobre Charles Mingus ou Chick Corea como substituta da verbalização do que ele sentia. Eu não sabia como explicar, mas Edison havia perdido muito mais do que peso, e, como consequência, esse irmão reformado era um desafio à paródia. Mas, se o seu duplo não era muito espirituoso, também não era muito ofensivo, e Edison o adorou.

A campainha tornou a tocar e minha pulsação disparou. Todas as outras pessoas já tinham chegado.

Eu havia passado uma proporção atroz dos seis meses anteriores resmungando diatribes indignadas contra meu marido desavindo, e, quando Cody deixava escapar alguma coisa contundente sobre o pai, eu escutava avidamente. Estava furiosa com ele por ter se afastado quando eu só estava tentando ajudar meu irmão, e nesse aspecto eu era capaz de ser de uma santimônia bem pouco atraente. Chegara a temer que, quando ele aparecesse, eu viesse a perder as estribeiras e a estragar a noite com a gritaria de uma briga. Nunca fizéramos cenas em público, mas eu estava a ponto de explodir com a sensação de injustiça, e talvez não fosse só Edison que havia mudado.

Assim, foi um choque abrir a porta e amolecer. Eu tinha esquecido como ele era bonito — talvez não para o gosto de todas as mulheres, mas eu achava atraente a sua angulosidade de Pinóquio. Fletcher vestia uma bela calça e camisa — respeitosamente, para a grande noite do Edison. Exibia uma expressão ansiosa, uma postura constrangida. Não estava procurando briga.

— Oi — disse ele.

— Oi — respondi.

Sorrimos.

— Eu trouxe alguém — anunciou ele, e, por um instante terrível, antes que se desse um passo para o lado, pensei que fosse me apresentar a outra mulher.

— Tanner! Você voltou! — Abracei meu enteado, bronzeado pelo sol da Califórnia e parecendo mais adulto, porém também submisso. — É para sempre ou é só uma visita?

— Para sempre, desde que papai me aceite.

— O que aconteceu em Los Angeles?

— Ah, Panda. Quanto tempo você tem?

— Não o bastante, no momento. Vá cumprimentar seu tio. Pegue alguma coisa para comer, há um mundo de opções. Já que você fez dezoito anos e está sob supervisão parental — dei uma olhadela em Fletcher, em busca de permissão —, também pode tomar uma bebida.

— Nossa, aquele é o *Edison*? — admirou-se Tanner. Vira o tio pela última vez com 45 kg a mais.

— A essência do Edison — respondi. Quando Tanner se afastou para dar um tapa nas costas do meu irmão, eu me demorei no saguão. — Obrigada

por ter vindo.

— Eu disse que viria.

— Você sempre faz o que diz.

— É, mas... isso pode ser um problema. — Tocou no meu cotovelo. — Você está linda.

— Obrigada.

Perguntei-me por que ele não pudera fazer esse elogio na ocasião em que teria significado tanto para mim, na Java Joint, em abril.

— Não descartei a ideia toda — dizia Tanner ao Edison —, mas não suportei a ideia de poder acabar daquele jeito. Caramba, ele nunca para de falar de toda aquela chatice que fez séculos atrás. Começou mesmo a me dar nos nervos. Quer dizer, não me leve a mal, mas o seu pai é triste. Não deprimido, ainda que ele devesse estar. Quero dizer que ele é *triste*. E aqueles atores de *Guarda compartilhada*? Sinclair? Tiffany? Uns *panaaaacas*!

— Ele concordou em terminar o ensino médio — contou Fletcher. — Você estava certa.

— Nossa, não costumo escutar isso com muita frequência.

— Talvez escute muito mais, de agora em diante.

— Isso vai ser novidade. Digo, escutar alguma coisa.

— O seu irmão está fantástico. Você fez um milagre.

— Não é mérito meu — objetei, se bem que, naquele momento, realmente parecesse uma realização minha.

Eu nunca tivera talento para desenhar nem pintar; Edison Resgatado era a minha única obra de arte.

Sem copo — durante a noite inteira, eu ainda esperava vê-lo beber alguma coisa —, meu irmão deu umas batidinhas na balança, para pedir silêncio.

— Ei, já que estou vendo que o nosso São Tomé das dúvidas apareceu, está na hora da *pièce de resistance* da nossa pequena recepção. Estão prontos, galera? *Saquem só*.

Tirou o casacão pesado e o entregou a mim. Também tirou os sapatos antes de subir no árbitro severo de todo o ano anterior. O ponteiro subiu, desceu, tornou a subir e se acomodou: pouco acima de 73.

A sala irrompeu em aplausos. Nunca fui a um único evento esportivo, ofício religioso, concerto, musical ou reunião de vitória eleitoral que

reproduzisse a mesma explosão de alegria espontânea. Não quero soar sacrílega, mas, naquele trono do Walmart, meu irmão exsudava uma promessa messiânica para todas as pessoas daquela sala. O que ele fizera não tinha a ver apenas com ficar mais atraente ou menos propenso ao diabetes. Ele havia provado que era possível reverter a mais nefasta das desgraças: aquela que é da nossa própria autoria.

Edison ergueu a mão, para baixar o volume das saudações.

— Escute, pessoal. Foi um longo ano. Mas foi também um dos melhores. Talvez *o* melhor. Eu me amarrei nesse troço de Iowa. Como diz o boneco: "*Esses milharais são do cacete!*" Mas, afora isso... — Se ele havia ensaiado mentalmente esse discurso, estava se emocionando, e as frases pensadas sumiram. — Eu nunca teria conseguido fazer isto sozinho, cara. É solitário para cacete quando a gente não pode sair para comer com os caras, ou mesmo encontrar com alguém para tomar uma bebida. Vocês não fazem ideia de como o tempo se arrasta sem comida! E nós todos temos aqueles momentos de fraqueza, entendem o que quero dizer? Eu precisava de companhia, de apoio moral e até de alguém para descobrir como *fazer* esse troço, quando perder 101 kg...

— Cento e *dois*! — gritou Cody.

— Bem, vocês podem imaginar que, no começo, pareceu totalmente impossível. E aí, quando peguei o embalo, também precisei de alguém para me fazer cair na real. Porque houve um ponto em que juro que não ia mais pôr nenhuma garfada na boca pelo resto da vida, e, sem um revólver na cabeça e uma tigela de sopa, eu podia ter morrido, sacou? Sabem, mais do que tudo, eu precisava de alguém que acreditasse mais em mim do que eu mesmo. Que gostasse mais de mim do que eu. Que se dispusesse a arriscar mais coisas do que jamais arrisquei por qualquer pessoa. Por isso, eu quero que vocês todos levantem o copo para um brinde, cara.

Oliver serviu ao Edison uma taça de vinho, a qual, pós-pesagem, ele aceitou.

— À minha irmã Pandora.

— À Pandora! — responderam os convidados, numa gritaria, esvaziando os copos numa golada.

Edison me puxou para a balança com ele. Olhei de relance para o mostrador atrás de nós: juntos, somávamos mais de 45 kg abaixo do que meu irmão já tinha pesado sozinho. Ele passou o braço em volta de mim e deu um sorrido maldoso para meu marido.

— Agora, como alguns de vocês sabem, Fletcher aqui ficou *cético* ante a ideia de que o, entre aspas, "poço de banha" do irmão dela tivesse capacidade para ir até o fim. A força de vontade deste, abre aspas, "comodista viciado em comida, sem um tostão e sem teto", fecha aspas, com certeza ia desmoronar, porque, se deixassem Edison Appaloosa num cômodo com um prato de batatas fritas, abre aspas, "a batata sai sempre ganhando", fecha aspas. Esse cara tinha tanta certeza de conhecer a minha ficha completa... que, aliás, na época, dizia que eu pesava 175 kg, jurou comer um bolo de chocolate de uma vez só se algum dia eu chegasse aos 74. Por isso, o meu camaradinha aqui não vai só comê-lo: vai *fletcherizar* o sacana. Cody, você pode fazer as honras?

— Acho que não consigo carregá-lo sozinha.

— Tanner, dê uma ajuda à menina.

Meus enteados voltaram da cozinha carregando a tábua de fatiar, e todos desataram a rir.

— Edison, seu gozador sádico! — exclamou Oliver. — Isso não é receber um pedido de desculpas, isso é homicídio!

O Bolo de Entulho de Chocolate era do tamanho de uma maleta. Os meninos pareciam estar segurando a tábua num equilíbrio precário, e por isso desci depressa da balança para abrir espaço na mesa. Edison tinha se esmerado na decoração, usando como tema no contorno da parte superior um teclado de chocolate branco e rolinhos de chocolate caramelado, e estampando no centro um grande *74* feito de M&Ms, cujo segundo algarismo Cody estava rearrumando às pressas sob a forma de um *3*, para dar crédito ao tio por cada quilo. Num canto marrom e melado, Edison havia equilibrado um corvinho de porcelana, uma foto de revista de uma torta que, meio submersa na cobertura de chocolate, parecia convenientemente humilhada, e doze pedrinhas do nosso jogo de palavras cruzadas que formavam os dizeres S-U-A-S P-A-L-A-V-R-A-S. Essa era a parte que ele havia demarcado para a fatia do Fletcher. Meu marido já estava tão

desconcertado por ser o centro das atenções que duvido que tenha solucionado os quebra-cabeças em forma de rébus. Mesmo assim, aceitou bravamente o prato e, embora detestasse falar em público, percebeu que havia necessidade de um cerimonial recíproco.

— Em primeiro lugar, notei que alguns de vocês trouxeram presentes — disse ele, tirando um embrulho do bolso do blazer. — Portanto, tome.

Edison desembrulhou o retângulo com desconfiança, mas, ao tirar o papel, levantou bem a caixa, como se fosse um escalpo.

— DVDs do seriado *The Thin Man*!

— Admito que subestimei esse cara — continuou Fletcher, aflito para deixar a ribalta. — Portanto, se isto me deixar enjoado — levantou um garfo enquanto os outros erguiam seus copos —, eu mereço.

A festa aplaudiu a primeira enorme garfada que ele comeu, que deixou em volta de sua boca justamente as manchas fecais que meu irmão havia imaginado com tanto prazer.

— Agora, é melhor vocês todos ajudarem Fletcher — anunciou Edison. — Peguem um prato, e isto encerra nossas festividades formais no espetáculo de hoje!

— Você vai conseguir terminar esse pedaço? — perguntei, baixinho.

— Só fique olhando. — Fletcher pescou da boca uma pecinha do jogo de palavras cruzadas e chupou a cobertura. — Dadas as circunstâncias, acho que ele está me impondo um castigo bem leve. E não conte a ele, mas isto aqui está gostoso à beça.

Enquanto os convidados faziam fila, Edison cortou para mim a fatia fina que sabia que eu preferiria. Virar o cabo do garfo na minha direção pareceu um gesto terno e possessivo.

— Não consigo comer e segurar o seu casaco — observei. — Quer que eu o coloque no seu quarto, com os outros?

— Não, me deixe vesti-lo de novo. — Deu uma olhadela em Fletcher enquanto eu segurava os braços abertos do casaco. — Juro que Ursa Panda deve ter ido até a Itália para achar este treco.

Depois de alisar a pala e levantar a gola do casaco, sussurrei "parabéns" e lhe dei um beijo no rosto.

— Falei sério em tudo o que disse, garota — afirmou ele, afastando uma mecha de cabelo da minha testa. — Eu nunca teria conseguido sem você. E também não teria significado nada sem você.

A mão dele baixou e parou no meu ombro nu. Não me incomodava que meu irmão fosse afetuoso, e os *caras* de Nova York sempre tinham sido muito afáveis, cheios de tapinhas nas costas e nas mãos. Por isso, não foi o aspecto físico que me constrangeu, mas o toque de possessividade. Eu não estava certa de que ele afastaria aquela mecha de cabelo ou apertaria meu ombro exatamente daquele modo se Fletcher não estivesse olhando.

— Você passou o dia inteiro cozinhando e não comeu nada. Deixe que eu preparo um prato com comida de verdade para você.

Para Fletcher, é provável que o fato de eu servir um quadrado de lasanha e uma porção de *ratatouille* do bufê ao lado tenha parecido mais um cuidado cúmplice entre irmãos que eram unha e carne, mas, na verdade, foi um artifício para que eu saísse do alcance daquela mão.

— Vocês arrumaram mesmo isto aqui — comentou Fletcher atrás de mim.

— É, estamos pensando em comprar um grande tapete turco para esta sala — disse Edison. — Para aquecer um pouco o apê. Mas Panda e eu estamos considerando fazer uma longa viagem de bicicleta no próximo verão, tipo assim, seguindo todo o curso do Mississippi até o delta, ida e volta, sabe? Se você conhecer alguém que queira tomar conta do apartamento, me avise.

— Se eu souber de alguém que esteja procurando um quarto, eu o mando vir aqui — retrucou Fletcher.

— A verdade é que acho que a minha irmã precisa de mais que um período de férias. Ela anda meio irrequieta na Monotonous. Temos conversado sobre transferir para mim a gerência da rotina diária. Para ela poder esfriar um pouco a cabeça, sacou? Começar alguma coisa nova, talvez.

— Estou surpreso. Você não vai voltar para Nova York?

— Ainda não tenho planos para isso. A não ser que Pandora encasquete a ideia de mudar para a cidade grande, mas ela é bem ligada neste cenário de Iowa. Por mim, está tudo legal. Esses campos todos, a luz... Tem alguma coisa de *espiritual* nisto aqui, sabe o que quero dizer?

— Sei o que você quer *dizer* — retrucou Fletcher.

Ofereci o prato a Edison.

— Opa! Está tentando desfazer todo o nosso trabalho árduo?

— Estou tentando impedir que você desmaie.

— Pandora — disse Fletcher —, há algum lugar em que possamos conversar em particular?

— Bem... acho que sim, é claro.

Edison pareceu ressabiado.

— Seja gentil com ela. Esta festa é tanto da minha irmã quanto minha.

— Serei gentil — garantiu Fletcher, embora eu me perguntasse se não era isso que Edison temia.

Pegando meu bolo e o vinho, conduzi Fletcher ao meu quarto, apreensiva. Desde a sua chegada, eu me agarrara a qualquer observação casual que pudesse indicar que tínhamos futuro. Mas aquele era o homem que havia anunciado em termos inequívocos que queria o divórcio. Só estava ali naquela noite por causa de uma antiga aposta boba e temerária, não por minha causa. Eu não estava inclinada a reviver aquela rejeição ao recolher a louça suja, terminando em lágrimas justo naquela noite.

Pus os comes e bebes na minha mesa de cabeceira, onde Fletcher também deixou seu pedaço enorme do *bolo da humilhação*. Fechar a porta trouxe a estranha sensação de uma coisa imprópria, embora, tecnicamente, ainda fôssemos casados. Sentei-me na beirada da cama. Fletcher puxou uma cadeira de frente para mim.

— Você vai mesmo continuar morando com seu irmão? Pedalar pelo Mississippi, fazer sociedade nos negócios?

— Não sei. Não tenho nenhum plano no momento.

— O seu irmão tem, com certeza.

— Estive muito concentrada na conclusão desse projeto. Do qual me liberei oficialmente há apenas vinte minutos.

— Bem, seja o que for que você decida fazer... — Fletcher torceu as mãos e olhou para o chão — eu queria dizer que sinto muito.

Esperei. Ele podia ser um homem de poucas palavras, mas esse vago pedido de desculpas era insuficiente.

— Sente por quê?

— Você ficou numa bolha com ele. Eu não consegui entrar. Todas aquelas piadas íntimas sobre *Guarda compartilhada*. Um pedaço inteiro da sua vida ao

qual não tenho acesso...

— Todo mundo teve infância.

— Eu não tive. Não como a sua. É o que você vive dizendo e tem razão: não sei o que é ter irmãos. Pelo que posso perceber, é como todas as coisas boas de um casamento, sem nada de ruim.

— Ah, há muita coisa ruim. E faltam algumas boas.

— Mas você me pareceu muito feliz aqui, apesar do que Cody diz, pois eu percebo todo o jogo dela. Mais feliz até... do que comigo.

— É que eu tinha um projeto. Um objetivo.

Alguns acordes do dueto de Edison e Cody ao piano, tocando "He Ain't Heavy, He's My Brother", entraram pela porta.

— Você não tem um objetivo comigo?

— Dá para esclarecer isto? O que você quer dizer?

— Ele é um novo homem. Não é só o peso. Ele parece mesmo... um *pouco* menos irritante. Achei que você estivesse sendo egoísta. Mas era o oposto de egoísta. Eu nunca deveria tê-la castigado por sua generosidade.

É raro uma mulher ouvir exatamente o que quer de um homem, mas restava uma mágoa incômoda.

— Em abril, quando nos encontramos na Java Joint. Por que você foi tão contido quando eu tinha passado meses só com aqueles míseros envelopes? Por que não pôde ao menos se dispor a dizer "Você está bonita"?

— Porque você não estava bonita — disse ele, sem pestanejar.

— *Ótimo*.

— Você estava magra demais! Parecia pálida e fraca e quase me matou de medo. Juro por Deus, eu quase disse alguma coisa elogiosa, em mais de uma ocasião, e me contive. Fiquei com medo de que qualquer elogio pudesse incentivá-la a emagrecer ainda mais.

— Eu achei... que você tivesse ficado ofendido por não poder mais se sentir superior a mim.

— Superior! Você começou do zero uma empresa de enorme sucesso. Sabe que o meu trabalho de marcenaria só dá prejuízo. Nem se pode chamar isso de trabalho, se não entra dinheiro. É um hobby, pergunte à Receita Federal. Quanto ao ciclismo e a procurar controlar o que eu como, bem, eu perdi o cabelo, não é? Tenho uma cara meio esquisita, e você é a única mulher que

já me achou bonito. Tenho tentado ficar bom o bastante para você. Diminuir o estrago.

— Aquele fascismo nutricional tem sido uma grande experiência de poder, comigo e com as crianças, e você sabe disso. Mesmo assim, por que sempre jogou uma ducha de água fria em toda esta história com Edison, quando, pelos seus próprios parâmetros, ela deveria ser um esforço aplaudido por você?

— Talvez eu tenha me irritado um pouco por você me superar no meu próprio jogo. Além de me superar em todo o resto. No preparo físico, no estilo de vida saudável, isto é tudo o que tenho.

— Ah, não é, não. Os seus móveis são lindos.

— Então, por que tenho que estocar a maioria deles?

— Provavelmente, devíamos nos empenhar mais em incluir você em algumas daquelas grandes exposições da Costa Leste.

— Então, você quer dizer...?

— Não vamos nos precipitar. De novo, você quer dizer *o quê*?

— Quer que eu diga com todas as letras?

Fiz que sim, apesar de reconhecer que a fala evasiva dele não brotava da presunção nem do orgulho, mas da ansiedade. O problema das perguntas diretas é que elas pedem respostas diretas, que sempre pode ser "não".

Ele segurou minha mão, e a diferença entre seu toque e o de Edison, a carga extra, foi um choque.

— Já lhe pedi uma vez, mas você não tinha terminado, e agora entendo isso. Por favor, volte para casa.

— O que mudou? Foi Tanner?

— Em parte. Ele é meu único filho homem. Achei que sua família havia acabado com ele.

— Você devia confiar mais em nós dois.

— Mas acho que a mudança principal... Bem, foi o ano. O interminável ano inteiro em que você disse que ficaria ausente. — Fletcher arqueou as sobrancelhas. — Ele acabou.

* * *

Não fomos pegos em flagrante delito, apenas nos beijando, inteiramente vestidos. Mesmo que estivéssemos nus e entrelaçados, era o meu quarto, e eu estava deitada com meu marido legítimo, o que não constitui transgressão em lugar algum que eu conheça.

— Com licença — disse Edison, em tom frio. — Corcoran e Novacek estão de saída, e achei que você gostaria de se despedir.

Fechou a porta com uma batida forte de censura.

Quando aparecemos, bem mais de uma hora depois — como você pode imaginar, tínhamos muito o que conversar, inclusive sobre como fora esquisita aquela intromissão —, fiquei surpresa ao abrir a porta para um estranho silêncio. A maioria dos convidados devia ter ido embora, ainda que fosse pouco mais de onze horas. A festa tinha sido tão rejubilante que eu não conseguia imaginar o que os teria feito ir para casa. Embora fosse impossível que o computador de Edison houvesse tocado toda a lista de músicas, os alto-falantes estavam em silêncio.

Aflita para esconder de Edison que Fletcher tinha se esquivado de matar todo o seu pedaço leniente de bolo, levei furtivamente os nossos pratos para a cozinha, onde a máquina de lavar louça já trabalhava. Cody e Oliver enxaguavam e empilhavam o resto da louça, apoiando os pratos com cuidado, para não fazer barulho, como pais atormentados que mal houvessem conseguido fazer o bebê dormir. Ainda havia sobras embaladas em cima da bancada e, enquanto eu resolvia o quebra-cabeça de arrumá-las na geladeira, Cody me lançou um olhar que não consegui decifrar.

— Não consigo imaginar como Edison vai dar conta de toda essa comida — comentei.

Proferida em voz baixa, minha observação soou incomodamente alta, e fiquei com a estranha sensação de que tinha sido a coisa errada a dizer.

— Já fiz o que podia, então estou indo — falou Oliver. — E, escute, amanhã? — acrescentou ele, também me lançando um olhar transbordante de misteriosa solidariedade. — *Ligue para mim*.

Com a intenção de dar uma mãozinha ao Tanner, que recolhia os últimos copos, entrei na sala — onde Fletcher estava de pé, imóvel, com os lábios entreabertos, como que hipnotizado pelo clímax horripilante de um filme de terror.

Com um pé na banqueta do piano, Edison estava sentado numa cadeira inclinada para trás junto a nossa mesa de jantar, na qual apenas o bolo havia restado. Sua mão direita estava toda suja de cobertura e havia migalhas grudadas até a última articulação dos dedos; ele havia espalhado chocolate caramelado na manga do casaco de couro. A camisa creme, com seus desenhos de pautas musicais, tinha manchas de chocolate no peito. Edison exibia uma expressão altiva e confusa, e fez o momento seguinte em que enfiou a mão no bolo coincidir com minha saída da cozinha.

Talvez pela natureza da ocasião, nossos convidados tivessem cortado fatias finas, e dois terços do monstro haviam sobrado. Ou haviam sobrado antes, pois pude discernir as bordas originais, lisas como uma lâmina, entre as quais se intrometera com brutalidade um buraco tosco. Uma vez que o pedaço faltante, por si só, era do tamanho normalmente preparado para festas de aniversário, o bolo parecia mutilado.

— O que acha, Feltch? Acha que *eu* consigo acabar com ele?

Meu irmão sorriu; tinha os dentes enegrecidos de chocolate nos interstícios, o que lhes dava um aspecto de podres. As manchas em volta da boca eram marrons, não vermelhas, é claro, mas ainda assim me lembraram um focinho ensanguentado de coiote depois de atacar uma vaca. Edison bebeu um trago da garrafa de uísque e enxugou a boca na manga do casacão.

— Pare com isso — ordenei.

— Parece que não recebo mais ordens suas — retrucou ele, com a voz engrolada pelo doce, ou pelo uísque, ou por uma grande quantidade dos dois. — Não ouviu dizer que a escravidão chegou oficialmente ao fim? E, além disso, eu ganhei uma indulgenciazinha, não foi?

Estendeu a mão para puxar a corda do presente que ganhara dos meus funcionários, agora arriado ao lado da bandeja como se houvesse bebido até cair, e o boneco soltou: "Vivi com quatro envelopes de pó por dia durante seis meses. Supera essa, seu sacana."

— Isso não parece uma *indulgenciazinha*. Agora, acabe com isso. Não vai funcionar. Não desta vez. Cody? Tanner? Estão prontos para ir?

Vesti o casaco.

— Aonde *você* vai se já está em casa? — perguntou Edison.

— Vou para a minha casa de verdade — respondi.

Peguei a mão do Fletcher.

— Isso é só uma noite fora ou é uma deserção?

Fletcher interveio:

— Escute, a sua irmã acabou de lhe dar um ano inteiro da vida dela...

— E agora tocou a sineta. Tempo! Entendi.

Edison pegou um M&M da cobertura, agora decorada com cinzas de cigarro.

— Isso é chantagem — falei e fiz sinal para as crianças. — Vamos.

Cody hesitou.

— Pode ser que Edison precise de companhia neste momento.

— Companhia é exatamente do que o seu tio não precisa, meu bem. Pode acreditar.

Tirando toda a verdadeira família do meu irmão de um só golpe, Fletcher e eu saímos com as crianças a reboque enquanto Cody lançava para o tio o tipo de olhadela para trás que, na Bíblia, a transformaria em sal.

III: Fora

Não abandonei meu irmão, mas achei penosos os nossos encontros e os espacei o máximo possível, para me poupar. A rapidez com que ele recuperou cada quilo parecia biologicamente impossível, e Edison se impacientava com minha propensão a irromper em prantos. Ele assumiu uma cômica jovialidade nos meses seguintes e uma irritante teimosia. Comprazia-se em afligir a irmã, para quem encenava comilanças teatrais de tortas inteiras de cereja e baldes de sorvete Rocky Road. O vigor que havia assumido ao trucidar o Bolo de Entulho de Chocolate não diminuiu, e ele não tardou a agir como se o nosso oneroso esforço nos Portais de Praga tivesse sido uma simples brincadeira, que agora ambos relembrávamos com um *hi-hi-hi* sibilante. Cody era mais fiel em suas visitas a um apartamento cujo aluguel, por motivos que me eram obscuros, continuei a pagar. Ela é complacente por natureza, se bem que até minha enteada voltava desconsolada dessas missões. Num apartamento que cada vez mais poderia ser descrito como uma pocilga, Edison virava um recluso, uma vez que abrira mão da bicicleta e já não tinha acesso ao meu carro. Nunca mais o vi com o casaco de couro. Depois de uns dois meses, ele já não serviria.

Cheguei a lhe passar sermões com advertências severas, em mais de uma ocasião, antes que a situação fugisse demais ao controle, porém ele era impermeável ao meu desagrado, com o qual se deleitava, para dizer o mínimo. À medida que os meses foram correndo e as dimensões dele continuaram a inflar, voltamos àquela política de silenciar sobre coisas desagradáveis que havia marcado sua chegada a New Holland, na época em que qualquer referência ao elefante na sala parecia uma indelicadeza.

Uns dois anos depois da recaída de Edison, fiz uma última tentativa de levar meu irmão a investir de novo em si mesmo. Através de Slack Muncie, localizei a ex-mulher dele, Sigrid, que com relutância me pôs em contato com seu filho, Carson, então com dezenove anos e tocando trompete nas mesmas espeluncas em que Edison havia tocado, antes de debandar para

Iowa. Como eu havia esperado, Carson mostrou-se curioso a respeito do pai e aceitou a passagem para Cedar Rapids que lhe ofereci por telefone.

Eu não queria agredi-lo, aparecendo à sua porta com o filho havia muito perdido, e por isso convidei esse jovem encantador para ficar na nossa casa. Seduzi meu irmão a sair da sua toca e marquei um encontro nas mesas externas de um restaurante no terraço do Westdale Mall, cujas cadeiras sem braço não representariam um aperto muito grande. Meu sobrinho e eu chegamos alguns minutos antes da hora, e avistei Edison saindo da escada rolante. Ele veio arrastando os pés em direção à nossa mesa, mas, no momento em que reconheceu o garoto — talvez acompanhasse pela internet a carreira musical incipiente do filho —, imobilizou-se. Seu rosto ficou vermelho como um semáforo. Com mais agilidade do que imaginaríamos que um homem daquele tamanho pudesse ter, ele deu meia-volta. Carson acompanhou meu olhar e deve ter vislumbrado as costas de um homem gordo, vestindo uma calça jeans da largura de um quintal. Chamada a uma lealdade ainda mais primitiva que a devida por mim a esse sobrinho quase desconhecido, não falei nada. Esperamos mais quarenta e cinco minutos, tomando Coca-Cola, até eu pedir desculpas e dizer que achava que ele não viria. Carson ficou decepcionado. E, caramba, que bronca levei de Edison no dia seguinte: "Você quer que o meu filho me veja assim, cara? No que é que estava pensando?" Em algum lugar ali dentro ele ainda espreitava o velho sentimento de orgulho.

E foi por isso que me senti aliviada quando Travis morreu, logo depois: graças a Deus eu tivera a ideia de lhe mandar um e-mail com a foto tirada do Edison no auge da sua Festa da Chegada ao Manequim Certo. Animado, luminoso e magro, o filho primogênito tivera nesse retrato a última imagem deixada para Travis, o que lhe tornou um pouquinho mais fácil aceitar uma morte que o atingiu de maneira inesperadamente sofrida. Em determinados momentos, exibimos o nosso eu profundo e verdadeiro, e eu tivera a sorte de captar, como dissera ao Tanner naquela noite, a "essência do Edison", que emoldurei e continuo a contemplar na parede do meu estúdio, sempre com uma complicada sensação de decadência.

Se o produto que eu fabricava saiu de moda, ou se foi vítima de um vertiginoso declínio da atividade econômica, não ficou claro, mas as

encomendas da Baby Monotonous de fato começaram a escassear, e esse foi um projeto cujo fracasso me deixou de olhos secos. Lamentei dispensar meus empregados, mas, se não houvesse fechado prontamente a empresa, teria perdido as economias da família. Além disso, a companhia tinha assentado suas bases numa boa piada que havia perdido a graça. Nossos bonecos de corda não raro evidenciavam um traço de perversidade que não me agradava, e, quando vendi as máquinas de costura e fechei o depósito para sempre, senti-me mais leve e mais limpa.

Pelo menos não tive que demitir Edison, que nunca mais voltou ao trabalho depois daquela festa. Em vez disso, depois de devorar suas economias, arranjou um emprego...

* * *

Não. Eu disse que ele se tornou "praticamente um recluso", não foi? Então, talvez tenha começado a trabalhar em casa, fazendo...

* * *

Ou melhor, risque isso. Ele conseguiu viver do dinheiro inesperado da...

* * *

Não. Uma herança seria risível. Travis conseguiu deixar este mundo como todos deveríamos fazer: com a casa refinanciada e o limite estourado nos cartões de crédito.

Pensando bem, por que diabo Edison permaneceria em Iowa? Por que qualquer músico de jazz de Nova York teria se mudado para Iowa, para começo de conversa? Como é que um hedonista como meu irmão, que vivia enganando a si próprio de maneira crônica, perderia 102 kg num único ano?

Sinto muito, mas não posso continuar com isto. É tudo mentira. Ou quase.

* * *

Isto aqui é verdade: Tanner de fato passou um período prolongado e basicamente terrível de estágio informal com o avô postiço. De fato voltou para Iowa e concluiu o ensino médio, embora, depois da formatura, tenha procurado um antigo contato de Edison e agora é ajudante de serviços gerais na HBO. De fato aprendi a não ficar "previamente decepcionada" com meus filhos, por mais que suas expectativas pareçam inatingíveis, e este, na verdade, foi um conselho que recebi do Edison em algum momento. *De fato* fechei a Baby Monotonous, embora hoje sinta falta das solicitações para fazer esta ou aquela entrevista das que havia passado a achar tão irritantes; ou melhor, sinto falta de achá-las irritantes. (Talvez seja mais satisfatório rechaçar as atenções do mundo e clamar aos céus, dizendo que se quer ser deixado em paz, do que ser efetivamente deixado em paz. O que equivale a dizer que não há como sair ganhando.) Travis de fato sofreu um derrame fatal. Mas Cody, na verdade, continua dolorosamente tímida e nunca seria convencida a tocar piano para um grupo de adultos. Sob a breve tutela do tio, ela aprendeu, sim, a improvisar um pouco, mas logo parou por completo de se desviar das notas da partitura.

O resto é uma história que conto a mim mesma, e que não é convincente. Talvez minha imaginação tenha enfim falhado, naquela profusão de reticências, por ser fantasioso que o meu irmão, moderno e urbano, viesse a se enterrar no anonimato no centro do país, sobretudo depois de já haver se enterrado nele mesmo, escondendo-se dentro do perímetro da sua enormidade como eu me escondia entre as linhas costeiras do Leste e do Oeste. Edison nunca foi um homem disciplinado, e o provável é que uma dieta intensiva prolongada, na base de envelopinhos, se revelasse fora do seu alcance. Quanto a mim, supor que ele fizesse tamanho sacrifício, nem que

fosse para me agradar, é exagerar minha importância para ele e inflacionar por completo a minha influência (sempre ínfima). Em outras palavras, estou me lisonjeando. Quanto à transformação de caráter que celebrei, talvez isso tenha sido apenas um recurso para explicar o que me incomodava no meu irmão, o que eu modificaria se pudesse, e não podia. Toda aquela admiração de menina era autêntica, mas a admiração mantém distante o seu objeto. Quando reverenciamos alguém, fechamos os olhos para as informações mais complexas ou desanimadoras que o fazem baixar um pouquinho de nível, mas que também o transformam numa pessoa real. Em consequência disso, nunca cheguei a conhecer meu irmão muito bem. Continuei reverenciando o homem a distância. De perto, muitas vezes ele era cansativo, e eu preferia sua companhia em doses homeopáticas.

Tenha certeza de que, até minha melancólica visita ao nosso quarto de hóspedes na Alameda Solomon, enquanto Edison fazia as malas, esta história foi narrada com fidelidade. Literalmente empapuçado a ponto de se tornar irreconhecível, meu irmão visitou minha família por dois longuíssimos meses, embora eu nunca tenha insistido em colocá-lo numa balança de escala industrial e os seus "175 kg" da época sejam um mero palpite. Ele e Fletcher não se deram bem. Na noite que antecedeu seu retorno no voo para o LaGuardia, de fato fui tomada pelo impulso de propor alguma coisa radical — talvez um isolamento só de nós dois, para que eu pudesse orientá-lo na perda de peso e conseguisse compreender melhor por que ele havia engordado, para começo de conversa. Mas mordi a língua. Sabia que Fletcher acharia absurda essa ideia e não acolheria de bom grado uma deserção. Meu casamento ainda era novo o bastante para eu não querer colocá-lo à prova, e eu também disse a mim mesma que havia adotado dois filhos, que tinham de vir primeiro. A verdade era menos nobre: passar ainda mais tempo e de maneira ainda mais intensiva com meu irmão de temperamento difícil, assumindo o posto de general de quatro estrelas nas Guerras do Açúcar de Confeiteiro? Simplesmente não era o que eu queria.

Assim, em vez de desfraldar meu pacto grandioso e me oferecer para alugar um apartamento só para nós dois, perambulei pelo térreo e verifiquei a roupa lavada, descobrindo aquela calça jeans que fingi termos usado no nosso boneco de neve e, mais tarde, exibido como uma peça decorativa irônica

numa apócrifa festa da "Chegada ao Manequim Certo". Carreguei-a para o segundo andar, para que Edison pudesse colocá-la na mala, apavorada com a perspectiva de deparar com aquela bandeira da sua metamorfose depois que ele se fosse. Levei meu irmão ao aeroporto na tarde seguinte, com ampla antecedência para ele pegar seu avião. Na volta para casa, achei tão perturbadora aquela poltrona reclinável marrom, vazia e dilapidada à cabeceira da mesa, que fiz Fletcher carregá-la em sua picape para o depósito de lixo logo no dia seguinte.

Depois disso, mantive contato esporádico com Edison por e-mail e telefone. Como nenhum desses dois meios de comunicação me obrigava a confrontar o espetáculo em que ele havia se transformado, esse contato exigiu pouco. Paguei um plano de saúde para ele, o que, para ser franca, era do meu interesse. Mandava-lhe dinheiro de vez em quando. Gostaria de ter mandado mais.

Nos meses que antecederam sua partida, eu mesma fiz um esforço disciplinado para emagrecer, já que aquele disparate sobre eu ter perdido 24,5 kg a título de solidariedade fraterna foi tão estapafúrdio quanto o emagrecimento igualmente fictício do meu irmão. Acabei eliminando uns 7 kg "de excesso", não por meio de nenhuma dieta líquida, mas pelo processo convencional das porções diminutas. Foi um período entediante para a família inteira, e os resultados me deixaram indiferente. Experimentando ante a minha mortificação da carne a mesma reação rebelde que eu havia experimentado ao seu puritanismo, Fletcher enfim tornou-se menos militante em matéria de comida. Com a milagrosa ressurreição dos *manicotti*, Cody e até Tanner, ao regressar de Los Angeles, inventaram menos desculpas para escapar das refeições em família.

Hoje em dia, estamos todos vivendo a enorme chatice da inquietação sobre o que se deve e o que não se deve comer, e, mediante escolhas arbitrárias de refeições quase sempre apáticas, temos mantido uma dieta variada e não especialmente horrorosa. Reconheço que, quando Cody veio passar este último Natal em casa, depois do seu primeiro semestre na Reed, nossa magricela tinha ficado robusta, mas isso é comum numa fase em que se compartilham brownies, tarde da noite, na criação de laços de amizade, e não falei nada. Eu mesma recuperei parte dos quilos perdidos e não me

incomodo. Continuo uns bons 9 kg acima do peso e pretendo permanecer assim. Troco de bom grado uma figura esbelta pela capacidade de pensar em outra coisa. Se não sou a mulher mais atraente desta parte de Iowa, também não chego a ser um canhão.

* * *

Após a maratona da visita do Edison a New Holland, voltei a ver meu irmão pela primeira vez em Los Angeles, na cerimônia fúnebre do Travis, dois anos depois. Eu lhe mandara uma passagem de avião da classe executiva, na esperança de que um assento mais luxuoso e comissários de bordo que fingissem ser gentis compensassem o fato de, àquela altura, ele considerar logisticamente traiçoeiros os trajetos de avião. Fletcher, Cody e eu viajamos mais cedo para lá e fomos buscá-lo no aeroporto numa limusine espaçosa. Tivemos uma paciência requintada com a lentidão do seu andar e todos fizemos um enorme esforço para garantir que ele não se sentisse causando nenhum incômodo. Edison já não me exasperava, não irritava nem mesmo Fletcher. Ao contrário, inspirava uma ternura deprimente. Havia engordado mais, sabe? Já sofrendo de enfisema, puxava um tanque de oxigênio como se fosse um cachorro, para onde quer que fosse, e só tirava o cateter nasal para acender outro cigarro.

Todos nos encontramos com Solstice naquela noite para jantar, e ela estava tão mal que tive de pedir guardanapos extras ao nosso garçom, para que ela pudesse assoar o nariz. Edison e eu sempre havíamos imaginado que Solstice crescera numa família diferente, havendo perdido o auge do Travis como astro de televisão, mas, com dois irmãos que a tinham evitado para se sentirem mais próximos e uma mãe que morrera quando ela estava com três anos, ela praticamente crescera sem *nenhuma* família. Quando se recusou a ouvir uma só palavra contra nosso pai, descobri o buraco imenso que ele havia deixado: sem poder falar mal de Travis, Edison e eu tínhamos um número muito pequeno de assuntos sobre os quais conversar.

Fizemos a recepção no restaurante mexicano favorito do papai, que alugava o salão dos fundos para reuniões particulares. Tanner fez uma pausa em sua busca insistente de um emprego de iniciante na televisão para render suas

homenagens; afinal, o Rosita's ficava a vinte minutos de carro do apartamento furreca que ele dividia. Até o elenco ainda vivo de *Guarda compartilhada* compareceu. A ridicularização que Edison e eu fazíamos dessas combinações de ícones e rivais tinha sido mais divertida pelas costas. Os atores que havíamos desprezado eram crianças, e não ganhávamos nada caçoando de ex-estrelas de meia-idade que mal reconhecíamos. Num testemunho do sucesso dos antirretrovirais, Sinclair Vanpelt ainda fazia algum trabalho na televisão e estava promovendo um programa piloto que não soava promissor: uma visão gay de *Um estranho casal*, quando o seriado original já tinha sido sobre um relacionamento praticamente homossexual. Sinclair era o símbolo do ator que recebe apenas a dose suficiente de reconhecimento como subcelebridade para continuar dando com a cabeça na parede. Floy Newport, que nessa ocasião conduzia o que viria a se revelar uma campanha malsucedida de eleição para o senado, foi previsivelmente calorosa; ter sido uma atriz infantil reduzira-se a uma curiosidade peculiar da sua biografia. Restaurada pelos Narcóticos Anônimos, Tiffany Kite tornara-se arrecadadora de fundos para abrigos destinados a mulheres vítimas da violência. Perguntei a mim mesma se alguma experiência pessoal a teria atraído para sua causa, ou se ela queria apenas que as pessoas fizessem essa suposição, a fim de representar seu papel com mais dramaticidade.

Talvez um fenômeno se fizesse notar mais na Califórnia: enquanto eu circulava sob as *piñatas* penduradas no teto, fiquei impressionada ao perceber como pessoas que não se viam havia anos ficavam *avaliando umas às outras*, numa pesagem mental que era uma ridícula estimativa abreviada de como cada um vinha se saindo em outras esferas. Sinclair tinha uma aparência tensa e mirrada, e o efeito emagrecedor da aids não inspirava muita inveja. Tal como eu, Floy ganhara a conta certa de enchimento para lhe dar um ar realista, o que talvez lhe fosse vantajoso em termos eleitorais. Tiffany era esquelética e exsudava uma fragilidade neurótica e afetada que me levou a uma segunda *quesadilla*. Naturalmente, Edison apequenava a barriga de prosperidade de qualquer outra pessoa, transformando-a numa almofadinha decorativa. Em defesa dos convidados presentes, devo dizer que o ar do salão dos fundos do Rosita's, com seu leve aroma de pimenta-jalapenho, ficou denso de compaixão. Todos os amigos e ex-colegas de Travis fizeram questão

de falar com Edison, embora parecessem ter enorme dificuldade de fitá-lo nos olhos.

Impelidas a protegê-lo da piedade alheia, Cody e eu fomos solícitas, arranjando-lhe uma cadeira adequada quando ele se cansou, ou lhe oferecendo *burritos* extras de siri de alguma bandeja que passasse. Agi como interlocutora com os estranhos, explicando que éramos filhos de Travis, e as apresentações que fiz do meu irmão, o pianista de jazz de Nova York com inúmeros discos gravados, foram de desafiadora impenitência. Fosse pela tensão dos dois anos anteriores, fosse pela morte de papai, ele estava abatido. Senti falta da sua arrogância. Queria ouvi-lo falar das turnês e dos CDs e dos shows e dos colegas famosos, mesmo que ele tivesse de inventá-los.

* * *

No entanto, no meu conto de fadas da realidade alternativa, por que concluí com uma desgraça, iniciada por aquele Bolo de Entulho de Chocolate (uma receita verdadeira, que experimentei uma vez, achei muito pesada e enjoativamente doce, e nunca mais fiz), preferindo isso a criar um final apropriado, do tipo "felizes para sempre"? Você sabe: o irmão recém-transformado em esbelto vive para sempre com leite semidesnatado, participa de maratonas, apaixona-se, talvez até tenha um par de filhos que não sejam emprestados pela irmã, continua a tocar piano como um amador dedicado, ao mesmo tempo que exerce satisfeito uma profissão modesta, para pagar as contas — poderia ser vendedor de sementes, por que não? — e se associa a numerosas organizações cívicas do seu estado adotivo...

É óbvio, com certeza. Eu estava livrando a minha cara. *Viu? Por mais extravagante que fosse, a sua intercessão não funcionaria, de qualquer modo. Nunca funciona, não é? Se você houvesse arriscado o seu tempo e até o seu casamento, e se Edison se importasse o bastante com a ideia de agradá-la, o que era improvável, ele continuaria a ter emagrecido pelas razões erradas, e quanto você quer apostar que engordaria tudo de novo?* Existem, é claro, numerosas exceções heroicas aos gargântuas que perdem dezenas e mais dezenas de quilos e, em média, depois recuperam todos, exceto uns três, e nunca tentei descobrir se o meu irmão seria um deles.

Um ano atrás, Edison Appaloosa morreu de complicações de uma insuficiência cardíaca congestiva. Não ficou inteiramente claro se sua morte foi resultado direto do excesso de peso. Em termos estritos, ele morreu de uma dessas infecções hospitalares. Mas, por outro lado, sobrecarregar o corpo enfraquece o sistema imunológico, e a própria insuficiência foi ocasionada, de forma incontestável, por um sistema circulatório estrangulado pelo excesso de tecido.

Àquela altura, meu irmão já havia entrado e saído várias vezes do hospital, e seu médico no St. Luke's não havia descrito a situação como de risco, até Edison sofrer um agravamento de seu estado. Eu estava me apressando para providenciar um voo imediato para Nova York quando recebi o telefonema de Slack Muncie, garantindo-me, em tom tristonho, que agora eu não precisava ter pressa. Dei permissão ao St. Luke's para realizar a cremação; famosa por seu trabalho com pacientes obesos, essa instituição possuía o incinerador de alta capacidade necessário. Não insisti em que me esperassem para ver o corpo, pois queria preservar ao máximo a imagem do meu irmão tal como o havia conhecido, durante a maior parte da minha vida.

Peguei o avião, assim mesmo, e Slack insistiu em me encontrar no aeroporto, apesar de ter que pegar o metrô e, depois, um ônibus. Convidou-me a ficar no seu apartamento em Williamsburg. Quando dei uma olhada no local, fiz questão de fazer reserva num hotel, para não tirar seu espaço, mas pude enfim reconhecer a generosidade do companheiro mais persistente do meu irmão. O saxofonista magricela havia hospedado Edison durante anos num quarto e sala apertado, deixando-o dormir na poltrona reclinável da sala. Slack havia separado o minúsculo estoque de bens do meu irmão, para o caso de eu querer uma lembrança: o Macintosh de primeira geração, antes branco e agora escurecido pelos dedos sujos de cinza. O enorme cardigã preto e amorfo, com vários furos dispersos feitos por cigarros. Um vidro do molho de churrasco favorito dele. Uma caixa de CDs nos quais ele havia tocado e que nunca tinha conseguido vender. Uma pilha gorda de envelopes, presos por um elástico, que continha a correspondência da Receita Federal, que aparentemente o andara perseguindo, e um caderno espiral cheio de listas de receitas e despesas que cobriam uma década: pagamentos em espécie

tirados de receitas de bilheteria de 22 dólares, 13,50; um débito de 42 dólares por uma corrida de táxi. Chorei diante do desperdício.

Foi Slack quem me contou que Edison tinha se desesperado a ponto de se apresentar como "Caleb Fields" por algum tempo. Que sua experiência com a heroína tinha feito Sigrid ir embora com o filho ainda não nascido. Que imitar Travis, portando-se como uma prima-dona, criara para ele uma péssima reputação. Que Edison fora forçado a vender o Schimmel, para em seguida "comer o piano". Que o pagamento de sua banda havia sofrido uma dedução por ele ter se empanturrado no bufê de uma festa de casamento em que fora tocar. Que ele havia perdido quase todos os seus bens ao atrasar o aluguel do guarda-móveis. Que seus amigos tinham se juntado para lhe arranjar aquele pequeno esconderijo acima da boate Three Bars in Four-Four, e que ele havia estragado tudo ao assaltar a cozinha, depois do horário de funcionamento. Eu poderia ter inferido algo dessa natureza, depois de meu irmão admitir que sua turnê por Espanha e Portugal tinha sido uma invenção, mas evitara imaginar, a partir daquela mentira, toda a angústia que poderia espreitar por trás dela, e não fizera a menor ideia.

Em vez de levar Edison ao aeroporto naquela tarde do fim de novembro, será que eu deveria ter me oferecido para despachá-lo para uma clínica especial de reabilitação criada nos Portais de Praga, um condomínio de verdade que fica a uns três quilômetros daqui? Nunca terei certeza. Seja como for, este universo paralelo ficou assombrosamente vivo para mim depois da morte prematura de Edison, aos 49 anos: dissecando minúsculos triângulos na cauda dos camarões na Última Ceia. Dançando na nossa Festa da Cetose. Esbravejando e depois me acalmando, ao descobrir a caixa de pizza. Alugando um piano para ele e ouvindo-o arriscar-se em *West Side Story* e Lyle Lovett. Vendo aqueles ossos malares ressurgirem sob o sol pela primeira vez. Pedalando e fazendo passeios e enchendo sacos de areia, juntos, recitando nossos juramentos fraturados — *Juro fidelidade à flacidez das cinturas ridicularizadas da América* —, com toda a hilaridade concomitante, até ele subir numa balança, diante de uma porção de testemunhas que teriam passado a amá-lo, e pesar triunfantes 73 kg.

É claro que nunca providenciei um voo do filho dele para Iowa — embora o garoto tenha se encontrado com o pai, de fato, pouco antes do colapso de

Travis. Por iniciativa própria, Carson localizou meu irmão na Three Bars in Four-Four, onde era sabido que Edison ainda se reunia com os amigos. Meu irmão me telefonou na mesma noite — acordando todos nós, embora eu não me importasse. Estava sinceramente radiante, para variar, e não gerando os vagalhões habituais de otimismo como cortina de fumaça, pela esperança de enfim manter uma relação com seu único filho. Mas Carson nunca mais o procurou, e as informações que dera ao pai para contato, naquela noite na boate, revelaram-se falsas. Presumi que o garoto ficara traumatizado. Naquela forma expandida, Edison não devia proporcionar a imagem do pai ideal.

Para minha surpresa, Carson se apresentou na cerimônia fúnebre realizada na Three Bars, que teve uma frequência impressionante. Alto, desnutrido e com a mesma massa brilhante de cabelo do pai naquela idade, ofereceu suas condolências com grande seriedade. Tive esperança de que a vinda do garoto espelhasse a intenção de ele trazer algum consolo por haver partido o coração do pai — tal como, lembrei a mim mesma, Edison devia ter partido repetidas vezes o do filho. Havendo ficado efetivamente sem pai durante quase toda a vida, Carson tinha muito mais coisas a perdoar do que as dimensões de Edison. Ao agradecer profusamente ao rapaz por ter comparecido, dispus-me a acolhê-lo na família, até que Cody — que está longe de ser cética — me puxou de lado.

— Passei vinte minutos conversando com aquele vermezinho — cochichou. — Ele só queria saber a marca do carro que você dirige, se temos piscina, e se a sua firma entrou algum dia na lista das 500 da *Fortune*. Ele me dá arrepios.

Lindo de morrer aos vinte e dois anos, Tanner postou-se discretamente ao lado da irmã:

— Vocês não vão acreditar. Sabem aquele cara, o meu *primo postiço*? Eu o vi esconder três garrafas de vinho na mochila. Quer dizer, que fique com elas. Mas falando sério. Tremenda baixeza.

Dito e feito, após uma série de depoimentos apaixonados, de comovedora falta de fluência, por parte dos músicos amigos de meu irmão, Carson atrapalhou meu prazer de desfrutar da *jam session* contínua, fazendo uma bajulação servil a respeito da Baby Monotonous — justamente a tagarelice durante a música que tantas vezes Edison havia deplorado. Quando Fletcher

me resgatou, o garoto fazia suposições de que talvez eu quisesse criar um "programa de bolsas" em homenagem ao seu pai, para oferecer salários a músicos aspirantes de jazz.

Eu havia presumido que, aos dezenove anos, o garoto tinha localizado o pai pelas razões de praxe: para compreender suas origens, preencher o enorme vazio da infância. Nesse momento, tive de me perguntar se o rapaz estivera apenas bisbilhotando a existência de recursos, que visivelmente faltavam ao Edison. Para ser imparcial, o pai deve ter significado alguma coisa para ele, a não ser que o pendor para o jazz seja genético. E, dada a negligência de Edison, talvez o oportunismo insensível do filho fosse mais uma desgraça que meu irmão acabou buscando de forma ativa.

Deixando de lado suas deficiências paternas, neste último ano eu ouvi os CDs de Edison com a concentração que deveria ter empenhado na época em que eles eram recém-gravados. Cheguei à conclusão de que meu irmão era um ótimo músico. Que distorção, se viesse a ser lembrado sobretudo por ser gordo.

Se alguém me dissesse, quando eu era mais jovem, que meu irmão engordaria daquele jeito, eu não teria acreditado. No entanto, dando um passo para trás, pergunto a mim mesma se essa não é uma história bem simples. A vida de Edison começou empolgante e em ascensão, depois entrou numa espiral descendente e ele desanimou. Buscou a gratificação que lhe era mais acessível, numa suposição de não ter nada a perder que acabou virando uma profecia autorrealizável. É uma história triste, mas não tem nenhum mistério. Quanto ao problema social mais amplo que meu irmão encarnou sem querer, só posso contribuir, afinal, com uma pequena reflexão. Vivo me referindo à Baby Monotonous — à preguiça intrigante da riqueza, ao puro tédio de angariar um excesso de atenção mundana de que Edison se sentia tão injustamente privado. A palavra "decepção" não chega nem perto de traduzir isso. Por mais incômoda que seja uma deficiência, a saciação é pior. Portanto, eis a reflexão: fomos feitos para sentir fome.

É impossível medir o que devemos às pessoas. A qualquer uma, é claro, mas sobretudo aos parentes consanguíneos, porque, tão logo começamos a calcular quanto somos obrigados a dar, tão logo começamos a fazer o monitoramento, a fracionar a benevolência distribuída, estamos fritos. *Quem*

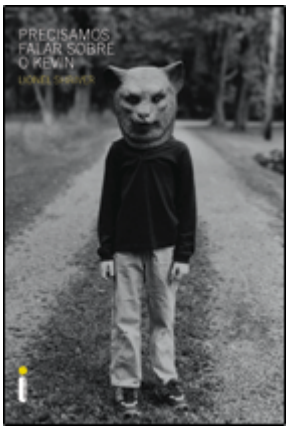
está na chuva é para se molhar. Eu não poderia dizer: "Vou ajudá-lo a emagrecer por três meses, mas não por quatro." Depois que assumisse o papel de mantenedora do meu irmão, não haveria limite, você não percebe? E quem pode dizer se uma aventura dessas não destruiria o meu casamento, deixando-me como metade de um casal fraterno estéril e assexuado, num condomínio árido pertencente a um senhorio acima do peso? Mesmo admitindo a suposição duvidosa de que meu decadente irmão mais velho encontrasse forças para levar uma dieta até o sucesso final, quem pode dizer se, a longo prazo, ele não recuperaria o peso todo? De preferência a lidar com a matemática emocional bizantina da minha responsabilidade exata por meu irmão, era mais simples julgar que eu não tinha nenhuma. Nada na vida é gratuito, no entanto. Depois de me esquivar de pagar o preço enquanto Edison ainda era vivo, eu o pago agora. Todos os dias.

Sobre a autora



Lionel Shriver, autora de *Precisamos falar sobre o Kevin, Dupla falta, O mundo pós-aniversário* e *Tempo é dinheiro*, nasceu Margaret Ann Shriver, em 1957, na Carolina do Norte, Estados Unidos, e mudou de nome aos 15 anos. Formada e pós-graduada pela Universidade de Columbia, viveu em Nairóbi, Bangcoc e Belfast. Hoje mora em Londres e é colunista do jornal britânico *The Guardian*.

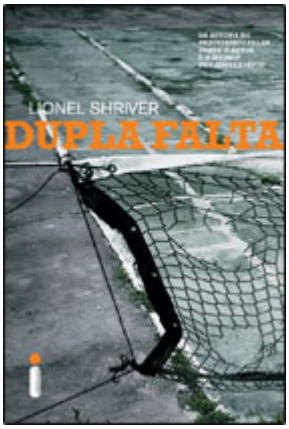
Conheça os livros da autora



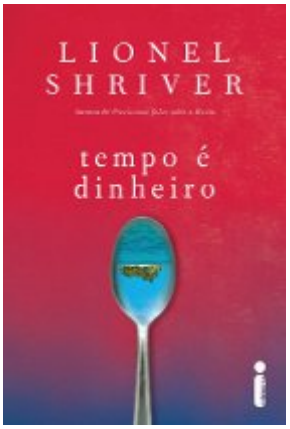
Precisamos falar
sobre o Kevin



O mundo
pós-aniversário



Dupla falta



Tempo é dinheiro